

LUIS FERNANDO LOPES PEREIRA

**PARANISMO: CULTURA E IMAGINÁRIO NO PARANÁ
DA I REPÚBLICA**

Dissertação de Mestrado, apresentada
aos Cursos de Pós-Graduação em
História, Linha História das Idéias, da
Universidade Federal do Paraná.
Orientadora: Professora Doutora
Ana Maria de Oliveira Burmester.

CURITIBA

1996

À renata thereza

AGRADECIMENTOS

A francisco moraes paz, ana maria de oliveira burmester, magnus roberto de mello pereira, maria ignês m. de boni, josé teixeira coelho neto e ana britici valério.

Aos amigos jackson, alessandra, marília, dani, beti, solange, luciano, fernandos, janaína, flávio, antonio paulo, vilma, daniel, marcelo, marcelo lima, isabelle e betinho.

À rosemary e ao fernando.

SUMÁRIO

INTRUDUÇÃO	2
O IMAGINÁRIO PARANAENSE DA I REPÚBLICA.	11
I.O POSITIVISMO E O ANTICLERICALISMO NO PARANÁ	11
II. A IDÉIA DE MODERNIDADE: A SOCIEDADE SE VOLTA PARA O FUTURO	52
III. O MOVIMENTO PARANISTA	63
II - A ESCRITA DA HISTÓRIA E A CONSTRUÇÃO DO PASSADO	96
III. OS MITOS DE ORIGEM	142
IV. SÍMBOLOS E IMAGINÁRIO; EM BUSCA DE UMA COMUNIDADE DE SENTIDO	156
V. O ESPETÁCULO PARANISTA: AS MASSAS RITUALIZADAS.	190
CONCLUSÃO	206
FONTES	208
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	211
ANEXOS	216

INTRUDUÇÃO

O estudo dos regionalismos gera uma série de dificuldades à nós, historiadores, em particular quando se trata de um tipo particular de regionalismo, encarado pela historiografia tradicional como sendo um caso periférico.

A história regional, tão desprezada pelos universalismos dos grandes modelos historiográficos, foi escrita quase sempre de uma maneira pejorativa e reducionista. É possível, inclusive determinar cronologicamente o período de efervescência da história regional já que esta no Brasil esteve sempre ligada à ascensão do regime federativo no país, na medida em que as regiões teriam se desenvolvido aproveitando a descentralização republicana. Disto resulta que até a I República não há qualquer preocupação com o regional, o mesmo ocorrendo no período conhecido como a *Era Vargas* (1930-1945) quando a centralização administrativa do Estado Novo e sua nova noção de nacionalismo cerceiam os espaços para o desenvolvimento dos regionalismos.

Mas mesmo nas análises feitas dos regionalismos da I República, cria-se praticamente uma espécie de *epicentro* já que o desenvolvimento das histórias regionais teria se dado única e exclusivamente em função de uma permissão do governo central que teria, inclusive, incentivado tal tipo de política. Isto faz com que Maria A. do Nascimento Arruda em seu livro, *Mitologia da Mineiridade*, afirme que *regionalismo*

é definido como comportamento (político) caracterizado, de um lado, pela aceitação de uma unidade política mais abrangente, mas, de outro, pela busca de um certo favoritismo e de uma certa autonomia de decisão (1990:34). Disto resulta toda a ambigüidade do regionalismo pois paradoxalmente ele pressupõe a existência de uma unidade política mais abrangente, no caso, a República Federativa, que, em última instância seria a responsável pela possibilidade de existência de tais regionalismos. Mas de outro entra em choque com as regiões pelo favorecimento em relação ao governo central.

Por esta análise chegamos à conclusão de que existe uma diversidade interna aos regionalismos na medida em que, na busca de um favoritismo, estabelece-se uma gradação hierárquica na relação com o governo central. Isto faz com que os estudos sobre o assunto procurem desvendar tal situação, estabelecendo geralmente três recortes:

O primeiro privilegia a análise das elites locais, transformando-as em tema de análise e vendo-as como elemento essencialmente *modernizador*. Isto faz com que a República Velha seja vista como um período de modernização no país, encabeçado pelas elites locais, rumo a uma organização política e social mais desenvolvida que o atraso monárquico. É exatamente a idéia positivista de que o regime republicano, laico, anticlerical seria mais desenvolvido que a monarquia

viciada pelos dogmas religiosos aos quais estaria presa.

O segundo privilegia as oligarquias , vendo a República Velha como uma fase de transição pela crise de legitimidade e eficiência do governo, comum em épocas de mudança de regime. Esta transição não seria apenas política de passagem de uma Monarquia a República, mas também de uma sociedade embasada em uma economia agrária para uma incipiente industrialização. Os sujeitos prioritários para tais tarefas são exatamente os *coronéis* que estão no exercício do poder oligárquico e que lutam pelos benefícios do governo central. Aqui a primeira preocupação que surge é o da identificação mecânica e artificial das oligarquias com a modernização o que resulta na caracterização dos opositores das elites, como os cangaceiros e os fanáticos como sendo elementos ligados a uma herança arcaica e ligada ao atraso monárquico.

O terceiro tem como base o desenvolvimento global do capitalismo, buscando os traços intrínsecos a cada região nesta dinâmica capitalista. Aqui o regionalismo é visto como ideologia das classes dominantes nos estados, produtos ideológicos das elites. Tais regionalismos submetidos a este tipo de análise acabam configurando uma hierarquia em relação ao desenvolvimento do capitalismo, onde termos como periférico e central são a regra para a diferenciação das regiões tendo em vista tão somente suas relações com o desenvolvimento global do capitalismo. A

variável aqui entre as análises existentes é apenas no peso conferido à ideologia. Como exemplo deste tipo de construção podemos citar o trabalho de Rubem César Keinert (Regionalismo e Anti-Regionalismo no Paraná) que interpreta a construção da identidade paranaense como sendo fruto da ideologia das classes dominantes, o que faz com que o *Movimento Paranista* seja reduzido a uma mera resposta no campo ideológico da dominação de classe das elites locais curitibanas. Pretendemos demonstrar mais adiante que tal movimento foi muito mais que uma simples e direta resposta no campo *não material* de uma dominação de classe. Outro exemplo que parte da dinâmica capitalista é o livro de Pedro Calil Padis (Uma economia periférica) que trata do caso paranaense mostrando sua posição inferior em relação ao desenvolvimento global do capitalismo.

As duas primeiras formas de se analisar a história regional confunde regionalismo com as *classes dominantes* e acabam fazendo uma história das oligarquias e das elites locais destacando suas particularidades e, mais do que isto, supervalorizando seu papel histórico, responsabilizando-as diretamente pelo processo de construção de uma identidade regional e pela *modernização* do país. Aqui as questões culturais ou são completamente desprezadas ou são tratadas como meras contribuições das elites *esclarecidas* para a superação do atraso gerado pela estrutura centralizadora da monarquia. A terceira forma, fortemente influenciada pelo marxismo ortodoxo, vê o

regionalismo do ponto de vista do desenvolvimento global do sistema capitalista, encarando o regional como um produto das elites dominantes locais onde a questão cultural é praticamente esquecida ou reduzida de forma a depreciá-la ou desfigurá-la, pois a função cognitiva da arte é reduzida por esta metodologia à ideologia.

Mesmo com todas estes problemas em relação a construção de uma história regional, no caso específico do Paraná existem poucos exemplos de estudos, quase em sua totalidade ligados às três formas de se encarar o problema relatadas anteriormente. A análise aqui pretendida difere destas pois procura-se rastrear o regionalismo paranaense buscando-o não somente nas tradicionais questões como a federação ou o papel das elites locais ou até mesmo a dinâmica global do capitalismo, mas principalmente tentando entender como se deu o processo de construção da identidade regional paranaense que foi fruto de um contexto nacional que possibilitou tal desenvolvimento, mas que guarda em si toda uma riqueza que seria perdida com a utilização de uma metodologia reducionista.

Procura-se aqui entender as particularidades do Paraná, não apenas em sua relação periférica com o governo central, mas particularmente em seu republicanismo marcadamente positivista e anticlerical, no surto da erva mate que propicia o desenvolvimento urbano e cultural da capital paranaense e nas questões culturais onde assistimos o nascimento de um movimento

denominado *Paranista* que, ao reunir artistas e intelectuais locais tentará forjar um estado que não passava até então de uma parcela de terra sem fronteiras bem definidas e com uma população heterogênea e sem quaisquer características em comum. Estas pessoas pensarão pela primeira vez o Paraná e lutarão pela construção de uma identidade regional para o estado.

É na verificação do embricamento destes elementos que se pretende recompor o quadro de construção do Paraná através da produção de um sentimento comum de pertencimento a uma terra. O tema central do projeto era a discussão do Movimento Paranista e a construção de uma identidade cultural para o estado do Paraná nos anos 20, mas tal ponto foi alterado para a análise da construção de uma identidade regional para o Estado no período da I República.

Este é o tema central e para tanto é preciso antes de tudo situá-lo nos debates acerca dos regionalismos que são vistos pela historiografia tradicional com certo desprezo e, mesmo quando fazem análises caem em reducionismos grosseiros. Desta forma é preciso situar a análise que se pretende fazer aqui e diferenciá-la das análises dos modelos tradicionais.

A partir daqui pode-se montar o quadro de construção desta identidade cultural para o Paraná. Primeiro tentou-se reconstruir um contexto em que se insere tal construção, ou seja, o início do período

republicano no Paraná, seu positivismo, anticlericalismo e fé na civilização.

Em termos metodológicos a análise desta construção de uma identidade regional no Paraná segue os passos de José Murilo de Carvalho em seu livro *A formação das almas*, onde ele analisa de que forma as artes plásticas foram utilizadas para a construção de um imaginário republicano no Brasil, na medida em que a população não teve participação direta em tal construção, pois assistiu *bestializada* à proclamação da República. O mesmo se pretende fazer em relação ao Paranismo. Verificar como, através principalmente das artes plásticas, procura-se construir uma identidade regional no Paraná, criar na população local um sentimento de pertencimento a uma terra.

Para tanto quatro capítulos são planejados:

O primeiro trata da construção de um discurso histórico que pretende mostrar como os paranistas se voltarão para a construção de uma história regional com forte cunho positivista e historicista, produzindo os primeiros heróis do Estado. Esta História do Paraná tomará corpo no período do Contestado onde foi preciso recorrer às razões históricas para encontrar justificativas para a manutenção daquelas terras com os paranaenses. O principal expoente aqui foi sem dúvida Romário Martins.

O segundo capítulo trata da construção de uma produção literária, em particular com o resgate e apropriação de mitos indígenas, onde se tenta chegar ao

que Eric Hobsbawm chama de *ponto zero*, na medida em que a maioria dos principais mitos falam a respeito de uma origem para a sociedade paranaense, estabelecendo até mesmo uma visão hierárquica das raças que fazem parte da primeira formação histórica do Paraná pois a literatura serve de contraponto ao discurso historiográfico que mostra toda a evolução que a sociedade experimentou após a chegada do homem branco.

O terceiro e principal capítulo trata das artes plásticas e sua utilização para a construção desta identidade cultural para o Paraná . Partindo da crítica de análises reducionistas que vêem a arte como um mero reflexo ideológico da dominação de classe, procurar-se-á montar o quadro de construção de uma identidade regional a partir das artes e de seu potencial revolucionário de construir o que Herbert Marcuse chama de novos princípios de realidade. Este potencial criador da arte está não em seu conteúdo, mas em sua dimensão estética. Aqui valem como exemplos os estudos de Claude Langlois, Maurice Agulhon e Bronislaw Baczko, este último ao fazer uma análise da arte sob o jugo do realismo soviético permite uma aproximação ainda maior com o paranismo pois o mesmo tem ligações explícitas com o Futurismo Italiano de Marinetti que, apropriado pela propaganda nazista de Goebels gerou uma arte a serviço da política. Muitos pontos de intersecção são possíveis entre estas formas artísticas e o Paranismo que dedica até mesmo um número especial de sua revista de divulgação (*Ilustração Paranaense*) ao Duce e a sua

arte. Já Langlois e Agulhon mostram a utilização de elementos simbólicos para a produção de um imaginário social.

O quarto capítulo mostra como a cidade é transformada em palco e como se criam rituais que pretendem fazer com que a população preste reverência aos valores paranistas. A estatuamania toma conta da cidade e heróis são forjados para que sirvam de exemplo pedagógico para a população. Seguindo os princípios positivistas se cria uma espécie de religião cívica onde a população passa a interagir e a abraçar os ideais de ordem , progresso, civilização do Paranismo. Inaugurações de Estátuas, Exposições, etc,. elementos que produzem a interação entre a população e os ideais paranistas.

Estes recortes não pretendem se transformar em projetos autônomos, pois a questão é a construção de uma identidade cultural para o Paraná e os mesmos somente interessam na medida em que estão em sintonia com tal construção. São formas de se verificar como se processa tal construção e a que pontos os paranistas recorrem para montar esta identidade paranaense. Por isso não se utiliza de referência metodológicas para cada um destes recortes, apenas teve-se o cuidado de fazer com que os mesmos estivessem em profunda sintonia com a questão central.

O IMAGINÁRIO PARANAENSE DA I REPÚBLICA.

I.O POSITIVISMO E O ANTICLERICALISMO NO PARANÁ

A experiência de construção do regionalismo paranaense sofrerá um grande impulso no período correspondente ao da I República (1889-1930) de um lado pela própria implementação do regime republicano que, através do princípio federativo, consagrado pela Constituição de 1891 permitirá a descentralização administrativa, de outro pela efervescência cultural pela qual passará a capital da Província, Curitiba.

Mas a República agirá também no imaginário da população nacional ao se colocar claramente como uma forma de governo em tese mais evoluída que a monarquia. Esta tese abre caminho para o sonho de uma nova sociedade.

A efervescência cultural pela qual passará a cidade de Curitiba, fruto do surto econômico da erva mate , possibilitou a formação de uma primeira geração nativa de pintores, escultores, poetas etc. Aliás, tal desenvolvimento fará com que, em termos literários Curitiba seja a pioneira no movimento simbolista nas primeiras décadas do século XX.

Última província a ser criada no final do Império (19 de dezembro de 1853) para deter o ímpeto separatista gaúcho que, após a revolução farroupilha demonstrava o perigo iminente de uma ruptura política na região, o Paraná era caracterizado pela historiografia tradicional como um histórico local de passagem, o que o colocava em uma posição de tencionamento entre a sua fidelidade ao governo central, da qual aliás o estado não tirava muito proveito, e uma aproximação com os *sulistas*, em particular pelas semelhanças a nível econômico, o que fazia com que os interesses paranaenses convergissem com o dos gaúchos.

Durante o período do Império (1853-1889) a província é governada por políticos de confiança do Imperador, até mesmo para evitar uma relativa autonomia administrativa da região, o que poderia resultar em uma proximidade ainda maior com os gaúchos, aumentando o risco de ruptura política.

Mas a unidade nacional não era garantida apenas por estas questões administrativas. Toda uma engenharia política será montada em torno da figura do Imperador para transformá-lo em uma imagem paterna que, em termos de imaginário popular ocupava uma posição de destaque e representava tanto o *espírito nacional* como um protecionismo aparente. Esta construção remonta à época de construção do estado nacional português (século XII, consolidando-se com a Revolução de Avis em 1383-85) -o mais antigo estado nacional absolutista- e consistia na

construção de uma espécie de *aura* para o Imperador e sua corte que lembrava desde a expulsão dos mouros do estado português até a montagem de um gigantesco sistema colonial e mercantilista.

Mesmo o luxo e a pompa da vida da corte ao invés de provocar a ira da população colaborava para salvaguardar a imaculada figura do Imperador, isto para não entrar nos detalhes a respeito das teorias que legitimavam o seu poder. O fato é que, mesmo após a humilhante fuga para o Brasil, a ruptura com Portugal e a transição no mínimo dolorosa feita por D. Pedro I, a figura de Pedro II mantinha intactos elementos que o sustentavam em uma posição superior à sociedade e longe dos ataques políticos, consolidando seu poder e mantendo a unidade nacional.

A própria figura construída de D. Pedro II demonstra tal fato, na medida em que se tem a impressão de que ele nasceu de barba e com a face paterna que a arte da época se encarregou de disseminar, esquecendo que a ascensão de Pedro II ao poder se deu através de um golpe da maioria, quando o mesmo possuía apenas quatorze anos.

Mas, na segunda metade da década de 1880 as idéias republicanas passam a influenciar a cena política nacional e não faltam críticas à monarquia e associações desta forma de governo ao atraso. O Império, por sua vez, ao tentar agradar a todos, acaba se desgastando ainda mais pois descontenta tanto a antigas oligarquias rurais (em particular com o

processo que culmina com a abolição da escravidão) como a nova elite econômica do país, representada pelos cafeicultores paulistas, sedentos por uma forma mais descentralizada de governo para que pudessem consolidar a sua hegemonia.

Cria-se o Partido Republicano e Clubes Republicanos multiplicam-se no país, pregando o *amor por princípio, a ordem por base, o progresso por fim*. Os partidos de sustentação do Império (Partido Liberal e Conservador) passam a ser identificados com o atraso, mas mesmo assim a figura pessoal do Imperador é poupada, sendo o mesmo sempre qualificado como *muito velho para os compromissos de governo*. As críticas caem sobre a sucessão do trono, onde a figura pouco popular do conde d'Eu, marido da princesa Isabel aparece como o mais cotado.

No Paraná deste período do final agonizante do Império, os liberais dominam a Assembléia Provincial e o presidente da província era conservador. Mas, há época, poucas diferenças existiam entre os ditos *partidos da ordem*. Aliás em termos de Paraná falar em partidos políticos já era um grande exagero pois os mesmos não passavam de agrupamentos de pessoas com interesses particulares, em geral orbitando a influência das grandes, tradicionais e poderosas famílias curitibanas que dominavam a cena política local.

A carência de um partido político de caráter nacional alimentava ainda mais este tipo de política o

que permite que a historiografia tradicional ao lançar seus olhos sobre o período veja tão somente uma disputa de poder entre as elites locais, gerando termos recorrentes como coronelismo, oligarquias, política de governadores etc. para a caracterização histórica do início do período republicano. Apesar de encarar tal tipo de análise um reducionismo histórico, é inegável que os partidos políticos da época serão compostos por alianças familiares, servindo de cobertura a líderes individuais e individualistas.

No Paraná não havia sequer um Partido Republicano organizado, embora Curitiba e outras cidades do Estado tivessem seus clubes republicanos. Mas o principal responsável pelas críticas à Monarquia foi o jornal *A República*, órgão de divulgação das idéias republicanas e ferrenho crítico das manobras políticas feitas pelo Império e por seus partidos de sustentação. Isto é o que se pode notar pelo teor da matéria publicada neste periódico a 9 de janeiro de 1888 na primeira página, intitulada *A trapaça*:

O Partido Liberal triumphou na eleição provincial, elegendo 6 deputados pelo Primeiro Distrito e 12 pelo Segundo, ficando apenas ao Partido Conservador uma minoria de 6 representantes. Não fomos advogados de nenhum dos partidos monarchistas (...) mas é a nossa própria liberdade que periga deante das ameaças de um governo que, depois do emprego dos mais degradantes recursos da trapaça para tomar de assalto a Assembléia Provincial, não hesitará em lançar mão da violência.¹

As denúncias neste tom mostram como era encarada a política no período, onde as fraudes eram a regra. Aqui a denúncia atinge os liberais mas o jornal lançará suas farpas também contra os conservadores.

¹A REPÚBLICA. Curitiba. 09.jan.1888.p.1.

Embora criada pelo Império para ser seu ponto de apoio na região, a Província do Paraná não recebia deste qualquer privilégio, ao contrário, sofria com graves problemas econômicos e políticos. Sua economia era basicamente extrativista, seja a partir da extração da madeira, seja da erva mate, cujo surto econômico propiciará o desenvolvimento cultural de sua capital. Apesar deste desenvolvimento o estado era o 18º em população, ficando à frente somente do Espírito Santo, Mato Grosso e Amazonas, e 2/3 de seu território ainda se encontrava desocupado e mesmo suas fronteiras não eram bem definidas. Talvez por estes fatores a tese de que o Paraná era um mero local de ligação e passagem, uma estância para tropeiros tenha se consolidado, esquecendo que neste período praticamente todo o país vivia em condições precárias e encontrava-se com a maior parte de seu território desabitado.

Mas a Província do Paraná não sabia se valer do importante papel que representava para a unidade nacional na região sul do país e até mesmo a política de importação e exportação adotada pelo Império não beneficiava os paranaenses, bem como a política imigratória governamental priorizava outras regiões, fazendo com que a província do Paraná ficasse praticamente isolada e esquecida.

Por estas questões, as críticas ao regime monárquico ganharão corpo na região e se radicalizarão a tal ponto que a marca do republicanismo paranaense será o positivismo radical. Com o passar do tempo o

órgão de divulgação republicano seria mais sarcástico contra o Império, como em uma nota de 6 de maio de 1889 intitulada *Falla do Throno: Recebemos a falla com que S.M. o Imperador abriu a Sessão das Câmaras. Por falta de espaço deixaremos de publicar a integra della.*²

Mas era preciso mais do que sarcasmo para desmontar a figura do Imperador. Era necessário questionar os pressupostos do poder real, era preciso romper as bases de sustentação do Império. Para tal o jornal recorrerá aos pensadores das luzes para colocar em xeque o poder absolutista, como no artigo de Victor Hugo publicado a 21 de maio de 1889, com o título *O que são os reis:*

A corôa é um crime. O poder real não passa de um abysmo lugubre. Toda obra de um rei que succede a outro transformação da dúvida em espanto. A história é uma horrorosa fuma do crime solitário. As tábuas do cadafalso são as tábuas do throno. O sceptro tem por esposa a espada que, ao desdobrar-se por sobre os povos, transforma-se num mar de sangue...Povo! Ao menos arremessa-lhes as algemas expiatorias. Todos têm na frente a mão ensanguentada da historia.³

Isto mostra todo o barbarismo associado à figura real. É aqui o início de um ataque não somente político ao sistema monárquico, mas principalmente uma tentativa de minar suas bases simbólicas, dessacralizando a figura inatacável do Imperador e associando tal sistema ao atraso e a tempos sombrios e cruéis. Aqui já está embutida a idéia positivista de República como uma

²A **REPÚBLICA**. Curityba. 06.maio.1889.p.1

³A **REPÚBLICA**. Curityba. p.19. 21 maio 1889.

superação da fase metafísica que se caracterizaria pela forma de governo Monárquica, que para Augusto Comte seria superada pela sociedade positiva ou científica, onde, de acordo com este princípio, os detentores do conhecimento científico comandariam a sociedade.

A Monarquia representaria o atraso e a República, o progresso o que traz consigo todo o ideal modernizante deste sistema que promete uma transição a nível econômico e social (criação de indústrias/elogio do maquinismo) que seria capaz de gerar uma nova sociedade.

Um exemplo deste ideal de progresso está no artigo de 10 de agosto de 1889, *Política no Paraná*:

Já disse alguém que no Paraná só progride a Indústria dos foguetes, a arte pyrottechnica. É isso o elemento principal de nossa vida, a manifestação estrondosa do nosso progresso no atraso (...) Somos um povo de foguetório, na expressão lata da palavra: o que quer dizer que somos um povo atrazadíssimo. Não temos indústrias, não temos artes, não temos ciência. Em política sofremos de paralyssia completa. Temos apenas a política do foguetório. Deixemos os velhos partidos de lado (...) Trabalhemos pela República.⁴

Se de um lado faziam a crítica ao atraso da Monarquia os republicanos criavam toda uma panacéia em cima da forma republicana de governo, como se esta por si só fosse capaz de gerar um salto qualitativo na sociedade, afinal, como afirmavam, o *republicanismo propõe todos os melhoramentos aconselhados pela moderna ciência política*. A idéia de ciência é a que mais se coloca em choque com a Monarquia, encarada como uma aberração histórica, sem qualquer fundamento e foi, sem

⁴A REPÚBLICA. Curitiba. p.01. 10 ago. 1889.

dúvida, o elemento supervalorizado no final do século XIX, quando o discurso científico adquirirá um caráter incontestável o que resulta em um forte anticlericalismo por parte dos republicanos pois a religião e sua visão de mundo eram responsabilizados por esta estrutura social e política embasada em uma visão mítica da sociedade, sendo em última instância o braço forte da monarquia. É o que fica claro na análise de Tatiana Dantas Marchete, onde

as grandes e negras abas dos chapéus dos padres e suas vestes também escuras cristalizaram, no discurso anticlerical, a imagem metafórica dos padres como corvos encobrindo o mapa republicano brasileiro e ameaçando, com seu pouso, as árvores-símbolo da liberdade de pensamento, as acácias. Ao defender a emancipação do homem da tutela da religião, os anticlericais curitibanos colocaram-se como opositores das doutrinas da Igreja Católica Romana que, a partir da metade do século XIX, visavam combater o mundo moderno e suas filosofias: liberalismo, evolucionismo, naturalismo, racionalismo, positivismo e maçonaria(...) No movimento anticlerical curitibano duas eram as bandeiras essenciais na luta contra a tutela da religião e a favor da autonomia e individualização do homem moderno: a educação laica e o combate à influência do padre na esfera privada, principalmente através do confessional e seu poder de adentrar nos segredos íntimos da família.⁵

Era preciso romper as amarras da fé e impor uma visão científica da sociedade para que esta superasse o atraso monárquico e se modernizasse, o que aconteceria com a proclamação da República.

Não é à toa que o anticlericalismo marcará também praticamente toda a produção literária da sociedade paranaense da época, vale lembrar que o Movimento Simbolista de Dario Veloso era essencialmente anticlerical, ou a obra de Euclides Bandeira, como em seu livro *Heréticos*, onde lemos trechos como o seguinte,

⁵MARCHETTE, Tatiana Dantas. Corvos nos galhos das acácias; anticlericalismo em Curitiba (1896-1909). Curitiba:UFPR, Dissertação Mestrado.

Jamais!

... Essa que irrompe, esplendorosamente lêva

De espiritos em flôr, não ficará submissa

Aos burlões de sotaina, aos farçantes da missa, Nas escolas sem luz, nos mosteiros das Trevas!

Nunca! ... Hozannas, Infância! Agonia e sedição

Instrução clerical que se alimenta e ceva

Da mentira somente e que a Ignorância eleva

Sob a máscara soez de Sciencia Postiça !...

Seminários abaixo! Abaixo a fraude, o embuste!

Avante, Juventude, onnipotente fuste

Da columna da Patria! Hosannas, ó Templários!

Pedreiros do porvir, hereticos vindouros,

Moços! Tres vezes salve! eu vos atiro louros

Em nome do Progresso!... Abaixo os seminarios!⁶

Nesta chamada geração dos simbolistas verificamos que a principal característica dos autores será o cunho anticlerical dado às obras, o que fica evidente na leitura não somente do poema acima, mas também do periódico *Electra* que destaca a sua linha como sendo *no ciclo luminoso do liberalismo, contra os raciocínios rasteiros, ultramontanos, jesuitismo dissolvente, clericalismo rasteiro, contra todos os inimigos da Razão, da Ciência, do Progresso, da*

⁶BANDEIRA, Euclides. *Ensino Religiosos*. IN: **Heréticos**. Curitiba, 1901.

*Justiça, da Caridade, da Liberdade, da Família, da Pátria e da Humanidade.*⁷

Por esta citação da revista *Electra* percebemos todos os elementos que irão compor o imaginário da I República no Paraná: um anticlericalismo exacerbado, uma fé cega no progresso e na ciência e indícios de um positivismo radical que ficará mais evidente no grupo de escritores que se aglutinará em torno da revista *Cenáculo* como Dario Veloso, Silveira Neto, Júlio Perneta e Antônio Braga.

Revista do movimento simbolista marcadamente favorável aos postulados positivistas, terá até mesmo suas reuniões estruturadas como prescreve o culto positivista, onde *Karoin* é o local de reunião e *Thoalba* o iniciado e onde um indicado sobe à Tribuna e fala; cujo divisa era *a moral por princípio, a Sinceridade por norma e o Aperfeiçoamento por fim* e como dogma o *sentimento pelo sentimento*⁸ e tinha como colaboradores Domingos Nascimento, Emiliano Perneta, Emílio de Menezes, Rocha Pombo, Romário Martins, Vicente Machado e Victor do Amaral, não à toa todos defensores incontestes da República e angajados na construção de uma identidade regional para o Estado do Paraná. Inclusive, o maior expoente do Paranismo, Romário Martins participará do grupo, além dos principais poetas paranaenses.

⁷ *ELECTRA*. Curitiba, 1890.

⁸ O *CENÁCULO*. Primeiro anno. Tomo primeiro. Curitiba. 1895. p.1.

Não por mero acaso, Dario Veloso, um dos principais nomes do grupo, será o fundador do Instituto Neopitagórico, o *Templo das Musas*; apaixonado pela beleza helênica desde os tempos em que foi professor de História Universal no ginásio do Estado, foi também fundador do Centro de Letras do Paraná, e será um dos principais escritores paranaenses a defender a forma republicana e a tecer uma série de críticas com base no positivismo, à Monarquia. Não bastassem tais elementos a 13 de maio de 1891 Dario Veloso faz um pronunciamento no Club Curitibano sobre a abolição da escravatura e sobre a República, segundo ele as duas grandes idéias cívicas da mocidade brasileira da época.

Outro traço marcante e particular do Paraná será seu positivismo exacerbado. Em São Paulo o Partido Republicano Paulista irá barganhar seu positivismo em troca da construção de sua pretendida hegemonia, defendendo uma república oligárquica baseada no monopólio da terra o que resulta em um liberalismo excludente e conservador, tendo o federalismo como questão central, tanto que no dia seguinte à proclamação há a degola dos históricos radicais e o esvaziamento dos partidos da ordem.

No Rio Grande do Sul por sua vez o republicanismo doutrinário é levado à sério por Júlio de Castilhos e a influência positivista é marcante na idéia de progresso, evolução, ordem, mas excluem os elementos centrais do positivismo: a ditadura republicana como a melhor forma de governo; isto

porque para o filósofo Augusto Comte, baseado na tradição romana e na experiência jacobina da Revolução Francesa, a ditadura seria superior à república liberal onde a soberania é popular e o poder é exercido em nome do povo através de um mandato. Segundo Boris Fausto,

A ditadura republicana concebida por Augusto Comte não correspondia ao despotismo, mas implicava a idéia de um governo de salvação no interesse do povo. Teoricamente, o ditador republicano deveria ser representativo, mas poderia afastar-se do povo em nome do bem da República. Ele seria eleito por toda a vida e poderia influir na escolha de seu sucessor.⁹

No Paraná este modelo positivista encontrará seu solo mais fértil e praticamente todas as propostas políticas veiculadas pelo órgão de divulgação das idéias republicanas na Província, o Jornal A República, estarão de acordo com as propostas de Augusto Comte, como veremos adiante. Já no Rio Grande do Sul tais teorias encontram um entrave na defesa da soberania popular por Julio de Castilhos, embora nas eleições o mesmo venha a apoiar, após a Proclamação da República o Marechal Floriano, há no Rio Grande do Sul¹⁰ defesa das eleições e de uma soberania popular contra a ditadura republicana, o que já não ocorre com os radicais paranaenses.

Em São Paulo, o principal centro republicano do país, cogitou-se a idéia de uma Monarquia Federativa por um dos grandes inspiradores do federalismo, Tavares Bastos, mas o Partido Republicano Paulista, embora nitidamente conservador, fundado em 1873 pela burguesia cafeeira estava convencido de que o Império seria

⁹ FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo:EDUSP, 1995.p.232.

incompatível coma autonomia provincial, isto porque entre outras coisas, a autonomia significaria o controle pelas províncias da política bancária e de imigração, bem como a descentralização das rendas.

O ponto central para o republicanismo paulista era, portanto, a ênfase na idéia de federação, em detrimento da defesa de liberdades civis e políticas e até mesmo um certo comportamento vacilante em relação ao problema da escravidão, mesmo às vésperas da abolição da mesma.

O Manifesto de Itú de 1870 que fundava o Partido Republicano Paulista foi assinado por grandes e médios produtores rurais, ropondo o *federalismo* e a *democracia*. Em 1887 os republicanos resolvem lançar um Manifesto, motivado pela doença de D. Pedro II e pelo medo de que o poder caísse nas mão do conde D'Eu, marido da princesa Isabel.

Em tal Manifesto há uma crítica àqueles que sustentam o poder monárquico, destacando os resultados *catastróficos* de tal sistema para o país. Na verdade nem liberais nem conservadores eram monarquistas, apenas fisiologistas e dependentes do poder, por isso quando excluídos passavam a criticar a monarquia ou ao menos não ousavam defendê-la.

Nesse Manifesto do Congresso Republicano Federal de 1887 as críticas recaem sobre o desprestígio do poder judicial (subordinado ao Imperador), sobre o descrédito dos partidos governamentais (iguais na dicotomia liberais e conservadores); falavam ainda da

manipulação das Forças Armadas, a dissipação do patrimônio social, o abandono da instrução pública (que deixava o povo *nas trevas da ignorância*), o sequestro do voto popular, o monopólio de classes, a decadência da instituição parlamentar e a manutenção da escravidão.

A partir desses elementos convocavam seus correligionários à luta política, à propaganda republicana e ao alistamento eleitoral quando preencherem as condições exigidas pelo Império, além da participação em grêmios e clubes políticos.

Dizia o Manifesto,

A República Federativa Brasileira, fundada na base da reciproca autonomia e independência das províncias e circunscrições, que no futuro hão de formar os Estados Unidos do Brasil, apoiada nos princípios eternos da liberdade e da justiça defende: sufrágio universal, liberdade da palavra escrita, falada, da consciência, dos cultos, a inviolabilidade do domicílio e da correspondência postal, liberdade do ensino, de reunião de associação, da propriedade, a instituição do júri para toda a classe de delitos, a abolição dos privilégios, títulos de nobreza ou condecorações, a intervenção do povo em todos os negócios públicos.¹⁰

Destacam ainda a questão abolicionista defendendo a mesma onde resta exigir e promover a abolição total da escravidão no Brasil dentro de um período que não exceda a data aniversária e gloriosa da Revolução Francesa, quando foram proclamados pela primeira vez os direitos inauferíveis do homem.¹¹

Nas citações acima deste Manifesto percebemos as intenções principais dos republicanos, em particular no que se refere à questão da autonomia provincial segundo o modelo americano, ao falarem de Estados Unidos do

¹⁰ MANIFESTO DO CONGRESSO REPUBLICANO FEDERAL. Rio de Janeiro, 5 jul.1887. p.2.

¹¹ *ibid* *idem*. p.3.

Brasil e de uma República Federativa, modelo que será depois consolidado pela primeira Constituição Republicana. Mas, fora as questões de autonomia vemos que no que tange às liberdades individuais do cidadão o Manifesto é muito genérico e permanece na defesa de liberdades e garantias individuais, limitando-se a atacar os privilégios da nobreza e dos que se alimentam do poder monárquico.

Mesmo no que se refere à abolição da escravidão, os republicanos dão como prazo o outro modelo político exemplar para eles, o da Revolução Francesa, estendendo o prazo para tal acontecimento para dois anos, já que o Manifesto data de 5 de julho de 1887. Assinam o documento os republicanos históricos como Saldanha Marinho, Quintino Bocaiúva, Campos Sales, Aristides Lobo e o paranaense Ubaldino do Amaral.

Os principais partidos republicanos do período se localizavam nos estados de São Paulo e Minas Gerais. No Rio de Janeiro ainda não havia se formado um Partido Republicano apesar das propagandas e dos jornais, o mesmo ocorrendo em outras províncias como no Paraná e em Pernambuco. Nesta última, o partido, fundado somente em 1888, será composto por profissionais liberais, artesãos e empregados o que dará um caráter mais popular ao Partido que defenderá com maior ardor a abolição da escravidão, além de propor a *ditadura republicana, essa ditadura progressista responsável, que o regime republicano requer*, seguindo os modelos do

positivismo de Augusto Comte e da Junta de Salvação Pública da Revolução Francesa.

Por este aspecto o positivismo pernambucano será de certa forma semelhante ao paranaense, embora a proposta comtiana de uma ditadura republicana assumir a forma de um Executivo forte e intervencionista, capaz de modernizar o país, nem que seja através da ditadura militar encontrará na província paranaense um apoio maior, o que demonstra a intenção de promover uma modernização conservadora pelos paranaenses.

No Paraná os republicanos acreditam e defendem um governo de salvação no interesse do povo com um executivo forte capaz de modernizar o país, daí a defesa que os mesmos fazem da ditadura militar, o que aparece explicitamente em Manifesto publicado pelo jornal *A República*: *A dictadura republicana vigente deve ser mantida com um carácter definitivo*¹² e complementam em outro artigo de 12 de dezembro de 1889, *Acção e Transformação*

de facto o que precisamos é de um governo de acção. Quanto mais liberdade nos der o governo provisório, embora dictatorialmente, tanto mais merecerá ele o reconhecimento e a estima públicos a dictadura ou governo provisório é como o inquilino sensato que entrou em uma casa cheia de insectos e imundices, ou o lavrador que toma conta de uma fazenda cheia de matto e de formigas (...) Trate o governo provisório de cortar os abusos da administração pública, nacional, provincial e municipal-limpar o terreno- afim de que os poderes constituídos possam depois melhor edificar.¹³

Isto faz do Paraná um estado embebido de um republicanismo essencialmente positivista, defendendo todos os seus elementos, desde a visão científica da

¹² *A REPÚBLICA*. Curityba. 07. dez. 1889.p.i.

¹³ *A REPÚBLICA*. Curityba. 12.dez.1889.p.1

sociedade que encara a forma republicana como uma superação natural da mítica monarquia até a ditadura pelo bem da sociedade que traz embutida em si a idéia, também cara aos republicanos, de uma história com tendência messiânica, feita pelos grandes homens, que fica claro na frase de Benjamin Constant, *o poder pertence a quem possui o saber. A política é um direito dos sábios e sua aplicação é uma tarefa dos técnicos ou administradores competentes*. Isto faz com que os republicanos se dediquem a uma reelaboração da história nacional, onde o cívico se torna religioso e os santos são os grandes personagens de nossa história, reverenciados por seus inúmeros rituais, ou seja, as festas cívicas.

Esta verdadeira panacéia republicana, que encara a Monarquia como fruto do atraso e de uma visão mítica da sociedade e a República como uma superação natural porque baseada em leis científicas fica clara em outro artigo do Jornal A República que enaltece os méritos do Partido Republicano,

É inútil encarecer os meritos do partido Republicano, cujo ideal é, em todo o paiz, a plena liberdade do cidadão, a autonomia das provincias e do municipio, no que refere-se particularmente a seus interesses, o suffragio universal, a reforma do systema financeiro e, enfim, todos os melhoramentos aconselhados pela moderna sciencia política.¹⁴

O fato é que a marca política do Segundo Reinado, deste final agonizante do sistema Monárquico será o positivismo de Augusto Comte que terá no Brasil maior sucesso que em seu próprio país de origem, como destaca Caio Prado Júnior,

¹⁴A REPÚBLICA. Curityba. 24.ago.1889.p.1.

No terreno político, o principal reflexo do novo pensamento será o Positivismo. A doutrina de Augusto Comte encontrou no Brasil uma acolhida que não teve em seu próprio país de origem, e embora o número de positivistas ortodoxos tenha sido sempre muito reduzido, a sua influência foi considerável. Pode-se dizer que forma o único corpo de idéias mais ou menos completo e coerente que existiu no Brasil na segunda metade do século passado. O Positivismo tornou-se mesmo em ação política efetiva, sobretudo depois que penetra nas forças armadas pela palavra de Benjamin Constant de Magalhães, positivista convicto que utilizou para a propaganda de suas idéias a cátedra da Matemática que ocupava na Escola Militar (...) Organizados no Apostolado Positivista, seus adeptos no Brasil se davam a uma propaganda ativa sob a forma de publicações: são particularmente importantes as Circulares anuais.¹⁵

O positivismo ortodoxo encontrará eco no pensamento dos republicanos paranaenses que estabelecerão a partir desta forma de pensamento as críticas mais ásperas ao regime Monárquico.

A proclamação da República atinge o Paraná neste contexto, onde a cena política é dominada por famílias curitibanas tradicionais, locadas em partidos da ordem e sofrendo críticas do órgão de divulgação republicano; uma economia atrasada baseada no extrativismo, fronteiras físicas ainda não definidas e uma pequena população concentrada em 1/3 do território.

Com a República se por um lado abre-se espaço para governos paranaenses e se consolida o poder local com o federalismo consagrado pela Constituição de 1891, que acaba gerando uma intensificação da vida política da região, de outro vemos que as modificações não são tão profundas. Elege-se de maneira ainda indireta para o primeiro governo constitucional, Generoso Marques, ligado ao Marechal Deodoro que deixa o poder com a queda do presidente.

¹⁵ PRADO JÚNIOR, Caio. Roteiro para a historiografia do Segundo Reinado (1840-1889). in: _____. **Evolução Política do Brasil e outros estudos**. Coleção grandes cientistas sociais, 26. São Paulo: Ática, 1982.p.74-75.

Mesmo assim o Estado continua a ter um pequeno peso no cenário político nacional, seja por sua pequena população que resulta em uma pequena representação nas Câmaras Nacionais, seja pelas divergências políticas entre os republicanos paulistas e o principal líder paranaense do período, Vicente Machado que será eleito com Francisco Xavier da Silva na primeira eleição direta do período republicano em 1891.

Mesmo assim os republicanos paranaenses mantinham sua inquebrantável fé na nova forma de governo e acreditavam em uma transformação do cenário político local, como no artigo da República em 5 de dezembro de 1889:

O Paraná vai, enfim, constituir-se em estado federal, abandonar completamente os velhos moldes da política tacanha e rotineira dos imperialistas. É necessário reorganizar o Paraná inteiro. O Estado Federal do Paraná deve libertar-se completamente do antigo domínio, de todos os preconceitos de família que o paralisavam em seu desenvolvimento sob pena de continuar na mesma marcha, ou pior ainda, mudando de governo apenas nominalmente. É necessário inverter os papéis, si a monarquia era dirigida pelos monarchistas, a República deve ser dirigida pelos republicanos.¹⁶

Nesta crença na República como uma forma mais aprimorada de governo, os paranaenses defenderão explicitamente a manutenção da ditadura republicana de acordo com os moldes positivistas de Augusto Comte, como se pode notar no Manifesto dedicado ao Povo e ao Governo da República pelo órgão de divulgação das idéias republicanas no estado, que em sua primeira página destaca 7 artigos,

art.1. A dictadura republicana vigente deve ser mantida com um carácter definitivo.

¹⁶ A REPÚBLICA. Governador do Paraná. Curityba. 05.dez.1889.p.1.

art.2. O actual governo da República, considerando abolido o regimen parlamentar, tomará a si elaborar, com o concurso de pessoas competentes, um projecto de constituição.

art.3. Esse projecto será submetido à apreciação popular por todos os meios de publicidade, afim de determinar em toda a República uma livre e extensa discussão.

art.4. Encerrado o praso previamente marcado para semelhante discussão, o governo dará ao projecto fôrma definitiva, incorporando n'elleas emendas que julgarem aceitáveis ou fazendo-lhe as alterações cuja utilidadeae lhe tiver sido demonstrada. Assim redigida a nova constituição será apresentada à sancção das câmaras municipaes de toda a república, ou em um plebiscito em que tomarão parte todos os cidadãos maiores de 21 annos, saibam ou não ler e escrever, e em seguida será promulgada e executada.

art.5. A Constituição deverá combinar o principio da dictadura republicana com a mais ampla liberdade espiritual, a primeira caracterizada pela reunião do poder executivo da faculdade legislativa, pela perpetuidade da função, e transmissão desta a um successor livremente escolhido pelo dictador, sob a sancção da opinião pública; a

segunda pela separação da Igreja do Estado, suppressão do ensino official, salvo o primário, e subsequente liberdade completa de profissões, extinctos todos os privilégios inherentes aos diplomas scientificos ou technicos, assentando o novoregimem na mais vasta liberdade de reunião e pensamento, com a única obrigação de todo o cidadão assumir devidamente a responsabilidade de seus escriptos assignando-os.

art.6. Haverá uma única câmara geral, de eleição popular; pouco numerosa, exclusivamente financeira; destinada a organizar o orçamento e fiscalizar o emprego dos dinheiros públicos. A eleição desta câmara será feita por escrutinio descoberto, de modo a saber-se o modo por que cada cidadão votou.

art.7. Deverão ser salvaguardadas as situações pessoas de funcionarios, quer civis, quer ecclesiasticos, cujas funções forem suprimidas, ou passarem para o dominio da atividade privada.¹⁷

Nesta longa citação podemos perceber os elementos centrais defendidos pelos republicanos paranaenses, em particular como o positivismo de Augusto Comte terá uma forte influência nos mesmos, na medida em que defendem abertamente a manutenção da ditadura republicana como a melhor forma de governo, e mais do que isto, acreditam que tal fato levará a uma modernização do país, já que a partir de então o mesmo será governado por pessoas capacitadas, seguindo a linha do positivista republicano Benjamin Constant que afirmava ser a política um direito dos sábios e sua aplicação tarefa de técnicos ou administradores competenes.

¹⁷ **A REPÚBLICA.** Ao povo e ao Governo da República. Curityba. 07. dez. 1889. p.1.

Isto pode ser comprovado pela forma como os paranaenses propõe a elaboração da Constituição, sendo a mesma praticamente uma obra dos esclarecidos e até mesmo as possíveis emendas da população passariam por um crivo destes técnicos e burocratas. Pleiteiam ainda a unificação do poder executivo e legislativo e a vitaliciedade da ditadura, ficando a critério do ditador a escolha de seu sucessor. além destes pontos ainda acenam com a proposta de uma eleição aberta para a Câmara dos Deputados que, esvaziada de sua função parlamentar teria apenas o dever de fiscalizar as contas da União.

Outro ponto que se destaca na citação é a necessidade de separação do Estado e da Igreja que marca o anticlericalismo paranaense do período que faz com que os mesmos enalteçam a República quando esta consolida tal separação; é o que fica claro em outro artigo do jornal A República,

A Igreja Livre no Estado Livre Está decretada a grande lei da separação da Igreja do Estado. Está resolvido o magnanimo problema que Cavour denominou -Igreja Livre no Estado Livre. A primeira vista parecerá a muitos espiritos uma reforma má e perigosa. Nem uma, nem outra cousa. Por qualquer lado que a encaremos, quer atendendo aos interesses do Estado, quer aos da Igreja, ella só poderá ser vantajosa, fecunda e de magníficos resultados.¹⁸

À nível nacional fracassa a tentativa de formar um Partido Republicano ainda antes da proclamação (1887) pela luta estabelecida entre a ala radical e a moderada, com Silva Jardim e Aníbal Falcão de um lado e Quintino Bocaiúva de outro, com a vitória dos

¹⁸ A REPÚBLICA. A Igreja Livre no Estado Livre. Curityba. 22.fev.1890.p.1.

moderados. A ascensão dos republicanos ao poder acabou ocorrendo por um esvaziamento dos partidos conservador e liberal, com as elites buscando pela primeira vez nos quartéis o apoio à ordem que era ameaçada pelos radicais.

A ditadura republicana já mostrava a cara no lema da bandeira ordem e progresso, uma espécie de despotismo esclarecido. Para Boris Fausto¹⁹ o único local que levou a sério o republicanismo doutrinário teria sido o Rio Grande do Sul, onde, sob a liderança de Julio de Castilhos com o Partido Republicano Histórico do Rio Grande do Sul, que procurava dar a seu positivismo um sentido popular e ecumênico, enquanto nos outros estados os republicanos históricos eram engolidos pelos adesistas e moderados.

Nas Teses Políticas do Partido Republicano Histórico do Rio Grande do Sul, lançadas em 1890, vemos a defesa de um Estado Republicano, Federativo, Presidencial e Temporal, na mesma linha dos paranaenses, com um forte cunho positivista e anticlerical. Mas o que vai caracterizar o republicanismo gaúcho em relação aos outros do país será a proposta de um *sufrágio popular: eleição direta dos chefes executivos federal, estadual e municipal, e dos membros das assembleias representativas pelos respectivos eleitores, com garantia da função de sufrágio a todos os cidadãos maiores de 21 anos,*

¹⁹op.cit.

*inclusive os analfabetos e aos religiosos de ordens monásticas.*²⁰ Isto imprime um caráter popular ao republicanismo gaúcho e, não bastasse tal ponto ainda faziam questão de salientar a não vitalicidade do cargo executivo, o que os afastava da doutrina positivista comtiana pois propunham a *temporariedade das funções, com a faculdade de reeleição, sendo que a dos chefes executivos, desde que obtenham três quartas partes do eleitorado ativo.*²¹

Embora dessem um cunho mais popular a seu republicanismo, na questão do voto defendiam o voto livre e público, não admitindo em hipótese alguma o escrutínio secreto. Propugnavam ainda a autonomia dos estados, marca do sistema federativo proposto e um presidencialismo onde, como na proposta paranaense há a união da competência legislativa ao executivo, eбора possibilitem às Assembléias a revogação das mesmas por maioria de votos. Destaca-se ainda da proposta gaúcha a separação entre a Igreja e o Estado e uma série de propostas relativas às garantias individuais, além de teses sociais onde se destacam a defesa da educação e instrução popular e o ensino técnico profissional, além de garantias trabalhistas como regime de oito horas de trabalho, férias e direito de greve.

²⁰ **TESES POLÍTICAS.** Partido Republicano Histórico do Rio Grande do Sul. 1890.p.1.

²¹ *ibid* *idem*.p.2.

Vemos, portanto que as teses republicanas e positivistas tiveram eco em particular no Rio Grande do Sul e no Paraná, embora o que diferencie ambos os estados seja o fato de os gaúchos com Júlio de Castilhos terem um caráter mais popular e refutarem por esta razão a proposta de uma ditadura republicana permanente, base do pensamento de Augusto Comte, que terá no Paraná total apoio, com seu líder Vicente Machado.

Apesar da divergência em relação a vários pontos por parte dos grupos que disputavam o poder, em alguns pontos havia concordância, por exemplo no que se refere à forma de organização da República, onde destacamos os representantes das principais províncias do país (São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul) que defendiam a idéia de uma República Federativa que assegurasse um considerável grau de autonomia às unidades regionais.

Não havia acordo, entretanto, no que se refere à outros aspectos da organização do poder, onde paulistas e mineiros defendem um modelo liberal e os republicanos gaúchos que eram positivistas, mas havia um ponto que os unia: a República deveriaser dotada de um poder Executivo forte ou passar por uma fase mais ou menos prolongada de ditadura. (de acordo com os positivistas paranaenses por exemplo tal ditadura deveria ser mantida em caráter definitivo)

Por tais questões organizativas vemos uma aproximação maior do Brasil dos Estados Unidos da América, com o Barão do Rio Branco como Ministro das

Relações Exteriores e Joaquim Nabuco como embaixador nos EUA.

Mas os defensores de uma República liberal, mais próximos do poder, apressaram-se em garantir a convocação de uma Assembléia Constituinte, temerosos do prolongamento de uma semiditadura sob o comando pessoal de Deodoro que, inepto cede às propostas golpistas do Barão de Lucena, seu compadre.

A Constituição, elaborada por uma Comissão de cinco pessoas sob fiscalização de Rui Barbosa, inspira-se na Constituição norte-americana, e consagra a República liberal, tendo como chave a autonomia dos Estados sob os moldes que desejavam paulistas e mineiros e contrário ao ultrafederalismo defendido pelos positivistas gaúchos.

Este debate sobre o federalismo traz à tona a discussão a respeito do perigo de um esfacelamento do país em variadas repúblicas como ocorrera na América espanhola. Segundo os críticos da época a Monarquia tratava igualmente todas as províncias o que gerava um enorme desconforto por parte da política local e isto é que gerava um risco de esfacelamento do território nacional; com o federalismo este risco se extinguiria.

Em artigo no Jornal A República, os paranaenses tomam posição favorável ao federalismo e ao modelo norte-americano afirmando que *a grande revolução que acaba de operar-se a quinze do corrente mez, tem dois grandes meritos: funda a República e inaugura a forma*

*federativa*²². Para eles em um país extenso como o Brasil só o federalismo poderia garantir a integridade nacional, opondo-se claramente ao modelo francês ao defender que *o tipo de República do Brasil está na América do norte e não na Europa*. afirmam que os Estados são associados para fins comuns com vida própria e que as críticas a esse sistema que alegam que diferentes leis nos Estados iriam gerar *discórdia e perturbação* não têm sentido e ainda que, sem o federalismo voltariam aos vícios da extinta monarquia. Isto mostra que as críticas a um sistema unitário eram as críticas extendidas à Monarquia, o que fica ainda mais claro em outro artido do jornal A República,

um mesmo systema applicado a zonas tão variadas, onde o próprio clima está dizendo que não pode haver methodo uniforme nem de vestir, nem de pensar, nem de trabalhar, é claro q'viria a decadência e o desgosto, e estes fermentos iriam azedar as relações dos estados com o centro, criando a idea separatista e dando-lhe força de salvação pública (...) Os Estados iriam pensar em se livrar da tirania. Mesmo com a Monarchia bas tava que se votasse a separação das provincias, dando-se elasticidade e autonomia às forças locais, para que tal idea ficasse completamente esquecida. As Nações são como uma grande família, cujos membros constituem economia própria, vivendo em suas casas, tratando de suas vidas e seus interesses, mas unidos pelo sangue, pela amizade, pelas tradições, pelo interesse common. A união para o interesse geral e a autonomia para o interesse privado, eixos da felicidade pública. Das glórias desse paiz todas as suas provincias compartilharam.²³

Para completar o quadro de defesa do federalismo citam o exemplo norte-americano, onde a guerra de secessão é destacada como um dos pontos que comprovam a eficácia deste sistema, pois caso contrário o sul teria se tornado independente pois tinha totais condições para fazê-lo; segundo o jornal só não o fez porque possuía *espírito patriótico*.

²² A REPÚBLICA. República Federativa. Curityba. 10.dez.1889.p.1.

²³ A REPÚBLICA. Curityba. 07.dez.1889.p.1.

Curiosamente a partir de 1890 o jornal A República muda seu tom em relação à necessidade de permanência de uma ditadura permanente no país e passa a aplaudir a convocação das eleições que impediria a pretensão de *dictadura permanente, cuja idea não passou pelos governantes, mas só estes saberiam o momento para suspender o regime de exceção*²⁴. Benjamin Constant em artigo publicado por este periódico refere-se à ditadura militar como se a mesma não tivesse sido cogitada,

Boatos infames adrede, calculadamente espalhados inventaram qu' o exército pretendia prolongar a ditadura militar. O Exército repele semelhante calúnia. O Governo Provisório não tem si não vehementemente desejo de entregar à constituinte reunida poder que recebeu das mãos da Nação. O sentimento de patriotismo foi que dominou o exército, nunca dominaram os interesses de classe.

Ninguém deseja o funesto predomínio da espada. Usou della simplesmente para garantir a ordem e garantir à Pátria a liberdade. Está marcado o praso da reunião da Assembléia Constituinte; o governo deseja que este dia chegue rapidamente. Pede que não o perturbem na obra da paz; pede a todos os concidadãos sejam dignos da República. Atribuir taes intenções de perpetuidade do poder é o maior insulto que se pode atirar às faces do exército e da armada, que conjunctamente libertaram a Pátria indo socorrer com decisão as aspirações do povo. O governo deseja o mais breve possível pôr termo à sua missão transitória; cada um de seus membros não quer sinão que venha a constituinte e que a Nação seja entregue a quem de direito.²⁵

Aliás a tônica do jornal A República, a partir de então será exatamente a publicação de uma série de artigos em defesa do Exército, o que demonstra uma coerência em relação a anterior propostados republicanos paranaenses pela manutenção da ditadura militar; nestes artigos afirma que o exército *há de triunfar sempre das injustiças e suspeitas apreciações dos invejosos do mando. Elle concorreu com o seu maior*

²⁴ **A REPÚBLICA**. Curityba. A eleição. 07.jan.1890.p

²⁵ CONSTANT, Benjamin. A ditadura militar. In: **A REPÚBLICA**. Curitiba. 23.fev.1890.p.1

contingente para a nossa completa liberdade, e nós devemos senti-lo com gratidão no coração. Fiquem de fóra, em esphera à parte, os que querem perturbar a ordem e tirar o brilho do grande acontecimento de 15 de novembro.²⁶ Percebe-se aqui a linha da defesa feita do exército em completa sinonía com os ideais positivistas que têm a ditadura como benéfica. O mesmo se verifica em artigo de Silva Jardim publicado pelo mesmo periódico,

Saúdo o Exército na vossa terra: porque, para mim o Exército é tudo quanto milita para o bem, pelo progresso, pela ordem e pela liberdade. Por tudo isso militou a vossa terra. General Ministro da Guerra. Saúdo o Exército na vossa pessoa! Exército é o sacrificio obscuro, modesto, soffrendo muita vez a injusta antipathia popular pelo simples facto de ser força e a força ser confundida com o despotismo: Exército esse sacrificio que só espera recompensa da Posteridade: Exército entre nós foi sempre o cidadão soldado civico, escudo que é defesa e não lança que é ataque, garantia da liberdade e da integridade da nossa pátria.

É em nome do povo da minha pátria que eu vos peço que guieis o Exército em ordem a manter a República, vencendo a batalha da intriga, do boato, da calunia, a batalha dos homens sem coração, é em nome do povo da minha pátria que eu vos peço que mantenhaes a pátria unida e forte, ao clarão das instituições republicanas, isto é, da ausência dos privilégios da liberdade na ordem e da autoridade na liberdade.²⁷

Proclamada a República, Vicente Machado criticava a falta de transformações profundas na política paranaense, através do Jornal A República, onde em carta ao Estado do Paraná afirmava,

a inauguração do governo republicano neste Estado, estavam os liberais depose de todas as posições officiaes. Todos, absolutamente todos os cargos policiaes eram exercidos ou não, eram occupados pelos adeptos do partido em cujas mãos a Monarquia agonizou e finou-se. Inaugurou-se o regimem republicano, qual foi a derrubada feita. Uma, duas ou três exonerações, quando muito, não tiveram character partidário absolutamente e apenas foram ditadas por conveniencias publicas do serviço do estado.²⁸

²⁶ A REPÚBLICA. Exército Brasileiro. Curitiba. 26.fev.1890.p.1

²⁷ JARDIM, Silva. Discurso em defesa do exército. in: A REPÚBLICA. Curitiba. 26.fev.1890.p.1.

²⁸ MACHADO, Vicente. Ao Estado do Paraná. In: A REPÚBLICA. Curityba. 02.mar.1890.p.1.

Destacavam os republicanos do período que o Paraná vivia há muito tempo sob o jugo de duas famílias poderosas, espécie de pequenas dymnastias creadas à sombra da grande dymnastia monarchica. O Partido Republicano, nascido há apenas quatro anos combate isto.²⁹

Iniciava-se uma disputa local pelo poder na medida em que o republicanismo consolidara a forma federativa e, pela predominância dos conservadores paulistas no poder, a autonomia dos Esrados parecia ser a única transformação estrutural na política nacional.

Se o Estado do Paraná tinha apenas um terço de seu território ocupado é ilusão acreditar que isto era uma exclusividade deste estado; o Brasil tinha em 1890, quatorze milhões trezentos e trinta e três habitantes e o estado mais populoso era Minas Gerais com 2, 1 milhões. São Paulo tinha apenas 840 mil habitantes e a cidade do Rio de Janeiro era o único grande centro urbano do país, com 522 mil habitantes. Isto demonstra que a caracterização do Paraná como um mero local de passagem e que teria encontrado um desenvolvimento fantástico com a República, não passa de uma construção historiográfica que pretende legitimar a visão que prevalecia desde o final do século passado de que a República era o elemento modernizador da sociedade e que Curitiba teria passado a ser uma grande metrópole a partir de então.

²⁹A REPÚBLICA. Curityba. 21.dez.1889.p.3.

Mas a grande panacéia formada em cima do modelo republicano como a origem fundamental de todo o progresso e moenização do país pode ser atacada pela simples verificação das transformações econômicas ocorridas durante o Segundo Reinado, onde veremos que a abolição do tráfico negreiro foi, de fato, o primeiro fator para o surto de progresso no país, na medida em que o país passa a empregar o dinheiro do tráfico negreiro em outros setores, dinamizando a economia e inserindo o país no capitalismo. É o que afirma Caio Prado Júnior,

A vida comercial se intensifica. As emissões bancárias, de pouco mais de 1.000 contos em 1850, crescem para quase 20.000 em 1854. Três anos depois, o Banco do Brasil tinha elevado esta emissão a mais do dobro. Esta intensa atividade se manifesta nos primeiros grandes empreendimentos materiais do país, todos posteriores a 1850 (...) Assinala-se, portanto este período que se inaugura com a segunda metade do século passado pelos primeiros passos no sentido da modernização do país. Mas, é incontestável que este fato -a abolição do tráfico - constituia vassouada preliminar e indispensável de tal surto de progresso.(...) Desenvolve-se uma parte progressista da burguesia nacional ávida de reformas e cujos interesses estreitamente se vinculam á transformação econômica do país.(...) A evolução política progressista do Império corresponde assim, no terreno econômico, á integração sucessiva do país numa forma produtiva superior: a forma capitalista.³⁰

Isto demonstra que a imagem da República como um sistema de governo que colocaria o país na modernidade não passa de uma cosntrução feita a partir de uma fantástica engenharia política, montada para intervir sobre o imaginário da população e disseminar a idéia de que o Brasil estava entrando na modernidade graças à Proclamação da República.

³⁰ PRADO JÚNIOR, Caio. **Evolução Política do Brasil**; Colônia e Império. São Paulo: Brasiliense, 1988.p.93-99.

Como destaca José Murilo de Carvalho, o povo assistiu *bestializado* à proclamação da República³¹ e era preciso a partir de agora produzir imagens que consolidassem o sistema e que fizessem com que a população abraçasse tal forma de governo, encarando-o como um avanço natural em uma sociedade em franco desenvolvimento. O próprio jornal republicano afirma em editorial que a nova forma de governo deveria mudar o caráter da população e que para tal era preciso *ciência* e pedem escolas de medicina, agronomia, arquitetura como têm o México e a Argentina.

Imagens são produzidas, heróis são construídos. O governo geral em 1890 cria as datas comemorativas baseadas no sentimento de fraternidade universal; sentimento que não se pode desenvolver convenientemente sem um *systema* de festas públicas que servirão, em última instância para que a população reverencie os mitos republicanos e seus heróis.

Tal reverência aos heróis nacionais e à Pátria também estão em sintonia com os ideais positivistas de Augusto Comte que afirmava, *a arte deve ser a idealização da realidade, a exaltação do lado altruísta e afetivo do ser humano, deve promover o culto cívico da família, da pátria e da humanidade (...)* Sustentado moralmente pela Família e impulsionado pela Pátria, no

³¹CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987

*serviço da Humanidade.*³² Nessa linha chega a propor a construção de um verdadeiro altar cívico.

Por isso a necessidade de construção de heróis nacionais que encarnassem o espírito republicano e vendessem a imagem deste regime como mais evoluído. Tiradentes será o escolhido pelos republicanos como o grande símbolo da Nação, aquele que encarnará as idéias e aspirações coletivas; por isso a figura de Tiradentes irá gradativamente sendo identificada à imagem de Cristo, o que termina com uma representação mística de Tiradentes onde até mesmo as comemorações de 21 de abril passam a ser feitas nos moldes da paixão, morte e ressurreição de Cristo.

Tiradentes acaba sendo o grande herói republicano pelo fato de estabelecer o elo de ligação da República com a Independência e, ao mesmo tempo, por permitir um consequente descarte da figura de D. Pedro I que trazia em si toda a simbologia monárquica, projetando ainda o ideal crescente de liberdade futura. O Jornal A República ainda em 1889 destacava a figura de Tiradentes ao afirmar que *a República se fez, e a República vae se firmar para sempre na livre Pátria de Tiradentes e dos famosos heróis da inconfidência.*³³ Destacam ainda uma subscrição popular feita em Minas Gerais para a estátua de Tiradentes, *o grande vulto da*

³²COMTE, Augusto. in: CÂRVALHO, José Murilo de. **A formação das almas; o imaginário da República no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.p.45.

³³**A REPÚBLICA.** Curitiba. 11.dez. 1889.p.3.

*conjuração mineira, d'essa conjuração que fechou o século passado, lançando sobre o actual, para a nossa Pátria, uma larga projecção de luz (...) Homenagem a quem, subindo ao retábulo foi benemérito precursor da época actual, toda de paz e de progresso.*³⁴

A produção de símbolos e mitos não pára na construção dos heróis da República, mas atinge todos os mais diversos níveis da construção simbólica para atingir o imaginário da população, como é o caso da bandeira republicana, que, inspirada pelo modelo norte-americano de quem o Brasil copiará a forma organizativa federativa, tinha quase a mesma configuração da bandeira dos Estados Unidos, conforme relata A República,

Lê-se na gazeta de Piracicaba: um cavalleiro da capital fez um projecto de bandeira republicana. Ao primeiro golpe de vista, diz a Província, é de muito efeito: descendo-se à analyse notam-se as razões ethnologicas que determinaram seu conjuncto. É feita de listas brancas e pretas longitudinais. À esquerda, no alto, há um pequeno quadro de fundo vermelho no centro do qual está um globo com a figura geographica do Brasil e em cada um dos quatro cantos uma estrela.

Estão ali por conseguinte representadas as três raças: branca, preta e cabocla, e as quatro estrellas do cruzeiro do sul.³⁵

Esta bandeira acabará se transformando na bandeira do estado de São Paulo [ver figura 1. anexos] e o estandarte hasteado no momento da proclamação da República acabou sendo uma outra muito parecida com esta, só que com listas verde e amarelas, cores que simbolizavam a Monarquia portuguesa o que fazia com que a mesma seguisse também os ditames de Augusto Comte que ao falar da criação de símbolos propunha que se

³⁴ **A REPÚBLICA.** O Tiradentes. Curitiba. 07. dez. 1889.p.2.

³⁵ **A REPÚBLICA.** Curitiba. 23.jul. 1888.p.3.

mantivessem elementos anteriores e adicionassem novos elementos que determinariam o avanço conquistado.

Os republicanos vacilaram na escolha da bandeira pois ficavam entre a influência francesa da qual adotaram a *Marselhesa* e a influência norte-americana que cedeu o modelo federativo. A bandeira hasteada no dia da proclamação foi a bandeira feita possivelmente pelos sócios do Clube Republicano Lopes Trovão para a recepção deste líder republicano em seu regresso da Europa, segundo José Murilo de Carvalho. Nela se conservaram, nas faixas horizontais, as cores verde e amarela da bandeira imperial, com o acréscimo de um quadrilátero de fundo negro para homenagear a raça negra, com estrelas bordadas em branco [ver figura 2. anexos].

Curiosamente no mesmo exemplar do Jornal A República em que figurava a notícia da elaboração da bandeira republicana, davam destaque para a volta de Lopes Trovão da Europa, o que demonstra que é possível ter existido uma ligação entre os dois fatos, pois além das duas bandeiras serem muito parecidas, a proximidade do local de produção de ambas e a coincidência das datas reforçam tal indício.

Ainda sobre os símbolos republicanos o Jornal A República destaca a cunhagem de moedas republicanas, *estão sendo gravadas com urgência os cunhos das novas moedas republicanas de ouro, prata, liga de nickel e*

bronze.³⁶ e ainda um chapéu republicano sob inspiração francesa, *acha-se exposto na vitrine dos Srs. Luiz de Mattos e Companhia um chapéu, denominado republicano. Obra difícil e curiosa da casa dos Srs. Ferreira Chaves e Companhia. Traz de um lado o barrete phrigio, feito de um pello mais escuro do que o pello do chapéu.*³⁷

As transformações atingem também o urbanismo e uma série de ruas e praças mudam de nome para se adaptarem às novas condições e exigências políticas, demonstrando por estas trocas de nomes as intenções de atuação sobre o imaginário popular para que a população se acostume com os novos heróis da Pátria e prestem a sua reverência a estes grandes exemplos de patriotismo, de dedicação para com a Nação e, acima de tudo de pessoas que são exemplo de quem luta pelo progresso do país. Em Curitiba a Rua da Imperatriz vira Rua XV de Novembro, a do Imperador, Marechal Deodoro e a Praça D. Pedro II, Tiradentes.

Isto demonstra a preferência dos paranaenses por determinado modelo republicano, ao darem o nome de uma das principais ruas da cidade (ex-rua do Imperador) de Deodoro, o chefe da República e iniciador da ditadura militar proposta pelos republicanos positivistas ortodoxos do estado. Na busca de uma determinação do ponto de origem mudam o nome da rua da Imperatriz para XV de Novembro, lembrando a data da proclamação e

³⁶ **A REPÚBLICA.** As moedas da República. 28. dez. 1889. p.4.

³⁷ **A REPÚBLICA.** Chapéu Republicano. Curitiba. 24. dez. 1889.p.2.

contribuindo com a construção da imagem de Tiradentes como o grande herói da Pátria, dão seu nome à principal praça da capital, a praça da Igreja Matriz, isto já no início de dezembro de 1889.

Aliás na Praça Tiradentes a estátua inaugurada, obra do artista plástico João Turin, será uma das primeiras imagens de Tiradentes que procuram representá-lo como Cristo, de barba e cabelos longos e roupa solta [ver figura 3. anexos]. Não bastasse isso, na mesma praça há a inauguração de um monumento à República, no claro sentido de vincular a imagem de Tiradentes aos ideais republicanos. Neste monumento encontramos em destaque a estátua do positivista Benjamin Constant e, acima do mesmo o símbolo republicano francês: uma estátua da *Marianne*. [ver figura 4. anexos]

Mas a imagem que se tentava construir da República não condizia com os rumos que a mesma tomava, demonstrando que os vícios do antigo sistema ainda permaneciam, ainda que mascarados ou sob outras roupagens. A vitória dos republicanos paulistas moderados e a efetivação de uma República oligárquica com a *degola* dos republicanos históricos demonstrava os rumos que o país tomava. São Paulo assegura a autonomia e vê sua economia em expansão, além da estruturação de uma poderosa força pública que cada vez mais se torna defensora dos interesses da burguesia cafeeira, da qual o próprio estado brasileiro se tornará dependente, o que fica claro com o Convênio de Taubaté em 1906. Minas

Gerais encontra-se fragmentada entre o café, o gado e a indústria, acumulando poder com políticos profissionais enquanto que o Rio Grande do Sul se vê às voltas com os militares que pós Revolução Federalista estabelecerão laços com o Partido Republicano Paulista; mesmo assim os gaúchos ainda tinham o positivismo como ideologia e o protecionismo como política, na medida em que suas atividades se voltavam para o mercado interno.

Este ponto é que estabelece uma possível ligação entre os gaúchos com os paranaenses que têm pontos de interesse comuns à nível econômico, já que reclamavam de um abandono por parte da Monarquia que não dava leis protecionistas ao Estado. Tal abandono permanecerá na República, em particular pela preponderância paulista e pelo fato de que o líder republicano paranaense, Vicente Machado, não ter um bom relacionamento com eles.

Talvez por isso Vicente Machado acabe cedendo e conclamando uma espécie de união pelo Paraná, afirmando que

Convencidos de que o momento actual não é, não deve ser o mais próprio para nele se expandirem os velhos ódios e ressentimentos, entendemos que o melhor propósito seria aquele que tivesse por base uma política largamente conciliadora. Não a conciliação exclusiva com qualquer dos ex-partidos porque isto seria acoroçar a divisão em torno dos mesmos princípios dissolventes que caracterisaram as velhas agremiações partidárias (...) Mas uma conciliação que pudesse abrigar unicamente o sério desejo de reorganizar o Estado e a Pátria.³⁸

O imaginário paranaense deste período de passagem da Monarquia e início da República era embebido de um positivismo exacerbado que dava aos paranaenses uma fé ainda mais inquebrantável no sucesso

³⁸ MACHADO, Vicente. in: A REPÚBLICA. Curitiba. 1. mar. 1890.p.1.

do novo regime e, em particular, na crença em uma modernidade iniciada com o republicanismo, em uma verdadeira panacéia na selva que era o estado na época.

O anticlericalismo presente tanto no pensamento republicano como nos movimentos literários paranaenses, em particular o Simbolismo de Dario Veloso, convergirão para o mesmo ponto de fé na ciência e oposição ao mito que fazia a República, acreditando no ensino laico e na cientificidade como elementos modernizadores da sociedade em oposição a uma visão mística do mundo dada pela Igreja, sustentáculo do falido regime Monárquico.

A nível de imaginário político já não existe mais a figura sagrada do Imperador o que abre espaço para novas construções simbólicas. Pelo forte cunho descentralizador dos republicanos paulistas que formarão a nova elite dirigente do país, o federalismo se consolida e abre espaço para a construção de regionalismos. Além de toda uma engenharia política montada para a construção de uma imagem de República, o federalismo e a descentralização abrem espaço para construção de identidades regionais, a maior parte seguindo a mesma esteira de construção de uma nova idéia de Nação, agora não mais relacionada à questões de Meio e Raça, mas vinculada a uma idéia de ciência e técnica, de modernidade e indústria, de inserção em um novo modelo econômico.

É deste período a construção da identidade regional do Rio Grande do Sul (gauchismo), Minas Gerais

(mineiridade), São Paulo (bandeirantismo) e Paraná (Paranismo), todos seguindo esta linha de fé cega em uma modernidade, em um avanço tecnológico que propiciaria um avanço social nas regiões.

No Paraná tal idéia além de ser incentivada pelo anticlericalismo e pelo positivismo, encontrará respaldo pelo surto econômico que terá sua capital, Curitiba, o que permitirá um reforço aos elogios feitos à técnica e à ciência, acreditando que a partir de então o Paraná entrava na *modernidade*, não tanto por seus avanços científicos, econômicos ou políticos, mas pela construção de uma idéia de sociedade cosmopolita, onde prevalece o império da imagem, do instante e da técnica. Onde a paisagem urbana é construída, o tempo acelerado e a subjetividade ameaçada.

Tal sedução tecnológica fica evidente quando da análise da literatura do período que, de um lado estabelecerá a representação explícita dos artefatos modernos, de novos meios de locomoção e comunicação, da nascente indústria da propaganda e da imprensa empresarial e de outro pela própria transformação da técnica literária do período pelo contato com novos produtos e novos meios.

Estes elementos completarão o quadro de um imaginário político e social de um Estado que se encontrava em construção e que até o momento não possuía sequer a garantia de seu território físico. Esta construção de uma identidade regional para o Paraná seguirá os passos ditados pelo imaginário do

período que, por sua vez, nascerá da combinação destes dois elementos: um imaginário político já visto, onde predomina o republicanismo positivista ortodoxo e um imaginário social que, convergente com a idéia de que a República promoverá a modernização do país, crê piamente em um desenvolvimento técnico e científico e, indo mais além, vê a possibilidade dessa sociedade mais desenvolvida cientificamente gerar uma organização social melhor acabada e mais justa.

II. A IDÉIA DE MODERNIDADE: A SOCIEDADE SE VOLTA PARA O FUTURO

As identidades nacional e regionais são todas impregnadas por uma visão positivista, anticlerical e de elogio à técnica, de onde é possível se retirar a idéia de modernidade da sociedade. No caso paranaense tal idéia estará intimamente relacionada a uma construção de uma sociedade supostamente industrial e projetada para um futuro idílico, onde o estado mostraria a sua força; em relação a sociedade esta passa a respeitar os padrões europeus de civilidade, tentando de todas as formas construir uma modernidade nos trópicos, ou mais precisamente uma idéia de modernidade que se ligará de maneira exemplar ao contexto da época quando a República prometia avanços técnicos e científicos jamais vistos e uma prosperidade até então impossível pelos vícios da Monarquia.

Surgem as Exposições por todo o país, vinculando a idéia de modernidade e progresso com o regime republicano. É nesse sentido o comentário de Francisco Foot Hardman à Exposição Nacional Comemorativa ao Centenário da Abertura dos Portos no Rio de Janeiro em 1908, *a República novíssima suplantava os eventos similares do velho Império em fausto, neoclassicismo e*

*luzes feéricas, era possível detectar representações distintas por parte dos escritores da época.*¹

Cinco anos antes o Paraná em comemoração ao Cinquentenário de sua Emancipação Política, realizava sua Exposição Industrial, refletindo os ideais da época, embora no período a noção de indústria fosse um pouco diversa da atual, o que explica a presença de uma grande quantidade de produtos do setor primário em tais exposições, como trigo, centeio, cevada etc. De fato os produtos mais próximos a uma noção mais atual de bens industrializados eram a vidraçaria, sabões, instrumentos musicais, pregos, couros, aparelhos ortopédicos, fósforos etc. Mas o elogio era realmente à magia das artes mecânicas. Nesta Exposição Industrial, por exemplo, o acesso era dado pela passagem por um *stand* que destacava engrenagens (ver figura 5. anexos).

Existia uma verdadeira montagem de um espetáculo da técnica para as massas onde o que está em destaque são exatamente os novos maquinários. A máquina passa a atrair por si mesma, por seu próprio funcionamento, pela sua engenhosidade e não pelo que é capaz de fazer ou proporcionar. As pessoas que se dirigiam para os espetáculos de cinematógrafos, por exemplo, não iam somente para ver os filmes, mas essencialmente para apreciar a máquina. É o que afirma Flora Sussekind,

Nas exibições do kinetoscópio no Rio em dezembro de 1894, há a descrição do que foi mostrado e uma minuciosa descrição dos aparatos técnicos. Como se tão interessante quanto as fitas fosse o espetáculo dos próprios maquinismos

¹ FOOT HARDMAN, Francisco. **Trem fantasma**; a modernidade na selva. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.p.12.

modernos em ação. O que se via era o próprio aparelho. A técnica era verdadeira atração. Por isso os primeiros anúncios sequer falam dos filmes. O que valia era ressaltar que o novo aparelho tinha aprimoramentos técnicos.²

O funcionamento da máquina representando o avanço tecnológico era o que interessava para a sociedade da época, plenamente mergulhada em uma fé no progresso e na ciência. O funcionamento dessas novas engenhocas fascinava a população e estabelecia uma utopia de uma sociedade que fosse tão perfeita quanto as máquinas.

Mais do que a mera produção destas máquinas ou o registro dos avanços técnicos era importante fazer com que a população apreciasse tais conquistas pois desta forma ela se vincularia a esta idéia de sociedade ideal. Daí o sucesso das exposições que,

iluminam de forma ímpar vários aspectos do otimismo progressista que impregnava a atmosfera da sociedade burguesa em formação. Encontra-se ali expostos o ideal obsessivo do saber enciclopédico e o não menos conhecido europocentrismo, garbosamente fantasiado de cosmopolitismo liberal e altruista. Tais exhibições significaram também uma das primeiras amostras bem sucedidas de cultura de massas, com a montagem de espetáculos populares em que se alternam fascinantemente o mistério de territórios exóticos, a **magia das artes mecânicas** de suas criaturas que se põem em movimento, os símbolos do orgulho nacional e de adoração à Pátria, o simples desejo de entretenimento e, sobretudo, o transe lúdico do fetiche-mercadoria.³

Este otimismo progressista de crença na técnica será marca dos republicanos positivistas que se valem até mesmo do referido saber enciclopédico em sua ânsia para a instituição de uma sociedade fundada na ciência e no saber. Este europocentrismo que ficará evidente até mesmo na tranquila e pacata Curitiba do começo do século onde a moda passa a ser a cópia do europeu. (ver figura 6. anexos)

²SUSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de letras; literatura, técnica e modernização no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.46.

³op. cit. p.37

Os espetáculos da técnica atingem o imaginário popular da época e transformam a sensibilidade do cidadão, fazendo com que o mesmo tenha uma percepção diversa da realidade, agora mais fragmentada, rápida e fugaz. É o que diz Walter Benjamin a respeito de tais inovações, que passam a gerar na população uma percepção *distraída e fragmentária* por parte dos leitores e espectadores. A *recepção através da distração*, que se observa crescentemente em todos os domínios da arte e constitui o sintoma de transformações profundas nas estruturas perceptivas, tem no cinema seu centro privilegiado.⁴

O que está em destaque, portanto, é o espetáculo da técnica, o elogio à máquina que será a marca do período e que, por outro lado, auxiliará na construção de uma identidade tanto nacional como regional, permeadas por estes avanços técnicos.

A técnica deixa seus rastros por todos os lados da sociedade que se constrói neste início do período republicano. A sociedade assiste a ampliação da rede ferroviária, o uso da iluminação elétrica nos teatros, o sistema de tração elétrica nos bondes, os primeiros balões e aeroplanos, o número crescente de automóveis em circulação nas grandes cidades, a fotografia, o cinematógrafo, o fonógrafo, as novas técnicas de registro sonoro, de impressão e reprodução de textos,

⁴BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. in: _____. **Magia e técnica; arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.172

desenhos e a indústria do reclame. Tudo isso mostra os avanços técnicos ligados de forma artificial a ascensão de uma nova forma de governo que tem por lema a ordem e o progresso, que acredita na evolução humana e que produzirá uma nova sociedade.

O imaginário comum da época estava de acordo com a idéia de Max Weber que acreditava que a expulsão do mito da sociedade (anticlericalismo) e a promoção do saber científico geram uma sociedade racional, moderna e mais justa. Mas tal pretensão de que a ciência e a técnica repercutirão em uma nova e perfeita relação social, porque pautada em leis científicas, é, segundo o filósofo alemão Walter Benjamin uma falácia pois estabelece o contrário, cria um mito, o mito do progresso calcado na realidade técnica que pretende uma sociedade tão perfeita quanto a máquina, só não contavam com um elemento complicador: a imprevisibilidade das ações humanas.

Assiste-se à promoção da cultura do espetáculo com as Exposições que tentam refletir todo o ideal de sociedade pretendido e, mais do que isso, tentam fazer com que o espaço público se transforme no espaço das massas o que passa necessariamente pela remodelação do espaço urbano da cidade de Curitiba, construindo a cidade como um verdadeiro palco voltado às apresentações e representações da população disciplinada transformada em espectador e ator deste novo *teatro moderno*, onde o que importa é a constante reverência ao progresso do estado e do país, fruto da

implantação de um novo e eficaz sistema político, mais científico que o anterior.

Em Curitiba a fotografia vira uma panacéia e surgem os primeiros fotógrafos com destaque para João Batista Groff. O observador as olha como se fossem janelas e não imagens pois ele confia nas imagens técnicas tanto quanto confia em seus olhos. Assisti-se um deslumbramento visual com a fotografia que gera até mesmo a subserviência do texto em relação à imagem.

Surgem os cartões postais e os clubes de colecionadores, como o Club Philocartista do Paraná que tem como órgão de divulgação a revista Cartão Postal que faz um rasgado elogio à técnica e uma verdadeira profissão de fé em relação ao progresso já em seu primeiro número, afirmando:

Diariamente fabulosos numeros de cartões ilustrados, a transitarem por todas as paragens do globo. O cartão postal é o elo d'ouro que unira, muito breve, em uma só cadeia, todos os paizes da terra. Diremos que neste século, em perfeito paralelismo à vertiginosa acção evolutiva do progresso, receber um cartão ilustrado sem

emoção, sem experimentar suavissimo frisson assenhorear-lhe as fibras, tangenciando o espirito é ter visto passar o cortejo da civilização, é ter sido le tomar parte; e entretanto, ter-se deixado ficar esquecido e incapaz à margem da luminosa estrada, tão fidalgamente por outrem palmilhada.⁵

Neste trecho da revista percebe-se bem como a idéia de progresso e de técnica caminhavam conjuntamente em uma sociedade que se acreditava em um desenvolvimento sem igual, ou para plagiar as palavras do autor *uma vertiginosa acção evolutiva do progresso*, onde há uma sucessão de termos que passam a mesma idéia, a imagem do progresso.

⁵ CARTÃO POSTAL. Curitiba. 1905. Órgão do Club Philocartista do Paraná. n 1.p.12

O fato é que as coleções de postais se tornam moda, e os jornais e revistas do período encontram-se repletas de anúncios para aqueles que pretendem colecionar as imagens do mundo registradas em um cartão postal que teria sido inventado por um professor alemão de Economia Militar em Neustadt, Emmanuel Hermann, em 1878. O interessante é que os próprios postais do período sempre darão um destaque para os avanços técnicos, afinal nem tudo poderia se tornar a marca de uma sociedade. Se ela se quer evoluída, a marca deve mostrar tais avanços. (ver imagem 7- anexos).

Ainda em Curitiba aparecem as primeiras revistas ilustradas, como a *Galleria Illustrada* de 1888 que destaca em seu primeiro número o fato de *marchar desassombradamente na arena do jornalismo moderno*, com destaque para as transformações que estariam acontecendo no campo da literatura e dos costumes populares. No programa da revista fazem questão de frisar a contribuição feita para o progresso da *nascente* província e como o ponto diferenciador da revista seria o fato da mesma ser um *jornal do typo europeu*, dando aos seus leitores *páginas ilustradas com paisagens, retratos de homens célebres...*⁶

Ainda na mesma linha surge em Curitiba a revista *Cinema* que se caracteriza pelas charges políticas coloridas com críticas mordazes aos parlamentares da

⁶ **GALLERIA ILLUSTRADA.** n.1. ano I. Curityba. 20.nov.1898.Litographia do Commercio.p.2.

época, como a da capa do segundo número que trata do capitão Petrelli às portas do Cemitério para garantir que nenhum morto participe das eleições. Ao lado dele, pulando o muro, uma fila enorme de almas penadas portando sacolas com os nomes dos candidatos: Dr. Dória para deputado; Dr. Lamenha Lins para Senador e Dr. Generoso Marques.

A incipiente indústria do reclame faz também um elogio à técnica e a ciência chegando ao ponto de anunciar até mesmo aparelhos de eletrochoque com o seguinte texto: *Machinas de electricidade para choques. Único aparelho que cura em poucos dias as moléstias nervosas, rheumatismos etc. Maravilhosa descoberta!!! Choques em diversos grãos!*⁷ Com o respectivo desenho do aparelho o que demonstra mais do que a capacidade da propaganda em vender qualquer produto, a fé nos aparelhos técnicos e científicos.

Mas não só as revistas refletiam esta nova maneira de ver o mundo, o próprio espaço urbano sentia a modernidade em suas ruas. Como disse João do Rio, os *inventos pretendem apressar os atos da vida; encher o tempo para chegar antes dele.*⁸ Parece que nesta frase João do Rio conseguiu sintetizar o ideal moderno que ocupava as ruas das cidades brasileiras, se bem que é preciso levar em consideração que o Rio de Janeiro era

⁷ **CINEMA**. anno I. n 2. Coritiba.30.jan.1909.p.3.

⁸ RIO. João do. Correspondência de uma estação de cura. São Paulo:Scipione, 1992.p.85.

à época praticamente a única grande cidade do país, mas tal espírito *modernizante* irá afetar todos os cantos do país. A supressão de distâncias antes inimagináveis agora era facilitada pelos novos meios de locomoção. Disto resulta até mesmo um melhor controle sobre o tempo. Automóveis, bondes, trens, davam aos objetos cotidianos contornos meio mágicos.

Até mesmo o fonógrafo e o cinematógrafo contribuíam para o encurtamento das distâncias pois um trazia para perto as vozes distantes e o outro as imagens. Daí parte de seu sucesso.

A nascente indústria da propaganda traz para as ruas cartazes, panfletos e painéis pintados para anunciar os novos produtos, sempre apresentados como curiosidades, como objetos especiais.

Esta *indústria da propaganda* reflete a sua preocupação com a fachada, o que é evidenciado pelo surgimento do chamado *homem-sanduíche* que porta dois cartazes de propaganda às costas e à frente pois a palavra de ordem da modernidade é exhibir, tornar público, desde a cidade em que se vive (volta-se aos cartões postais) à própria figura.

A própria forma de se representar o tempo se modifica, agora visto como um movimento o que faz com que ocorra uma aceleração no ritmo urbano, uma das marcas da modernidade.

Mas o que na realidade importa à esta sociedade é a imagem. Os avanços técnicos não foram tão absolutos e definitivos, em particular na retraída Curitiba onde

havia uma carência de energia elétrica, instalações precárias, incêndios (como o que destruiu a grande maioria dos filmes e fotos de João Baptista Groff) etc. O importante era não retratar a realidade, mas construir uma imagem do real que, por sua força simbólica, se tornaria mais forte que o próprio real. O mundo se converte em imagem, produzida tecnicamente e a história se transforma em uma coleção de instantâneos, como se faz com a construção da memória individual através do acúmulo de fotografias e imagens.

Cria-se a partir de todos estes elementos um outro mundo, des-historicizado e fora das coordenadas reconhecíveis pois o que importa é a imagem produzida tecnicamente e sua potencialidade simbólica; imagem crida pelos construtores da República e da identidade cultural do Paraná, onde com o desenvolvimento técnico a cidade de Curitiba assiste atônita ao aparecimento de bondes elétricos, da iluminação elétrica dos teatros, do fonógrafo, do cinematógrafo, dos balões, a passagem do Hindenburg (Zeppelin alemão), o aparecimento da fotografia e dos colecionadores dos cartões postais, a imprensa como uma empresa sofisticada e com novos recursos para a reprodução técnica, as Exposições que destacam a máquina e o desenvolvimento científico e levam a população a prestar reverência às mesmas. Os carros pelas ruas, os cartazes, as propagandas, enfim, a produção de um mundo de imagens que compõe um macabro espetáculo do maquinismo moderno, elaborando um elogio da técnica e da ciência.

Entender a construção desta idéia de modernidade nos trópicos, e em particular em uma parcela tão atrasada deles como era o caso paranaense nos dá pistas para a compreensão da sociedade produzida por este determinado período histórico, onde se acreditava na ciência contra o mito e, a partir disto se produzia um novo mito, o de que os avanços técnicos refletiriam na construção de novas relações sociais.

A partir daqui é possível compreender a base cultural e de imaginário com a qual trabalha o chamado Movimento Paranista que será o responsável pela construção de uma identidade cultural para o Estado do Paraná; identidade esta impregnada por estes valores científicos e de fé em um novo sistema político que acaba orientando a sociedade para o futuro, um futuro mítico e perfeito.

III. O MOVIMENTO PARANISTA

O federalismo republicano e seu caráter descentralizador permitem, portanto a construção de identidades regionais ao mesmo tempo que exigem a construção de uma nova idéia de Nação com base na fé cega no progresso e na ciência, na técnica e na expulsão do mito da sociedade. Não mais se recorre ao meio e à raça para a construção de uma idéia de Nação, mas para a superação da Monarquia era preciso lançar as bases de uma identidade impregnada pela imagem de progresso, ciência e técnica.

Estas características estarão presentes também na construção da identidade regional para o Estado do Paraná que, além destes pontos contará com certas características específicas em termos de imaginário como foi visto nos dois itens anteriores.

Seu positivismo exacerbado defendido tanto pelos republicanos paranaenses como pelos literatos do estado, em particular pelo Movimento Simbolista, do qual o Paraná será precursor em termos de Brasil, farão com que a crença em uma sociedade superior com a República seja ainda mais forte entre seus habitantes.

Seu anticlericalismo, também marca profunda tanto dos políticos como dos intelectuais paranaenses, de novo incluindo os simbolistas, também contribuirá para esta visão científica e laica da sociedade, em oposição ao mito e à Monarquia decadente; acreditavam que um dos elementos principais do atraso da sociedade

era a vinculação entre o Estado e a Igreja e, em particular a existência de um ensino religioso. Não sem motivo, neste período da I República realizar-se-á em Curitiba a I Conferência Nacional de Educação (1927) que terá como ponto central a discussão das bases de um ensino não religioso. Aliás, a preocupação com a educação parece ter sido uma das bases do pensamento dos paranaenses do período que, ao menos em seus discursos colocavam a necessidade de uma ampliação do setor como elemento fundamental para uma transformação da sociedade, onde vinculam a apreensão do saber científico nas escolas a uma superação da fase mítica da sociedade.

Ao mesmo tempo que estes elementos davam a base de pensamento para a sociedade paranaense da época, a cidade de Curitiba experimentava um surto econômico em função da erva mate e iniciava seus tímidos passos rumo a uma ordenação do espaço urbano.

A cidade se modernizava. Nela surgiam jornais e revistas com um recurso gráfico de primeira linha, a cidade assiste o lançamento de Revistas Ilustradas, a inauguração da iluminação pública, os bondes, a passagem de dirigíveis como o Hindenburg, a criação da primeira universidade do país em 1912, o surgimento de cinematógrafos como o que se configurava como a principal atração do parque de diversões Coliseu.

Apareciam os primeiros fotógrafos como João Baptista Groff que, além disso também fará parte da primeira geração de cineastas paranaenses sendo o

primeiro a filmar as *riquezas* do Estado como as cataratas do Iguaçu, a febre dos colecionadores de postais, o footing na Rua XV de Novembro, as confeitarias, os primeiros historiadores como Romário Martins, uma geração inicial de pintores, a estatuamania que toma conta da cidade, a pavimentação das ruas, o melhoramento das praças, o surgimento de uma incipiente indústria do reclame, as Exposições, enfim, uma série de elementos que auxiliaram na construção de uma idéia de modernidade em um local tão distante dos grandes centros e relativamente abandonado pelo Governo central, agora não mais pelo descaso da Administração Pública Monárquica, mas em virtude da ascensão ao poder de uma elite cafeeira paulista que, com seu republicanismo marcadamente federalista, fazia com que a descentralização chegasse a seu ponto máximo pois, desta forma, as províncias com melhores condições teriam vantagens sobre as demais.

Mesmo assim estes elementos citados anteriormente marcarão o imaginário popular neste período da I República e farão com que os paranaenses construam uma identidade regional impregnada de uma forte crença no progresso e no desenvolvimento social, mais precisamente, acreditavam que o país estaria se modernizando e com ele Curitiba e o Paraná.

É neste contexto que assistimos ao surgimento do chamado *Movimento Paranista* que terá como papel central a construção de uma identidade regional para o Estado

do Paraná e que contará com a adesão de intelectuais, artistas, literatos etc.

Este Movimento terá como base as idéias de progresso e ciência e será, inclusive, encabeçado por republicanos positivistas e anticlericais o que coloca-os dentro do contexto acima destacado.

Um dos famosos pontos de encontro dos paranistas será a tenda instalada pelo pintor paranaense João Ghelfi em um velho ateliê que pertencera anteriormente ao fotógrafo Volk e ao pintor Alfredo Andersen, que se situava à rua Marechal Deodoro; além deste local destacam-se as confeitarias como a Confeitaria Esmeralda à rua XV de Novembro e o Café Belas Artes. Nestes locais se encontraram inúmeras vezes os expoentes máximos do Movimento Paranista, em particular artistas plásticos como João Turin, Zaco Paraná e Lange de Morretes. O próprio Lange, em obra não publicada faz um relato da efervescência cultural da época:

Curitiba atravessava uma fase de intensa atividade artística. As exposições individuais e coletivas sucediam-se encontrando por parte da imprensa fartos comentários. Sempre as colunas de todos os jornais editados na Capital estavam abertas para os acontecimentos artísticos: Os redatores escreviam artigos, os repórteres faziam entrevistas, os críticos, estudos pormenorizados. As autoridades prestigiavam com a sua presença empreendimentos. Coincidia que nesses anos a música estava em cartaz. Concertos locais alternavam-se com os de grande virtuosismo vindo de outras plagas e do estrangeiro (...) O povo visitava as exposições, acorria aos concertos e frequentava as conferências.¹

O periódico de divulgação paranista da época, a revista *Ilustração Paranaense*, destacou em todo o seu período de existência (1927-1930), elementos que denotam tal eclosão cultural e econômica. Em suas

¹MORRETES, Lange. *Uma árvore bem brasileira*. Curitiba, 1944.

páginas encontramos flagrantes do *footing* realizado na rua XV de Novembro, onde curiosamente retratavam apenas o passeio de senhoras e crianças. Também encontra-se repleta de relatos sobre o processo de urbanização de Curitiba, como o projeto de urbanismo da rua XV e da Comendador Araújo, a construção da praça do Cemitério Municipal, o calçamento da rua Barão de Antonina até a João Gualberto, os novos telefones e as reformas na Universidade do Paraná, além da Escola Normal. Destacam ainda a inauguração do Palácio Avenida, *considerado o mais luxuoso do paiz, arrendado à Empresa J. Muzzilo e Filhos.*

Curitiba, portanto, crescia, urbanizava-se e passava a ter uma forte atividade cultural propiciada pelo já relatado surto econômico da erva mate, que permitia uma série de avanços destacados pelo já citado periódico paranista como a instalação da Fundação Marumby, da Indústria de Mate Matarazzo, do Frigorífico Matarazzo em Jaguariaíva e da Fábrica de tecidos de Juta São José (fundada pelo paranista Manoel de Macedo), cuja matéria traz a foto da *moderníssima machina para confeccionamento de saccos de viagem.* Ainda, a curiosidade do trabalho feminino é destacado pela revista como *uma orientação acertada, visto que o trabalho sendo leve e demandando cuidado e caprichos especiais, adaptassem à maravilha do temperamento das mulheres operárias,* alertando para o fato de que tais

atitudes revelavam um *grande focco de paranismo da mais pura gemma*.²

O Estado teria à época 1.535 fábricas com 16.723 operários, dentre as quais a maior fábrica de fósforos e as maiores hervateiras da América do Sul.

A pretensão da revista é mostrar que não somente Curitiba experimenta tal desenvolvimento, mas destaca em matérias mensais intituladas *Actualidade Paranaense*, os supostos avanços de todo o Estado. Aponta que a exportação de café, erva-mate e madeira propiciava ao paranaense uma renda per capita de 174\$802 (a terceira do Brasil), em uma região que em 1929 alcançava um milhão de habitantes.

Ainda na linha já citada de destaque para a questão do ensino, ligado ao anticlericalismo local, mostrava que o Paraná era o primeiro lugar na instrução pública do país, com a mais longa ferrovia da América do Sul, além das melhorias no Porto de Paranaguá e a inauguração da Estrada de Ferro de Guarapuava. O periódico chega mesmo a comentar a respeito das primeiras escaladas ao Pico Marumbi.

Toda esta panacéia está ligada ao fato de uma tentativa paranista em construir uma imagem de um Estado em franco desenvolvimento que teria sido propiciado pela República e, particularmente pela superação de uma fase mística da sociedade que agora se

² **ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE**. Curitiba, dez.1927.

tornaria moderna porque pautada nos valores da técnica e da ciência.

Há também um destaque para a ampliação da produção cultural , em particular a partir do final do século passado e início deste, o que para o pintor Theodoro De Bona teria provocado no Estado um movimento de arte moderna anterior ao paulista, apesar de que tal desenvolvimento modernista pode ser detectado tão somente no campo literário que colhia os frutos do Movimento Simbolista.

Mas não há como negar que a cidade de Curitiba carecia dos elementos fundamentais para uma adesão mais profunda ao Modernismo pois a cidade estava longe de ser uma grande metrópole, o que gera, por exemplo um conservadorismo tão grande à nível de artes plásticas.

A pretensão paranista era tentar construir uma idéia de Estado pautada nos valores científicos que permeavam o imaginário da época como foi visto nos dois itens anteriores.

Isto porque na realidade ainda não existia uma idéia de Estado formada pois a centralização monárquica impedia a construção dos regionalismos, na medida em que se impunha um modelo de Nação construída em cima da imagem do Imperador. O Paraná, particularmente caracteriza-se-á por não ter traços específicos o que de um lado resultava em um problema para os paranistas pois muito havia que ser feito para tal construção, mas de outro lado favorecia a construção de uma identidade sem a necessidade de substituição de outras.

Essa incaracterística paranaense era destacada na época pelo jovem Brasil Pinheiro Machado que afirmava,

O Paraná é um Estado typico desses que não tem um traço que faça delles alguma coisa notável, nem geograficamente como a Amazonia, nem pitorescamente como a Bahia ou o Rio Grande do Sul. Sem uma linha vigorosa de história como São Paulo, Minas e Pernambuco, sem uma natureza característica como o Nordeste, sem lendas de primitivismo como Matto Grosso e Goyaz. Dentro do Brasil já principiado o Paraná é um esboço a se iniciar. Falta-lhe o lastro dos séculos. Apesar de ser o estado de futuro mais próximo, forma nessa retaguarda característica de incaracteriscos. (...) eu poderia afirmar sem errar por muito que o paranaense não existe. O paranaense não existe, dentro do complexo brasileiro (...) O Paraná é um estado sem relevo humano. Em toda a história do Paraná nada houve que realmente impressionasse a nacionalidade. Nenhum movimento com sentido consciente mais ou menos profundo. Nenhum homem de Estado. Nenhum sertanista. Nenhum intellectual. Nem ao menos um homem de letras, que saindo delle, representasse o Brasil, como o Maranhão teve Gonçalves Dias, a Bahia Castro Alves, o Ceará José de Alencar e Minas Geraes Affonso Arinos, etc. A historia e a geografia não tiveram forças bastantes para affirmarem o Estado do Paraná. Ella se resumiu na conquista anonyma da terra e na colonisação (iniciativa de fora) sobre a selvageria, a semi-civilisação ou o deserto. E depois da época dos bandeirantes ella dormiu até a immigração estrangeira. O aspecto geografico, de pleno acordo com a historia, é formado de trechos de toda a configuração do Sul do Brasil.³

Destaca ainda o fato do Norte ser um mero prolongamento de São Paulo com o café e a cordilheira cercando a civilização. Tais características geográficas determinaram o fato de o Estado ser conquistado por aqueles que *destruíam* (bandeirantes).

Estes pontos demonstram toda a fragilidade do Estado em termos de construção de uma identidade regional e as várias lacunas precisamente apontadas por Brasil Pinheiro Machado que ressalta a inexistência de uma história vigorosa, de uma natureza característica e de lendas de primitivismo. Essas lacunas serão exatamente as preenchidas pelos paranistas na construção de uma idéia de Estado. Os paranistas construirão uma história regional, lendas de primitivismo e até mesmo uma natureza característica

³MACHADO, Brasil Pinheiro. Instantâneos Paranaenses. **A Ordem**. Rio de Janeiro: fev. 1930. p.9

para a região. Esta será a tarefa deste Movimento com base na ciência, na tecnologia e na fé no progresso.

Por isso os paranistas terão que inventar um Estado que era tão incaracterístico e que mal tinha suas fronteiras geográficas bem delimitadas, irão lançar as bases de uma identidade que passe a fazer com que seus habitantes nutram um mesmo sentimento de pertencimento à terra paranaense.

Para tanto valer-se-ão até mesmo de suas ligações com as instituições governamentais na medida em que o próprio governo paranaense terá interesse em forjar tal identidade. Em 1911 encontramos uma autorização do Executivo do Estado para conceder auxílio de 3:600\$000 ao Instituto Histórico e Geográfico do Paraná para a manutenção e publicação de sua revista⁴, isto para preencher uma das lacunas apontadas por Brasil Pinheiro Machado: a inexistência de uma história vigorosa. Era preciso construir uma história regional que mostrasse o Paraná como um local que possuía uma tradição histórica.

Mas, mais importante que a construção era a divulgação de tais fatos para que a população tomasse ciência e as idéias circulassem . Em virtude disso, um ano depois, em 1912 o Governo Estadual autorizava o auxílio de 3:000\$000 para publicação, na imprensa diária, de propaganda acerca dos progressos do Paraná.⁵

⁴ PARANÁ. Lei n.1206. 19.abr.1911. Leis e Decretos do Estado. APPR.

⁵ PARANÁ. Lei n. 1150. 27.mar. 1912. Leis e Decretos do Estado. APPR.

Vale lembrar que o presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná era o principal líder do *Movimento Paranista*, Romário Martins. Ativo na imprensa local desde a proclamação da República, da qual era ardoroso defensor, Romário Martins que, na imprensa local foi desde tipógrafo do *A República*, auxiliar de redação em 1896 até redator-chefe do *Jornal* em 1930, era extremamente ligado ao pensamento positivista e ao Movimento Simbolista do qual foi colaborador.

Guiado pela necessidade de forjar uma história regional, por sua iniciativa é criado em 1900 o Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, onde a sua principal preocupação em um período de grande imigração era exatamente o de aglutinar todo este xadrez étnico presente no Estado na construção de uma identidade regional para os paranaenses.

Funda inúmeros periódicos, participa de outros tantos, funda o Centro de Estudos, Turismo e Propaganda do Paraná e preside ainda o Conselho Superior de Defesa do Patrimônio Cultural do Paraná para o qual foi eleito como representante da imprensa paranaense. Tal Conselho tinha por objetivo *colaborar como órgão consultivo na defesa do patrimônio cultural do Paraná e no estímulo de toda a atividade intelectual e artística do mesmo Estado com o objetivo de elevar a sua cultura sob todos os pontos de vista*. Aliás a composição deste Conselho era, no mínimo curiosa, pois faziam parte do mesmo um representante da Universidade do Paraná, do ensino

superior estadual, do ensino secundário particular, um jornalista, um pintor de reputação notória, um músico e três personalidades escolhidas pelo Estado de alto e notório saber ⁶.

Em artigo publicado em periódico local, destacavam a atitude de lançar um Conselho neste estilo que se trata de uma instituição necessária e imprescindível à vida de um povo e cuja acção terá forçosamente grande repercussão dentro e fora do estado. Inda mais, o Paraná teve e tem a glória de ter sido o primeiro Estado a crear organização desta natureza.⁷ Cita ainda o fato de Romário Martins ter sido eleito presidente e a participação do deputado Caio Machado, além de convocar todos a participarem das reuniões que aconteciam no Salão Nobre da Escola Normal.

Para tal Conselho Romário Martins elabora suas *Theses Culturaes* onde destaca o *Meio Physico e Vital*, onde se faria um exame da constituição geológica geral do estado e da natureza das terras, uma apreciação do clima, das montanhas, do sistema hidrográfico, da fauna e da flora.

Como outro item, o *Meio Economico* com um estudo dos mercados de consumo, do desenvolvimento da agricultura e da pecuária, da necessidade de uma policultura e da preocupação em desenvolver a

⁶ PARANÁ. Lei n. 38. 31.out.1935. Leis e Decretos do Estado. APPR.

⁷ DIÁRIO DA MANHÃ. Curitiba. 05.mai.1936.p.2.

indústria; o *Meio Social* que estudaria a evolução histórica, política e social do estado e de cada um dos municípios, onde se destaca a formação étnica e o *problema da incorporação social, em nosso meio, do proletariado e estudo da evolução histórica nesse sentido*; além de um *Meio Especialmente Educativo e Intelectual*, onde se verificaria a evolução da instrução pública e particular, primária, secundária, superior e técnica do Estado e dos Municípios; complementado por um *Meio Cívico e Moral*.⁸

Vê-se aqui a preocupação paranista em desenvolver estudos e criar Conselhos no sentido de tentar preencher a falta de uma identidade paranaense e a precariedade da vida cultural, social e política do Estado. Nesse mesmo sentido Romário Martins participa da criação do Conselho de Cultura do Município de Curitiba, conciliando tudo isto com a vida política de deputado.

Estes mesmos paranistas também criarão uma Sociedade de Amigos do Livro, assim caracterizada por um periódico da época, *Sociedade que procurou desde logo arregimentar as nossas energias para um vasto e belo programa de atividade creadora e organizadora. A idéa triunfou. E brotaram os Gedeões, o ousado grupo paranista que logo agiu para sair fóra da esfera*

⁸MARTINS, Romário. **Planos de Theses Culturales para o Paraná**. Caixa Romário Martins. APPR.

puramente doutrinária, onde destacam o lançamento de alguns livros sobre o Paraná.⁹

Como se pode perceber o *Movimento Paranista* terá o sonho de inventar o Paraná, de criar um sentimento de pertencimento a uma terra que até então não possuía sequer a garantia física de seu território. Para tal vai se valer não somente de sua boa relação com o Governo local, mas particularmente terá o apoio e engajamento de toda a intelectualidade paranaense do período, seja ela dos jornalistas, historiadores, poetas, artistas plásticos etc.

Era preciso criar o paranaense, como destacava Brasil Pinheiro Machado. E esta será a tarefa do Movimento Paranista; isto demonstra que a construção de tais identidades regionais não se reduz somente a uma análise simplista que faz com que o mesmo seja visto apenas pela ótica da descentralização republicana que teria dado abertura para os regionalismos, ou a uma simples questão de política oligárquica, onde o mero estudo das *classes dirigentes* daria a resposta à toda e qualquer construção regional, como ocorre comumente nos estudos sobre regionalismos que têm nas palavras oligarquias, coronelismo e mandonismo local as chaves para a compreensão do significado de regional.

A questão central a ser analisada aqui não é uma mera relação política e econômica entre as elites regionais e a construção de uma idéia de Estado, mas

⁹DIÁRIO DA TARDE. Curitiba. 24.ago.1938.cx.Romário Martins. APPR.

sim partir do próprio imaginário da região para poder identificar as bases de construção de uma identidade regional, no caso específico, para o Paraná. Isto só pode ser alcançado se partirmos de uma análise da cultura paranaense deste período da I República, ancorando as manifestações culturais não como meros reflexos de uma dominação econômica.

Por isso o *Movimento Paranista* não pode ser apreendido em toda sua heterogeneidade através de análises como a do marxismo vulgar que trabalha com a dicotomia entre supra e infra estruturas, onde a cultura é encarada como mero reflexo, no campo não material (idéias), da dominação econômica que, mesmo em última instância, é o que determina a produção cultural.

Por este tipo de análise o *Paranismo* não passaria de um reflexo no campo das idéias da dominação efetiva no período republicano pela elite local dirigente que teria assumido, neste período de descentralização política, o controle da máquina do estado.

Esta visão reducionista desqualifica o movimento e simplifica a análise, o que é demonstrado até mesmo por autores de filiação marxista como é o caso de Herbert Marcuse¹⁰ que defende as chamadas verdades transhistóricas da arte e a sua possibilidade de

¹⁰MARCUSE, Herbert. **La dimension esthétique;** pour une critique de l'esthétique marxiste. Paris: Seuil, 1977.

criação de um novo princípio de realidade. Não se trata aqui de defender a autonomia completa das idéias e cair no extremo oposto do materialismo (idealismo), mas sim romper com as dicotomias sujeito/objeto e supra/infraestruturas.

É preciso, por exemplo, seguir os passos de Walter Benjamin que procura descobrir nos elementos (rua, trapeiro, prostituta etc.) o *cristal da história total*, pois para ele tais elementos têm uma estrutura monadária, ou seja, a partir deles é possível avaliar a imagem histórica.

Por isso para estudar o Paraná e Curitiba na Primeira República não é preciso resgatar o contexto econômico do capitalismo monopolista internacional, mas descobrir nos pequenos elementos, como na produção artística paranista, que lapidado pelas análises, produzirá luzes, resgatando a imagem da história e de um determinado passado. Isto porque Benjamin vê a história total enquanto mônada, ou seja, unidade infra-supra estruturas.

O estudo pretendido do *Paranismo* vai por este caminho e quer ver como poetas e artistas plásticos, figuras marginalizadas pela historiografia tradicional, forjarão a identidade cultural para o estado do Paraná e, mais do que isto, produzirão uma idéia de sociedade que fincará profundas raízes no imaginário da população. Identidade e idéias impregnadas de imagens de progresso, civilização, trabalho e ordem, criando padrões de comportamento para a sociedade da época,

constituindo o *tipo ideal paranista*, o paranaense do futuro.

O *Movimento Paranista* surge, portanto, no início do século em uma Curitiba que vive a efervescência cultural propiciada pelo surto econômico da erva-mate e, acima de tudo em uma época que carecia de novas representações políticas e tradições regionais, já que desaparecera a figura do Imperador que congregava em torno de si a Nação e se construía novas identidades.

O Paraná acabara de experimentar a perda de parcela de seu território para Santa Catarina pós contestado por acordos políticos, onde a habilidade política catarinense foi maior, em particular nas negociações e pressões sobre o governo central.

Além disso, o estado, com mais de 2/3 de seu território desocupado, procurava no incentivo à imigração resolver tal problema e povoar seu território o que gerava outras preocupações, particularmente no que diz respeito à construção de uma unidade territorial.

Para tal era preciso *inventar as tradições*. Este é um dos pontos positivos dos debates com Santa Catarina pela parcela territorial perdida pelos paranaenses ; estes, para justificar a sua posse tiveram que se debruçar com maior vigor sobre a história regional. Era preciso criar a identidade paranaense. Este era o objetivo do *movimento paranista*.

Uma das primeiras preocupações de tal movimento se dará em relação ao verdadeiro *xadrez étnico*

presentes no estado pelo incentivo à imigração. O Paraná não era formado somente por *paranaenses*, mas era preciso abarcar toda a heterogeneidade presente no estado para a construção desta identidade cultural.

Por isso o movimento se chamou *Paranista* pois desta forma seria capaz de abarcar todas as culturas presentes em seu território para a construção deste novo Paraná e não se apegaria ao termo nativista na medida em que poucos dos seus componentes eram nascidos no estado.

Segundo seu principal líder, Romário Martins, o termo *paranista* teria surgido espontaneamente no norte do estado onde o poeta Domingos Nascimento teria ido, cuja população local, em sua maioria advinda do interior do estado de São Paulo, o chamara de *paranista* ao invés de *paranaense*, em uma clara analogia ao termo nativista de sua terra de origem, no caso, paulista.

Araci Martins, cronista de *O Dia* fez, em 1946, uma investigação a respeito da origem de tal vocábulo, a partir de um encontro com Jeff, Hilário Rodrigues e Pike-Pake, conhecidos escritores do período, naquela redação, onde a mesma fica em dúvida se ele teria sido criação de Romário Martins ou do poeta Domingos Nascimento. Chegam à conclusão de que a palavra teria sido *inventada* por Domingos Nascimento e que sua significação seria *natural e amigo do Paraná, esforçado pelo seu progresso, prestígio e integridade. Paranista*

*seria o paranaense jacobino e chauvinista destas plagas.*¹¹

O fato é que o termo aparece pela primeira vez em 1906, referindo-se ao natural do Paraná, aquele tomado de amor pelo Estado. Com a mesma significação o termo volta a aparecer em um conto de Waldomiro Silveira intitulado *Desespero de Amor*, que encerra o livro *Os Caboclos* do mesmo autor, publicado em 1915, onde o mesmo aparece em um trecho em que o personagem Chico Só tentava conter um animal (burro) de Guarapuava quando foi aconselhado por seu companheiro que afirmou *Não é por desfazer na sua destreza, seo Chico, mas contanto que este burro paranista vai dar trabalho*¹²; ao final o autor acrescenta a definição de paranista: o natural do Estado do Paraná.

Dentre todas as explicações a respeito do surgimento do vocábulo damos preferência ao relato do próprio Romário Martins,

Quem introduziu esse vocábulo entre nós foi Domingos Nascimento, em 1906, ao regressar de uma viagem ao norte do Estado, onde notara que ninguém os chamava paranaenses e sim paranistas. A palavra nascera ali espontaneamente. A população das nossas terras do setentrão, na sua quase unanimidade, constituída de paulistas, e estes, por natural aproximação com o nome dado aos naturais do seu Estado, designavam os paranaenses de paranistas. Domingos Nascimento, poeta de rara sensibilidade artística, paranaense cem por cento, nativo da terra dos lírios bravos, -viuna palavra não somente a beleza mas também que no sufixo ista encerrava significação de cultor de alguma coisa: - de paranaense devotado, defensor de sua terra por exemplo.¹³

Desde então o próprio Romário Martins confessa sua simpatia pelo termo o que pode ser explicado pelo

¹¹MARTINS, Romário. **Paranística**. A Divulgação. Curitiba. fev. mar.1946.p.90-94.

¹²SILVEIRA, Waldomiro.Desesperode Amor. in: Os caboclos.São Paulo:Monteiro Lobato & Cia, 1920.

¹³MARTINS, Romário. op. cit. p.90-94.

fato do mesmo não encerrar em si nada de nativista o que praticamente excluiria da construção pretendida de uma identidade regional a maior parte da população do estado composta por um verdadeiro xadrez étnico de migrantes e imigrantes das mais diversas partes do Brasil e do exterior. Era preciso agragar todos eles na construção de um Paraná novo e pujante que se projetava agora para o futuro.

Para Romário Martins o termo teria uma sonoridade mais bonita e poderia representar mais que uma simples natividade, que uma identificação de local de nascimento; poderia simbolizar o amor, o sentimento de apego e de afeição que se pudesse ter pelo Paraná. Conotação que o termo passou a ter desde então e que se consolidou através do uso, principalmente após 1927, quando Romário Martins funda o *Centro Paranista*.

Mas o principal era que o termo era mais abrangente que paranaense e suficiente para dar conta do cosmopolitismo do Estado, repleto de imigrantes e migrantes, com costumes e tradições das mais diversas partes do país e do exterior. Por isso não procede o relato de Ruy C. Wachowicz atribuindo a criação do termo a Romário Martins, menos ainda a significação dada por ele à palavra como tendo o sentido oposto de *ádvena*, expressão pejorativa para designar os imigrantes e seus descendentes. O termo teria sido criado para designar a *intellegéntia paranaense luso-brasileira* (...) *cultuadores das tradições*

paranaenses.¹⁴ Mas os equívocos não param por aí, Wachowicz segue e afirma, a partir de sua constatação de que paranista seria um termo nativista dos que lutavam contra a presença do imigrante e que Romário Martins teria previsto a *aculturação, assimilação e, sobretudo, a missigenação de todos os grupos étnicos aportados no Paraná*.¹⁵

A adoção do termo paranista se deveu exatamente pelo fato de poder abarcar o imigrante, ponto central na construção da identidade cultural paranaense, e por se colocar em oposição a uma mera designação do local de nascimento como foi acima relatado por Romário Martins.

Em artigo explicativo a respeito do Centro *Paranista*, Romário Martins explica o que significa o *Paranismo*.

Paranista é todo aquele que tem pelo Paraná uma afeição sincera, e que notavelmente a demonstra em qualquer manifestação de atividade digna, útil à coletividade paranaense. Esta é a acepção em que o neologismo, si é que é neologismo, é tido esse nobre movimento de idéias e iniciativas contidas no Programa Geral do Centro Paranista. (...) Paranista é aquele que em terras do Paraná lavrou um campo, cedeu uma floresta, lançou uma ponte, construiu uma máquina, dirigiu uma fábrica, compoz uma estrofe, pintou um quadro, esculpiu uma estátua, redigiu uma lei liberal, praticou a bondade, iluminou um cérebro, evitou uma injustiça, educou um sentimento, reformou um perverso, escreveu um livro, plantou uma árvore.¹⁶

Nesta caracterização de paranista vemos que Romário Martins procurou projetar o herói paranista para o futuro, para a construção de um Estado que teria um futuro promissor porque habitado por pessoas que

¹⁴ WACHOWICZ, Ruy C. Os ádvenas e os paranistas na obra de Romário Martins. In: **Boletim do DEHIS**. UFPR, 21, p.121

¹⁵ *ibid* *idem*. p.121.

¹⁶ MARTINS, Romário. *Paranística*. In: **A DIVULGAÇÃO**. Curitiba. fev-mar. 1946.p.91.

teriam pela terra paranaense uma afeição sincera e que demonstrariam tal afeição deixando suas marcas concretas no Estado. Para tanto não havia a necessidade de se ter nascido n Paraná, mas somente de fazer algo *digno à coletividade paranaense*, agindo como verdadeiro semeador de um Paraná do futuro.

Esta preocupação se devia como já foi destacado à grande heterogeneidade cultural presente no Paraná. E Romário Martins não demonstra em tal texto qualquer pretensão em aculturar os imigrantes aqui locados, mas apenas quer que os mesmos se engajem na construção de um novo Estado com base no progresso e na ciência. Este é o espírito paranista conforme relata Romário Martins,

Paranismo é o espírito novo, de elação e exaltação, idealizador de um Paraná maior e melhor pelo trabalho, pela ordem, pelo progresso, pela bondade, pela justiça, pela cultura, pela civilização, o ambiente de paz e solidariedade, o brilho e a altura dos ideais, as realizações superiores da inteligência e dos sentimentos. Nós que aqui estamos nos esforçando por fazer germinar e florir e frutificar êsse ideal entre as gentes que estão povoando e afeiçoando aos surtos de uma mior grandeza, êste trecho lindo e dadivoso das terras de nossa Pátria -pretendemos que o paranismo seja a fê constante nas nossas realizações, a confiança no nosso futuro, a ufania do nosso passado, o dinamismo da nossa vitalidade, o heroísmo pacífico do nosso trabalho, a confraternização dos nossos elementos sociais de tôdas as origens, para a formação dêsse espírito de brasilidade que nos há de salvar de nós mesmos. Os Estados cosmopolitas como o nosso, povoados pelas imigrações, vão constituindo sua sociedade por agrupamentos entre si distintos pelas tradições, pelos costumes, pelas tenências espirituais e sentimentais, pelo pensamento e pela linguagem, seguindo os traços característicos de suas origens ancestrais.¹⁷

Neste trecho percebemos como o paranismo acaba projetando a sociedade paranaense para o futuro e como os imigrantes são tidos como elemento fundamental para tal construção. Inclusive Romário Martins prossegue seu relato exatamente destacando que um dos pontos diferenciadores do Paraná em relação ao resto do país seria a presença de imigrantes das mais variadas partes do globo, afirmando inclusive que *um sociólogo teria em*

¹⁷ibid idem. p.91.

*nosso meio um material etnográfico para estudar a diversidade de usos e costumes que fazem da sociedade paranaense a mais cosmopolita do Brasil.*¹⁸ Prossegue afirmando a surpresa que teria um visitante que chegasse a Curitiba pretendendo encontrar na cidade as características gerais das cidades históricas do país, pois apesar de sua colonização ter sido feita por espanhóis, portugueses, índios, negros e mestiços a característica atual era a de uma cidade *cosmopolita*, onde encontraria austriacos, franceses, alemães, húngaros, belgas, suecos, irlandeses, holandeses, russos, dinamarqueses, italianos, polacos, sirios etc. *cujas características não se ajustam em conjunto, mas se agrupam em núcleos distintos.*¹⁹ Isto mostra o fato de que Romário Martins não pretendia uma aculturação dos imigrantes mas, ao contrário, contava com tal heterogeneidade para a construção de uma sociedade com características particulares e especial exatamente por este aspecto diferenciador.

Por isso os paranistas projetam a sociedade para o futuro e sobre ele Romário Martins é explícito. Ele resgata a fala de Cervantes em D. Quixote quando o mesmo afirmava não saber ao certo o que lhe dariam os pincéis e a palheta se uma onça ou uma pessoa, representando a imprevisibilidade do futuro; mas Romário não se contenta com tal insegurança e arrisca

¹⁸ *ibid idem.* p.92.

¹⁹ *ibid idem.* p.92.

um prognóstico, em particular porque a intenção paranista é claramente a de construir uma sociedade de progresso com base na ciência e na técnica, daí afirmar que,

Cremos nós, porém, para a satisfação do nosso amor ao Brasil e ao Paraná, que das matrizes étnicas do paranaense de hoje, não sairá a onça, mas o homem: o paranaense do futuro, com a eugenia de tôdas as raças e com os sentimentos altos e generosos de nossa primeira formação histórica, para pôr a serviço da humanidade tôdas as imensuráveis forças e riquezas naturais de nosso território e realizar o **tipo ideal paranista**, - da vontade realizadora, da cooperação fraternal, da cultura generalizada, da beleza física e moral - de um Paraná erguido no ápice de sua própria grandeza. (...) Nós todos que constituímos a sociedade paranaense, somos os depositários da beleza e da riqueza e os responsáveis pelos destinos desta grande e generosa terra do Paraná. Em nada importam as nossas origens étnicas - o que importa aos interesses do Brasil e da Humanidade, é que a amemos com sinceridade e que irmanados a façamos próspera e feliz. porque é a nossa própria prosperidade e felicidade que assim estaremos edificando - para nós e para todos os que hão de vir.²⁰

A intenção paranista era, portanto, forjar um novo Paraná, um estado com identidade e com características particulares que diferenciassse o povo da terra deste estado do restante do país. Identidade impregnada pelas idéias de ordem e progresso, trabalho e justiça, criado por uma gente trabalhadora, pouco importando sua procedência com tanto que demonstrassem tal afeição realizando algo de concreto nas terras paranaenses; desta forma estariam colaborando não somente com a construção de um Paraná melhor, mas também na criação de uma Nação e até mesmo na difusão de um sentimento de humanidade. Desta forma, para os adeptos de tal Movimento, o termo paranista apresentaria até mesmo um cerne telúrico, de expressão espontânea, sem qualquer resquício de xenofobia, mas que pretenderia abarcar toda a heterogeneidade étnica e cultural do Estado. Este foi o significado dado ao

²⁰ Ibid idem. p.92.

termo por Romário Martins e que acabou por se consolidar pela utilização popular da época, como destaca Edilberto Trevisan,

Como se sabe, através dos tempos, as palavras se transfiguram, mudam de forma, sentido, flexão. No sentido, diminuem de amplitude, especializando-se; ou alargam a abrangência, generalizando-se. Deslizam de uma acepção concreta para uma abstrata. De coisa ou pessoa para estado de espírito. Imperceptível e espontaneamente. Nas palavras como nos símbolos, o supremo agente é o povo, que as pratica e lhes estabelece a função, limites, forma e significado (...) Paranista, termo gentílico para pessoas e coisas relativas ao Paraná, irmão mas não desafeto da palavra paulista, expandiu sua compreensão para amigo do Paraná.²¹

Estava, portanto, lançado o desafio aos paranistas para a construção de um novo Paraná. Era preciso criar a identidade de um estado que até então não tinha garantia sequer de suas fronteiras territoriais. Influenciados pelos ideais positivistas de progresso que marcaram a Primeira República, o Paraná pretendia também entrar na *modernidade* com a urbanização e a proliferação das produções culturais em sua capital. Longe da dependência simbólica em relação ao governo central os paranaenses se dedicam à construção de uma identidade regional, não para entrar em choque com o Governo Central, mas para contribuir na construção da Nação, que em sua idéias federativas seria a soma de suas partes, no caso, de seus estados federados. Construir a imagem do Paraná *progressista* seria, portanto, contribuir para a construção da idéia positivista de Nação.

É neste sentido que surge, em 1927, o *Centro Paranista*, fundado por Romário Martins, reafirmando a acepção do termo como a acima descrita e deixando ainda

²¹TREVISAN, Edilberto. As nascentes do paranismo. In: **GAZETA DO POVO**. Curitiba. 09.jun.1991.p.23.

mais evidente a vontade dos paranistas em construir um novo Paraná e igualmente tentar resolver os problemas de identidade apontados por Brasil Pinheiro Machado. No Programa Geral do Centro Paranista, já em seu primeiro artigo delimita a sua função, qual seja, *promover e estimular todas as iniciativas úteis ao progresso e à civilização do Estado do Paraná.*²² Contribui ainda de forma efetiva para a consolidação do termo paranista como sendo aquele *amigo do Paraná*, abrindo o Centro à todos os núcleos de estudos e de estímulos, destacando como seus fundadores o Instituto Histórico e Geográfico do Paraná e a Sociedade de Agricultura do Paraná. Forma ainda um Conselho Superior Paranista constituído por 21 membros que deverão apreciar a proposta de adesão de novos membros, que deveria ser *justificada pelo candidato ou por membro do Conselho, com razões que demonstrem se tratar de pessoas que hajam prestado serviço de relevante utilidade ao progresso e à civilização paranaense, em qualquer ordem de realização.*²³

O Programa ainda discorria sobre oito teses que seriam fundamentais para o progresso do Paraná e que versavam sobre o meio físico e vital, meio econômico, social, especialmente educativo e intelectual e meio cívico e moral, curiosamente os mesmos pontos

²²MARTINS, Romário. **Programa do Centro Paranista.** In:Boletim do IHGE. p.75.art.1.

²³Ibid idem. p.75.art.8.

defendidos por Romário Martins para o Centro de Defesa do Patrimônio Cultural do Estado anos depois.

O Centro instituía ainda uma espécie de *bureau* de informações gratuitas sobre o quanto interesse ao conhecimento das coisas do Estado, novamente dando destaque à questão de divulgação dos progressos paranaenses. O paranismo deste centro era tão exagerado que, segundo relatos,²⁴ o papel que serviu para a impressão do Programa pela Impressora Paranaense, teria vindo da Fábrica de Papel de Morretes, feito de lírios das margens do rio Nhundiaquara.

O Centro Paranista enviará uma Mensagem ao *Illustre paranista Dr. Affonso Camargo*, onde, além de colocar todas as definições do que é ser paranista e de qual a função da entidade afirmam que

sua eficiencia depende da collaboração de todos os nossos valores sociaes representativos do trabalho, de todos os nossos concidadões capazes de esforços úteis à comunidade. Não queremos a adhesão dos incapazes nem dos egoistas. Elles são os entraves do progresso e da civilização, - o peso morto da humanidade. Também não solicitamos dos nossos concidadãos apenas a cooperação pecuniaria, mas também e sobretudo a collaboração moral, intellectual e civica. Quem não tiver pelo Paraná uma sincera affeição e não fôr capaz de um esforço pelo seu progresso, não deve se alistar entre os socios do CENTRO PARANISTA.²⁵

Ao que tudo indica o sr. Affonso Alves de Camargo estava longe de se enquadrar nesta advertência. Além de ser tratado como *illustre paranista* por Romário Martins, que assina a Mensagem pelo Centro, foi ainda brindado com outra obra, a *Conferência Paranista* escrita em 19 de dezembro de 1928 (data do aniversário da Emancipação Política do Paraná) por Affonso

²⁴TREVISAN, Edilberto. op. cit. p.26.

²⁵MARTINS, Romário. **Mensagem do Centro Paranista**. Curitiba, 1927.p.1

Guimarães Correia. Ainda que a obra tivesse o intuito de enaltecer o Paraná e seus símbolos, acaba sendo um rasgado elogio ao sr. Affonso Alves de Camargo, então presidente do Paraná, ao enaltecer seu programa de governo, seu caráter e suas principais obras. Ao citá-las, o autor nos brinda com dados do Paraná da época, sobre o *dinamismo* do estado, sobre a educação e a saúde.

Esta obra traz fotos de Foz do Iguaçu e revela as impressões do autor sobre viagem feita ao Norte do estado, em outubro de 1928, caracterizando as riquezas daquelas plagas chamando-a de terra do ouro (verde, branco e vermelho). Mas o destaque mesmo fica por conta de sua impressionante *Oração Paranista* que, embora um pouco extensa, face sua peculiaridade, resolvemos reproduzi-la

FAÇAMOS TODOS OS DIAS ORAÇÃO PARANISTA

GIGANTE adormecido!

-As serras, as chapadas, os campos, as matas do PARANÁ!

Ondas de calor; rajadas de frio!

Oh! Riqueza incomparável da fauna paranaense!!!

CHANAAN que nos torna envaidecidos, PARANÁ!

Gemmas admiráveis do Tybagy!!!

do Peixe!!!

carvão de pedra!!!

Sete- Quedas!

Saltos de Santa Maria do Iguassú!!!

Oh! PARANÁ

incompreendido nas victorias econômicas do amanhã!

Polycultura! -O PÃO NOSSO DE CADA DIA-

- recolhido o grão de ao pé da casa; trazido ou do secco ou do banhado o arroz fumegante em nossas mesas, mas, dalli, do nosso alqueire de chão! Centeio, cevada num quartel de enfrente!...

Em Ponta Grossa as ruínas de Villa Velha!

Na Serra o Véu da Noiva, o Marumby da Serra!

Lindas sem igual nossas praias, Ilha do Mel!

Bregetuba!

Para as bandas de Guaratuba!

E a tranquilidade de Guarakessaba!

Havera porventura, mais dadivosos mares de que os mares do PARANÁ !

Que abundância, que variedade de pescados!!!

...os galhos estralejam cobertos pelo vermelho brilhante,

- gottas muito grandes de sangue, da rubiácea preciosa. Nevadas paranaenses,

-sendal suíço,

-as maçãs em flocos de ouro branco enriquecem o patrimônio explorado;

- é a malvácea, o algodão, oriundo das zonas equatoraeas, as capsulas rompidas esperando a colheita em cargas fortes!

Palmeiras em leque e coqueiros em affagos soberbos com specimens de musáceas, como num despudor que alegre, vemos fructificando numa leira unica as ameixas do Canadá, azeitonas Delvas de Sevilha, os kakis do Japão, maçãs norte americanas, nesperas d'Italia,- numa palissada ao lado, finas, succulentas uvas da França.

Tudo assim, na TERRA DAS MARAVILHAS, neste PARANÁ, das moças bonitas, das mulheres mais lindas do mundo!!!

É o despertar de GOLIATIS!²⁶

Esta *Oração Paranista* mostra todo o ufanismo característico do Movimento e destaca as riquezas do Estado, em particular no que se refere às belezas naturais tidas pelos paranistas como elemento central que possibilitaria o progresso do Estado. As fantásticas riquezas destacadas pelo autor em

²⁶ CORREIA, Affonso G. **Conferência Paranista**. Curitiba, 1928.p.33-34.

praticamente todo o território mostrariam a possibilidade de construção de um futuro promissor para a região.

Difícil seria fazer tal oração, seja pela impossibilidade de decorar seus termos, seja pelo seu tamanho ou pela adoção de palavras pouco usuais. O progresso natural da terra do Paraná seria propiciado pelas peculiaridades que ela teria em termos de recursos naturais que a caracterizaria como verdadeiro paraíso terrestre. Segundo Romário Martins, a *situação geográfica torna-o o Paraíso do Brasil na phrase elegante de Sait- Hilaire*²⁷

Na mesma linha de um elogio aos recursos naturais do Estado, Alcides Munhoz o chama de *Nova Canaã*, como se o Paraná fosse a Terra Prometida, onde os elementos geográficos e naturais determinariam tal característica, onde chegam ao ponto de definir o clima paranaense como sendo de zona *temperada doce*, segundo o Observatório Nacional e sua divisão climática, salientando a existência de um clima *saudável e ameno* na região.²⁸

O papel do *Movimento Paranista* será, portanto, o de forjar uma identidade regional, com base nos ideais de progresso e ciência, em uma construção absolutamente ufanista que fará o elogio da terra paranaense, seja

²⁷MARTINS, Romário. In: SZVARÇA, Décio Roberto. **O forjador**; ruínas de um mito; Romário Martins (1893-1944). Dissertação, Mestrado. UFPR. Curitiba, 1993.p.21.

²⁸ver: SZVARÇA, Décio Roberto. A terra. in: op. cit.

identificando sua geografia como o Paraíso Terrestre, seja na promoção dos heróis estaduais que tentam criar um exemplo didático para a população.

Era preciso também contribuir para a criação do ponto zero da sociedade, seja na elaboração de mitos indígenas, na promoção dos avanços técnicos, nas Exposições realizadas pelo Estado e na urbanização da cidade de Curitiba que conhecerá um novo traçado destinado aos espetáculos modernos, onde as massas ritualizadas se transformarão em atores e espectadores em cultos públicos aos grandes heróis da Pátria e do Estado (símbolos do progresso) e aos maquinismos que se tornarão o fantástico exemplo de perfeição científica nos quais se espelhará a sociedade.

Para tal construção o Movimento se valerá da adesão de artistas, intelectuais, da vanguarda cultural da época para a criação de uma identidade que tivesse reflexo na população para que não caísse no vazio. Por isso a importância da análise anterior dos elementos que compunham o imaginário popular nesta passagem da Monarquia para a República, onde destaca-se a presença de um marcante pensamento positivista, anticlerical e de culto à ciência e à técnica; elementos que darão uma espécie de *pano de fundo* para a construção paranista para que a mesma se coloque em sintonia com as idéias da época.

Para tal era preciso buscar uma tradição que tivesse eficácia ritual e simbólica e que ao mesmo tempo se encaixasse no ideal modernizante dos

paranistas, o que exige toda uma reformulação do passado ou, no caso paranaense, na construção de um passado já que até a questão do Contestado a história regional não fazia parte das preocupações locais.

Esta passado elaborado pelos paranistas seria agora positivado e ligado artificialmente com o presente que se pretendia construir de um Paraná de progresso e força, tipicamente seguindo os moldes de uma historiografia historicista, onde a temporalidade é estabelecida por uma linha artificial de continuidade que une passado-presente-futuro.

O passado construído e seus heróis serviriam de apoio e de força pedagógica a um presente que se pretendia construir de um estado que estaria crescendo e se fortalecendo. Mas pela fragilidade de uma herança histórica, os paranistas teriam que recorrer a outros artifícios para a construção desta identidade regional.

Daí a importância central da produção artística que procurara atingir os corações dos paranaenses e levá-los a demonstrar a demonstrar todo seu *afeto* ao Paraná; da mesma forma se valeram das lendas indígenas para suprir a falta de exemplos a serem seguidos na sua História e ainda projetaram seu tipo *ideal* para o futuro como sendo aquele que *semeia* o Paraná do futuro e, desta forma possível de ser identificado com qualquer habitante do estado (vale lembrar a definição de paranista feita anteriormente por Romário Martins).

Por toda esta complexidade desta verdadeira engenharia política na construção de um imaginário comum, é preciso verificar as formas pelas quais os paranistas se dedicarão a esta construção, seja através do discurso histórico ou da literatura com a recuperação do indígena feita por Romário Martins, não aos moldes de José de Alencar ou Gonçalves Dias, mas com o objetivo preciso de construir uma linha de continuidade com base nos contos que auxiliariam os paranistas na produção de um *mito de origem* para a sociedade paranaense, carente, como destacava Brasil Pinheiro Machado de uma linha vigorosa de história.

A análise do *Movimento Paranista* nos revela, portanto, não somente uma forma de construção de uma identidade cultural para o Estado do Paraná, o que por si só já seria relevante ao estudo da História das Idéias, mas também nos oferece um fantástico campo de investigações sobre as perspectivas e possibilidades da arte, sobre a relação da estética com a ética e com a política, sobre a disciplinarização e ordenação do espaço urbano e, principalmente, sobre a questão da História, da memória e da tradição.

A questão central é ver como os paranistas lutarão para forjar a identidade cultural de um Estado em um momento particular de sua história, exatamente quando a descentralização política do federalismo se abatia sobre a Nação e quando a idéia de progresso mais marcava o imaginário político local, com um anticlericalismo, positivismo e cientificismo como

marcas particulares do republicanismo paranaense; analisar de que maneira os paranistas lutarão para a construção de um novo Estado, com base no progresso, na ordem, no trabalho e no conceito de civilização, instituindo um padrão de comportamento para a sociedade da época, no intuito de construir um *paranaense do futuro*, aquele que *tem uma afeição sincera por sua terra e a demonstra em qualquer atividade que deixe no Estado alguma marca*.

Imaginário político, idéias de progresso e ciência; imagens, símbolos e representações que nos dão pistas para compreender melhor o Paraná da I República, um Estado em construção.

II - A ESCRITA DA HISTÓRIA E A CONSTRUÇÃO DO PASSADO

Um dos campos privilegiados para a construção de uma identidade regional será a construção de um discurso histórico para o Estado do Paraná, a busca de um ponto zero que faça com que a população se identifique com um passado comum. Era preciso forjar as tradições paranaenses e a historiografia será um dos instrumentos para tal construção.

A utopia paranista passava pela *invenção das tradições*, nas palavras de Eric Hobsbawn,

Por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição o que implica automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.¹

A intenção era criar uma continuidade artificial com o passado histórico que é tomado como referência; estabelecem o próprio passado através de repetição. O autor alerta o fato da tradição ser diversa do costume pois o uso prático deve ser abandonado para que os objetos e as práticas se liberem para a utilização simbólica e ritual.

Os paranistas terão como pretensão exatamente o fato de construir as tradições, inventar as tradições de um Estado que até então era tão incaracterístico. Para tal se valerão da literatura com a construção de mitos indígenas e da histórica que, com seu discurso

¹HOBSBAWM, Eric. & RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.p.9.

científico, construirá um passado que será imposto à população da época e se consolidará.

O discurso histórico tinha a função de fazer com que a inovação se revestisse de um caráter de antiguidade o que produz uma certa *aura* que legitima as instituições, no caso, as instituições republicanas que não tinham uma identificação com o imaginário popular local, e que careciam de uma certa antiguidade.

Mas no caso específico da construção de uma História do Paraná, o propósito principal era a socialização, a inculcação de idéias, sistemas de valores e padrões de comportamento que visavam forjar uma identidade paranaense, fundada na elaboração de um passado que seria positivado e ligado ao passado e que, mais do que isto, segundo os métodos historicistas, projetar a sociedade para o futuro.

Da mesma forma como Hobsbawm cita a necessidade de construção dos americanos, existe a exigência de construção dos paranaenses, com a produção de uma história regional.

Os paranistas vão elaborar um discurso histórico marcado pelas influências positivistas e historicistas. Uma história marcada por grandes heróis e pela ligação mecânica entre passado e presente. Isto faz com que os paranistas lutem pela invenção das tradições do Paraná da Primeira República, seguindo o conselho de Claude

Langlois, e fazendo do passado *tábula rasa* instituindo a ditadura do presente.²

Desta forma estes intelectuais consolariam um passado construído por eles para a justificação desta construção regional efetivada no presente, pretendendo ter o poder do Grande Irmão da obra ficcional de George Orwell, 1984,³ onde quem controla o presente controla o passado: e quem controla o passado controla o futuro.

O passado construído pelos paranistas, como não podia deixar de ser, privilegiava a história política encontrada nos documentos oficiais, tentando impor tal visão ao presente que seria, necessariamente fruto de uma continuidade com este passado *glorioso*. Criando estereótipos e fabricando heróis com os grandes personagens históricos, os paranistas pretendem legar um exemplo à população.

A força pedagógica dos heróis e sua construção ficam claras na análise da construção da imagem do primeiro grande herói paranaense, o Coronel João Gualberto, morto na guerra do Contestado e cujo funeral se caracteriza por ser a maior festa cívica regional realizada até então (1912), mesmo existindo dúvidas a respeito do corpo a ser sepultado (não se tinha certeza se era ou não João Gualberto) e do funeral acontecer mais de duas semanas após a morte do herói. Mas o

²LANGLOIS, Claude. Les dérives vendéennes de l'imaginaire révolutionnaire. *Annales ESC*, 3 (1988):771-97 p.9.

³ORWELL, George. *Nineteen eighty-four*. London: Everyman's Library. 1992.

coronel, que morreu **pelo Paraná e pela República**, teve todas as honras possíveis e imagináveis que contaram até mesmo com carruagens ornadas à Luís XV. Este herói deveria ser reverenciado pela população pelo exemplo que deu, não de vida, mas de morte; afinal o herói ensina como morrer...

Assim como o grande herói Tiradentes foi forjado pelos republicanos como aquele que encerra os valores morais e cívicos da Nação, assim João Gualberto foi o paranaense exemplar. Ambos souberam morrer pelos ideais que poderiam não estar muito claros para eles, mas que com certeza serão eficazmente fabricados a posteriori, por uma verdadeira engenharia política.

No caso de Tiradentes a facilidade de inserção de idéias em suas propostas deu-se até mesmo pelo fato da Inconfidência Mineira não ter um projeto claro e popular de independência, por se vincular a uma proposta elitista de República, onde Tiradentes dará o exemplo de resignação na morte que facilitará a vinculação de sua figura com Jesus Cristo.

Já João Gualberto se encaixará perfeitamente em todos os ideais paranistas pois sua morte está vinculada a um importante fato histórico da República brasileira, no caso à Guerra do Contestado que, mais que uma simples disputa de terras entre o Paraná e Santa Catarina, significou a luta dos sertanejos abandonados por uma República liberal contra tal situação, nos moldes de Canudos.

Os jornais curitibanos da época já destacavam a invasão das terras como obra de *fanáticos* e fazem questão de destacar que tal fato não seria tratado da mesma maneira que no Nordeste,

No Paraná reaparece o monge José Maria - são mandadas forças ao encontro do bando de fanáticos- contrastes: o que se faz ao sul é o que não se faz ao Norte. Possível invasão de municípios prósperos do Paraná e Santa Catarina por hordas de fanáticos.⁴

As primeiras notícias eram alarmantes e destacam a ação do Governo paranaense no sentido de um restabelecimento imediato da ordem, o que não acontecia no Norte onde os cangaceiros teriam total liberdade e seriam usados até mesmo como *recurso eleitoral*.

Em matéria transcrita do Jornal *A Tribuna* do Rio de Janeiro, o jornal paranaense *Diário da Tarde* assim destaca o caso,

No sul, felizmente, os processos como se está vendo, vão sendo diferentes (...) chegando a Curitiba a notícia de que um numeroso bando armado se encontrava nas proximidades de Palmas, chefiado pelo pseudo-monge José Maria, o illustre Dr. Carlos Cavalcanti, governador do Paraná, ordenou imediatamente a partida de um contingente policial para enfrentar os fanáticos. Com um efectivo de 300 homens, equipado e municiado com 30.000 cartuchos, 500 mosquetões e 10 metralhadoras sob o commando do digno coronel João Gualberto, o aclamado e esforçado ex-comandante do Tiro Rio Branco, de Curitiba, que a população carioca teve ocasião de applaudir nas ruas desta capital, por onde desfilou garbosamente no tempo do governo do Dr. Nilo Peçanha.

Ao embarque dessa disciplinada força compareceram a alta administração do Estado e grande massa popular, que a victoriaram calorosamente, augurando brilhante e prompto exito na missão de fazer debandar os fanáticos e prender seus cabecilhas.⁵

Já nesta citação podemos perceber qual será a tônica do discurso oficial a respeito deste conflito e, em particular a base para a construção deste primeiro grande herói paranaense. Destaca-se desde o início a agilidade e correção das atitudes paranaenses em combater os fanáticos que invadiram municípios

⁴DIÁRIO DA TARDE. Ainda obra do fanatismo. Curitiba. 20.out.1912.p.1.

⁵ibid. idem.p.1.

prósperos do Estado e, salientam ainda as qualidades de João Gualberto e a presença popular e da administração local a prestigiar a saída das tropas.

Na chegada do Regimento a União da Vitória há o relato de que *na estação aguardava grande massa popular*, de onde o mesmo sairia para Palmas, além de trazer notícias a respeito do Monge José Maria, qualificando-o como bandido e embusteiro.

Mas logo após a chegada ao local em que se instalaram os *fanáticos*, houve um combate entre as tropas de João Gualberto e os sertanejos que finda com a morte do coronel. Há que se destacar aqui até mesmo o fato de que possivelmente a morte de João Gualberto e de outros soldados do Regimento paranaense teria se dado pelo fato do comandante ter cometido um erro tático em relação ao local em que escolheu para o ataque e o momento, mas tais elementos serão completamente banidos do discurso oficial que, inclusive procura colocá-los como boatos desonrosos à memória deste primeiro grande herói do Paraná.

Vemos que nas notícias *filtradas* pelo Governo Federal há um claro paralelo, desde o início, com Canudos, o que leva a um questionamento se estaria ocorrendo um *movimento monarquista* em Santa Catarina. Estas notícias vindas da capital federal são apenas transcritas pelos jornais curitibanos que, em um primeiro momento, se abstêm de tecer comentários a respeito.

Ao enviar representantes para a região, os jornais locais passam a entrevistar pessoas das cidades de Rio Negro sobre o caso e as impressões que se têm são de que estavam assistindo a uma ficção, destacando apenas o fato de alertarem o governador Carlos Cavalcanti a agir com firmeza, pelo medo de uma perda de território.

Até o momento da partida das tropas para o local de combate a tônica dos jornais era de total segurança nos atos do coronel João Gualberto, a tal ponto que, em nenhum momento se tem a clareza de que há um risco de vida por parte daqueles que embarcam para os campos de Irany.

Com a morte de João Gualberto o tom do discurso jornalístico muda, e o próprio termo *fanáticos* já não é mais suficiente para demonstrar a indignação dos paranaenses pelo acontecido. É o que mostra Marilene Weinhardt,

o termo fanáticos já não é suficiente para expressar a indignação dos paranaenses diante da morte do comandante da força pública (...) Transcrevem-se telegramas e votos de pesar, e noticia-se a iniciativa de uma subscrição entre as corporações industriais que trabalham no Estado (...) como auxílio às famílias dos heróicos soldados do Regimento de segurança que foram victimados no Irany. Começa-se a criar um clima de comoção exacerbada, que atingirá seu apogeu alguns dias mais tarde, com a chegada dos despojos do recente herói.⁶

A partir da notícia da morte de João Gualberto é que os jornais de Curitiba passam a correr atrás de maiores informações a respeito do fato, onde passam a

⁶WEINHARDT, Marilene. **Mesmos crimes - Outros discursos**; algumas narrativas sobre o Contestado. Tese. Titulação. Curitiba, 1995.p. 26.

adotar um tom de ataque às *atrocidades* cometidas nos campos do Irany,

A CATASTROPHE NOS CAMPOS DO IRANY

AS DOLOROSAS NOTÍCIAS

OS BANDIDOS, EM NUMERO SUPERIOR A 500 BEM ARMADOS E MONTADOS

O COMBATE - TRISTÍSSIMO RESULTADO

Nunca como nesse momento sangrou dolorosamente o coração paranaense. O mais intenso luto, a mais profunda mágoa, a mais cruciante, desfeve a alma do povo que ama e idolatra este torrão, que idolatra com a mais terna das adorações quantos se lhe votam pela dedicação, pelo trabalho, pelo sacrificio.

Por isso desde pela manhã, o instinto do povo dizia que alguma cousa se passava de grande nas regiões em que nosso Bravo Regimento de Segurança operava.

(...) Não tardou que tivéssemos a noticia official da tremenda catastrophe.

A avançada das forças paranaenses composta de 70 homens, sob o commando do devotado coronel João Gualberto, fora exterminada em combate renhido com a horda de bandidos não em pequeno número, mas montando uma força de 500 homens bem armados e municiados.

O errível choque entre forças numericamente desiguaes em posição determinou horrível mortandade de lado a lado.

Entre os nossos bravos succubiram o brioso militar, o brilhante ornamento do Exército Nacional, Coronel João Gualberto, que heroicamente cahiu sobre a metralhadora que pessoalmente dirigia.

Toda a sociedade paranaense se enluta participando da dor que enconsolavelmente atormenta as familias dos mortos.⁷

Nesta citação percebemos como há já a tentativa de justificar a morte do coronel João Gualberto como sendo fruto de uma attitude heróica, na medida em que combatia cerca de 500 homens, agora não mais qualificados de *fanáticos*, mas de *bandidos*, apoiado somente por 70 homens; e que mesmo com tamanha desigualdade numerica, as mortes ocorreram em grande número de lado a lado. Pela primeira vez o periódico fala em um certo risco que existiria na ida do Regimento para os campos do Irany e qualifica o

⁷DIÁRIO DA TARDE. O combate - tristíssimo resultado. n.4206. Coritiba.23.out.1912.

acontecido como uma verdadeira catástrofe que faria com que todos aqueles que amam o Paraná, todos aqueles que tivessem pelo Estado uma *dedicação, pelo trabalho, pelo sacrifício*, chorassem de profunda mágoa.

Isto porque havia um completo desconhecimento a respeito da situação da morte de João Gualberto, sendo que o único fato tido como pacífico é o da inferioridade numérica. Segundo relatos o coronel teria seguido de Palmas aos campos do Irany com trinta voluntários de onde solicitara reforços e, mesmo sem a presença dos mesmos, teria tentado efetivar o cerco ao monge acreditando que venceria mesmo sem os reforços.

Pedem ainda uma intervenção federal para que possam deter os *bandidos*, salientando ainda o fato de que em luto as escolas suspenderiam suas aulas e o comércio fecharia suas portas.

A partir deste momento há a adoção de um discurso claramente marcado da intanção de construir a imagem de João Gualberto como o grande herói paranaense e, mais do que isso, republicano, que morreu bravamente na luta pelos ideais cívicos contra tropas selvagens e bábaras, lideradas por um suposto monge que teria, inclusive, tombado junto com o *bravo* coronel.

Mas a citação acima ainda não é das mais exageradas, Gastão de Faria em *Os gigantes mortos* afirma,

Elles tombaram na vida para se levantarem na história, depois de terem escripto com o seu sangue a rubra página do heroismo (...) Trava-se a luta. O embate é tremendo. A fuzilaria crepita de lado a lado. Os bandidos, dez vezes superior em numero, bem industriados, fazem circulo em torno do commandante das forças leaes, desferindo certos golpes contra os que lhes antolham os passos. Um grupo de soldados, vendo o heróico chefe em perigo de vida, defendem-no com tamanha bravura, estabelecendo-se, então, a peleja mais encarniçada que imaginar se pode.

O commandante, à maneira de um heroe de lenda, depois de lutar como um leão invencível, é atingido por traiçoeira bala que o prostra no chão, sobre os cadáveres dos que lutaram para salva-lo.

De um lado o bravo Coronel João Gualberto expirava, de outro lado expirava o bandido José Maria, a bandeira esfarrapada dos bandidos ferozes. Estava terminada a luta mais assombrosa que se tem ferido em nosso Estado.⁸

Estavam lançadas as bases para a construção do primeiro grande herói paranaense. Como se pode perceber no discurso do jornalista, mais próximo a um poema épico, as qualidades de João Gualberto são exageradas e seus atos destacados como sendo atitudes heróicas e de uma extrema bravura. Diferente do relato anterior, este já melhor estruturado e planejado começa a abrir terreno para a construção de um mito. Prolongam-se as atitudes heróicas a toda a tropa legalista, da qual o seu comandante é apenas o exemplo melhor acabado.

Alguns dias depois os jornais paranaenses destacavam a figura de João Gualberto como sendo o grande exemplo de herói cívico que não teria medo da morte pois isto seria um requisito fundamental para a sua posição de destaque e como bravo defensor dos mais elevados ideais republicanos. Além disso sempre que podem vinculam os valores de ordem e autoridade às tropas paranaenses e de crime e fanatismo a seus opositores.

A VIDA E OS HEROES - COMO MORREM OS DIGNOS. Perdemos a inolvidável figura de João Gualberto que por seus belos conselhos, que eram ouvidos com todo acatamento; inolvidável para o Paraná e para a República, que ele soube engrandecer com o seu sentimento cívico, mantendo a bravura até a última hora. Os heroes são assim. A vida é nada quando se tem a defender um nome que é symbolo de virtudes cívicas. O bravo João Gualberto o compreendeu.⁹

⁸DIÁRIO DA TARDE. n. 4213. Curitiba. 31.out. 1912.

⁹DIÁRIO DA TARDE. Um exemplo de cultura cívica. Curitiba. 28.out. 1912. p.1.

Apesar de toda esta construção da imagem de João Gualberto, aos poucos o discurso paranaense vai se modificando em relação ao evento do Contestado e seguem-se acusações mútuas entre o Paraná e Santa Catarina, até que em 1914 o Jornal paranaense *Diário da Tarde* tenta uma campanha de pacificação, *pela humanidade*, onde os sertanejos não são mais classificados de *bandidos* como quando da morte do coronel, mas passam a ser identificados como *inconscientes, ignorantes*, o que reflete uma guinada na interpretação, pedindo agora *clemência* aos *ignorantes caboclos*, em uma clara tese paternalista, embora continuem a tecer uma série de críticas ao Governo de Santa Catarina.

Como demonstra a professora Marilene Weinhardt¹⁰ o discurso militar seguirá a mesma linha do discurso jornalístico, ratificando a posição oficial e tentando demonstrar o esforço do Exército para a manutenção da ordem que teria sido subvertida por *milhares de homens desorientados por uma crença aberrante*. Destaca ainda a defesa de uma suposta verdade no discurso militar, onde dos poucos relatos sobre o monge José Maria, destaca-se o seguinte,

Logo ao primeiro embate, a polícia perdia doze homens e os fanáticos outros tantos. O monge, no ardor da peleja, arrancou do seu facão e procurou enfrentar o capitão João Gualberto; este, porém, deu-lhe dois tiros de revólver, um no peito e outro na boca, ao mesmo tempo que, como uma clava, o seu facão vigorosamente descia sobre a cabeça do intrépido capitão. E ambos, o cabecilha dos fanáticos e o chefe da força legal, caíram pesadamente ao chão. O primeiro,

¹⁰WEINHARDT, Marilene. **Mesmos crimes - outros discursos**; algumas narrativas sobre o Contestado. Tese. Titulação. UFPR. Curitiba, 1995.

morto; o segundo, apenas bastante atordoado com a pancada recabida na cabeça. Mas o fanático de nome Deffino Pontes não o deixou com vida por muitos minutos: com seu facão partiu a cabeça do capitão Gualberto.¹¹

Até mesmo alguns textos ficcionais serão produzidos sobre o assunto como *Geração do Deserto* de Guido Wilmar Sassi, onde a mesma luta relatada anteriormente entre o coronel João Gualberto e o monge José Maria é descrita como uma cena cinematográfica, com uma tensão crescente.

Mas seguem-se os relatos jornalísticos na capital paranaense sempre no sentido de exaltar o grande herói morto, como em um texto de Hermelino de Leão que afirma,

O vulto desse bravo e luzido patriota que se foi, pelo espiral do heroísmo, da vida ao Pantheon, ficará gravado no nosso coração como uma urna sempre florida das pétalas da nossa grande saudade. Tombado, embora, nas cochilhas do Itany, em horrível entrevero, João Gualberto restará, na História do Paraná contemporâneo, erecto como um píncaro que emergisse em vasta planície, dominando os annos e admirado pelas gerações sucessivas. João Gualberto nasceu para a nobre missão do civismo: a sua vida foi uma série continua de actos e de iniciativas patrióticas, que o sagraram benemérito; (...) o calor do santo entusiasmo pela Pátria, a fê robusta que nutria pelo futuro do Paraná e pela grandeza do Brasil. João Gualberto era uma alma voltada para a irradiação da glória. (...) O seu feito, atirando-se como um heroe contra hordas barbaras dos desertores da lei, indo buscar a morte onde estivesse a glória, poderia ser um erro de estratégia, como dizem uns, ultrapassando as ordens recebidas, mas foi, indubitavelmente, um rasgo memorável dessa bravura indomita que era característica dos grandes guerreiros. (...) Erros estratégicos! Deixemos ao futuro a missão de reconhecê-los e julgá-los. Morto em combate pela civilização contra o banditismo, pelo prestigio da autoridade paranaense, João Gualberto paira acima da critica, como uma victima da glória e da dedicação ao Paraná. Não foi um triumphador, mas um heroe que morreu (...) sacrificou a existência pelo Paraná, pela lei e pela Ordem, devemos mais que a muda homenagem do bronze, todo o nosso immenso reconhecimento e toda a nossa imperecível saudade.¹²

A consolidação da construção da imagem de João Gualberto como o grande herói paranaense se dará nas festas de seu funeral, onde um verdadeiro ritual cívico será efetivado para que a população possa prestar reverência a este mito paranaense; mas a análise de tal fato será objeto do capítulo final do presente trabalho, onde procuraremos verificar como os

¹¹ d'ASSUMPÇÃO, Herculano Teixeira. In: ibid idem. p.65.

¹² LEÃO, Hermelino de. Da vida ao Pantheon. À brilhante mocidade do Tiro Rio Branco. In: **DIÁRIO DA TARDE**. Curitiba. 29.out.1912.p.1.

paranistas procurarão passar seus ideais para a população através de verdadeiras cerimônias cívicas a céu aberto, onde a massa passa a prestar idolatria aos valores e símbolos da recém criada República e do Paraná.

Mas a produção de heróis não era suficiente para a construção de uma História paranaense e para a produção de uma tradição, era apenas um ponto sob o qual se apoiava toda uma engenharia política de construção de um passado de glórias para o Estado.

Era preciso dotar a terra paranaense de um passado que a mesma carecia e, para tanto os paranistas irão recorrer até mesmo à arqueologia que mostrará a existência de indícios de vida *primitiva* nas terras do Paraná. Como é o caso da notícia da descoberta do *megatherio americano e dos instrumentos paleolithicos* em Porto União da Vitória, no Paraná por Otto Beyer, agricultor alemão. ¹³Ou as matérias sobre as *Pontas de flechas do museu paranaense*, onde destacam que

dos exemplares encontrados em Castro distinguio-se uma ponta de lança de calcedonia cinzenta, com 25 centímetros de comprimento, exibida na Exposição Antropológica Brasileira (Rio de Janeiro 1882) por D. Amélia Machado de Albuquerque, o exemplar mais notável da archeologia brasileira, no seu genero, e atribuido, com outros do mesmo material, embora menores, encontrados no Paraná e em Santa Catarina, a correntes migratórias do interior, talvez das encostas orientais dos planaltos bolivianos, em época remotíssima.¹⁴

A matéria ainda fala das lanças dos povos indígenas que habitavam as terras paranaenses como os Botocudos, Caiguás, Kaingangs, Coroados, Kamés e

¹³ **ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE**. Curityba. abr. 1929.p.23.

¹⁴ **PARANISTA**; revista de divulgação cultural do Paraná. Curitiba. Set.1933.p.19.

outros, o que mostrava que o Paraná seria habitado já há muito tempo, antes mesmo da chegada dos portugueses ou espanhóis à região.

Mas o centro da construção paranista será a produção de um discurso histórico que pretenda demonstrar claramente e de maneira irrefutável, como o Paraná se encontrava em franco desenvolvimento. Voltando ao expoente máximo do *Movimento Paranista*, Romário Martins, o mesmo será responsável pela produção da primeira obra a respeito da História paranaense. É o que destaca o Prof. Brasil Pinheiro Machado,

O que é importante na *História do Paraná* é que foi nessa obra que Romário Martins estabeleceu a temática da história de uma comunidade, lançando as bases de uma história regional. No trabalho dos outros historiadores paranaenses o objeto de estudo é constituído por fatos isolados do seu contexto, no sentido da pesquisa e da reconstituição documentária. (...) Mas a tematização da história coube a Romário Martins, a afirmação de que a história do Paraná, tal como ele o enfoca, é a história de uma comunidade, isto é, de um grupo humano nas suas relações com o meio geográfico(...) Assim, poderíamos dizer que ele fundou a história regional.¹⁵

Como se pode notar pela citação, Romário Martins será praticamente o inaugurador de uma história regional que o mesmo construirá segundo os padrões da época, embora não faça, diferente de outros autores, qualquer relação às questões metodológicas em seu livro.

Vale destacar, também, que o professor Brasil Pinheiro Machado não utiliza o termo *comunidade* de uma maneira aleatória, mas refere-se a um grupo de indivíduos que compartilham determinados valores, que comungam algo, no caso o fato de habitarem a mesma terra; apesar de que há aqui a possibilidade de ligação da palavra com os ideais paranistas, na medida em que a

¹⁵MACHADO, Brasil Pinheiro. A historiografia de Romário Martins na sua História do Paraná. In: Boletim do DEHIS. UFPR, n.21. p.43.

pretensão dos mesmos será exatamente a de que os habitantes do Paraná compartilhem de um sentimento sincero de afeição pela terra.

Logo em seu primeiro capítulo Romário Martins trata do meio físico e afirma, na primeira linha, que o *conjunto de circunstâncias que definem o meio físico de um país, exerce influência, por vezes decisiva, no seu destino. Isso explica este capítulo (O Meio Físico)*¹⁶

A partir daí, Romário Martins faz uma descrição da situação geográfica do Paraná, das baías e dos portos, do litoral, dos rios e dos relevos e dos climas. Passa, então, no segundo capítulo, a um relato sobre a distribuição geográfica das tribos indígenas (tupis, crêns e gês). Em uma clara vinculação a teorias de um determinismo geográfico, o autor afirma explicitamente que *as desigualdades dos grupos humanos derivam da desigual adaptação aos diversos meios*,¹⁷ citando a Geografia Humana e P. Deffontaines.

Mas é somente no terceiro capítulo que o paranista Romário Martins começa a fazer uma introdução à História do Paraná propriamente dita. Intitulado *A Posse da Terra*, este terceiro capítulo é dividido em doze partes que vão desde o *Tratado de Tordesilhas* até uma parte sobre *O litoral e o planalto*, passando pelas questões de limites entre portugueses e espanhóis

¹⁶MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Editora Guaíra, s. data. 3.edição.p.9.

¹⁷ibid idem.p.10-11.

(*Tratado de Madrid, Tratado de Santo Ildefonso e Soluções Posteriores*) até a solução final com o Barão do Rio Branco onde o próprio Romário Martins afirma que *a história do Paraná até a terceira década do século XVII se constitui de dois grandes capítulos da história do domínio ibérico no sul do Novo Mundo*¹⁸

No capítulo quarto, intitulado *Província Indochristã de Guaíra*, Romário trata das reduções jesuíticas em quatro itens que vão desde *As reduções da Companhia de Jesus (1610 - 1628)* até os *Assaltos dos Bandeirantes e Exôdo dos Catecumenos*, destacando a entrada dos jesuítas no território paranaense via Guaíra quando a mesma ainda pertencia às terras paraguaias e onde os religiosos montaram suas Missões. Ainda aqui o autor faz um apanhado de todas as reduções jesuíticas formadas no Estado.

No quinto capítulo, *Caminhos Históricos*, Romário Martins destaca a importância dos caminhos para a formação histórica do Paraná, pela análise do caminho do Peabirú (ou de São Tomé), Caminho Fluvial e Terrestre do Cubatão, Caminhos do Itupava e do Arraial, de Sorocaba a Viamão, a Estrada da Graciosa e a Estrada psrs Mato Grosso, afirmando, por exemplo que o primeiro seria um *caminho précolombiano que se estendia por mais de 200 léguas, da costa de S. Vicente ao Rio Paraná, atravessando os rios Tibagi, Ivaí e Piquirí, por onde os povos indígenas se comunicavam com o mar e com as*

¹⁸ *ibid* *idem*. p.54.

*regiões mais distantes do ocidente. Ao poente do Paraná o caminho prosseguia, atingindo o Perú e a Costa do Pacífico.*¹⁹

No capítulo seis encontramos a descrição geral dos três tipos históricos que compõem a formação étnica do Paraná, intitulado *Fatores Étnicos Fundamentais*, os índios selvagens, o colonizador ibérico e o africano escravizado.

Mas é no sétimo capítulo que Romário Martins começa a construir uma história nos moldes pretendidos pelos paranistas, tratando dos bandeirantes; capítulo intitulado *Bandeiras e Bandeirantes* que trata dos movimentos de ocupação do território paranaense por portugueses desde o século XVI até os mais recentes que de fato passaram a povoar o Paraná. Aqui começam a surgir os primeiros nomes como Cabeza de Vaca, Domingos Irala, Nuflo de Chaves, Rodrigo de Vergara, Ruy Melgarejo, Jerônimo Leitão e Jorge Correia que passaram pela região no século XVI até os de Diogo Pinto de Azevedo, Atanagildo Martins, Joaquim Ferreira dos Santos e Pedro de Siqueira Côrtes classificados pelo autor como os primeiros bandeirantes povoadores do Estado.

Este capítulo nada mais é que uma mera enumeração de nomes de bandeirantes brasileiros, portugueses ou espanhóis e uma espécie de resenha das viagens que os mesmos empreenderam pelo Paraná.

¹⁹ *ibid idem*.p.87.

No oitavo capítulo vemos o relato a respeito das *Origens da Administração Pública*, retratando o sistema das Capitânicas Hereditárias, onde Romário enumera os donatários sob os quais estava de posse o território paranaense, no início da tentativa colonizadora portuguesa na região; aqui há um destaque para a Capitania de Paranaguá e uma explicação do autor sobre a diferença entre os poderes dos donatários e dos sesmeiros, bem como salienta alguns pontos que não seriam tratados da mesma maneira no Norte e no Sul do país em relação a tal sistema administrativo.

Novamente com uma precisa descrição nominal, o autor relata todos os capitães-gerais de Paranaguá, desde Gabriel de Lara até João Rodrigues França; trazendo também a lista nominal dos ouvidores que passaram pelo Estado, seja na sede de Paranaguá (até 1812) ou na de Curitiba (até 1832) que vai de Antonio Alves Lanhas Peixoto, fundador de Desterro (atual Florianópolis) a José Verneque Ribeiro de Aguiar.

No capítulo nono, intitulado *Ciclo da Mineração de Ouro*, vamos encontrar todo um esboço da legislação colonial a respeito da questão da mineração, até chegar nos relatos a respeito da importância deste ciclo para a formação de núcleos povoadores na região sul até o descobrimento de ouro nas Minas Gerais. Esta ocupação foi, para Romário Martins, o principal reflexo da exploração deste metal precioso nesta região, na medida em que não representou de fato grande riqueza para os

exploradores; aqui destaca-se a ocupação do Sertão de Curitiba que é assim descrita,

A esse tempo o povoamento da zona de Curitiba, como ficou dito, existia em forma de acampamentos de garimpeiros que descem das encostas orientais das serranias do Assungui e ocidentais da Serra do Mar. Essa região foi a do berço de Curitiba, berço embalado pela ilusão do ouro durante mais de um século, - região onde a primeira autoridade régia, coordenadora do trabalho, e, por conseguinte, fundadora da sociedade, foi, sem dúvida, Eleodoro d'Ébano Pereira, - o vulto mais antigo e a ação mais distante do povoamento do planalto. Essa região aurífera, conhecida desde o século XVI porém somente explorada no século seguinte. (...) o ouro de lavagem atraía o primeiro grupo de povoadores anônimos do planalto curitibano -os pioneiros, os desbravadores, os criadores, nos seus arraiais, do primeiro esboço de vida social organizada, que os grupos posteriormente vindos, a terminar no dirigido por Mateus Leme em 1662 ou pouco antes, haviam de conduzir para a aclosão política resultante da fundação da Vila em 1693.²⁰

No capítulo dez, *Povoamento do Litoral e do Planalto*, voltamos a analisar a ocupação do território do litoral, vinculado também à mineração do ouro estimulada por Gabriel de Lara, além de retratar as *Origens do Povoamento de Curitiba* e dois relatos, de Ouvidor Pardinho e Saint'Hilaire, sobre a vila.

Parte das informações iniciais dos primeiros povoadores, membros da elite seiscentista do sertão curitibano até a fundação da Vila em 1693, sob iniciativa de Mateus Leme.

No capítulo onze, *Origens da Economia Rural*, define as origens da vida econômica da comunidade paranaense, onde no início do povoamento as atividades se resumiam à mineração e ao pastoreio, com destaque, para esta última atividade, para o Caminho de Viamão e o tropeirismo.

Cita também já neste capítulo a erva-mate, centrada na região oeste (Guaíra); mas a economia mais importante para a ocupação do território paranaense neste período será a criação de gado, segundo ele

²⁰ ibid idem. p.194.

foi o ciclo da criação pastoril que iniciou a vida doméstica, a atividade prática, o estabelecimento da ordem nos nossos turbulentos e instáveis arraiais de mineiradores. Foi a criação o quasi único aspecto tranquilo da nossa cultura; por ela abriram-se as comunicações terrestres iniciadas pela conquista e conservou-se, como ainda hoje se conserva, nas estâncias sertanejas, o verdadeiro ou único tradicionalismo da vida nacional.²¹

A decadência deste verdadeiro *ciclo pastoril*, fundamental para a produção das tradições paranaenses, teria sido provocada pelo *militarismo*, consequência das guerras espanholas no sul do país e tema do capítulo doze, *Militária*, onde comenta os episódios militares que tiveram como palco o Estado do Paraná, seja a defesa da cidade de Paranaguá, a campanha contra Artigas, a Revolução dos Farrapos, a Guerra do Paraguai, a Revolução Federalista e até mesmo a Campanha do Contestado onde, neste último item não foge da tônica dos discursos dos jornalistas (afinal ele próprio era jornalista) ou dos militares do período que escreveram a respeito.

Mas a Campanha do Contestado terá uma importância especial para os paranistas e para o Estado, não somente pelo fato da morte do coronel João Gualberto, o que possibilitou a construção de um *tipo ideal* paranaense com o *herói* que morreu pela República e pelo Paraná contra o fanatismo religioso, marca da Monarquia (o que permitia uma ligação deste movimento com Canudos) ; ou pela perda de parcela do seu território para os catarinenses, onde, inclusive, o representante do Paraná para os debates era Romário Martins.

²¹ *ibid idem.* p.223.

Mas a questão central é que para conseguir subsídios para a defesa do Estado nas questões de limites com os catarinenses, os paranaenses tiveram que se debruçar sobre a sua história, o que vai contribuir de forma eficaz para a construção de um discurso histórico no Estado.

No capítulo treze, *Elevação da Comarca e Província*, destaca outra vez uma série de nomes, desta vez ligados a tentativa de autonomia administrativa e politicado Paraná, desde os *Pioneiros* como Pedro Joaquim de Castro Correia e Sá a João da Silva Machado; elabora também um histórico dos projetos que culminou com a tramitação do projeto de autonomia no Legislativo, aprovado apesar dos protestos de alguns deputados paulistas como Martim Francisco.

Os fatores que contribuíram para a nova configuração étnica do Estado estão presentes no capítulo quatorze, *Novos Fatores Étnicos* onde faz um apanhado da história da imigração no Paraná, onde traz um relato minucioso dos imigrantes que se fixaram nas terras paranaenses, município por município, não sem destacar a observação de Saint'Hilaire a respeito da configuração étnica diversa que teria a cidade de Curitiba, cuja elite seria *isenta de mestiçagem*.

Aqui Romário Martins elabora também toda uma genealogia da ocupação histórica das cidades paranaenses, onde destaca a importância da imigração que daria características particulares e especiais aos paranaenses.

No capítulo XV, trata da *Campanha Abolicionista*, onde novamente faz uma introdução geral onde destaca a história da escravidão no Brasil e depois se debruça sobre a presença negra no Estado, sempre caracterizada pela manipulação dos dados estatísticos como diminuta e em franco desaparecimento. Aqui percebemos a vinculação do autor a um propósito de defender a tese do branqueamento da população do estado como um dos fatores de seu peculiar desenvolvimento, ligando o pequeno aumento do número de negros em relação ao crescimento populacional a uma fragilidade física. Afirma Romário que,

Em 1890, primeiro recenseamento feito sob o regime republicano e último em que se investigou a tonalidade pigmentária dos brasileiros, a população paranaense era de 249.491 habitantes, sendo 5,17 por cento o coeficiente de negros, uma das três menores percentagens dentre as de todos os estados, sendo em São Paulo de 12,97, no Distrito Federal de 26,79 e na Baía de 29,30. (...) O rápido desaparecimento do negro, da população paranaense, é visível nos recenseamentos de 1858 e de 1872, quando o primeiro acusou a existência de 9.000 negros e mulatos (escravos e livres) e o segundo de 10.560. Em 14 anos o aumento foi, apenas, de 1.560 negros e seus mestiços, o que demonstra a pouca proliferação de ambos e a sua curta vida nas altitudes elevadas como as nossas, circunstâncias essas motivadas pela pouca resistência dos órgãos respiratórios dos mulatos.²²

Neste impressionante relato de Romário Martins vemos novamente a influência dos estudos da Geografia em suas formulações históricas e, principalmente o fato de encarar a questão da História paranaense como sendo determinada por uma particular forma de se adaptar e relacionar com o meio físico, pois para ele este era o elemento diferenciador das culturas: a sua maior ou menor capacidade de adaptação ao meio geográfico.

Faz ainda um levantamento do número de escravos por cidade paranaense em 1884 e destaca a presença

²² *ibid* *idem*.p.307.

paranaense entre os abolicionistas , onde cita os liberais que, mesmo contra a vontade dos presidentes da Província (vale lembrar que os presidentes nesta época eram pessoas de confiança do Imperador e não paranaenses), conseguiam uma série de alforrias voluntariamente concedidas. Tenta criar um quadro de uma sociedade paranaense, por natureza defensora da liberdade e engajada na luta emancipadora, com a formação de clubes secretos e entidades que visariam a divulgação dos ideais abolicionistas.

Para finalizar o referido capítulo, o autor constrói um relato sobre as desigualdades das raças humanas , onde destaca a procedência dos negros paranaenses, diferenciando-os dos de outras regiões.

No capítulo dezeseis, *Propaganda Republicana*, nomeia os propagandistas paranaenses de 1871, com destaque para Ubaldino do Amaral, que participou em 1888 da reorganização do Partido Republicano do Município Neutro com Candido Barata e Silva Jardim e para as críticas ao Partido Conservador. Transcreve ainda a ata de fundação do Club Republicano de Curitiba, cita a existência de três jornais republicanos no Estado e volta a fazer uma transcrição, desta vez da ata da Câmara Municipal de Curitiba referente à instalação do governo republicano provisório no Paraná, com a nomeação do Coronel Francisco José Cardoso Junior para Governador do Estado.

No capítulo XVII, *A Organização da Província*, parte da verificação da situação econômica e social da Comarca em 1853, momento da emancipação política da Província paranaense e encerra o capítulo com o *Progresso da Província até 1889*, baseado possivelmente nos relatórios dos presidentes da Província. Faz ainda um apanhado do primeiro governo provincial paranaense, chegando a nominar todos os deputados da primeira Assembléia.

Em termos de pretensões paranistas destaca-se o final deste capítulo, onde encontramos uma visão de um Estado em claro desenvolvimento, não deixando de criticar o atraso do Estado durante o período em que era uma província do sistema monárquico, onde

o cargo de Presidente era ocupado por políticos em trânsito para o Parlamento Nacional e para o ministério. Raro era um desses presidentes demorar-se um ano na administração da Província, e, assim, durante os 35 anos de sua existência no Império teve ela 27 presidentes e 25 vice-presidentes.²³

Apesar disto, paradoxalmente, destaca o fato de uma série de estadistas de *grande relevo nacional* terem ocupado a presidência da Província, como o Conselheiro Zacarias Góes e Vasconcelos.

A partir de então passa a destacar o nome de alguns presidentes e as suas realizações em prol do progresso paranaense, tudo com base nos Relatórios dos Presidentes de Província.

No capítulo dezoito, *Organização do Estado*, Romário Martins trata do início do período republicano no Paraná, com destaque para o telegrama do Marechal

²³ ibid idem. p.334.

Deodoro da Fonseca que destituía o presidente da Província e encarregava o Coronel Cardoso Júnior da *manutenção da ordem*, transcrevendo a resposta do Comandante e afirmando a reação de Liberais (que estavam na presidência da Província com Jesuino Marcondes) e Conservadores, que mantiveram a *calma e a prudência*, sendo que os Conservadores teriam se adaptado melhor ao novo regime ao *engrossarem as fileiras republicanas*.

Passa então a citar os governos provisórios e o primeiro governo legal de Generoso Marques e sua destituição pelo apoio que o mesmo teria dado ao golpe Deodoro, em uma clara consonância com os ideais positivistas paranaenses de manutenção da ditadura republicana em caráter definitivo.

Já neste período se destacava a figura de Vicente Machado como um dos principais líderes do republicanismo paranaense, do qual Romário faz uma biografia que destaca seus valores de estadista e chefe político da política paranaense e de Xavier da Silva, presidente eleito da Província, no período constitucional, em 1892, 1900 e 1908, onde destaca as realizações do mesmo, que teria sido responsável pela construção de todas as melhores estradas do Estado, salvo a Graciosa; introdutor das pontes metálicas na viação, como as do rio Negro e Nhundiaquara; as escolas públicas como o Ginásio Paranaense e a preocupação que tinha com as finanças estaduais.

No capítulo dezenove, *Definição Territorial do Estado*, traça um paralelo entre as questões de limites anteriores, da época da Capitania de São Paulo, passando pelas questões de limite com Santa Catarina até chegar à configuração atual da situação geográfica do Paraná.

Em seu último capítulo, *Administradores Públicos*, novamente faz um esforço para nominar todos os administradores públicos estaduais, desde a Capitania de Itanhaem até 1932.

Nesta obra de fôlego de Romário Martins, qualificada pelo Professor Brasil Pinheiro Machado, como o livro que inaugura a História regional, percebemos algumas preocupações recorrentes que estarão presentes em outros relatos do próprio autor e de outros expoentes paranistas.

A primeira é de fato a de criar uma história regional completa e acabada. Embebido dos ideais positivistas e historicistas, Romário faz uma clara tentativa de estabelecer uma pretensa *História Total*, não no sentido adotado pela escola dos Annales que acreditavam em que *tudo tem uma história*, mas no sentido de pretender uma história que dê toda a visão a respeito dos fatos históricos, o que fica claro na sua obsessão nominativa, onde tenta relatar todos os nomes que tiveram, de certa forma, alguma importância para a história paranaense.

Aqui encontramos outra característica historicista que, de acordo com os paradigmas

tradicionais, acredita que a história diz respeito essencialmente à política pois

História é a política passada: política é a história presente. A política foi admitida para ser essencialmente relacionada ao Estado; em outras palavras, era mais nacional e internacional que regional. (...) A história tradicional oferece uma visão de cima, no sentido de que tem sempre se concentrado nos grandes feitos dos grandes homens, estadistas, generais, ou ocasionalmente eclesiásticos. Ao resto da humanidade foi destinado um papel secundário no drama da história.²⁴

A ligação de Romário Martins com esta pretensão de uma história política é clara em sua obra, onde de fato os grandes sujeitos são os administradores paranaenses, ou no máximo aqueles que contribuíram para a ocupação do território. No caso de Romário, porém ele é o construtor de uma história regional, tão desprezada pela historiografia *rankeana*, mas ao tentar construí-la o autor resgata os valores desta corrente historiográfica, buscando até mesmo recuperar as mais remotas tradições do Estado paranaense e ligá-las, de maneira artificial, a um presente positivado.

Outra característica que vincula Romário Martins a esta corrente é o fato do mesmo se abster em quase todo o seu livro, de tecer comentários a respeito dos fatos, limitando-se, sempre que possível às informações colhidas nos documentos oficiais, como no caso dos relatos que faz dos progressos do Estado, baseando-se nos relatórios dos Presidentes de Província.

Quando cita alguns acontecimentos Romário também não se atreve a qualificá-lo ou a julgá-lo, limita-se a uma descrição, a uma narrativa dos acontecimentos, pois

²⁴BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: _____. (org.) **A escrita da história**; novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. p. 10-12.

a história não seria uma arte, mas uma ciência pura como nos diz Fustel de Coulanges. Aqui vemos novamente a ligação do pensamento de Romário Martins com o imaginário paranaense do período, onde a idéia de ciência era umas das mais fortes e que determinavam toda uma construção baseada em tais valores.

Sob influência das ciências biológicas e tecnológicas, a história tenta também se fazer científica, buscando a verdade dos fatos históricos nos documentos do Estado. Período em que a história se consolida enquanto disciplina autônoma, tal pensamento foi essencial para a garantia de um método historiográfico autônomo. Vale lembrar que na historiografia setecentista a história estava ainda ligada à filosofia e cabia a esta explicar os fatos recolhidos pelo método histórico. Com Ranke, assistimos a uma emancipação da História que passa, inclusive, a lançar suas pretensões em estabelecer seu domínio perante às outras ciências humanas, cujas disciplinas são tratadas como *auxiliares*. É a fundação da História como ciência positiva., onde o método historiográfico se limita aos descritos por Langlois e Seignobos.

A história, desta maneira, deveria tirar dos documentos as informações que eles contém e não acrescentar, o que faz com que os fatos históricos estejam presentes nos documentos assim como múmias em

sarcófagos.²⁵ outra marca da história tradicional segundo Peter Burke,

(...)os historiadores tradicionais pensam na história como uma narrativa dos acontecimentos(...) e, segundo o paradigma tradicional, a história deve ser baseada nos documentos. Uma das grandes contribuições de Ranke foi a sua exposição das limitações das fontes narrativas e sua ênfase na necessidade de buscar a escrita da história em registros oficiais, emanados dos governos e preservados em arquivos. O preço dessa contribuição foi a negligência de outros tipos de evidência. O período anterior à invenção da escrita foi posto de lado como pré-história.. Segundo o paradigma tradicional, a História é objetiva. A tarefa do historiador é apresentar aos leitores os fatos, ou, como apontou Ranke em sua frase muito citada, dizer como eles realmente aconteceram.²⁶

A temporalidade presente no livro de Romário Martins, também revela a sua vinculação a um conceito de história que constrói uma ponte ligando o passado resgatado com o presente que se pretende legitimar. Uma das idéias mais cara a este pensamento acaba sendo a de progresso, onde os fatos históricos, resgatados de documentos oficiais e narrados sem qualquer preocupação com alguma crítica, são articulados de forma a demonstrar toda a evolução que a sociedade experimenta e, neste caso paranaense, mais do que isto, ainda tem a intenção de criar uma tradição para um Estado que até então não possuía sequer uma história sistematizada.

A temporalidade do historicismo trabalha com o que Walter Benjamin denominou de *tempo homogêneo*²⁷ e *vasio*, onde as ligações entre as épocas são construídas de uma maneira de tal ponto artificial que possibilitam ligações das primeiras doações do rei português a sesmeiros nas terras paranaenses, até os governos

²⁵CARBONELL, Charles-Olivier. **Historiografia**. Lisboa:Teorema, 1987.

²⁶Ibid idem. p.13-15.

²⁷BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo:Brasiliense, 1985.Obras Escolhidas, volume I.

republicanos; ligações entre um passado indígena com as mais modernas tradições criadas pelos paranistas.

Mas Romário Martins acaba inovando em alguns aspectos em relação à historiografia tradicional, em particular no que se refere a uma ligação do autor com a Geografia Humana, onde o próprio Romário, no primeiro capítulo de seu livro alerta,

O clima, esse é indiscutível fator. Como modificar dos tipos étnicos, notadamente os exóticos, facilitando-lhes ou não a adaptação, e, assim, influndo no desenvolvimento histórico. Tudo isso é certo e de geral observação. Resta averiguar, porém, até que ponto e de que maneira a constituição externa de uma região influe sobre os destinos dos seus moradores.(...) A Geografia Humana ou das Regiões Geo-Humanas, é ciência nova, que se encontra ainda em estado de elaboração...²⁸

Mas aqui entram elementos que fazem com que o autor se vincule, de maneira maior ou menor, às teorias de um determinismo geográfico, onde o autor faz questão de elaborar um discurso que visa colocar as terras paranaenses como um local privilegiado em termos geográficos, o que determinaria um desenvolvimento particular e diverso de outras regiões do país. Daí a preocupação ecológica de Romário Martins que, apoiado em Von Ihering que afirmava que *o homem que é membro da civilização moderna depende, com relação ao seu corpo, da higiene pública, e quanto à sua vida intelectual regem-no as leis do ensino*,²⁹ defende o equilíbrio e a harmonia do conjunto, em um claro sentido utilitarista onde propõe a conservação porque será útil para algo.

Afinal, o estágio evolutivo da civilização só seria alcançado com restrições à liberdade individual,

²⁸ MARTINS, Romário. op.cit.p.10.

²⁹ In:SZVARÇA, Décio Roberto. op.cit.

o que demonstra os fundamentos de todas as propostas de teor paternalista elaboradas pelo *Movimento Paranista*.

Por isso Romário Martins será o autor do primeiro código florestal do país em 1907, para disciplinar o corte e a exploração da madeira, cujo extrativismo embora seja destacado pelo autor como um dos pontos fundamentais da economia paranaense, será também vinculado a uma problemática ligada à dilapidação do patrimônio natural das terras do Paraná. Tal fato, pelo fundo geográfico e a importância dada por ele ao meio, vemos o porquê de tais preocupações. Segundo Newton Carneiro, a produção de tal código estaria também ligado à ascensão do regime republicano,

Cronologicamente foi o primeiro Código Florestal a ser promulgado no Brasil. Há sem dúvida legislações anteriores, como a lei baiana de 21 de agosto de 1897 ou a própria lei estadual 28, do Rio Grande do Sul (5 de outubro de 1899). Ambas são, porém leis de terras e é nos regulamentos respectivos que se encontram as disposições sobre águas e florestas³⁰

Um ano depois Romário Martins participaria do Congresso Nacional de Agricultura no Rio de Janeiro, onde defende medidas protecionistas à madeira nacional, contra as 73 madeireiras presentes no Estado que estariam destruindo as condições excepcionais do Estado que propiciariam a sua construção como um local de futuro promissor.

Romário Martins chega a destacar em outra obra a *função civilizadora da árvore*, afirmando que

a história do mundo está cheia de exemplos de que a vida humana depende das matas, direta e indiretamente. Povos que viviam na abundância com os recursos da terra fértil, viram seus países se transformarem em áridos desertos, após a destruição de suas matas.(...) Cada vez há de ser maior no mundo inteiro a procura das madeiras para as indústrias que a

³⁰ CARNEIRO, Newton. O pioneirismo florestal de Romário Martins. In: **Boletim do DEHIS**. UFPR, Curitiba, 1974.p.164.

utilizam como matéria prima e atualmente para as reconstruções exigidas pela guerra. Foram extensíssimas e alhures completas, as ruínas das reservas florestais do Norte e Leste da Europa..³¹

Ao contrário do que se pensava na época, na ingênua crença de que os recursos florestais do país seriam inesgotáveis, Romário Martins tinha nítida consciência da importância das leis contra o desflorestamento.

Mas o importante a se destacar aqui é a ligação de Romário com as teses da Geografia Humana, que se transformara em elemento fundamental para a construção de uma *História do Paraná* onde o Estado que até o início do período republicano não passava de uma parcela territorial com suas fronteiras ainda não definidas, e que, com as intervenções paranistas se transformará em um verdadeiro *paraíso terrestre* que possibilitará a construção de um Estado com um futuro promissor.

Outra influência marcante em Romário Martins será de Carlos Frederico von Martius que, embora visse com extremo preconceito a história regional, monta sua idéia de Nação como um produto da fusão das diversas províncias frente a difusão de *sentimentos e pensamentos do mais nobre patriotismo*, onde o ponto que se destaca é o da fusão das raças, presente também na obra de Romário Martins. Apesar de não chegar a ter uma influência tão grande como o professor Brasil Pinheiro Machado na construção de uma *História do Paraná*, já na

³¹MARTINS, Romário. **O livro das árvores do Paraná**. Curitiba, Diretório Regional de Geografia do Estado do Paraná, 1944.p.13 e 102-103.

década de cinquenta, vinculado aos movimentos demográficos espontâneos, Romário Martins também tratará das raças em sua obra e terá o paranaense como um *homem especial* pela particular configuração étnica de sua população.

Estas questões não estão presentes apenas no livro de *História do Paraná* de Romário Martins, mas também em inúmeros artigos publicados nos periódicos locais e, em particular em outro livro *Terra e gente do Paraná*, publicado pelo Conselho Nacional de Geografia e pelo Diretório Regional de Geografia do Paraná, o que ratifica a vinculação de Romário Martins às teses da Geografia. Logo na primeira página há a citação de uma frase de Pedro Calmon que diz *O Brasil possui na sua tradição, na sua natureza, no seu plasma sanguíneo, no seu destino imperial, (igual a soma de três fatores imensos, -a terra, o homem e o passado) as condições que distinguem os estados eternos.*³²

Este livro é composto de quatro capítulos, o primeiro trata da *Nossa Gente*, onde o próprio Romário trata de explicitar a forma de sua composição, como sendo de *elementos para a História da Civilização do Paraná, vistos nas Feições Biográficas de Alguns dos seus Vultos dos Séculos XVI a XIX*, novamente elaborando uma nominação dos principais administradores paranaenses e dos primeiros ocupantes do território,

³²CALMON, Pedro. In: MARTINS, Romário. **Terra e gente do Paraná**. Curitiba: Diretoria Regional de Geografia do Estado do Paraná - Gráfica Paranaense, 1944.

fazendo com que este capítulo seja mais próximo a um dicionário bibliográfico; o segundo capítulo trata de *Paranaguá na formação política do Sul do Brasil*, onde logo no início faz uma saudação a Paranaguá, antes de passar a relatar a construção histórica da cidade desde a posse do Donatário de Santo Amaro até a anexação do território por São Paulo; o terceiro trata das *Origens de Curitiba*, onde no início há novamente uma saudação à cidade, passando ao relato de uma síntese do ciclo de formação, sobre os pioneiros históricos até a elevação de Curitiba à categoria de Cidade; no quarto capítulo, *Rumo à Terra*, Romário destaca a formação econômica do Estado, suas condições particulares em termos geográficos, e as possibilidades de progresso.

Os jornais paranistas também trazem uma série de artigos destinados a esta construção de uma História do Paraná e de produção de uma tradição que tentasse criar um sentimento de pertencimento à terra paranaense.

A revista *Ilustração Brasileira* de 1929, traz por exemplo um artigo de Rocha Pombo, *Paraná Histórico*,³³ que procura resgatar o período posterior à Martn Affonso e o início da ocupação do litoral paranaense. Neste artigo há um claro exemplo de como se processa a ligação historicista entre o passado resgatado e o presente que se pretende positivar. Nele

³³ POMBO, Rocha. Paraná histórico. In: **Ilustração Brasileira**. Curitiba, jun. 1929.

Rocha Pombo, pretendendo destacar a importância da cidade de Curitiba, volta a 1721 afirmando que, há época, Ouvidor Pardinho já aconselhava a criação da Comarca de Curitiba, já que a inexistência da justiça local era o grande problema da região.

Trata, ainda dos Caminhos do Arraial e do Itupava, por onde passavam as tropas e era transportada a erva-mate, elementos fundamentais para a história curitibana. Não satisfeito em fazer esta ligação com o passado para a promoção da cidade de Curitiba, destaca ainda que a primeira lei votada pela legislatura paranaense, independente de São Paulo, foi a que determinava a transferência da capital para Curitiba em 26 de julho de 1854. Ainda sobre a história curitibana, salienta a importância da estrada da Graciosa, na medida em que em praticamente todo o artigo, afirmava que o problema da Viação era o principal do Estado.

Apesar do breve histórico, trazia fotos da cidade de Curitiba e das inovações urbanísticas promovidas na cidade; isto vem a ratificar a raiz historicista deste artigo, pois o presente de reformas urbanas é ligado a um passado de glórias e a uma tradição forte que mostravam, já antes mesmo da emancipação administrativa de Curitiba, o seu tremendo potencial que seria agora ratificado pelas modernizações que a cidade experimentava; ou seria melhor afirmar, neste caso, que o passado construído por estes historiadores paranistas é que justificava a

imagem de modernidade que o Movimento pretendia construir no presente.

Mas o artigo mais característico deste ideal paranista, está presente na revista de divulgação do Movimento Paranista, *Ilustração Paranaense*, intitulado *Paraná de Antigamente*³⁴ e elaborado por Romário Martins, Ermelino de Leão e Pamphilio d'Assumpção, composto de oito páginas com artigos sobre fatos históricos do início da ocupação do território paranaense, em comemoração ao 74o. aniversário da emancipação política do Paraná.

O destaque do artigo são as fotos e os desenhos que mostram o passado de Curitiba e do Paraná, com destaque para fotos antigas da rua XV e da Igreja do Rosário.

O artigo de Ermelino de Leão salienta a batalha pela autonomia política e os principais personagens que lutaram para tal feito, na intenção clara de prestar homenagens a *vultos, a prestimosos brasileiros que relevantes serviços prestaram ao Estado*, onde traz ainda a biografia de Cruz Machado.

Sobre a Igreja do Rosário relatam que a mesma é

a única reminiscência de Curitiba de 1853...Essa relíquia que desafiou o progresso de nossa urbs, vae desaparecer em breve. É mais uma joia do Brasil antigo que vae ser arrazada. Pobre igrejinha do Rosário! Que culpa tens que a nossa mentalidade seja avessa à tradição...Se estivesses em outro paiz, serias venerada e adorada...³⁵

³⁴ LEÃO, Ermelino de et all. O Paraná de Antigamente. In: **Ilustração Paranaense**. Curitiba, dez.1927.

³⁵ Ibid idem.

Aqui vemos, de um lado, a pretensão paranista em construir uma consciência histórica do povo paranaense, e de outro, as dificuldades que os mesmos enfrentavam, na medida em que nem sempre tinham o apoio governamental, o que fica evidente na citação acima e na reclamação feita pelo autor, em um claro protesto pela destruição da memória paranaense.

Ainda neste artigo Romário Martins faz um relato sobre o Paraná, onde faz de maneira mais explícita a ligação entre os elementos da geografia e as possibilidades de desenvolvimento da região, em uma *longa e inquieta e iluminosa visão **paranista** de grandiosas finalidades de progresso e civilização.*

Em outro artigo, na mesma revista, sobre Rio Negro, percebe-se a mesma linha, onde as fotos desta vez mostram os casarões mais imponentes da cidade e o texto faz um apanhado da história da região, não sem antes fazer um resgate de sua situação geográfica e das possibilidades econômicas determinadas por ela.

Destaca, ainda o mesmo periódico, a construção do Forte de Paranaguá e as melhorias realizadas na Catedral de Curitiba, onde recuperam a história da mesma, novamente em artigo ricamente ilustrado com desenho da antiga Igreja Matriz, demonstrando a intenção de criar uma tradição para as coisas que estavam mais próximas do cotidiano dos paranaenses, aqui, no caso, dos curitibanos.

Neste aspecto, os paranistas serão, no mínimo muito ágeis e perspicazes, na medida em que procurarão,

nas páginas dos meios de divulgação local, mesclar artigos de uma História regional mais seca que trata dos grandes personagens do passado e que estão mais adequados aos padrões definidos por Romário Martins, (alguns trechos do livro de Romário Martins serão reproduzidos por periódicos da época, como o *Bandeiras e Bandeirantes* da revista de divulgação cultural do Paraná, *Paranista*, que contará ainda com um desenho em página inteira de um bandeirante feito pelo artista plástico paranaense, João Turin) com artigos que procuram fazer o mesmo trabalho, falando em termos de discurso historiográfico, mas que têm a vantagem de tratarem de assuntos mais próximos à população. É o que se pode perceber, por exemplo, no caso dos relatos sobre a história da Catedral de Curitiba, ou da defesa apaixonada da Igreja do Rosário, construções mais próximas do dia a dia da população e que podem fazer com que os habitantes da capital paranaense passem a respeitar as tradições do Estado que são justamente criadas pelos paranistas.

Desta forma, quando um habitante da capital do Paraná passar em frente à Catedral ou à Igreja do Rosário, após ler o artigo, saberá um pouco da tradição do Paraná e passará a defendê-la. É um grande exemplo do que Eric Hobsbawm chamava de *invenção das tradições*..

Esta fabricação de heróis e a construção de um passado de glórias para o Paraná e a ligação deste com o presente serão a tônica da elaboração do discurso

histórico paranista, onde tal passado justificará as atuações presentes e, particularmente, as pretensões paranistas de construção de um Estado com base no progresso, na ordem, na civilização.

A pretensão cientificista desta elaboração do discurso histórico, fará com que a população adote tais fatos como a verdade inquestionável e acredite fazer parte do presente de um estado que teve uma forte tradição histórica e que agora, no presente, cabe a ele, habitante das terras do Paraná dar continuidade ao grande projeto de construção de um estado pujante, rumo a um futuro promissor.

Romário Martins, principal figura do Movimento Paranista, com uma forte influência do positivismo e da demografia, vê o Paraná como um local privilegiado e, partindo de suas riquezas naturais, demonstrava o futuro promissor que aguardava o Paraná pois sua localização geográfica lhe prometia um futuro gigante (determinismo geográfico). Mas não parava aí, a própria formação etnográfica do povo paranaense, em particular pelo seu branqueamento, reservavam a este Estado um lugar de destaque não só no cenário nacional, como mundial.

Neste ponto os paranistas chegam a reelaborar o antigo mito do eldorado ou do reino de Prestes João e o colocam como sendo o estado do Paraná. Para completar tal quadro, em sua história factual elabora a construção dos primeiros heróis paranaenses e, acima de tudo, contrói com maestria os mitos de origem da

sociedade paranaense, produzindo um passado comum àquele xadrez étnico do Paraná.

Outro ponto que pretendia destacar um passado heróico do Estado e fazer com que a população passasse a abraçar as tradições paranaenses, era a construção dos símbolos oficiais do Estado. Não por mero acaso, o principal responsável pela elaboração de praticamente todos os símbolos oficiais do Estado do Paraná, será o paranista Romário Martins que irá até mesmo escrever artigos sobre a Heráldica, onde afirma,

Remonta à mais alta antiguidade o uso de símbolos distintivos de tribus, de legiões guerreiras, de religiões, de castas, creador pela autoridade pessoal ou coletiva para seus usos privativos. À arte com que se faziam as diversas representações emblemáticas, se denominou Heráldica, e sua definitiva sistematização data da Idade Média, chegando aos tempos atuais sem o rigorismo de detalhes das épocas que a instituíram, mas influenciada pela evolução cultural da humanidade, como todas as instituições. Os primeiros símbolos foram os de identidade. Os guerreiros das cruzadas os usaram.³⁶

Romário Martins destacará, ainda, a necessidade de uma identificação dos símbolos criados com o passado histórico da população, o que neste caso significa uma necessidade de ligação com o passado construído pelos próprios paranistas. Se não existisse tal identificação os símbolos deveriam refletir os atributos da natureza regional, o que novamente ratifica a ligação que Romário faz entre a História e a Geografia, ligando tanto o meio como o passado à elementos que reflitam as tradições de determinado local. Caso contrário, se nenhuma das relações fossem criadas os símbolos cairiam no vazio, se não no ridículo. Era preciso que eles revelassem, nas palavras de Eric Hobsbawm, *todo o*

³⁶MARTINS, Romário. **Origens das bandeiras**. CX.10. APPR.

*passado, pensamento e toda a cultura de uma Nação.*³⁷ No caso em questão, de uma região, do Paraná.

Exatamente por esta necessidade de ligação com elementos do passado paranaense que a construção destes símbolos oficiais estão sendo analisados neste capítulo que trata da construção de um discurso histórico para o Estado, na medida em que os mesmos também serão responsáveis por criar as tradições paranaenses, assim como o discurso oficial da História.

Os símbolos oficiais, seguindo a pretensão de Romário Martins, serão nada mais nada menos que espécie de síntese histórica do Estado e constituir-se-ão em verdadeiros resumos de uma visão de história que pretende criar heróis, que enaltece as riquezas naturais e que, acima de tudo, luta pela criação de uma tradição.

O primeiro símbolo paranaense foi a bandeira, que nas palavras de Romário Martins,

são símbolos místicos, emotivos, políticos e representativos, segundo o fetichismo que despertam ou as modalidades que caracterizam. O amor à bandeira é, pois uma forma superior de idolatria.(...)A bandeira pôde ser política, religiosa, social ou simplesmente decorativa, é sempre inspiradora e representativa de um sentimento. Toda a acção no sentido de uma conquista produziu na antiguidade um emblema simbólico(...) o sol dos persas, a loba dos romanos, o crescente dos islamitas, eram tantas outras idealizações simbólicas condutoras da coragem e patrocinadoras da victoria. É a encarnação vivia do sentimento nacional, prestando à bandeira um culto do mais profundo respeito e da mais alta devoção cívica.³⁸

A paranaense teria sido autoria do *cidadão* Manoel Correia de Freitas. Consistia em um retângulo verde cortado transversalmente da esquerda para a direita por uma longa faixa branca, tendo no centro e

³⁷HOBASBAWM, Eric & RANGER, Terence. op.cit.p.19.

³⁸MARTINS, Romário. **Origens das bandeiras**.cx.10.Curitiba:APPR.

sobre a mesma faixa, uma esfera azul, contendo na descendente da esquerda para a direita, a legenda *Ordem e Progresso* em letras brancas. Sobre a esfera, no ângulo superior esquerdo, vê-se um barrete frígio de cor vermekha. No hemisfério inferior ao ângulo esquerdo, uma das estrelas da constelação do Cruzeiro do Sul e, no direito, as outras quatro. Circundando o hemisfério inferior figuram um ramo de araucária, à esquerda e um de erva mate à direita, ambos entrelaçados.

O Decreto que institui a bandeira³⁹ destaca que a mesma não enfraquece a coesão nacional, mas a reforça pelo sentimento cívico que gera, na medida em que a idéia de Nação nesta época é vinculada a uma soma das partes, no caso, das Províncias, afirmando que é do *espírito sadio do regionalismo que emerge o ideal cívico nacional*.

Este foi, sem dúvida, o símbolo mais antigo do Estado do Paraná e que reflete toda a influência positivista e republicana, presentes tanto no lema *Ordem e Progresso* como no *barrete frígio*, cuja exclusão faz parte das modificações feitas, segundo relatos por provocações populares em 1904.

As modificações⁴⁰ retiram o barrete frígio, símbolo da República francesa, talvez pelo fato de o mesmo ter sido identificado com os movimentos de

³⁹ PARANÁ. Decreto 8 de 09.jan.de 1892.Decretos e Leis do Estado.APPR.

⁴⁰ PARANÁ.Lei 592 de 29.mar.1902.Decretos e Leis do Estado.APPR.

esquerda, o que levou, por exemplo, à modificação do quadro de Delacroix, *A Liberdade Guiando o Povo*, onde o barrete frígio vermelho foi retocado por estar vinculado às causas populares; além da substituição do lema *Ordem e Progresso* por *Paraná*,

Ainda em 1902, o Estado adota a sua insígnia⁴¹, muito semelhante à insígnia da República brasileira, composta por uma estrela de cinco pontas verde e amarela que tem em seu centro uma circunferência azul contornada por um friso de 19 estrelas; ao centro da circunferência, o mapa do Estado do Paraná que, à época, incluía a região do *Contestado*. Na base da estrela, ao centro, uma espada e entrelaçados dois ramos: um de erva mate e outro de café, mais a legenda *Estado do Paraná* e a data da emancipação política do Estado. (figura 8. Anexos)

Aqui demonstram novamente as influências republicanas para a construção desta identidade paranaense, na medida em que a insígnia do Estado nada mais era do que uma cópia da nacional, mas com o mapa paranaense ao centro e a data da emancipação política da Província no lugar do da proclamação da República.

Em 1903, Romário Martins defenderá a criação de um brasão estadual, fazendo ele próprio a composição dos símbolos, segundo o *Código Heráldico*, onde encontramos praticamente todos os símbolos que estão até hoje no brasão do Estado, embora dispostos de uma

⁴¹ **PARANÁ.** Lei 456 de 29.mar.1902. Decretos e Leis do Estado. APPR.

maneira diversa.O próprio Romário no projeto para a adoção deste símbolo explica seu significado,

O sol seria o símbolo americano por excelência; nele, desde a mais remota antiguidade da Ameríndia, os povos do Novo Mundo homenageiam a fonte da vida (como os Estados Unidos, a Argentina, o Uruguai, o Equador, a Costa Rica, a Nicarágua, a Bolívia, o Peru) e outros estados brasileiros como Pará, Alagoas, Pernambuco, Minas Gerais, Paraíba e Ceará); neste brasão ele está estilizado em sua forma clássica e alegórica que simboliza a altura e a grandesa dos nossos ideais e o brilho de nossas conquistas, situado no lado esquerdo superior do brasão. As montanhas, que foram agrupadas em três picos, simbolizando os três planaltos do território paranaense, o Oriental ou de Curitiba, o Central ou dos Campos Gerais e o Ocidental ou o de Guarapuava, ao mesmo tempo lembram as três raças de nossa primitiva formação étnica. A Águia, convenientemente estilizada de maneira a conservar as características da espécie (*theresaetus harpia*) simboliza a audácia e a liberdade e tem especial cabimento no escudo por ser o Paraná o limite meridional de sua exurgência no Brasil. O Lavrador é uma representação expressiva de nossa vencedora actividade agrícola, incrementada pela imigração. O braço vestido de armadura, que sustenta uma lança com a bandeirola onde está inscripta a Cruz da Ordem de Christo, nos liga às nossas origens, históricas e religiosas, e especialmente à phase heróica das bandeiras penetradoras do sertão paulista, incorporadoras à unidade brasileira de quasi todo o actual território paranaense. O pinheiro, o egrégio Pinheiro do Paraná foi posto em copa frondejante e, no suporte um ramo de café representativo da nossa mais promissora indústria agrícola, em correspondência com o mate, nossa principal industria actual.⁴²

Este brasão (figura 9. Anexos), ainda segundo Romário Martins, *é uma feliz expressão symbolica de nossa terra e de nossa gente, ligada, no passado distante e na hora que passa à história e às feições physicas da nossa Patria e as nobres aspirações, nossos estimulos.* Aqui percebemos toda a preocupação de Romário com a construção de símbolos que representassem a tradição histórica paranaense e a sua natureza. No brasão encontramos ambos, com destaque para o fato de que o mesmo se constitui em uma espécie de resumo simbólico do livro de História do Paraná de Romário Martins, pois encontramos no mesmo tanto a história da ocupação do território paranaense pelos portugueses, com destaque para o bandeirantismo, até as questões geográficas particulares que determinariam um certo tipo de desenvolvimento econômico.

⁴²MARTINS, Romário. **O brasão de Armas do Paraná e os seus symbolos.** Datilografado. Curitiba. cx.10. APPR

Mas esta proposta de brasão também sofrerá uma série de alterações em 1910⁴³, após o encaminhamento do projeto por Romário Martins e João Pernetá⁴⁴, que foram principalmente a retirada do ramo de café e do braço armado com a Cruz da Ordem de Christo. O falcão foi transferido para o alto do brasão e o pinheiro para o fundo, compondo uma mata de pinheirais em segundo plano; ao fundo há uma cordilheira marítima que pretende simbolizar a variedade do solo e dela nasce o sol, compondo essa paisagem de fundo do brasão; em primeiro plano aparece o lavrador. O detalhe é que este brasão se encontrava completamente fora dos padrões da Heráldica (figura 10.Anexos) o que faz com que o mesmo seja novamente modificado para adaptá-lo ao código heráldico, onde a paisagem desaparece, a cordilheira e o sol passam a compor o alto do brasão; no campo abaixo, o lavrador isolado e acima, fora do escudo, o falcão estilizado; cercando o mesmo aparecem ramos de pinheiro e erva mate. (figura 11.Anexos)

Estes símbolos têm, portanto a mesma função pedagógica que a construção de uma história regional: criar uma tradição paranense e, acima de tudo fazer com que a população se reconheça em tais construções, suprimindo a inexistência presente no Estado de uma forte tradição histórica.

⁴³ PARANÁ. Lei 904 de 21.mar.1910. Decretos e Leis do Estado. APPR.

⁴⁴ PARANÁ. Projeto de Lei 37 de 16.mar.1905. Decretos e Leis do Estado. APPR.

Seja na construção dos grandes heróis como João Gualberto, na construção da História do Paraná com um forte cunho historicista e positivista que privilegia o político, ou na produção dos símbolos estaduais, assistiremos neste período da I República a uma forte intervenção do *Movimento Paranista*, no sentido de construir uma identidade para um Estado que até então tinha como característica central ser absolutamente *incharacterístico*.

Buscando construir um passado à comunidade paranaense, construindo com maestria os *mitos de origem* desta sociedade, produzindo um passado comum àquele imenso xadrez étnico presente no Paraná, para que toda a população que, até então comungava apenas o fato de habitar a mesma porção territorial, a partir de agora passasse a nutrir uma *afeição sincera* pelo Paraná, respeitando e conhecendo as suas tradições que foram transmitidas seja pelos heróis, pela história ou pelos símbolos, tudo na intenção de *inventar as tradições*.

III. OS MITOS DE ORIGEM

A história paranaense não era suficientemente pujante para dar conta da construção de exemplos a serem seguidos e para abarcar toda a população para a árdua tarefa paranista de criação de uma identidade para o estado. A História dava o discurso científico e produzia os heróis e os mitos de origem. Cabia, então à literatura a tarefa de convergir sua produção para a realização do ideal paranista, atingindo, mais do que o cérebro, os corações dos paranaenses para sensibilizá-los à causa paranista.

Neste recorte sobre a literatura; destacam-se as produções simbolistas do início do século, em particular com Dario Veloso cuja obra influenciará o paranista Romário Martins que por sua vez se dedicará a elaboração de uma série de mitos indígenas responsáveis pela criação de um marco zero, de uma origem para a sociedade paranaense. Enquanto a história trata dos *grandes personagens*, a literatura e a antropologia constroem os mitos paranistas.

Esta literatura nativista busca o resgate de um sentimento de amor à terra paranaense e, acima de tudo, uma identificação da população com este passado mítico construído.

Dentre as várias lendas indígenas resgatadas pelos paranistas destacam-se as reproduzidas em seu órgão de divulgação oficial a revista *Ilustração Paranaense* (1927-1930), revista que será também um

exemplo de avanço técnico, com sua definição gráfica aprimoradíssima para a época, impressa nas gráficas da Imprensa Paranaense que tinha uma máquina francesa (Alouset), tipográfica cilíndrica e duas máquinas litográficas (imagem 12.Anexos) e que o próprio periódico fará questão de destacar como sendo uma conquista do povo paranaense,

A Ilustração Paranaense é um facto significativo para a intelectualidade. A Ilustração não pertence ao egoismo de uma empresa, porque, sendo paranaense, é de todo o Paraná: de todos os que trabalharam e labutam, que se esforçavam e trabalham para o seu engrandecimento e para sua victoria(...), caracterizada como uma das melhores publicações do Brasil(...) Esta victoria, que é a victoria de todo o Paraná que estuda, juntamos uma outra: as nossas oficinas proprias. Esperamos, ainda, que cada leitor nos proporcione novos leitores, concorrendo desse modo para o desenvolvimento intelectual da Nação.⁴⁵

A própria capa da revista feita com desenho de João Turim é um verdadeiro manifesto paranista que insere o homem em harmonia com os pinheirais, onde parece mesmo que o homem paranaense seria fruto dileto da árvore, pois encontra-se em perfeita harmonia com os pinheirais ao fundo da imagem. Talvez esta capa tenha sido inspirada exatamente em uma das principais lendas criadas pelos paranistas, qual seja, a lenda de surgimento do pinheiro que mostra porque a árvore é símbolo de altivez. (figura 13.Anexos)

Aliás, as principais lendas reproduzidas na revista versam sobre o pinheiro (que se configurará no símbolo máximo paranista) ou sobre os mitos de origem da cidade de Curitiba.

Nos mitos sobre o pinheiro destaque para aquele de seu surgimento, presente nas páginas do referido

⁴⁵ **ILUSTRACÃO PARANAENSE**. Curitiba, nov.1929.

periódico que, em seu número 5 de 1929⁴⁶ mostra tal lenda em formato de brasão e, que explica, inclusive porque a árvore será símbolo do Paraná. Mais tarde, a revista traz novamente a lenda do pinheiro, desta sorte, declamada pela Miss Paraná da época, Senhorita Didi Caillet. Embora exista uma pequena diferença entre as duas versões, estas discrepâncias são apenas no que se refere ao estilo. Diz a lenda que

Existia nestas plagas um príncipe, o mais lindo do mundo, um santo rei; era esbelto como o mais guapo guerreiro, os cabellos revoltosos e uma auréola dourada ornavam sua cabeça altiva. Poderes miraculosos tinha o rei daquele Reino Azul(...)Um belo dia o príncipe se apaixonou e sua amada fora convertida em pobre árvore, a nympha do bosque de faias e o príncipe vagava, enlouquecido à busca dela, bradando aos céus seu nome. Procurando-a em vão na planície sem fim, a sua amada que houvera perdido, quando a piedade do rei mago socorreu-o e, como não poderia fazer com que a faia dos campos voltasse a ser mulher, converteu também o príncipe delirante em árvore. Árvore alta como uma torre, que parece querer enfiar no céu de turquesa os braços trêmulos que o desespero fustiga; e ainda com a coroa real equilibrada muito lá em cima, sobre os ombros desfeitos que as tempestades chicoteiam, e que, nos crepúsculos tristes imitam, de encontro ao encendio do horizonte, o perfil sofredor do rei!!! Esta árvore foi o pinheiro!!!

Esta lenda mostra a intenção paranista de criar uma identificação entre a população local e os símbolos construídos por eles, neste caso específico, o pinheiro, que terá ainda outras lendas na mesma revista que falam, por exemplo de sua queda, pois quando o pinheiro cai, cai por inteiro. Aqui fazem até mesmo uma crítica à civilização, talvez ligada às preocupações de Romário Martins com a ecologia.

Mas o fato é que tais lendas pretendiam demonstrar, com um forte conteúdo pedagógico, como deveriam ser os paranaenses, ou melhor dizendo, os paranistas. Estão presentes também nestas lendas a visão escatológica dos paranistas que acreditava em um

⁴⁶ ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE. Curitiba, mai.jun.1929.

futuro de glória e progresso para seu estado, pontos que também são freqüentes nos contos.

A partir desta lenda inicial, a revista traz uma série infindável de artigos sobre o pinheiro, praticamente todos seguindo o mesmo tom de exaltação desta árvore e de ligação da mesma com os paranaenses, como em uma intitulada *Pinheiro Altivo*, também destinada a uma declamação feita pelas senhoritas Didi Caillet e Risoleta Pinheiro Lima, em visita ao Centro de Letras do Paraná. Diz o texto, de autoria do poeta Pamphilo d'Assumpção, sobre sua queda,

Pinheiro é a mais altiva, a mais inflexível e erecta das nossas arvore. A palmeira real, elegante, esguia, eleva-se também para o céu em busca de luz e do azulmas é débil e flexuosa. Tem o coquetismo das mulheres elegantes, a graça fragil da belleza feminina, eterna sedução (...) O pinheiro não. O pinheiro é áspero, perpendicular e serio. Impassivel, desdenha dos golpes rijos dos vendavaes. Nunca se lhe resolve a com a cymetria, nem se move o tronco rude. Se não resiste ao insulto da ventania, cahe. Cahe por inteiro, por que as raizes não logram rete-lo de pé, como se fora um gigante que tomba sem se lhe dobrarem os joelhos. Tomba heroica, estrepitosamente! Orgulhoso, até morrendo, mantem ainda erguidos os braços fortes para o céu, não em gesto de supplica, mas numa attitude digna de orgulhoso protesto.⁴⁷

Outras destacam ainda suas características, algumas vezes ligadas a não mais ao príncipe que perdera a sua amada, mas a um deus que teria caído na terra e que, mesmo depois de mutilado e morto pelas mãos humanas, ainda assim oferecia ao homem seus préstimos, dando-lhe abrigo e calor.

Infante de floresta, franco atirador dos descampados, tu que combates sempre erecto, sereno, offerecendo todo o corpo esguio à furia dos tufões, fronte alta provocando o raio debes ser algum deus antigo desterrado neste mundo. Unido a teus irmãos em legiões cerradas, de sentinella perdida nas cochilhas desertas, ninguem te veio ainda quebrar esta linha recta que, subindo sempre, leva tua cabelleira para o céu. Muitas vezes, morto já, calcinado pela labareda das coiváras, espinho immenso que a travessou a terra, mesmo assim te mantens depé, firme no teu pósto, esqueleto gigantesco montando guarda. Como és dadivoso e bom! Quando o homem não te derruba a golpes de machado, e desdobra-te, e tortura-te nas machinas de aço, tu, que lhe fôste fructo e sombra, dá-lhes o tecto que protege, o berço que accalenta, o leito que repousa, o ataude que adormece. Rasga-te, dilacera-te as fibras, martyrisa o cadaver, e os teus galhos rijos dão-lhe o fogo da lareira, o calôr do pouso nocturno, a lampada discreta da alcôva rendada. Eu te avistei, num dia lindo,

⁴⁷ ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE. Curitiba, jan.1928.

solitário, no horizonte. Eras uma taça de onyx, transbordante de espumas, de nuvens brancas, onde os olhos tragavam o vinho da amplidão azul. Eras a copa sagrada com que a terra faz brindes de honra ao creador!⁴⁸

Outras ainda destacam a sua vida longa, pois para ele *um lustro é uma infância e o século que derruba as florestas e as esturra, - respeita o pinheiral e nem lhe cobre as fronte augustas de singelas barbas patriarchaes.*⁴⁹

O mais curioso em relação às lendas sobre o pinheiro é o fato de que os paranistas não vão recorrer para esta construção a uma reinterpretação dos mitos indígenas, ao contrário, pretenderão fazer com que o mesmo adquira características cosmopolitas, sejam de um *príncipe* ou de alguma *divindade*. Isto porque o pinheiro é escolhido para representar não somente o paranaense do futuro, o ideal de construção do *Movimento Paranista*, mas o próprio Estado do Paraná. Assim, pelo fato do mesmo ser caracterizado como uma região especial por sua diversidade étnica, mais branca que o restante do país, o pinheiro acaba por encerrar os ideais de construção desta identidade paranaense, o que ficará mais claro na análise feita no terceiro capítulo, quando da verificação da utilização desta árvore no campo da arte, com a intenção de popularizá-la e de vincular o sonho paranista à mesma.

Mesmo assim, Romário Martins acaba fazendo uma ponte entre esta construção da imagem do paranaense

⁴⁸ **ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE**. Curitiba, mar.1928.

⁴⁹ BALLÃO JUNIOR, Jayme. Grandeza e decadência do pinheiral. In: **ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE**. Curitiba, abr.1928.p.12.

ligada ao pinheiro e os mitos e lendas indígenas, em editorial da revista de divulgação das idéias paranistas, onde o próprio texto é formatado como se fosse o tronco de um pinheiro. (figura 14. Anexos)

Ao transpor a Serra do Mar, vindo dos littoraes, o homem branco estacou ante a immensidade da cochiha pontuada de capões de altíssimos pinheiros. Era o paiz do Tinguay valente, idealista e generoso. A flor dos campos balouçavam os toldos de folhagem de suas cavernas abertas no solo, para que a construcção dos acampamentos não maculasse a belleza sem par daquela natureza, nem o rumor das gentes primitivas perturbasse a passareda no dominio absoluto da amplidão. O pinheiro era o rei desse paiz, -rei de bondade, altivo na sua estrutura, mas fraternalmente acolhedor nos largos braços sempre abertos da sua ramada. A abundante prodigalidade dos seus fructos possibilitou a vida das tribos amerindas e as incursões dos emboabas coloniaes. Foi o pão e a sombra dos que primeiro possuíram e amaram nossa terra e que deram seu sangue para nossa raça. Foi do seu lenho a casa dos primeiros vindos, -a casa, a mesa, o berço. O esquife dos que vieram depois. Hoje é ainda a mais abundante riqueza do nosso sertão, a atvore mais característica da nossa flora, a mais tocante belleza da nossa paisagem. E se foi o pinheiro a árvore providencial de nossos primeiros dias, é ainda aquella que pela sua utilidade possibilitou a colonisação systematica do nosso sólo, e assim, a figura será também para a população de todas as origens que aqui habita o symbolo integrador do passado ao presente e alvorada promissora de nossa actualidade a esse futuro que ha de ser fatalmente grandioso, porque grandiosos também são as linhas da estrutura physica e moral da nossa terra e de nossa gente.⁵⁰

Nesta citação vemos que Romário Martins demonstrava claramente a intenção de transformar o pinheiro no símbolo máximo dos ideais paranistas. Ele seria até mesmo o responsável pela integração de toda a diversidade étnica presente no Estado e daria o caráter de progresso e desenvolvimento que seriam as marcas do Paraná, afinal mais do que a própria construção de um discurso histórico, o pinheiro seria de fato o elemento que perpassaria todas as gerações que se encontravam em terras paranaenses e poderia representar desde um passado mais remoto, com destaque para a *bravura* indígena até a atualidade de avanços técnicos, passando pelos primeiros ocupantes do território.

Outro elemento da natureza resgatado pelos paranistas e utilizado para a construção de lendas,

⁵⁰MARTINS, Romário. O symbolo paranista. In: **ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE**. Curitiba, nov. 1927.

embora com menor intensidade, foi a erva mate, principal fator econômico do desenvolvimento do Paraná da época e particularmente de sua capital, Curitiba. E até mesmo aqui, quando a revista paranista relata a lenda da erva mate, em sua ilustração ao fundo encontram-se os pinheiros. Esta lenda faz a ligação das tradições de duas raças que formariam o paranaense, aliás as duas raças que a revista *Ilustração Paranaense* e os paranistas irão exaltar, o branco e o índio, pois o elemento negro é completamente esquecido pelos mesmos.

Na lenda os paranistas resgatam a mitologia cristã que fala da presença de São Tomé no Brasil e relata que o mesmo teria encontrado nos índios guaranis uma forte disposição para receber a fé cristã, através do batismo e que, como recompensa pela salvação das almas dos gentios, São Tomé teria recebido o aprendizado da utilização da erva mate que teria virtudes medicinais, desde que tostadas suas folhas e desfeitas em água.

Aqui relata-se de uma forma mítica o início da utilização da erva mate que de fato foi originada na tradição indígena dos guaranis. Assim, uniam-se os dois elementos principais que dariam origem à sociedade paranaense: o branco europeu e o nativo indígena, fazendo ainda com que as tradições paranaenses fossem remetidas à épocas anteriores à chegada dos europeus ao Paraná.

Outra lenda que fará a união dos elementos indígenas com os da civilização ocidental, ou melhor dizendo, que mostrarão a apropriação que estes paranistas farão de elementos da cultura indígena para legitimar seu discurso com um ar de antiguidade, pela fragilidade de sua história, será a que fala da destruição do pinheiro pelo homem, oportunidade na qual a oposição entre as duas referidas culturas é mais automática, pois uma prega o desenvolvimento e o progresso à todo custo enquanto que a indígena retrata uma integração com a natureza. Diz o artigo,

Nasceu quando emperava o Tinguí valente, generoso...O emboaba chegou...Olhou-o com respeito e curvou-se ante seu vulto de gigante vegetal...Depois veio o estrangeiro...Vieram os carros de boi, que acordavam o silêncio das coxilhas...E o pinheiro, forte, erecto, formidável na sua pompa de rei das florestas, foi respeitado, venerado...Nada o fazia tremer...A ventania tinha ritmos novos quando atravessava as suas frondes verdejantes...Quando o Imperador dos homens desse paiz, pousou sob a sua galharia, descobriu-se, admirado...O pinheiro era mais alto, mais forte...O Imperador se fôe e o rei ficou...O tempo correu, correu bastante. Veio a época do rádio, do automovel, do cinematographo. Era a civilização que vinha dynamisar o nosso grande paiz! E o homem civilizado, que nada respeita, decepou o pinheiro patriarchal...Seus galhos tombaram chorando as lágrimas da resina...Ei-lo mutilado! A sua aparência magestosa desapareceu...Passará essa civilização, virá outra...Mais outra...Mas elle ficará, para lembrar a época em que os homens eram maus.⁵¹

Esta lenda que fala praticamente da história do pinheiro, cria outra fantasia, qual seja a de que o Imperador D. Pedro II teria repousado sob um pinheiro, em sua visita ao Paraná. Tal história teria sido inventada por Romário Martins e, até mesmo uma placa comemorativa foi colocada no local, para designar o ponto onde o Imperador teria repousado, com excursões organizadas por estudantes para visita e tudo. Romário perguntado qual fonte teria consultado respondeu, *Nenhuma! O pinheiro é tão bonito que...*

⁵¹ ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE. Curitiba, dez 1927. p. 50.

Além destas lendas Romário Martins fará uma apropriação de uma série de elementos da cultura indígena para elaborar um sem número de contos onde os personagens são esses habitantes primordiais das terras paranaenses. Tributário do romantismo indianista do século XIX, Romário reconhece no índio qualidades morais e físicas superiores que estariam presentes na formação do paranaense, onde se destacam exatamente os guaranis que teriam uma aptidão maior que os outros para a evolução, para sair do estágio primitivo em que se encontram, o que já é demonstrado no mito da erva mate, onde há um destaque para o interesse dos mesmos em se converterem à fé cristã.

Por isso Romário destaca os elementos culturais dos guaranis e, para demonstrar as suas potencialidades civilizadoras, aproxima tais elementos da civilização ocidental. Exalta também as suas potencialidades guerreiras, com destaque para Guairacá que teria vencido os espanhóis no século XVI. Romário chega ao ponto de propor a construção de uma estátua de Guairacá na orla da baía de Guanabara quando presidia o Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, o que só não foi efetivado pela guerra. Já em 1950, Romário tenta novamente, desta feita quando da realização do Segundo Congresso Regional de História e Geografia do Paraná, propondo a construção do monumento em Curitiba, mas Lourenço Fernandes propõe a substituição de Guairacá pelo índio Viri.

Nesta mesma linha, em vários textos Romário tece elogios ao caboclo enaltecendo as qualidades que o mesmo teria por ser fruto da fusão das duas raças que teriam as melhores qualidades.

O periódico de divulgação paranista está também repleto de artigos que demonstram tal pensamento, até mesmo a parte intitulada *A luta*, capítulo de *O Guarany* de José de Alencar com ilustrações do artista plástico João Turin, principal expoente paranista no campo das artes. A transcrição exatamente deste capítulo demonstra a intenção de Romário Martins em destacar as qualidades guerreiras dos índios guaranis.

Turin, inclusive fará uma série de peças com motivos indígenas e, na revista *Ilustração Paranaense*, mostrará sua idealização do indígena, que é mostrado pelo mesmo como se fosse um *deus grego*, sempre altivo, imponente etc. (figura 15. Anexos)

A revista ainda reproduzirá uma série de variantes de contos indígenas, como o *Ñanduty* (lenda guarani) que conta a história da origem dos finíssimos adornos produzidos no Paraguai, onde ñanduty era uma mortalha que teria servido de base para o bordado paraguaio.

Uma noiva -cherembire coporá- dessa tribu guarany, que vivia no mesmo lugar em que mais tarde Assunção se fundou, dezavindo-se com o seu prometido, embora continuasse a ama-lo terna e profundamente, despediu-o com violência sob a acusação de falso e fementido, que se burlava de sua noiva quando lhe devia submissão e amor. As acusações eram burla para experimental-o, mas assim não compreendeu o índio orgulho. Sob o peso de tais insultos, o brioso guarany abandona a tribu dos seus maiores e a sua ñemboqui, sua despozada, e sob juramento sagrado, promete nunca mais voltar a vê-la. Empreende então uma longa e penosa jornada para as cordilheiras em busca de um felis o olvido, ou então, em procura da morte... Atrás delle, nas margens do Paraguay ficou a sua prometida arrependida pois viu-se injusta e cruel. Levou, porém muitos dias combatendo o seu orgulho de mulher com o generoso impulso de seu coração e um dia partiu após ouvir os conselhos dos pagés. Pizando no seu rastro, recolhia as suas armas semeadas pela mata(...) até encontrá-lo. Tinha na face, estampada a lividez da morte, e por todo o seu corpo, como um delicado manto de rendas, a laboriosa teia das aranhascoloridas do caagui paraguay. Prestando atenção na mortalha de teia que cobria o seu corpo,

lembrou-se de fazer-lhe uma outra semelhante e mais durável, e aprendendo com os movimentos da aranha, fez o primeiro ñanduty, prometendo às aranhas, em gratidão, nunca mais abandonar o seu trabalho, mas desenvolvê-lo em homenagem ao prometido morto⁵²

Estas lendas indígenas tentam, portanto, criar uma identidade para o povo paranaense, que faça a artificial ligação entre o presente construído pelos paranistas e um passado da mesma forma heróico. Isto faz com que tais lendas sirvam de uma espécie de contraponto ao discurso historiográfico, sendo que as mesmas ainda têm a vantagem de atingir com maior eficácia o coração dos paranaenses e acaba por gerar a idéia de que a terra do Paraná, de fato seria um local privilegiado, porque composto, desde o seu passado mais remoto, ou seja, aquele de uma tradição indígena, anterior aos portugueses e espanhóis, de uma gente brava e guerreira e com uma índole e coragem a serem testadas.

De outro lado temos os mitos ligados à fundação da cidade de Curitiba, ou seja, uma lenda importante para auxiliar na construção de um *ponto zero*, de um marco pelo qual a sociedade paranaense tivesse sido fundada.

Conta a lenda que os bandeirantes paulistas se fixaram na região do Atuba e lá construíram uma capela em homenagem à Nossa Senhora da Luz dos Pinhais. Com o passar do tempo viram que a estátua mirava com insistência a região do planalto de Curitiba, habitado então pelos *selvagens* caingangues. Como a imagem

⁵²CARNEIRO, David. Ñanduty; lenda guarany. In: **ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE**. Curitiba, 1927.

insistia em voltar seu olhar para o planalto, os bandeirantes se armaram e para lá se dirigiram. Neste momento a Santa em sua humilde capela teria sorrido pela primeira vez.

Mas ao chegarem na esplanada dominada pelos *bárbaros* caingangues se surpreenderam pois foram recebidos com uma generosa e cordial acolhida. Do chefe índio para o chefe branco não teria partido flecha de hostilidade, mas aceno da paz, com os arcos caingangues sendo lançados ao chão e a cúia de mate, símbolo da hospitalidade, oferecida aos brancos. Neste momento a Virgem na capela teria sorrido pela segunda vez.

O chefe caingangue teria, então, marcado o local em que os brancos deveriam tomar por centro da povoação que fundassem. E fincando o bastão na terra gramada como se fora um tapete verde disse: Esse é o lugar ! (Tati kéva!) Diz ainda a lenda que ao vir a primavera o bastão indígena teria florido e que após tal ato simbólico os índios teriam abandonado a região. A vila era Curitiba. E, na capela, a imagem teria sorrido uma terceira vez.⁵³

Este mito mostra a pretensão de criação de um *ponto zero*, de um mito de origem para Curitiba, reforçando a produção historiográfica de Romário Martins que destacava a originalidade dos habitantes do

⁵³MARTINS, Romário. O primeiro milagre de Nossa Senhora dos Pinhães de Curitiba. In: **Paranista**. op.cit.p.6.

Paraná e tinha a região como algo especial. Aqui também residia a força paranista.

Esta lenda em especial que trata do mito de fundação da cidade de Curitiba, mostra de maneira exemplar a ligação entre as lendas e a construção de uma história regional para o Estado do Paraná, onde se de um lado temos o discurso científico em busca da verdade histórica dos fatos, de outro temos uma literatura voltada a uma produção da mesma tradição pretendida pelo discurso histórico, com a diferença de que este último terá uma circulação maior entre a população da época e marcará a diferença básica entre a História e a Literatura para o período.

À História caberia a construção dos heróis do Estado e a descrição minuciosa com respeito às informações das fontes, da ocupação do território paranaense pelos portugueses, espanhóis e depois por imigrantes de toda a sorte.

Cabia à literatura o resíduo da história, os relatos indígenas, cujas fontes para a construção da história não existiam, o que fazia com que aqui houvesse uma possibilidade criadora maior; o que de maneira alguma impede uma relação profunda e direta das duas formas discursivas, o que fica evidente pelas análises anteriores. Está presente aqui também todo o ideal de progresso e ciência que formam o contexto imaginário dentro do qual os paranistas efetivarão sua construção.

Mas a questão central para eles será a recorrença às artes plásticas para a construção de uma identidade cultural para um Estado tão diverso e incaracterístico como o Paraná, objeto da análise do terceiro capítulo.

IV. SÍMBOLOS E IMAGINÁRIO; EM BUSCA DE UMA COMUNIDADE DE SENTIDO

Este é, sem dúvida o recorte central para a análise do *Movimento Paranista*, pois trata de como através da produção artística os paranistas tentarão criar um terreno comum para os habitantes de seu território, ou seja, como pela dimensão estética estes criarão um terreno comum de identificação que será capaz de gerar uma identidade cultural para um estado que sequer tinha suas fronteiras bem definidas.

Aqui se destacam as figuras de João Turim, Zaco Paraná, Lange de Morretes e João Ghelfi, entre outros que, através de sua produção artística, geradora do que se convencionou chamar de *estilo paranista*, irão elaborar uma arte regional e os símbolos não oficiais do estado.

Apesar de alguns caracterizarem esta produção de uma arte paranista de apenas uma elaboração de um *estilo*, foi muito mais do que isto, foi parte de um grande projeto de construção de uma identidade regional do Paraná.

De outro lado, há quem veja em tal Movimento uma mera resposta, no campo ideológico, da dominação das elites locais, como é o caso de Rubem Cesar

Keinert.⁵⁴Esta visão reducionista, impregnada pelo marxismo vulgar, esquece a dimensão estética da arte que, além de se comunicar de uma maneira mais eficaz por sua linguagem visual, ainda são extremamente valiosas para a construção de novos *princípios de realidade*, que transcendem a realidade dada. É o potencial revolucionário da obra de arte⁵⁵ que o marxismo ortodoxo esquece, caracterizando o paranismo como a base ideológica na construção da unidade territorial do estado que era economicamente interessante à elite dominante da época. Por ser um movimento ligado à cultura, faria parte da estrutura não material da sociedade, donde pela relação infra-supra estrutura, dependeria, seria determinada, ainda que em última instância, pela produção material da sociedade. Mesmo a autonomia relativa da cultura proposta por Gramsci acaba fazendo tal tipo de reducionismo.

Esta interpretação rígida desqualifica o *Movimento Paranista*, e reduz a sua função política, à medida em que o mesmo é simplificado como sendo mero reflexo da consciência de classe, no caso, da classe dominante. Tal visão encara a arte como sendo determinada pelas forças produtivas da sociedade, esquecendo-se de seu papel transformador e

⁵⁴ KEINERT, Ruben César. **Regionalismo e anti-regionalismo no Paraná**. São Paulo, 1978. Dissertação, Mestrado, USP.

⁵⁵ MARCUSE, Herbert. **La dimension esthétique; pour une critique de l'esthétique marxiste**. Paris: Seuil, 1977.

revolucionário, pois desqualifica o que Marcuse chama de *verdades transhistóricas da arte*.⁵⁶ Não percebe que a arte não cria uma ilusão, mas sim que rompe com a realidade estabelecida. A reificação da estética marxista deprecia e desfigura a verdade exprimida pelo universo artístico, reduzindo a função cognitiva da arte à ideologia, pois ela seria condicionada pelas relações de produção.

Apostando na ilusão da obra de arte, esquece uma das mais belas lições de Pablo Picasso, que dizia, *todos nós sabemos que a arte não é verdade. A arte é uma mentira que nos ensina a compreender a verdade. Pelo menos aquela verdade que nós, como homens, somos capazes de compreender*.⁵⁷ Mais do que essa função pedagógica, a arte, através de sua dimensão estética, tem a possibilidade de superar, transcender a realidade dada e nos mostrar uma verdade transhistórica, que está além do real que nos é imposto. Segundo Marcuse,

Toute oeuvre d'art digne de ce nom serait révolutionnaire, du fait qu'elle subvertit la perception et la compréhension du monde, qu'elle témoigne contre la réalité établie et dessine l'image extérieure de la libération.⁵⁸

O potencial revolucionário da obra de arte residiria em sua própria dimensão estética, através da qual se chega a uma outra dimensão da existência e, na medida em que se atinge este ponto, a arte já lá não

⁵⁶ Ibid idem.

⁵⁷ PICASSO, Pablo. In: SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**; São Paulo; sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.p.197.

⁵⁸ MARCUSE, Herbert.op.cit.p.11.

está. É o que Teixeira Coelho chama de *arte de nenhuma parte*, subtítulo de sua obra, *Arte e Utopia*, onde fala desse lugar especial da arte,

Uma obra de arte, notou Paul Valéry, deveria nos dizer que não vimos o que estamos vendo (...) a obra de arte nos retira de um tempo e nos instala em outro. Um tempo à parte. A arte não está em lugar algum, a não ser no próprio lugar da arte. Mas, por natureza, a arte é sempre um outro lugar. Em lugar algum, em nenhuma parte.⁵⁹

Para compreendermos tudo isso temos que encarar a arte como não determinada pelo processo de produção material; a partir dessa visão podemos compreender a possibilidade que a mesma tem de desmistificar a realidade imposta por esse processo. Claro, a arte não pode mudar o mundo, mas pode modificar as consciências e as pulsões dos homens e é exatamente neste sentido que a mesma será utilizada pelos paranistas; no sentido de modificar a consciência da heterogênea população que habitava as terras paranaenses, para que a mesma passasse a ver na República um modelo que trouxesse um desenvolvimento para a região e, mais do que isto, para a construção de um sentimento de pertencimento ao Estado.

Para tanto os paranistas terão que se preocupar em construir obras de arte que estejam em perfeita sintonia com o imaginário da época, para que, desta forma se estabeleçam os elos de ligação entre os símbolos paranistas forjados por esta elite cultural curitibana e a população. É o que destaca Alice Brill,

⁵⁹ COELHO, José Teixeira. *Arte e utopia; arte de nenhuma parte*. São Paulo: Brasiliense, 1987.p.7.

para que resulte uma obra de arte capaz de tocar profundamente em nossas sensibilidades são necessários outros fatores: é preciso que haja elos comuns entre o autor e o espectador da obra, ambos herdeiros de uma determinada tradição cultural.⁶⁰

Esta preocupação revela a necessidade de ligação entre a bagagem cultural do artista e o imaginário da população e trata do que José Arenas classifica como sendo um dos requisitos para a determinação do objeto da História da Arte, ou seja, para a obra de arte. Requisito este qualificado pelo autor como *comunicabilidade*.⁶¹

Daí a necessidade de ligação do trabalho artístico com os projetos paranistas para resgate de um passado histórico comum, forjando a identidade cultural do Paraná. Desta forma, através das manifestações culturais e artísticas, em particular da força estética com a utilização de símbolos e imagens os paranistas transmitiram seus valores de uma forma mais eficaz, até esmo porque as imagens, além de seu potencial de criação de uma nova realidade, ainda são de mais fácil leitura e atingem com maior objetividade o imaginário popular.

Na revista de divulgação das idéias paranistas, encontramos artigo de Medeiros Fontes, lido em 1930 no Instituto Neo-Pitagórico, *Artefactor moral da civilização*, onde o autor aponta o espírito humano como a gênese da arte e a coloca como coletiva por ser fruto dessa *psiquê*, bem como dinâmica e prática,

⁶⁰BRILL, Alice. **Da arte e da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1988.p.54.

⁶¹ARENAS, José Fernandez. **Metodologia da História da Arte**. Madrid: Stampa, 1986.

mostrando toda a sua preocupação com o tema. Artigo instigante, em particular por citar a arte como fruto de uma *psiquê* e como valor coletivo. Afinal, esses dois pontos serão a pedra de toque para a atuação artística dos paranistas, possibilitando através de suas obras - fruto da coletividade paranaense- a construção deste imaginário popular comum à comunidade do Paraná.

Através da arte, portanto, esses homens tentarão construir esta identidade cultural do Paraná, onde até mesmo um *tipo ideal* será forjado apesar de toda a heterogeneidade da região, que através da mistura de raças dificultava tal construção. Era preciso transformar todos em paranistas, em *homens de amor pelo Paraná*, que lutassem pela construção dessa nova terra de ideais nobres e elevados; pela sociedade do trabalho. Nesta integração de todos e na utilização do potencial revolucionário da arte, um quadro do alemão Hermann Schiefelbein é extremamente significativo. O quadro retrata um flagrante rural da época, sendo referenciado pela revista *Paranista*, então sob a direção de Romário Martins e Alfredo Andersen.

a mixtão de etnias que elaboraram este novo typo humano que há de formar o Paraná do futuro, essa árvore genealógica constituída das seivas nacionas de todos os continentes(...) E sobre aquella festa das raças que fraternisam, nos bórdos das florestas que a dous passos dali começa, os pinheiraes erguem suas taças verdes para o infinito em saldação ao mundo que vem vindo.⁶²

(figura 16.Anexos)

⁶² O baile das raças. *Paranista*. Curitiba, 1, 1933. p. 34.

Este quadro é fantasticamente significativo ao ilustrar a intenção que tinham os paranistas em remover o empecilho da existência de variadas culturas no Estado, trazidas pelos imigrantes. O quadro é bastante claro: o propósito é fazer com que estas variadas etnias participem da formação deste tipo ideal paranista, em conjunto, em harmonia, fraternalmente integradas, pois, a partir de agora, todos seriam filhos da mesma terra, pela qual todos nutririam uma sincera afeição.

Quem garante a harmonia entre tais etnias e a possibilidade irrefutável de criação de um homem novo é a presença forte e pujante dos pinherais ao fundo.

Outros elementos do quadro não são menos significativos; nele, um indígena baila com uma moça eslava, um imigrante polonês toca sua rebeca tradicional, alemães bebem cerveja, ucranianos preparam o churrasco nacional, um tirolês canta e há um certo destaque a um menino em primeiro plano no quadro que, na análise da revista é chamado *gury*, por ser mestiço, *filho de duas raças*, que está sentado em um toco de madeira, ensaiando alguns tímidos acordes em um pistão, um instrumento que não pertence a uma cultura específica, mas que se caracteriza exatamente por ser um símbolo da cultura mundial, da modernidade, do jazz que é um misto da cultura negra com as visões da América!

O quadro é, portanto, uma confusão harmoniosa, uma mistura de raças que estão em harmonia sob e com os

pinheirais. Há um destaque explícito para a miscigenação que resultaria neste tipo ideal paranista, este paranaense do futuro.

As personagens do quadro seriam os antepassados deste paranaense do futuro, deste ideal paranista, só possível pela harmonia, congregação e miscigenação não apenas dos imigrantes mas, acrescentando a esta *mistura*, a nossa primeira formação histórica que no quadro em questão está representada pelo *gury* mestiço que tocava o pistão, de olhos baixos para a terra do Paraná e voltado para o fundo do quadro, onde se encontram imponentes os pinheirais como que zelando pela harmonia da cena.

O ponto mais curioso é que em 1914⁶³, o poder executivo do estado estava autorizado a auxiliar com a quantia que julgasse conveniente, a *Festa das Colônias*, da qual não se tem maiores notícias, mas que pode ter sido a precursora dos festivais étnicos que até hoje se realizam no estado.

Além disso, o pintor do quadro, Hermann Schiefelbein, teve um destaque especial na revista *Ilustração Paranaense* que dizia ser o mesmo um grande *conhecedor da nossa gente*. Em artigo sobre a Exposição do autor afirmava,

o pintor Hermann Schiefelbein esteve no Sertão do Paraná, inspirando-se dentro de nossa grandiosa natureza...Agora está em Curityba. As suas telas falam do que é nosso...Da nossa grandeza vegetal...Das nossas lendas avoengas...Os seus nus

⁶³ PARANÁ. Lei 1.368 de 1914. Leis e Decretos do Estado. APPR.

são admiráveis. Tem muito de tropical, de realidade!...O pintor Schiefelbein sentiu a nossa paisagem e compreendeu a nossa gente.⁶⁴

No ano em que saía a reportagem sobre o referido quadro na revista *Paranista*, Schiefelbein sofria um acidente, no mínimo curioso: ao abater uma árvore, esta caiu sobre ele o que fez com que o mesmo tenha vindo a falecer em decorrência dos ferimentos a 24 de setembro de 1993. Mas, o fato é que Schiefelbein é o exemplo concreto de como, através da arte os paranistas buscarão uma comunidade de sentido com a população para efetivar seus propósitos.

O papel da arte na construção de um imaginário e de uma tradição comum ao Paraná, será patente no caso do pinheiro, o símbolo máximo dos ideais paranistas e o alvo preferido dos artistas da época. A comunidade de sentido entre a produção artística e o imaginário da população terá como ponto de apoio a figura do pinheiro e seu forte caráter simbólico.

Era preciso criar um símbolo forte para atuar de forma contundente sobre o imaginário da população. Daí a questão simbólica ser o ponto central para os paranistas, que não à toa, tinham uma forte ligação com o Movimento Simbolista cujas raízes eram fortemente fincadas no Paraná que foi um dos precursores do simbolismo no país, por exemplo com Dário Velozo na década anterior.

Como diz José Murilo de Carvalho,

⁶⁴ ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE. Curitiba.dez.,1927.p.47.

Um símbolo estabelece uma relação de significados entre dois objetos, duas idéias, ou entre objetos e idéias, ou entre duas imagens (...) Inexistindo terreno comum, que terá suas raízes seja no imaginário préexistente, seja em aspirações coletivas em busca de um novo imaginário, a relação de significado não se estabelece e o símbolo cai no vazio, se não no ridículo (...) O imaginário, apesar de manipulável, necessita para criar raízes de uma comunidade de imaginação, de uma comunidade de sentido. Símbolos, alegorias, mitos só criam raízes quando há terreno social e cultural no qual se alimentem.⁶⁵

Era preciso, portanto, criar símbolos poderosos que tivessem de alguma forma, uma identificação com o imaginário da época para que o mesmo não caísse no ridículo.

E falar em símbolos no Paraná é falar em pinheiro, principalmente em Curitiba, cujo nome, derivado de *curii* que significa pinheiro, pinha, pinhão, acrescido do sufixo *tiba* que indica abundância. Ou seja, a própria significação de Curitiba possui ligação com o pinheiro, já que quer dizer *pinheiral*.

A exaltação de Curitiba se fará também através das páginas da revista paranista *Ilustração Paranaense*, onde destaca-se a posição especial da cidade pela mesma ser um campo de pinheiros,

Curitiba! Rainha da montanha, com uma guarda nobre e fidelíssima: o pinheiro. Curitiba! Cidade de sonho, realização gloriosa, de um absurdo sonho de beleza - risonha como um jardim, fresca como um regato, acolhedora como um templo, boa e carinhosa como uma mulher. (...) Curitiba: que Deus te conserve sempre assim: ingênua e boa como uma noiva, toucada de flores, cercada de pinheiros.⁶⁶

Por esta citação percebemos qual a importância dada ao pinheiro para esta construção simbólica feita pelos paranistas, e de que forma o mesmo se colocará como elemento central em tal construção.

Talvez esteja aí o primeiro elemento de terreno comum para a comunidade de sentido para com o pinheiro.

⁶⁵ CARVALHO, José Murilo de. op. cit. p. 89.

⁶⁶ *ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE*. Curitiba, mar. 1930.

Mas para compreendermos esta escolha de uma maneira mais precisa, é necessário ver a construção da imagem desta árvore mais de perto. Iniciemos com a descrição de Lange de Morretes, importante artista plástico da década de 20,

Em nossa flora existe uma árvore de porte gigantesco, diversa das demais, porque cresce em determinados cânones, tem forma estilizada e é bem brasileira. Pinheiro é o nome que o povo lhe dá; o que os cientistas lhe dão é *Araucária Brasilliana*; os artistas ao contemplá-la dizem com respeito: é o rei da floresta! Inicialmente a sua distribuição era o inteiro do sul do Brasil, hoje ficou mais concentrada no Paraná, motivo porquor é também cognominado pinheiro do Paraná.⁶⁷

Por toda esta descrição de Lange de Morretes, vemos que o pinheiro foi o símbolo que melhor refletiu a utopia paranista. Foi o símbolo particular do ideal paranista, o que se encaixou de forma mais concreta nas pretensões simbólicas do movimento. Se não vejamos: o paranaense do futuro seria pujante, de porte gigantesco, assim como o pinheiro; teria uma identidade cultural própria que o tornaria especial, diferente dos demais, que o tornaria o *rei da floresta*, o que não faz com que ele deixe, de maneira alguma, de ser bem *brasileiro*. O pinheiro, desta forma, é o reflexo máximo dos ideais paranistas de construção deste *paranaense do futuro*, que seria a imagem e semelhança desta centenária árvore.

Não bastasse tudo isso, botanicamente o pinheiro representa a árvore que veio do passado, servindo por isso, também para preencher o vácuo referente à inexistência de uma tradição histórica do Estado. Assim como o carvalho e o cedro em outras sociedades, o

⁶⁷MORRETES, Lange de. **Ua árvore bem brasileira**. Curitiba, 1944.p.53.

Paraná adotava o pinheiro como seu grande símbolo, como aquele que encerra em si os mais altos ideais dos paranistas.

O paranaense do futuro seria fruto das raças que ali se encontram e que se integram sob o comando harmônico dos pinheirais. Mais do que isto, o *paranaense do futuro* e já o daquela época, *pujante e altivo*, é fruto do pinheiro, é pinha cuja semente foi *semeada* no fértil solo paranaense. Agora, tomando o passado, encontramos algo que os une: os pinheirais. Todos são pinha que deve florescer e dar origem a um novo pinheiro, ao novo paranaense, a um paranista, semeador de novas pinhas para a construção do Paraná.

Desta forma o Estado passa a ser conhecido por sua árvore que se desdobra em uma sucessão infinita, com seus galhos simétricos que chega a ser comparada, por certos autores, como Otávio Tavares, à mitologia grega.

A morte do pinheiro, cujo poema foi visto no capítulo anterior, é brilhantemente representado por Lange de Morretes em um quadro, *Alma da Floresta*, onde o mesmo traz a árvore caída ao fundo e, debruçada sobre o toco que restou de sua queda, uma mulher em prantos. (figura 17. Anexos)

A força pedagógica do símbolo máximo do Estado será compreendida por praticamente todos os artistas presentes neste período no Paraná, onde retratarão em seus quadros esta árvore-símbolo; de fato a mesma teria lançado suas profundas raízes no imaginário da época.

Nomes como Trapple, Nísio, Ghelfi, Schifelbein, Freuesleben, Bakun, Koop, De Bona, entre outros irão legar às coleções de arte do Estado, sejam governamentais ou particulares, um imenso acervo composto por obras retratando o pinheiro.

A já referida revista *Ilustração Paranaense*, estará repleta de artigos sobre esta árvore, como os vistos no capítulo anterior e que pretendiam forjar o ponto zero de uma sociedade que até então carecia de qualquer característica.

Esta árvore criava uma característica particular para o Paraná, como afirma Otávio Tavares,

O Paraná objetiva-se por uma árvore. E ella, só ella, desdobrando-se inacreditavelmente, numa sucessão infinita, basta para que se pressinta onde se está. Seus galhos simétricos, consagravam-no a Pan, a Artémis, a Syylvane, a Demeter e a outros dos muitos deuses que enchião o Olympo. (...) A mitologia tem nas suas páginas o ramalhar dos pinheiros, com Cybele, Poseidon, no Peloponeso, em Corinto, Athena, Esparta.⁶⁸

Até mesmo Romário Martins chegará a construir uma série de lendas a respeito do pinheiro, já destacadas no capítulo anterior, onde apesar de toda a defesa da civilização que faz, acaba dando a seu artigo um certo tom de crítica às possibilidades destrutivas da civilização pelo seu caráter irracional em relação à natureza. Afirma Romário,

Nasceu quando imperava o Tyngui valente, generoso...O emboaba chegou...Olhou-o com respeito e curvou-se ante seu vulto de gigante vegetal...Depois, veio o estrangeiro...Vieram os carros de boi, que acordaram o silêncio das coxilhas...E o pinheiro, forte, erecto, formidável na sua pompa de rei das florestas, foi respeitado, venerado...Nada o fazia tremer...A ventania tinha ritmos novos quando atravessava as suas frondes verdejantes...Quando o Imperador dos homens desse paiz, pouzou sob sua galkharia, descobriu-se admirado...O pinheiro era mais alto, mais forte...O Imperador se foi e o rei ficou...O tempo correu...Correu bastante...Veio a época do rádio, do automóvel, do

⁶⁸ TAVARES, Otávio. Os briareus verdes. In: *Ilustração Paranaense*. Curitiba, mar. 1928. p. 30.

cinematographo...Era a civilização, que vinha dynamisar nosso grande paiz!...E o homemcivilizado que nada respeita, decepou o pinheiro patriarchal...Seus galhos tombaram chorando as lágrimas da resina...Ei-lo mutilado! A sua aparência magestosa desapareceu...Passará essa civilização virá outra...Mais outra...Mas elle ficará para lembrar a época em que os homens eram maus.⁶⁹

Pinheiro que se conslidaará como grande símbolo paranista, o que se pode notar até mesmo nas palavras da *senhorita Didi Caillet*, Miss Paraná da época: *a araucária, magestoso symbolo do nosso querido Paraná, quer como fructífero alimento de nossos sertanejos, quer como madeira fonte de grande renda ou grato motivo para a téla do pintor, é inegalável...é nossa.*⁷⁰

Além do fato de construir toda uma tradição para o pinheiro que deveria ser o grande símbolo para a substituição da falta de uma tradição histórica no Paraná, Romário Martins no referido artigo, demonstra suas preocupações ecológicas com a contraposição que o mesmo faz entre uma época em que se respeitava a natureza (desde a época do Tinguí) até a chegada da civilização que nada respeita. Destacando ainda o fato de que o pinheiro sobreviverá a esta civilização e permanecerá para sempre, onde suas mutilações servirão para lembrar uma época em que os homens eram maus...

Mas a grande difusão do pinheiro se dará nas artes plástica, não apenas em sua utilização na literatura. Em sua maioria, adeptos do objetivismo visual, ocorrerá à época uma ampliação da possibilidade do uso do pinheiro na arte através da estilização do

⁶⁹ **ILLUSTRATAÇÃO PARANAENSE**. Pinheiro Mutilado. Curitiba, dez, 1927.p.50.

⁷⁰ **CAILLET**, Didi. O que disse e o que pensa a Miss Paraná. In: **Ilustração Paranaense**. Curitiba, mai.1930.

mesmo realizada pelos paranistas João Turin, João Ghelfi e Lange de Morretes. O próprio Lange descreve como chegaram a tal feito,

No ateliê de Ghelfi, em roda mais íntima, três artistas discutiam arte: Ghelfi, Turin e Lange de Morretes. Ghelfi, de saudosa memória, autor de alguns ótimos retratos, havia estado algum tempo em Paris, mas foi o primeiro a regressar da Europa. João Turin estudara escultura em Bruxelas e eu, artes plásticas na Alemanha. Quando um artista paranaense está só ele pensa no pinheiro; quando está em companhia de outro artista, fala do pinheiro; e quando os artistas reunidos são mais de dois, discutem sobre o pinheiro. Não era pois de se estranhar a conversa ter se encaminhado para o pinheiro. Discutíamos as suas qualidades, as suas dificuldades e as suas novas possibilidades para o campo da arte. Ghelfi, sempre, sempre entusiasmado e sonhador, tomou de um pedaço de carvão e na parede de seu atelier traçou, do tronco do pinheiro, um fragmento de fuste, sobre o qual compôs um grupo de pinhas como capitel. (...) Depois seguimos cada um para a sua casa, com um pinheiro na cabeça envolto na bruma do chope. Turin e eu estávamos com uma semente no peito a germinar. E, curioso, o sementeiro Ghelfi contentou-se com a semeadura. Talvez, devido a sua morte prematura (...) Há sementes que não brotam ao cair da primeira chuva. Levam tempo. Assim a estilização do pinheiro não nascera da noite para o dia. Turin matutou muito, eu não menos. No começo nossos trabalhos tinham sido meramente empíricos. Turin, como escultor, dedicou-se à fatura de capitéis. Eu, como pintor e desenhista, conhecendo as artes gráficas, encaminhei-me para o problema pictórico e o lado ilustrativo.⁷¹

Esta descrição de Lange de Morretes que se refere à estilização do pinheiro (figura 18. Anexos) mostra como havia a preocupação em tornar a utilização deste grande símbolo paranaense mais fácil para o horizonte artístico. Embora o próprio Lange tenha destacado a dificuldade que existia para se desenhar tal árvore, vemos que a partir da semente de Ghelfi, os outros dois, em particular Lange, chegariam a um resultado tão satisfatório que o mesmo está nas ruas da capital paranaense até os dias de hoje.

Lange salienta ainda o fato de que Ghelfi teria ficado satisfeito somente com a semeadura, mas o mesmo viria a morrer, prematuramente, segundo suas biografias de *acidente familiar*; o mesmo teria sido morto por sua esposa a machadadas, devido a seu *espírito boêmio*.

⁷¹MORRETES, Lange de. **O pinheiro na arte**. In: Revista Ilustração Brasileira, dez.1953.

A partir desta estilização o pinheiro ganhará uma maior divulgação e, conseqüentemente os ideais paranistas circularão pela sociedade local, passando à população todos os elementos que pretendiam construir este paranaense do futuro. A revista *Ilustração Paranaense* estará, por exemplo repleta de desenhos de Turin sobre esta árvore-símbolo do Paraná. Os editoriais da revista, todos escritos por Romário Martins, serão alguns encerrados em estilizações sobre o pinheiro, a pinha e o pinhão. Como por exemplo o que traz um editorial de Romário em comemoração ao aniversário da emancipação política do Paraná que, além de seu conteúdo ser extremamente paranista pois enaltece o Estado e sua gente, ainda foi formatado no sentido de lembrar o pinhão, como se até mesmo o pensamento paranaense fosse pinha, fosse fruto do pinheiro. Mais ou menos como relatou Lange, onde mostrou que a semente da estilização estava dentro deles. Neste editorial (figura 19. Anexos) Romário presta uma reverência a este símbolo estadual, fazendo com que se perceba que ele é praticamente o responsável pelo sentimento de pertencimento à terra, e que seu pensamento é fruto do pinheiro.

Lange de Morretes que será o responsável pela estilização do pinheiro e de seus frutos, utilizará a árvore mais em seus quadros o que é evidente, por exemplo em sua bela obra *Alma da Floresta*, quadro já citado e que pertence atualmente ao acervo da Assembléia Legislativa do Paraná, onde Lange tenta

vincular o pinheiro a uma espécie de alma da floresta. A estilização por ele conseguida será utilizada especialmente na Escola Normal Secundária, para um aperfeiçoamento de sua utilização. Mas Lange transformará sua própria vida em uma sinfonia paranista.

Além da temática de seus quadros versarem sobre temas relevantes para o Movimento, como o já citado ou outros repletos de pinheiros, ou até mesmo a composição feita por ele da lenda de fundação de Curitiba, Lange chegará ao ponto de deixar uma recomendação explícita a respeito de sua morte: queria ser enterrado em pé e com o rosto virado para o Pico do Marumbi, em terreno de um metro quadrado que comprara em Morretes a fim de lhe servir de sepultura.

Mas mais que Lange de Morretes, João Turin, natural de Porto de Cima, será o grande artista deste *Movimento Paranista*. Para aqueles que qualificam o movimento como um mero *estilo artístico*, Turin é tido como seu criador e, de fato será o personagem que mais lutará para a divulgação dos motivos paranistas, chegando realmente a criar uma arte paranaense, muito ligada ao *art decô*, que serviria tanto para enfeitar como para divulgar os ideais paranistas. Mas a qualificação do paranismo como sendo apenas um estilo artístico, desvincularia tais artistas deste contexto de construção de uma identidade cultural para o Estado.

Turin, principal expoente do Movimento nas artes plásticas, será o responsável pela criação de uma série

de obras que retratam a temática paranista. Um de seus temas prediletos será a construção de imagens lendárias de índios, o que o ligará ainda mais a Romário Martins que conseguirá através de intervenção junto ao Governo do Paraná, subsídio para que ele estude na Europa. Essas imagens indígenas muitas vezes servirão para ilustrar os mitos guaranis resgatados por Romário, na sua tentativa já analisada de criar uma tradição paranaense que remontasse aos antepassados indígenas, que são sempre mostrados por ele como sendo bravos guerreiros; isto faz com que as imagens de índios construídas por Turin, mostrem-nos sempre com um grande destaque para suas qualidades físicas. Aliás, seus índios terão um certo ar renascentista, onde a musculatura é bem definida e os padrões seguem as normas de equilíbrio e harmonia, tão caras aos Renascimento italiano do *cinquecento*. Isto faz com que Turin seja comparado por escritores curitibanos, aos grandes mestres clássicos,

O verdadeiro artista, o grande artista, só será verdadeiro, só será grande, quando além de mil inteligências e uma infinidade de sofrimentos, o seu talento ou o seu gênio simboliza em um a síntese de um todo, no dinamismo ou estática das consciências ou na inerência profunda da matéria, em cujas latências vibra insensível a energia infinitesimal do universo. (...) Olhando para a figura humana já modelada pela natureza de João Turin, alguma coisa de semelhante se experimenta sentindo a pureza da sua alma, serena como as campinas, risonha como os ocultos polichromaticos cheios de esplendores celestes, energética como os cumes verdes carregados de nuvens olympicas dessa maravilhosa paisagem terrestre chamada Paraná. (...) João Turin pensa por imagens esculpturais, que ele desenha no espaço com a eloquência do traço, com vigor do gesto mudo, como se ainda estivesse na Escola de Bellas Artes em Bruxelas. (...) A sensibilidade artística de Turin é complexa, e si elle funde todos os elementos da emoção na plástica, os seus sentidos espreitam sempre o reino da luz, o domínio das grandes ideias abstractas, a maneira dos grandes da Renascença e de Beethoven que viviam lendo Platão. (...) A linha anatomica carregada de energia e densa de significados psicologicos é o forte de Turin. Imprimir na pedra a harmonia que tem eloquência, a imagem que tem semelhança, o corpo que sofre ou o musculo que grita força ou maciez táctil de uma doçura, é o segredo da sua alma.⁷²

⁷²MARCO, F. de. João Turin. In: **ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE**. Curitiba, dez.1927.

Ainda nesse artigo vemos como Turin é ligado aos grandes mestres da pintura e, como será de fato o grande artista paranista. Esta riqueza nos traços anatômicos, que será a marca de Turin esté presente também na já citada capa da revista *Ilustração Paranaense*, onde o homem representado em harmonia com os pinheirais em fundo terá seus traços anatômicos bem definidos. Aliás, a análise desta capa também nos permite uma ratificação da ligação de Turin com os princípios clássicos e renascentistas, na medida em que o mesmo faz lembrar os desenhos de estudos anatômicos celebrizados por Leonardo Da Vinci. (figura 13. Anexos)

O curioso em tal capa é que a harmonia não é só utilizada para a composição do corpo humano, mas principalmente os pinheiros ao fundo e a linha de pinhões estilizados abaixo da figura humana reforçam tal idéia tão cara à Turin.

A própria casa-ateliê de Turin, localizada à Rua Sete de Setembro esquina com a Coronel Dulcídio, será uma obra paranista (figura 20. Anexos) onde encontraremos, logo no portão de entrada dois pinhões estilizados no portão de madeira e, mais do que isto, a própria estrutura de cimento feita para dar sustentação aos referidos portões têm, elas também, pinhões estilizados. Ladeando a porta principal da casa vemos dois relevos de motivos indígenas, que reforçavam seu interesse pela temática. A ligação de Turin, inclusive, com os temas clássicos e seu paranismo exacerbado são retratados em uma bela obra do autor onde o mesmo faz

uma composição das estações do ano, mas utiliza para tanto motivos indígenas. Assim como os outros principais vultos paranistas, Turin será também um indianista e fará, sempre que possível, o elogio a esta raça em suas obras. Terá a casa, ainda, uma só janela e, acima, no teto uma clarabóia.

Estes temas indígenas de Turin ficarão evidentes também em outras obras do autor, como em um vaso com uma pantera negra, rodeada de pinhas estilizadas (figura 21. Anexos); ou em uma ânfora paranista, composta de uma peça única, em forma de pinha e com outros motivos paranistas decorando-a. (figura 22. Anexos) Turin elaborará até mesmo um auto-retrato seu em relevo com uma série de motivos paranistas estilizados em sua volta.

Destaca-se na produção artística paranista, portanto, como nos mitos indígenas, a figura do pinheiro, já evidenciada como um dos símbolos máximos dos ideais paranistas por suas características. Romário Martins chega, em um livro sobre as árvores a citá-lo como árvore paranaense e, acima de tudo, brasileira. Além disso o pinheiro está ligado, em termos ecológicos a uma árvore do passado, o que vem a auxiliar também os paranistas no preenchimento de um passado fraco em termos historiográficos.

O pinheiro se caracterizará como o herói paranista, aquele que preenche o imaginário popular e tem uma força pedagógica já vista em seu mito de

origem, ou seja, mostra ao habitante da terra como ele deve ser.

Por isso praticamente todos os pintores que passaram pelo estado refletiram o pinheiro em seus quadros. Com a estilização o pinheiro passa a ser o elemento central desse novo estilo artístico regional, no caso o *estilo paranista*.

Mas João Turin vai além e, na tentativa de realmente disseminar os valores passados pelo pinheiro e contribuir de maneira irrefutável com a construção de um ancestral comum aos paranaenses, vai chegar a propor a criação de uma *moda paranista*, onde encontramos em seus desenhos projetos para um guarda-chuva em forma de pinheiro, bolsas com pinhas e pinhões estilizados, capas e outros objetos de uso cotidiano que pretendiam fazer com que a população se aproximasse de tais construções paranistas. (figura 23. Anexos) Nela vemos a vinculação de Turin a princípios de uma arte decorativa, o que pretendia fazer com que o Paraná se adaptasse aos novos padrões artísticos europeus. Vale salientar que praticamente todos os artistas paranaenses deste período estudarão algum tempo na Europa. Apesar deste detalhe poucos se libertarão das amarras de um paisagismo. Os que fogem um pouco disto, como Turin, propõem uma arte simbólica e decorativa, mostrando toda a influência do simbolismo em suas produções.

Mas as novas tendências da arte européia não afetavam os paranaenses, ao contrário. Os mesmos não

chegavam sequer a sair do Ateliê, coisa que os europeus já tinham feito no final do século XIX com os impressionistas. Mais curioso ainda o fato de que o autor paranaense que seguirá os passos do *Impressionismo*, será Miguel Bakun, de uma fase posterior mas que não estudará na Europa e cujo reconhecimento se dará apenas alguns anos após sua morte quando até mesmo Sílvio Back fará um filma a seu respeito. Mas mesmo este autor, considerado o Van Gogh do Paraná, não conseguirá ficar fora desta construção paranista. Até ele pintará o pinheiro, curvando-se a este grande símbolo paranaense.

A estilização do pinheiro chegará pelas mãos de João Turin a sair do papel e ganhar as paredes do Club Curitibano, em uma clara utilização decorativa desses princípios artísticos. (figuras 24 e 25. Anexos) Além das decorações de Turin o Club terá uma sala onde os móveis serão construídos pelo escultor F. Szabo que também serão compostos por motivos paranistas.

Tudo alli fala do Paraná, tudo ao Paraná glorifica. Por toda a parte, em decorações, em quadros, a alma do Paraná palpita. Onde porém, mais o Paraná canta e sorri, é nas lindas e artisticas estantes de sua bibliotheca, estantes que desandam sobre pinhas e nas quaes artisticamente lavrados e embutidos, o pinheiro, o mate, o café resplandecem. - Em altos relevos de uma delicadeza soberba, esses tres symbolos da nossa riqueza que são a expressão e o resumo da nossa própria vida regional, captam e solicitam a attenção e reclamam a admiração dos que, com enlevo pousam seus olhares nesses primores de arte.-(...) A Illustração Paranaense iniciou a propaganda dessas originalissima decoração, estampando vinhetas e outros motivos decorativos, somente inspirados no pinheiro e nos desenhos dos nossos indigenas. Turin ideou uma fachada com motivos do pinheiro, concretizando assim o estilo paranaense. Estamos certos de que o nosso estylo será precursor da criação do estylo brasileiro.⁷³

Mas a ligação dos paranistas com a moderna arte européia se não se dará em função das transformações

⁷³ CORREIA, Leoncio. O Club Curitybano. In: **ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE**. Curitiba, jan.1930.

mais avançadas, dar-se-á, por outro lado, pela incorporação de elementos artísticos do *futurismo* italiano e, em particular das adulterações feitas neste pela Itália fascista de Mussolini. Isto é demonstrado principalmente pela revista *Ilustração Paranaense*, que dedicará um número especial somente à divulgação da Itália do Duce. Neste número, além de uma série de reportagens que vão desde a Miss Itália a um artigo de próprio punho de Benito Mussolini, autografado; encontraremos um artigo que fala da difusão das idéias futuristas no mundo e, em particular no Paraná.

A renovação artística de Felippo Tommaso Marinetti, depois de avassalar quasi todos os climas intellectuaes do mundo civilisaio, tambem riscou na louza esthetica do Paraná. Nosso futurismo teve aspecto caricatural, guisalhante, pyrothechnico...Não foi levado a sério, quer na pintura, quer na prosa, na poesia e na musica. A monotonia academica e o piegismo romântico tinham lavrado sulcos peçonhentos em nossas almas. O brado futurista aqui em Curityba partiu da inubia desvairada de Correia Junior, que, pelas columnas da "Gazeta do Povo", sob o pseudônimo de Pierre Choux-Fleur deu à publicidade várias produções que iriam fazer parte do livro: "A alma pitoresca dos insectos."⁷⁴

Mas, apesar desta crítica e da reclamação de que o futurismo não teria tido que uma recepção caricaturesca no Paraná, o fato é que os paranistas terão uma ligação muito grande com o movimento de Marinetti, em particular com sua deturpação feita pelos movimentos totalitários que tinham a pretensão de construir uma base tradicional para o Estado, recorrendo à arte para tanto.

Sob influência dos franceses do século XIX, o futurismo fará um rasgado elogio à modernidade e a seus elementos representativos como a multidão, o centro urbano e a velocidade. Viam na cidade uma possibilidade

⁷⁴ POYTAN, Iberá. O futurismo no Paraná. In: **Ilustração Paranaense**. Curitiba, fev..1928.p.31.

de criação de um lirismo que pretendia fazer um culto à energia, à força, contribuindo para o despertar do espírito nacional, o culto da terra e dos heróis, a consagração das energias cívicas.⁷⁵

O futurismo italiano, especialmente exaltará a guerra, o militarismo, o patriotismo, o que era chamado de *higiene do heroísmo* que vê na guerra uma possibilidade de instauração da ordem nova, a partir do elogio aos aspectos técnicos. Para eles, o mundo deve ser reformulado não através de teorias, mas de ações concretas, realizadas por um novo Adão que destrua o passado e dê vida a um novo presente.⁷⁶ Faziam ainda uma exaltação do presente e do futuro, o que pode ser identificado no exame da citação anterior e, principalmente na afirmação de que a *história passada parece uma longa noite cortada por relâmpagos, uma espera cinzenta e impaciente, um eterno crepúsculo daquela manhã que surge agora finalmente conosco.*⁷⁷

Por isso os futuristas fazem uma completa negação da herança cultural e contra a cidade do passado, lutam pela modernização, onde a máquina é o símbolo, o monumento de uma nova era e o ideal aglutinador da sociedade é o trabalho, em uma cidade-oficina. Somente por esses elementos já se poderia

⁷⁵ FABRIS, Anateresa. **Futurismo: uma poética da modernidade.** São Paulo: Perspectiva, 1987.p.09.

⁷⁶ Ibid idem.p.25.

⁷⁷ Ibid idem. p.26.

perceber a ligação deste futurismo com o paranismo, na medida em que os mesmos farão um elogio ao progresso e à técnica como foi visto no primeiro capítulo, onde vemos que os ideais paranistas serão muito próximos a utopia futurista.

Unido a isto, vemos que o paranismo, por não ter a possibilidade de construção de tradições culturais com um forte cunho histórico, projetarão seu herói para o futuro. O herói paranista é o paranaense do futuro, é o paranista, aquele que lança suas sementes para a construção de um novo Paraná, um Estado voltado para o devir.

Mesmo quando há um resgate de um passado histórico ou a produção de símbolos com uma forte referência ao passado, como é o caso do resgate dos mitos indígenas ou a construção de uma história regional, os paranistas a ligarão a seu presente que pretendem , em última instância positivar, para a construção de uma certa tradição que fundamente os atos presentes. Esta mesma concepção de resgate histórico é adotada pelo estado fascista italiano que, ao resgatar os valores de uma cultura clássica, da qual a Itália foi o berço, o fazem no sentido de legitimar a construção de um Estado que se volta para o futuro e, particularmente para demonstrar a vocação de vitória presente na alma do italiano.

É nesse sentido, por exemplo que o Duce resgata a *fascio*, símbolo do poder dos magistrados romanos e que pretende demonstrar toda a vocação italiana para o

poder e para a dominação. Deturpando os princípios futuristas, Mussolini constrói uma idéia de Nação que faz, como no Paraná do período, um forte elogio à técnica e ao progresso e resgata um passado mítico que daria a comprovação de que os italianos seriam um povo especial.

É nesse sentido que vemos concomitantemente no Paraná e na Itália o surgimento de uma arte muito próxima; se lá há o resgate de um passado clássico para demonstrar o poder italiano; aqui há o resgate dos mitos indígenas, onde o índio é dotado de um porte pujante e nobre, próximo às representações clássicas.

Por isso tanto o Paraná como a Itália construirão colunas para adornar seus edifícios, a Italiana por idéia do Duce, feita por Marcello Piacentinni e a paranaense por João Turin. Há até mesmo um artigo na revista *Ilustração Paranaense* do cônsul italiano a respeito de tal relação,

a columna não é somente um elemento do *Estylo*; antes verossimilmente o *Estylo* nasce do desenvolvimento de um typo de columna, verificado em dois movimentos: na Italia Marcello Piacentini, por sugestão do Duce, crea um monumento aos que tombaram, em robusto Templo quadrado, sustentado por columnas representando o fascio littorio; em Curitiba João turin concebe um novo typo de columna, inspirando-se na magestade e na belleza do característico pinheiro dos horizontes paranaenses. (...) No horizonte dessa sua terra, o Pinheiro de cem braços cruzados no azul do céu, appareceu-lhe como elemento ideal e figurativo da belleza panorâmica paranaense; e mais tarde como symbolo de uma Arte Autoctona, manifestação potente da evolução espiritual que aqui se vae desenvolvendo. (...) Era preconizada para o futuro espiritual da terra paranaense. Como o Duce concebeo a novissima columna para a Architectura da Potencia Fascista, assim João Turin soube encerrar a megestade e a significação do Pinheiro da sua terra em columna e motivos architectonicos realmente originaes. A característica principal da nova columna é o capitel concebido como corôa de Pinhas, sobrepondo-se a um rico motivo sobre pinhões estylizados à maneira do estylo jonico. Falta qualquer pedestal porque a columna dada à sua origem arbórea, deve nascer natural e simplesmente da terra. O fuste da columna paranaense não pode deixar de ser uma sincera estylização do tronco do pinheiro realizada atravez de arabescos da casa e dos elementos decorativos a derivarem da parte superior do fuste, figurando ramos cahidos. Deverá conservar a elegância da forma para conter a expressão hierática da planta que quasi se ergue para levar ao azul das aspirações da terra a belleza sempre eterna

da Esphera Celestial. Duas novissimas formas como primeiras e vehementes afirmações de uma arte futura que libertará o espirito humano da maligna escravidão da beleza tradicional.⁷⁸

Nesta citação percebemos toda a ligação do paranismo com o futurismo italiano e, em particular com as pretensões do Duce. Fica clara a contraposição feita entre a beleza tradicional e clássica e as novas bases estéticas lançadas pelo futurismo. Aqui a sociedade se volta para o futuro e esquece suas tradições, mesmo que para a construção de novos elementos artísticos como as colunas, pois se tanto na Itália como no Paraná há uma inspiração clássica, o que se pretende é um elogio à arte futura e aos princípios de modernidade e de ciência, onde até mesmo os corpos serão disciplinados e as massas serão voltadas a um eterno reverenciar dos valores da moderna sociedade que se constrói.

A Coluna Paranista (figura 26. Anexos) não tinha base, na medida em que simbolizava o pinheiro e ao mesmo tempo nasce do chão, assim como a árvore; e em seu capitel é possível encontrar pinhas e pinhões estilizados, além de ramos de pinheiro.

Esta coluna chegará, inclusive a sair do papel, e decora a casa do Doutor Bernardo Leinig, embora que fora de sua função arquitetônica, apenas preservando a sua função decorativa, na medida em que não serve para a sustentação arquitetônica da construção, mas somente como enfeite (figuras 27 e 28. Anexos). A coluna aqui não dá mais a impressão de leveza ao sustentar grandes

⁷⁸ MAMMALELLA, Amadeo. Columna Littoria e Columna Paranaense. In: **Ilustração Paranaense**. Curitiba, mai.1929.

blocos de pedra, como nos templos italianos; mas demonstra claramente como os símbolos paranistas circulavam e estavam em perfeita sintonia com o imaginário da época, caso contrário teriam caído no vazio. Desta forma a arte paranista ganhava as ruas e se aproximava da população com a qual pretendia criar uma comunidade de sentido.

Aqui percebemos, então, toda a influência do futurismo em relação à arte paranista e como os dois terão uma série de pontos de coincidência, seja no que se refere a alguns princípios estéticos, seja pela pretensão comum de criação de uma tradição para suas regiões; e, particularmente no que se refere ao fato de projetarem a sociedade para o futuro, afinal o herói paranista é este *paranaense do futuro*.

O resgate de elementos indígenas e a tentativa de estabelecimento de um elo de ligação entre os mesmos e a população paranaense, ficará evidente em outra importante obra de Turin, que mostra que seu fascínio por tais elementos chega a tal ponto que o mesmo elaborou uma peça das mais significativas do estilo paranista, peça que se destinara a decorar o final da rodovia São Paulo-Curitiba, mais ou menos na região do Atuba e que pretendia homenagear os bandeirantes paulistas e a fundação da cidade. Ao menos assim se refere ao mesmo a revista *Ilustração Paranaense*,

Monumento à entrada dos bandeirantes nos territórios dos curitys. O cacique com a flecha da paz indica o local de fundação de Curityba. O monumento será colocado no final da estrada de rodagem que liga São Paulo ao Paraná, nos arredores de Curityba. Trabalho do escultor paranaense João Turin.⁷⁹

Apesar disto, a peça ainda em gesso não saiu da posse de Turin e hoje encontra-se em um museu dedicado ao mesmo. (figura 29. Anexos)

A peça trata exatamente da cena da fundação de Curitiba, segundo o mito indígena apropriado por Romário Martins, e já visto no capítulo anterior. O Monumento é composto de dois pavimentos, trazendo na parte da base os bandeirantes em harmonia com os indígenas e na parte superior, o chefe da tribo e seu bastão. Mas não param aí as vinculações da obra ao paranismo, toda a obra em sua base e cúpula são sustentados por uma estrutura formada por colunas paranistas ricamente trabalhadas e que dá um toque ainda mais regionalista à peça.

Esta lenda, aliás sofrerá uma série de representações, como esta de Turin, uma de Lange de Morretes que pintará a cena de fundação e, na literatura ainda encontraremos a descrição do fato no poema de Francisco Ferreira da Silva que, em sua obra **Paraniadas**, fará uma exaltação do Paraná em doze cantos épicos.⁸⁰

Mas a obra de Turin será extremamente representativa da intenção paranista, onde há a construção de um passado que é artificialmente ligado

⁷⁹ **ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE**. Curitiba, fev.1928.

⁸⁰ SILVA, Francisco Ferreira da. **Paraniadas**; poema heróico do Paraná. Doze cantos líricos. Curitiba, 1946.

com o presente que os paranistas pretendem consolidar. É na verdade uma peça que mostra o objetivo de construir a utopia de um Paraná do futuro. Utopia muito forte no gênio que foi João Turin que, como escultor, afirmava que *o barro é vida, o gesso é a morte, o bronze é a ressurreição*. Talvez por isso acalentasse o sonho de construir as portas da catedral de Curitiba em bronze, ele que deu vida ao barro e eternizou uma série de obras paranistas. Tudo isso mostra a forte ligação de Turin com uma preocupação simbólica.

Ainda neste recorte destaca-se outro símbolo paranista, a estátua feita por João Zaco Paraná, o *Semeador* (figura 30. Anexos), uma homenagem da colônia polonesa ao Paraná em comemoração do Centenário da Independência do Brasil.

Esta obra, mais do que o pinheiro, reúne em si todas as características pretendidas pelo *Movimento Paranista*. Os jornais da época já davam conta do que seria tal obra,

Zaco aprontou já a maquete, aprovada pela comissão da colônia poloneza, iniciando agora a feitura do modelo definitivo. É uma estátua devendo atingir a mais de 5 metros de altura, sendo a figura de 2 a 20 e o pedestal de mais de 3 metros. Encimando o pedestal será pousada a figura de um camponês, tipo de slavo, lançando a semente à terra. É um semeador de músculos rijos, em passo aberto, mão cheia de sementes, braço em posição de atirar a semente ao longe e com a sacola de sementes a tiracolo, cabeleira ondeando ao vento. Figura linda, de expressões fortes, muito concentrada com o grande elemento de trabalho, que é o agricultor polonês, notável factor de nosso progresso. Essa estátua deverá ser acabada até janeiro do próximo anno.⁸¹

Nesta primeira descrição da estátua de Zaco Paraná, um imigrante polonês radicado no Estado, vemos que a intenção foi a de retratar, a princípio um

⁸¹ DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, set. 1923.

camponês de origem eslava, como os imigrantes que foram para o Paraná àquela época.

Até mesmo a realização da obra gerou uma série de dificuldades à Zaco, na medida em que a mesma deveria ser inaugurada nos festejos do Centenário da Independência, mas só pode ser concluída em 1924, quando foi inaugurada. (figura 31. Anexos) Segundo relatos de Theodoro De Bonna em carta ao paranista Romário Martins,

Zaco residia na Rua do Senado, no último quarto de um cortiço mal iluminado, úmido e bastante triste. Seu quarto era extremamente modesto e a desordem geral aí era uma constante (...) Apanhava água que vinha da calha e não se preocupava consigo mesmo. (...) Moldou lenta e apaixonadamente, durante os dias e as noites de muitos meses, em seu próprio quarto, no quarto daquele cortiço da rua do Senado. Para moldá-lo, não poucas vezes, tinha que apanhar água da chuva que caía do telhado, pois a torneira da pia estava seca. Foi nesse modesto e tão mal iluminado ambiente, apertado e sem qualquer conforto que ele moldou essa maravilha.⁸²

Isto mostra a intenção de Zaco Paraná em completar a sua obra o mais breve possível em razão do atraso que já não era grande. Quanto à sua falta de preocupação consigo mesmo, afirmava que *as minhas esculturas têm que ter alma, dizer alguma mensagem.*⁸³

Para completar ele se situava na porta de entrada da cidade, ou seja, na Praça Eufrásio Correia, defronte à Estação Ferroviária, e não à toa seu próprio posicionamento está voltado para o lado em que nasce o sol, representando seu olhar voltado para o futuro.

Este Semeador, inicialmente feito para representar a adesão dos poloneses à construção de um Paraná novo e voltado para o futuro, passa com o tempo

⁸² DE BONNA, Theodoro. Cartas a Romário Martins. Datilografado. Curitiba, 1934.

⁸³ TEMPSKI, E.D. **João Zaco Paraná**. Curitiba: Lítero-Técnica, 1984.

a ser identificado como o grande herói paranista, como aquele que encerra em si todos os valores e ideais deste Movimento, transformando-se naquele que semeia o Paraná do futuro, naquele que deixa no Paraná a sua marca e contribui para construção de um estado de progresso e civilidade.

Representa também a vocação agrícola do estado que no período era destacada por Romário Martins que chega a propor uma *Cruzada do Trigo*, para que o estado abandone a sua dependência em relação ao extrativismo que era até então a principal fonte de recursos para o estado, seja com a erva-mate, seja com a madeira. Era preciso, até mesmo do ponto de vista econômico, semear o Paraná do futuro.

Uma das grandes vantagens desta figura era o fato de que o mesmo pode ser qualquer um, qualquer pessoa que se enquadre na caracterização de paranista, ou seja, aquele que semeia a cultura, as artes, o solo, as fábricas, todos aqueles que deixam a sua semente para a construção de um Paraná melhor.

O caráter simbólico desta imagem será explorada a tal ponto que o *Semeador* figura atualmente no símbolo oficial do Paraná em substituição ao antigo Ceifador. Isto porque o ceifador não deixa a semente e pode ser ligado ao extrativismo.

O Semeador semeia um futuro, o Ceifador apenas colhe um passado; era preciso encontrar um poderoso símbolo que se integrasse ao imaginário da população e, como os personagens da história paranaense precisariam

de uma explicação prévia para uma posterior identificação com a população, o Semeador era de direta leitura; além do que ratificava novamente a ligação dos paranistas com o futurismo e a intenção de negar as tradições e projetar a sociedade para o futuro.

Dessa maneira, todos poderiam vir a se identificar com o Semeador pois ele simbolizava

o trabalhador com os olhos no futuro, dirigidos para o nascente, a lançar suas sementes na terra (...) lavrador com dorso nu e pés descalços, em bernal de tecido a bandoleira para as sementes, gesto intenso e movimento rítmico para atira-las ao chão. Sua anatomia forte e bem proporcionada atua lado a lado ao movimento harmonioso de todo o conjunto, cujo ritmo é o de caminhar erguido para frente em pleno equilíbrio instável que demonstra movimento crescente, culminado com uma postura de conquista sem ser arrogante, com humildade, sem demonstrar fraqueza.⁸⁴

Desta forma vemos como o Semeador de Zaco Paraná se converteu no grande símbolo paranista, e como com ele poderão se identificar todas as pessoas que estão no Estado e, acima de tudo, de que forma ele é exemplar para revelar as intenções de construção de um Paraná novo e forte com base no progresso e na ciência. Além do que mostra de que jeito as colônias irão se vincular a esta construção.

Esta análise da iconografia é, sem dúvida, o elemento central para o paranismo, pois é através destas manifestações artísticas que eles pretenderão a construção de uma idéia de Paraná. Voltando às reflexões iniciais e na análise da produção artística, ou seja, de um elemento marginal para a história tradicional, que se pretende chegar a idéia de sociedade que os paranistas pretendiam construir e que,

⁸⁴ **NICOLAU.** Semeadura do Semeador. Um símbolo para a nova gente. Curitiba, nov. 1987.

para tal se valerão da dimensão da estética para a construção da identidade de um estado em formação.

V. O ESPETÁCULO PARANISTA: AS MASSAS RITUALIZADAS.

Neste quarto recorte procura-se verificar de que forma a produção dos paranistas ganha as ruas e se integra com o imaginário popular. Isto acontece nas comemorações cívicas, sejam elas de caráter regional ou nacional. Mas todas as festas serão eminentemente paranistas e de fixação dos ideais produzidos por este movimento.

É nesse sentido que os republicanos, logo no início do período, construirão as datas cívicas afirmando que *o sentimento de fraternidade universal não pode se desenvolver convenientemente sem um systema de festas públicas destinadas à comemorar a continuidade e a solidariedade de todas as gerações humanas.*⁸⁵ Nessas festas destacam-se o 21 de abril, dos precursores da Independência resumidos em Tiradentes; o 13 de maio como a festa da fraternidade dos brasileiros; o 14 de julho como a comemoração da República, da liberdade e da Independência dos povos americanos e o 15 de Novembro não como a festa da República, mas da Pátria brasileira.

Destacam-se aqui às pretensões modernizantes dos paranistas em mostrar os avanços do Paraná. Um dos principais recursos utilizados para tal são as Exposições onde os paranistas irão expor os produtos

⁸⁵ A REPÚBLICA. Curityba. 05.fev.1890.

paranaenses, contando neste aspecto com um forte incentivo governamental para tal.

Vale lembrar que desde o início do século o Governo Paranaense disporá de imensas quantias para promover tais exposições, chegando ao ponto de participar até mesmo de exposições internacionais em Chicago⁸⁶ para a qual abre um crédito de 15:000\$000, onde inclusive veremos que a noção de Indústria era bem diferente na medida em que os produtos expostos eram basicamente agrícolas, mas classificados como industriais para representar a evolução do Estado.

O Governo paranaense envia, ainda, de presente ao governo norte-americano, uma mesa composta pelas mais nobres madeiras do Paraná, em uma atitude que pretendia simbolizar os avanços da terra.

Aliás, apesar de toda a pretensão em se mostrar avançado o estado expões como produtos em geral bens do setor primário, o que é demonstrado até mesmo na I Exposição Industrial do Paraná, em comemoração ao cinquentenário da emancipação política paranaense, onde a maior parte dos produtos era do setor primário.

Entre as variadas exposições destaca-se a do Centenário da Independência, feita em dois planos. Primeiro uma exposição prévia no Paraná, onde o paranista Romário Martins ficará encarregado da seleção dos produtos que representariam os paranaenses na Exposição Nacional onde o Paraná teria e um estande.

⁸⁶ PARANÁ. Lei 54 de 19.nov.1892.Decretos e Leis do Estado.APPR.

Nesta exposição destacam-se os quadros de Waldemar Curt Freyesleben, um pintor paisagista que não estudou no exterior como a maioria de seus contemporâneos, e que tinha como tema preferencial os **pinheiros**. Além de participar da Exposição, o Governo do Paraná concederá um crédito para a exposição permanente de produtos paranaenses na Capital Federal, no valor de 80:000\$000,⁸⁷ onde se destaca a exposição da erva-mate, principal produto da economia paranaense da época. A revista *Ilustração Paranaense* destacava a participação do Estado na exposição afirmando que o *Paraná fez a mais brilhante figura. O Jury Superior de Recompensas conferia os seguintes prêmios aos expositores paranaenses: **fora de concurso**, com direito a diploma comemorativo, acompanhado de placa de prata, 5; **fora de concurso**, titular de prêmio em Exposição Internacional 1; Grandes Prêmios 21; Diplomas de Honra 9; Medalhas de Ouro 110; Medalhas de Prata 40; Medalhas de Bronze 22; Menções Honrosas 25; total 236.*⁸⁸

Mais importante que os prêmios ou as Menções era o espetáculo em si. Ele buscava fazer com que as pessoas prestassem reverência, homenageassem os produtos paranaenses e, indiretamente, o Progresso e o Paraná, que tentava mostrar naqueles produtos, muitas vezes ainda fruto de uma forte tradição agrícola, o seu desenvolvimento e a sua identidade.

⁸⁷ **PARANÁ.** Lei 366 de 11.abr.1900.Decretos e Leis do Estado.APPR.

⁸⁸ **ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE.** Curitiba, ago.1928.

Também Curitiba se preparava para as Comemorações do Centenário, onde o Governo autorizava os gastos para preparar a festa.⁸⁹

Todos iriam se envolver na preparação desta grande cerimônia e a cidade passa a se desenhar como um palco monumental onde a população deveria se sentir em casa nas ruas que eram ampliadas para abrigar as massas ritualizadas que deveriam prestar reverência aos ideais paranistas. (figura 32. Anexos)

As ruas Saldanha Marinho e 13 de Maio, por iniciativa popular como informa periódico da época

*É justo, pois, que além das festas de caracter official que se realizarão, o povo, por sua vez, festege o 07 de Setembro com a compreensão da grandiosidade do acontecimento. Aqui em Curitiba, por iniciativa própria os moradores da Saldanha Marinho vão embandeirar as casas, illuminar os edificios, etc. Na 13 de maio o sr. Lucidio Correia também vai enfeitar a rua. Para tornar a cidade ornamentada e encantadora e dar-lhe um aspecto novo, festivo, alegre, é necessario que ella toda se engalane e se embandeire, para que todos os corações se entusiasmem de amor pela Pátria querida.*⁹⁰

À medida que o tempo corria, a cidade continuava a se preparar. O prefeito Moreira Garcez preparava a entrega dos melhoramentos da Praça Santos Andrade, da Praça da República e da própria Rua VII de Setembro, não à toa todos lugares públicos, novos locais destinados às massas, seguindo novamente as intenções do futurismo que fazia um grande elogio aos elementos modernos e urbanos. O esporte entra aqui com força total. Jogos esportivos são organizados e até mesmo o futebol se vinculou às comemorações da Independência, na medida em que o Campeonato se chamou do Centenário,

⁸⁹ PARANÁ. Lei 2020 de 21.mar.1921.Leis e Decretos do Estado. APPR.

⁹⁰ DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 02. set.1922.

onde o vencedor foi o Britânia que conquistava o troféu Epitácio Pessoa, ao derrotar o combinado do interior por 3x1 (figura 33. Anexos). Exercícios físicos sincronizados e ensaiados eram realizados em apresentações públicas, ainda no sentido de demonstrar a capacidade de disciplina. (figura 34. Anexos)

Tentando aproveitar o clima de euforia, a propaganda vendia a imagem do Centenário. É lançada no mercado pela Companhia Brasileira, mais uma marca de cerveja, à qual foi dado o nome de Centenário. Com menor pretensão, as propagandas das Casas Bichara, em clima de comemoração anunciam uma venda especial para a festa.

As colônias de imigrantes do Estado também se preparam para os festejos. A Colônia italiana ilumina a fachada da Sociedade Garibaldi. A israelita manda nota para os jornais confirmando a participação em todos os eventos, com a ressalva de não poder *deixar nenhuma marca mais significativa*, segundo eles pelo reduzido número de seus membros. A colônia síria promete uma estátua da liberdade em *mármore de grandes dimensões*, que destacaria o *apreço* que a colônia tinha no país, mas ficou na promessa.

A colônia alemã, por sua vez, irá homenagear o Brasil fazendo um *caloroso* donativo de 25:000\$000 à Universidade do Paraná, para auxiliar na construção de novas alas para o edifício. Aqui, a festa passa a ser muito mais paranista que brasileira. A pedra fundamental das alas dos edifícios foi inaugurada a 7

de setembro, às 16:30 horas, tendo como orador o sr. Clotário Portugal.

A colônia polaca residente em São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, vai oferecer um monumento em homenagem ao Brasil, mostrando a sua gratidão em relação à Nação, arrecadando fundos para o mesmo. Até mesmo o governo paranaense contribuirá com tal Monumento que acabou por ser o Monumento à Independência, no largo do Ipiranga em São Paulo.⁹¹ Além disso a colônia polaca locada no Paraná dedicará à Nação um monumento a ser inaugurado em Curitiba, a estátua do *Semeador*, que se transformará no grande símbolo dos ideais do paranismo.

Para tornar a festa ainda mais paranista, o pinheiro foi escolhido como a *árvore da Independência*, havendo a determinação governamental de que em todas as escolas e grupos do estado, um pinheiro fosse plantado e, de cujo ato solene se lavraria uma ata. Para ilustrar tal fato vejamos o caso do Colégio Progresso, situado na praça 19 de Dezembro,

realizaram-se neste estabelecimento no dia sete do corrente ao meio dia, com toda a solenidade e imponência a plantação dos pinheiros em comemoração à data do primeiro centenário de nossa independência (...) Foram gravadas em placa de mármore, fixas em granito, junto às árvores, phrases significativas dessa tocante solenidade.⁹²

Essa foi uma das cerimônias mais ricas em termos simbólicos. Como palco um colégio cujo nome era Progresso. Como protagonistas e espectadores da

⁹¹ PARANÁ. Lei 1274 de 20. mar.1913. Decretos e Leis do Estado.APPR.

⁹² DIÁRIO DA TARDE. A comemoração do Centenário. Curitiba, 08.set.1922.p.1.

cerimônia, varios alunos, disciplinadamente perfilados, prestando suas homenagens e voltando a sua atenção para o ato que se praticava: o plantio solene de dois pinheiros! Além de participar ativamente de todo esse ritual, curiosamente o Colégio tinha como endereço a praça 19 de Dezembro, data da Emancipação Política do Estado.

Ao mesmo instante em que se realizava esta cerimônia de plantio da *árvore da independência* em todas as escolas estaduais, o bispo diocesano celebrava uma missa pontifical na praça da República, o presidente do estado, senhor Caetano Munhoz da Rocha, inaugurava o Palácio da Instrução, atual Instituto da Educação do Paraná e o prefeito Moreira Garcez, inaugurava a Av. da Independência. Neste último, uma comissão de populares convidou o dr. Garcez para assistir à inauguração de um obelisco de granito em um canteiro arborizado da rua; sendo que os *amigos* do prefeito teriam lhe pedido para comemorar o ato.

Às 13:15 houve uma recepção no Palácio Presidencial ao mesmo tempo em que se iniciavam os concetos públicos nas principais praças da cidade- Ozório, Santos Andrade e Tiradentes. Para a recepção no Palácio se dirigia um desfile das Sociedades Operárias, que saiu da Sociedade Beneficente dos Operários após a Inauguração da placa comemorativa, com a presença de Pamphilo d'Assumpção. O desfile, precedido de bandas de música, estandartes e bandeiras, seguiu pela Trajano Reis até a Dr. Murici, Saldanha Marinho até a

Brigadeiro Franco, tomando a Comendador Araújo, Praça Ozório, Av. Luis Xavier, Rua XV, Marechal Floriano, Misericórdia, Rio Branco até o Palácio para saldar o presidente do Estado. Às 14:00 horas houve desfile do Exército, e às 16:00 dos estabelecimentos de ensino.

A população, por sua vez, quando não estava diretamente ligada às comemorações, dividia-se para assistir aos inúmeros eventos. Alguns mais empolgados com o clima festivo acabaram encontrando uma maneira ao menos peculiar de comemorar o Centenário, como um casal de Curitiba que deu aos filhos nascidos a 7 de setembro, os nomes de Centenário e Independência.

Durante Sessão Cívica realizada às 21:00 horas, no Teatro Guayra, Caetano Munhoz da Rocha proferiu um pronunciamento de exaltação à Pátria, aproveitando a oportunidade para dirigir uma mensagem ao Legislativo do Estado, sugerindo a revogação das disposições de lei pelas quais foram adotados o hino e a bandeira do estado, como um exemplo de civismo do Paraná. Dizia Caetano Munhoz da Rocha,

*Na verdade, pra que bandeiras de estados, que não representam mais que pedaços, verdadeiros retalhos do Pavilhão da Pátria, pedaços e retalhos sim, sem cor e sem expressão? Para que hinos de estados, que são apenas acordes dispersos desse hino magnífico, cuja nota vibrante sacode nossos nervos, faz bater intenso o nosso coração, acordes dispersos cuja harmonia o povo não sente? Sim, senhores, para que bandeiras de estados quando possuímos um pavilhão tão belo que tem inspirado tantos heroísmos e tantos sacrifícios?*⁹³

As repercussões desse pronunciamento foram inúmeras e variadas. Em um boletim de ensino do Estado, louva-se a atitude de Munhoz da Rocha como *um gesto*

⁹³ MUNHOZ DA ROCHA, Caetano. **Pela unidade da Pátria**. Discurso, Curitiba. 07.set.1922.p.08.

grandioso e altamente patriótico. O jornal A República, traz uma série de manifestações de apoio vindas do Rio Grande do Norte onde se destacou o fato do Estado estar certo de apenas fazer parte de uma Nação soberana, nunca se julgou com o direito de criar bandeira própria nem hymno official, symbolos de soberania que só o Brasil possui."Recebia ainda o apoio de algumas cidades como Niterói, Rio Branco e Guaratuba, além de um telegrama do Estado de São Paulo, de Washington Luís que dizia: *Tenho a satisfação de comunicar que em São Paulo não há lei que tivesse adoptado bandeira ou hymno, nem armas próprias possui o Estado de São Paulo que nos atos officiaes usa as armas da República Brasileira.*"Apesar deste apoio de Washington Luís, São Paulo já conhecia a bandeira que se tornaria mais adiante símbolo de seu Estado, mas a mesma, como foi visto no capítulo anterior, era uma das bandeiras criadas para ser símbolo republicano.

Outro pronunciamento de apoio será dado pela Faculdade de Direito da Universidade do Paraná, que enviará circular às suas co-irmãs, pedindo apoio à atitude de Munhoz da Rocha. Diz a mesma,

tenho a honra de dirigir à Vossa Excelência, à douta congregação desta Faculdade e ao seu corpo discente, fervoroso appello no sentido de ser empregado esforço conjuncto para a realização da patriótica idéa suggerida pelo illustre presidente do Paraná, Dr. Caetano munhoz da Rocha, de extinguirem-se as bandeiras e hymnos dos Estados federados, para deixar-se, como expressão única, como synthese augusta da Pátria, em seu todo ou em suas partes, por menores que ellas sejam, o sagrado pavilhão auriverde, tão cheio de imarcescíveis glórias, irmanado a essa

⁹⁴ **A REPÚBLICA.** Curitiba, 20.set.1922.p.1.

⁹⁵ Ibid idem.p.1.

maravilha de sons e de sentimentos, que é o hymno nacional, como única voz e ar da Pátria, a despertar o civismo de todos os brasileiros.⁹⁶

Seguindo o exemplo paranaense, Santa Catarina também pediu a suspensão de seus símbolos. Mas nenhuma outra unidade da federação imitou-os, nem tampouco seguiram os apelos da Faculdade de Direito. A Faculdade de Direito de Recife, à época uma das mais tradicionais do país, manifestou-se, em quase sua totalidade, contra o pedido de sua co-irmã paranaense, afirmando manter os símbolos nacionais por motivos patrióticos, já que a bandeira de Pernambuco, glorifica os heróis de 1817 que, por sua vez, glorificam o Brasil. O governador do estado, Severino Pinheiro, toma a mesma posição e afirma: *não vejo inconveniente de figurar ao lado da bandeira brasileira, symbolo da nacionalidade, o estandarte commemorativo da tradição e da história local. Ademais a bandeira de Pernambuco é a mesma que a Confederação do Equador adotou.*⁹⁷

A Faculdade de Direito de São Paulo, a mais tradicional do país, também resolveu desatender o pedido de sua congênere paranaense, a mesma linha seguindo os gaúchos o que parece que deixava os paranaenses isolados nesta proibição dos símbolos estaduais. Proibição esta que passará pelo Legislativo, apesar das brigas dos paranistas, e persistirá até 1946.

⁹⁶ FACULDADE DE DIREITO. Universidade do Paraná. **Pela unidade da Pátria.** Curitiba. set. 1922.

⁹⁷ BARNARDI, Monsueto. **Bandeiras nacionais e bandeiras estaduais.** Conferência. Porto Alegre, 29.set.1923. IHGERS.

O mais curioso nesse episódio é que, Munhoz da Rocha, após proferir o discurso proibindo os símbolos estaduais, dirigiu-se à Praça Santos Andrade e, seguindo as Comemorações do Centenário plantou a *árvore da Independência*, ou seja, um pinheiro, símbolo máximo do regionalismo paranaense. (figuras 35 e 36. Anexos) Mas plantara a árvore em uma festa cívica nacional, na tentativa de captá-la para a construção da Nação. Mesmo assim sua atitude foi a de um reconhecimento da força simbólica desta grande semente de um Paraná paranista, o que fazia com que o mesmo, ainda que indiretamente, reverenciasse a síntese máxima dos ideais paranistas. Parece, entretanto que Munhoz da Rocha não o fez de muito boa vontade, pois o único pinheiro da Praça Santos Andrade que caiu, ou melhor, foi cortado pela Prefeitura por estar doente, foi aquele plantado por Munhoz da Rocha; embora a prefeitura já tenha dado um jeito na situação para não perder o símbolo da história: transferiu a placa comemorativa para outro pinheiro. (figuras 37 e 38. Anexos)

Ainda neste período como parte deste espetáculo paranista teremos a inauguração da maior parte das estátuas de Curitiba que pretende de um lado fazer com que as massas ritualizadas tomem as ruas e prestem reverência aos paranaenses ilustres e de outro, fazer com que a população tenha exemplos pedagógicos a seguir.

Inaugurações como a da estátua do Pe. Ildefonso em 1916 na praça Santos Andrade (figuras 38 e 39. Anexos), ou a de Julia Wanderley (figuras 41 e 42. Anexos) na mesma praça em 1927, bem como a do Barão do Rio Branco (figuras 43, 44 e 45. Anexos) ainda em 1916.

Monumentos que pretendiam construir um marco histórico que pretendia fazer com que a população prestasse homenagens aos ilustres personagens construídos pela história. De acordo com o Dicionário de Belas Artes da França,

*tout bâtiment qui sert à conserver la mémoire du temps et la personne qui l'a fait ou pour qui il a été élevé, comme un arc de triomphe, un mausolée, une pyramide. (...) Ouvrage d'art érigé dans une place publique, pour conserver et transmettre à la posterité la mémoire des personnages illustres ou des événements remarquables (...) un ouvrage d'architecture ou les arts du dessin ont été employés pour parler à la posterité. (...) Les monuments sont les témoins irréprochables de l'histoire.*⁹⁸

As festas de inauguração desses monumentos serão verdadeiros espetáculos cívicos de extrema imponência, onde, em uma espécie de ritual a população reverencia a figura homenageada ou o símbolo enaltecido, ou simplesmente participam do espetáculo como público-ator. É o caso da grande *apoteose* que foi a inauguração das hermas do Pe. Ildefonso na praça Santos Andrade, a 10 de setembro de 1922, ainda nas comemorações do Centenário da Independência brasileira, onde as crianças das escolas do Paraná, em número de 5.000, entoaram o hino da independência, desfilando em torno da praça, seguindo pela Rua XV de Novembro até a praça Ozório.

⁹⁸ POULOT, Dominique. Naissance du monument historique. In: **Revue d'Histoire moderne et contemporaine**. jul-sept. 1985.p.418-450.

Aliás, as mais significativas inaugurações, ocorrem durante as comemorações do Centenário da Independência em 1922 com as hermas dos poetas paranaense na praça Osório, onde se inauguram as estátuas de Emiliano Pernetá (figura 47. Anexos), Emílio de Menezes (figura 48. Anexos) e Domingos Nascimento (figura 49. Anexos), todas estátuas produzidas pelos paranistas Zaco Paraná e João Turin. Em todas elas a população prestava reverência aos símbolos dos ideais paranistas.

Na praça Tiradentes, por sua vez, encontraremos um marco da visão de República dos paranistas, que através das inaugurações das estátuas, nesta verdadeira *estatuamania* que tomou conta do Paraná, revelarão seu tipo ideal de República. Na praça encontramos uma das primeiras representações de Tiradentes que visam vincular a sua imagem à figura de Jesus Cristo, obra do paranista João Turin (figura 50. Anexos); ainda na mesma praça uma homenagem do povo paranaense ao Marechal de Ferro, Floriano Peixoto, demonstrando a linha paranaense de manutenção da ditadura republicana em caráter definitivo (figura 51. Anexos) e, para completar este trio, um monumento à República onde se destacam o positivista Benjamin Constant e a figura da República francesa da Marianne. (figuras 52 e 53. Anexos)

Estes elementos presentes na Praça Tiradentes denotam toda a intanção paranista em propagar a imagem da República e, não somente isto pois passavam uma

imagem de uma República positivista e anticlerical, à favor da ditadura; ao mesmo tempo ligam tais figuras nacionais, à construção de uma identidade regional, na medida em que atrás de todas estas figuras, plantaram pinheiros que hoje, fazem sombra aos grandes heróis pátrios. É a *invenção das tradições*, a criação de um *ponto de origem*, em suma, a invenção do Paraná e da República.

Isto fica evidenciado no primeiro grande festejo cívico que Curitiba realiza e que se caracteriza como uma fantástica representação na construção da imagem do herói, no caso as pompas fúnebres de João Gualberto, Coronel da Milícia Paranaense, enviado a região do Contestado para resolver os problemas com os fanáticos religiosos que teriam criado tumulto em terras paranaenses.

Todos acreditavam que João Gualberto voltaria tendo cumprido a sua missão, mas o mesmo acabou sendo morto nos campos de Irany, não se sabe ao certo por quem, pois os relatos de sua morte, produzidos já com a intenção de construir um mito falam da luta deste com o próprio monge José Maria, líder dos *fanáticos*.

O fato é que o Coronel morre e a partir daí os jornais da capital, em particular o Diário da Tarde, de maior circulação começam a construir o mito do herói, daquele que morreu lutando pelo Paraná e pela República. Mas acima de tudo aquele que morreu por lutar do lado da civilização contra a barbárie dos *sertanejos* tidos como retrógrados e primitivos, em

particular pela proposta de um retorno à Monarquia, embora na realidade não estivessem falando em termos de regime político, mas em termos de imaginário popular e de preocupação para com as populações da região que, após a Proclamação da República foram completamente esquecidas.

Era a morte de um herói civilizacional contra a barbárie e de um paranaense que, apesar dos questionamentos acerca de sua atitude enquanto comandante, somente destacam sua bravura e seu funeral tem toda a pompa de um herói, com carruagens estilo Luís XV, túmulo construído pelo governo para ser um monumento etc. Aqui se percebe a construção progressiva da imagem de João Gualberto e esta foi, sem dúvida, ainda em 1912, a primeira grande festa paranista e o Coronel o primeiro herói imolado pelo futuro do Paraná. (figuras 54, 55 e 56. Anexos)

Ele encerrava as condições de se tornar o primeiro herói paranaense, pois heróis são símbolos poderosos, encarnação das idéias e aspirações, sonhos ou referências, fulcros de identificação coletiva. São instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos.”

Estas festas, portanto, se prestam à divulgação dos ideais paranistas e para que a população ganhe as ruas da acanhada Curitiba que também à época construía a sua imagem como uma cidade especial porque em uma

”CARVALHO, José Murilo de. op.cit.

região especial e construída por pessoas diferentes das demais, no caso, por paranistas, ou por paranaenses do futuro.

Este paranismo terá sua possibilidade de existência até o Golpe de 1930 de Getúlio Vargas, onde deixam de ter espaço as construções regionais, para ceder lugar a um grande ufanismo nacional. Curioso que os dois últimos números da revista de divulgação paranista, *Ilustração Paranaense*, trazem exatamente as figuras de Plínio Tourinho (interventor) e de Getúlio Vargas. A última grande celebração cívica da Primeira República no Paraná será exatamente a festa feita em Curitiba, quando da passagem de Getúlio Vargas pela capital paranaense (figura 57. Anexos) e hoje a figura de Getúlio faz companhia, na Praça Tiradentes, ao herói da Independência, à Floriano Peixoto e à Benjamin Constant.

CONCLUSÃO

O Paraná era um estado em construção e, para uma melhor compreensão de como se dá esta engenharia política de construção de um estado recorre-se, em particular às manifestações artísticas, aquelas preocupações que são em geral desprezados pela historiografia tradicional.

Para tal, uma série de problemas metodológicos apareceram e enfrentá-los, não sendo os mesmos comuns ao estudo histórico não é uma tarefa fácil.

O resultado final é tentar perceber nestes pequenos elementos como se elabora uma idéia de sociedade. Como as comemorações, as ruas enfeitadas, as obras de arte e os próprios artistas, bem como a população que será ator é expectados dos festejos, produzirá uma idéia de região impregnada de progresso. O novo regime possibilitará a construção das identidades regionais que podem ser apreendidas não somente pela análise árida dos meios de produção e das relações advindas da apropriação dos mesmos pela elite curitibana da época, mas fundamentalmente, pelo comportamento das massas em seu ritual pela cidade que se pretende moderno e pela produção de símbolos e imagens que se fixarão no ideário popular do período a tal ponto que chegam a nos dar a possibilidade de entender um pouco mais a respeito do Paraná.

Paraná que construía a sua imagem de progresso ao afirmar que à nesta intenção que o mesmo tinha em

deixar de ser um secular local de passagem e intermediação entre Governo Central e o Rio Grande do Sul, para se construir verdadeiramente enquanto estado com identidade própria. Desta forma, supera-se as tradicionais visões do regional e busca-se no funcionamento interno da sociedade a elaboração de uma lógica que constrói uma identidade regional impregnada de positivismo, anticlericalismo e cientificismo, recorrendo para tal construção às produções culturais.

Além disso permite vislumbrar que tipo de imagem se pretendia construir, uma imagem projetada para o futuro. Tudo isso não pela passagem de uma economia extrativista para uma economia agrária (o dom agrícola do estado), mas pelo plantio de outras sementes. Sementes plantadas no imaginário da população pelos paranistas como Turim, Romário Martins, Zaco Paraná, Lange de Morretes etc. que semearam a idéia de um estado em um tempo em que nem mesmo suas fronteiras estavam garantidas e que seu território estava longe de ser em sua maioria ocupado.

Imagens, símbolos e representações que nos dão pistas para compreender melhor o Paraná desses loucos anos de nascimento da República, um estado em construção.

FONTES

Obras de época

BERNARDI, Monsueto. **Bandeiras nacionais e bandeiras estaduais**. Porto Alegre:Conferência, 1923.

FRANÇA, Aloísio. **Pela tua felicidade Paraná**. APPR.

MARTINS, Romário. **Mensagem do Centro Paranista**. Curitiba, 1927.

_____. **Origem das bandeiras**. APPR.

_____. Paranística. in: **A Divulgação**. Curitiba, 1948.

_____. Programa do Centro Paranista. In: **Boletim do IHGE-PR**. Vol.XXIII.

MORRETES, Lange de. **O pinheiro na arte**. Curitiba:Ilustração Brasileira, 1953.

_____. **Uma árvore bem brasileira**. Curitiba, 1944.

MUNHOZ DA ROCHA, Caetano. **Pela unidade da Pátria**. Discurso. Curitiba, 1922.

SILVA, Francisco. **Os paraniadas**; poema heróico com 12 cantos líricos.1966.

SILVEIRA, Waldomiro. **Desespero de amor**. Curitiba, 1915.

Decretos

Conjunto de decretos que concedem auxílio financeiro às Exposições, a Festas de Etnias, ao Instituto Histórico e um bloco de leis que instituiu os símbolos oficiais do Estado, todos da primeira década do século, todos referenciados nas notas de rodapé do texto.

Periódicos

ILLUSTRAÇÃO PARANANESE. 1927-1930

PARANISTA. 1933

A CRUZADA. 1934.

DIÁRIO DA TARDE. 1905-1927.

A REPÚBLICA 1912-1922

ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. 1929.

Iconografia

a) Esculturas

As principais estátuas da cidade, inauguradas neste período histórico, em particular a do Semeador, as Hemas dos Poetas na Praça Osório e as obras de João Turin de cunho paranista que se encontram em seu Museu e outras cuja referência está feita nos anexos do mesmo.

b) Quadros

Em particular um quadro de Herman Schiefelbein, *O Baile das Raças*, a partir de gravura da revista *Paranista*, quadro hoje não localizado, além do quadro *Alma da Floresta* de Lange de Morretes, pertencente ao acervo da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná .

c) Fotos

Fotos que seguem em anexo de acervo da Casa da Memória, da Casa João Turin ou outros, também presentes nos anexos e referenciadas em relação à sua procedência.

d) Outros

Araucária Augustifolia, plantada pelo então presidente do Estado, Sr. Caetano Munhoz da Rocha, em

comemoração ao Centenário da Independência. Tal árvore foi, no ano de 1995, cortada pela Prefeitura Municipal de Curitiba que, ainda transferiu a placa comemorativa para outro pinheiro da mesma praça.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**; fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- AGULHON, Maurice. Esquisse pour une archéologie de la république; l allegorie civique féminine. *Annales ESC*, 28(1973):5-34.
- ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- AUMONT, Jacques. **A imagem**. (trad.) Campinas: Papirus, 1993.
- BACSKO, Bronislaw. **Les imaginaires sociaux**. memoires et espoir collectifs. Paris: Payot, 1984.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Difel, 1980.
- BAUMER, Franklin Le Van. **O pensamento europeu moderno**; séculos XIX e XX. Lisboa: Edições 70, 1990.
- BAXANDALL, Michael. **O olhar renascente** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- BENJAMIN, Walter. **O conceito de crítica de arte no romantismo alemão**. São Paulo: Iluminuras, 1993.
- _____. **Imaginación y sociedad**; Madrid: Taurus, 1980.
- _____. **Poesia y capitalismo**. Madrid: Taurus, 1980.
- _____. **Para uma crítica de la violencia**; la nave de los locos. México: Premiá, 1982.
- _____. **Documentos de cultura, documentos de barbárie**; escritos escolhidos. São Paulo.
- _____. **Magia e técnica, arte e política**; ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. **Charles Baudelaire**; um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. **Diário de Moscou**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BERLIN, Isaiah. **Limites da utopia**; capítulos da História das Idéias. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- BOSI, Alfredo. **Tradição e contradição**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

- BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. **As escolas históricas**. Lisboa: Europa-América, 1992.
- BRILL, Alice. **Da arte e da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- CANCIAN, Nadir. Romário Martins e o livro das árvores do Paraná. In: **Boletim do DEHIS**. UFPR, 21, 169-175.
- CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**. São Paulo: Nobel, 1993.
- CARNEIRO, Newton. O pioneirismo florestal de Romário Martins. In: **Boletim do DEHIS**. UFPR, 21, 163-168.
- CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**. imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CHAUÍ, Marilena. História a contrapelo. In: DECCA, Edgar de. **1930, o silêncio dos vencidos**. São Paulo: Brasiliense, 1981. p.11-28.
- COELHO, Teixeira. **Arte e utopia**. arte de nenhuma parte. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. **Usos da cultura**. políticas de ação cultural. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1986.
- _____. **Semiótica, informática e comunicação**. São Paulo: perspectiva, 1990.
- COLI, Jorge. Manet: enigma do olhar. In: NOVAES, Adauto et all. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.224-48.
- CORREIA, Affonso. **Conferencia paranista**. Curitiba, 1928.
- DAIX, Pierre. **Crítica nova e arte moderna**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1971.
- DOSSIÊ, Walter Benjamin. **Revista USP**; n#15, set/out/nov 92.
- DUBY, George. **Le dimanche de Beauvines**. Paris: Gallimard, 1985.
- DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.
- ECCO, Umberto. **O problema da definição geral da arte**.
- FABRIS, Annateresa. **Futurismo: uma poética da modernidade**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- FRANCASTEL, Pierre. **Pintura e sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- FREITAG, Barbara. **A teoria crítica**; ontem e hoje. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- FOUCAULT, Michel. Las meninas. In: _____. **As palavras e as coisas**; uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1981. p.19-32

- _____. **As palavras e as coisas**; uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- _____. **Isto não é um cachimbo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- FREITAS, Marcelo & GEENENN, Ana Lúcia. **Paranismo: a utopia civilizadora**. Curitiba: 1990, Monografia, Graduação, bacharelado em História, UFPR.
- FURET, François. **A oficina da história**. Lisboa: Gradiva, s.d.
- GASKELL, Ivan. História das imagens. In: BURKE, Peter. **A escrita da história**; novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. p.237-271.
- GAY, Peter. **O estilo na história**; Gibbon, Ranke, Macaulay, Burkhardt. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GARDINER, Patrick. **Teorias da História**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1974.
- GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GOMBRICH, Ernest. **Arte e ilusão**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- _____. **Symbolic images**. London: Phaidon, 1975.
- GULAR, Ferreira. **A arte como não fazer**. São Paulo, 1966.
- HELLER, Agnes. **Uma teoria da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- HOBSBAWM, Eric J. & RANGER, Terence. **Invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HORKHEIMER, Max. **Origens da filosofia burguesa da história**. Lisboa: Editorial Presença, 1984.
- _____. **Eclipse da razão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- _____. **Origens da filosofia burguesa da história**. Lisboa: Presença, 1984.
- KANT, I. Crítica do juízo estético. IN: _____. **Crítica da faculdade de julgar**. São Paulo: Abril, 1980.
- KEINERT, Rubem Cesar. **Regionalismo e anti-regionalismo no Paraná**. São Paulo, 1978, Dissertação, Mestrado, USP.
- KOTHE, Flávio R. (org.) **Walter Benjamin**. São Paulo: Ática, 1985.
- LANGLOIS, Claude. Les dérivés vendéens de l'imaginaire révolutionnaire. **Annales, ESC** (3) 1978: 771-797.
- LEFEBVRE, Georges. **El nacimiento de la historiografía moderna**. Barcelona: Martínez Roca, 1974.

- LENIN, V. **La literatura y el arte**. Moscou: Progresso, 1979.
- LOVE, Joseph. **O regionalismo gaúcho**. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- LOWY, Michel. **Redenção e Utopia**; o judaísmo libertário na Europa Central, um estudo de afinidades eletivas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- _____. **Romantismo e messianismo**. São Paulo: Perspectiva, EDUSP, 1990.
- LOWITH, Karl. **O sentido da história**. Lisboa: Edições 70, 1990.
- LUHN, Eucene. **Marxismo y modernismo**; un estudio historico de Lukács, Benjamin y Adorno. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.
- MARTINS, Romário. **Eu penso que...** Curitiba, 1952.
- _____. **História do Paraná**. Curitiba: Guaira.s.data.
- MARCUSE, Herbert. **La dimension esthétique**; pour une critique de l'esthétique marxiste. Paris: Seuil, 1977.
- MEINECKE, Friedrich. **El historicismo y su génesis**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- MITCHELL, W.J.T. **Iconology: image, text, ideology**. Chicago: University Press, 1986.
- MORSE, Richard M. **O espelho de próspero**; cultura e idéias nas Américas. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- NORA, Pierre et al. **La République**; les lieux des mémoires. Paris: Gallimard, 1984.
- PANOFSKY, Erwin. **Estudos de Iconologia**. Lisboa: Estampa, 1986.
- PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. **A sedução da barbárie**; o marxismo na modernidade. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- POPPER, Karl. **A miséria do historicismo**. São Paulo: Cultrix;Edusp, 1980.
- POULOT, Dominique. Naissance du monument historique In: **Revue d'histoire moderne et contemporaine**. 32(1985):418-450.
- PUTNAM, Hilary. **Razão, verdade e história**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- ROUANET, Sérgio Paulo. **A razão nômade**. Walter Benjamin e outros viajantes. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.
- SCHOLEM, Gershon. **Walter Benjamin**; a história de uma amizade. São Paulo: Perspectiva, 1989.

- SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**; São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SITTE, Camillo. **A construção das cidades segundo seus princípios artísticos**. São Paulo: Ática, 1992.
- SLATER, Phil. **Origem e significado da Escola de Frankfurt**; uma perspectiva marxista. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- SONTAG, Susan. **Sob o signo de Saturno**. São Paulo: LP&M, 1986.
- STARUBINSKI, Jean. **1789 Os emblemas da razão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SUBIRATS, Eduardo. **A cultura como espetáculo**. São Paulo: Nobel, 1984.
- TEXTOS escolhidos. Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jurgen Habermas. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Os Pensadores.
- TEMPSKI, E. B. **João Zaco Paraná** Curitiba: Litero técnica, 1984.
- TROTSKY, Leon. & BRETON, André. **Por uma arte revolucionária independente**. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

ANEXOS

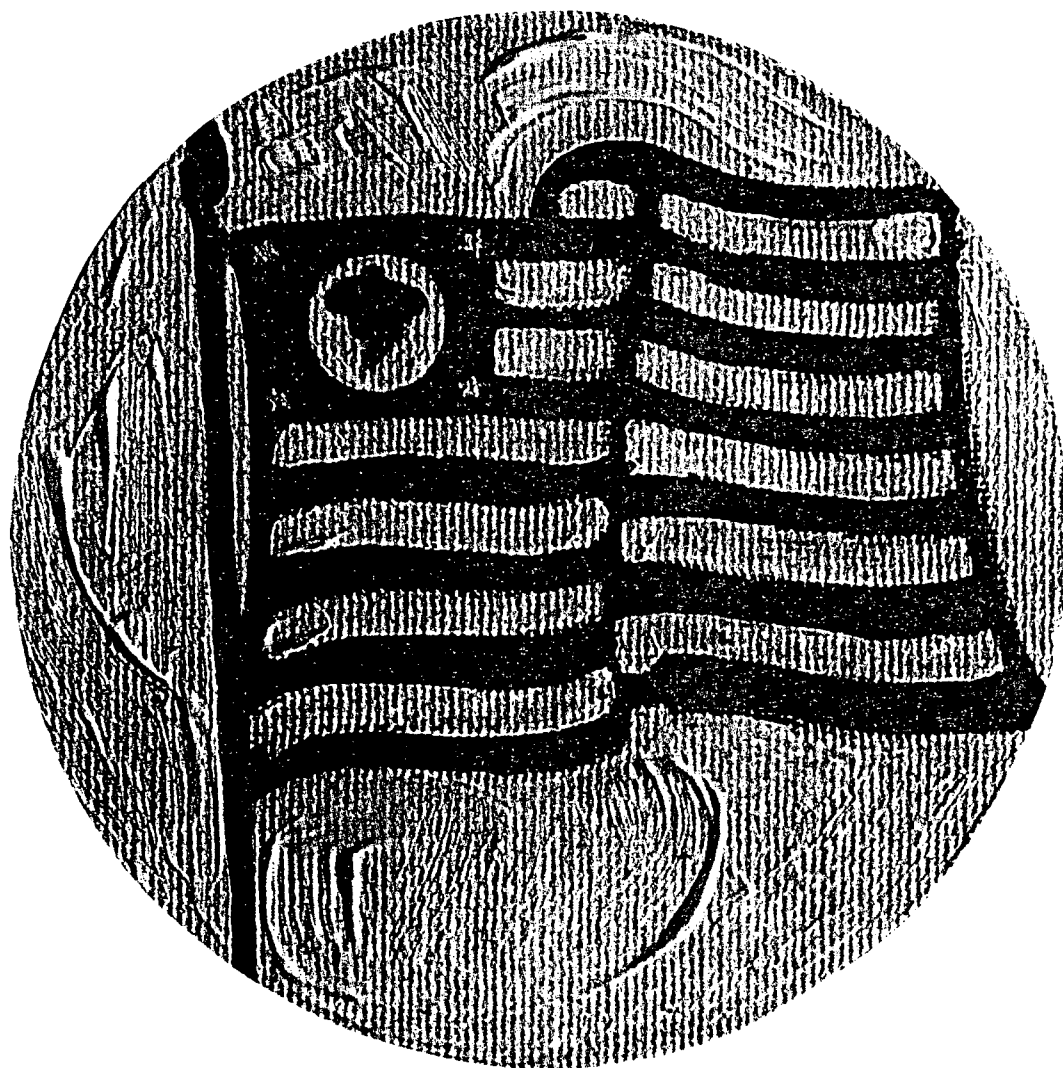


Figura 01. Bandeira republicana criada por iniciativa popular. Posteriormente foi adotada como símbolo oficial de São Paulo.

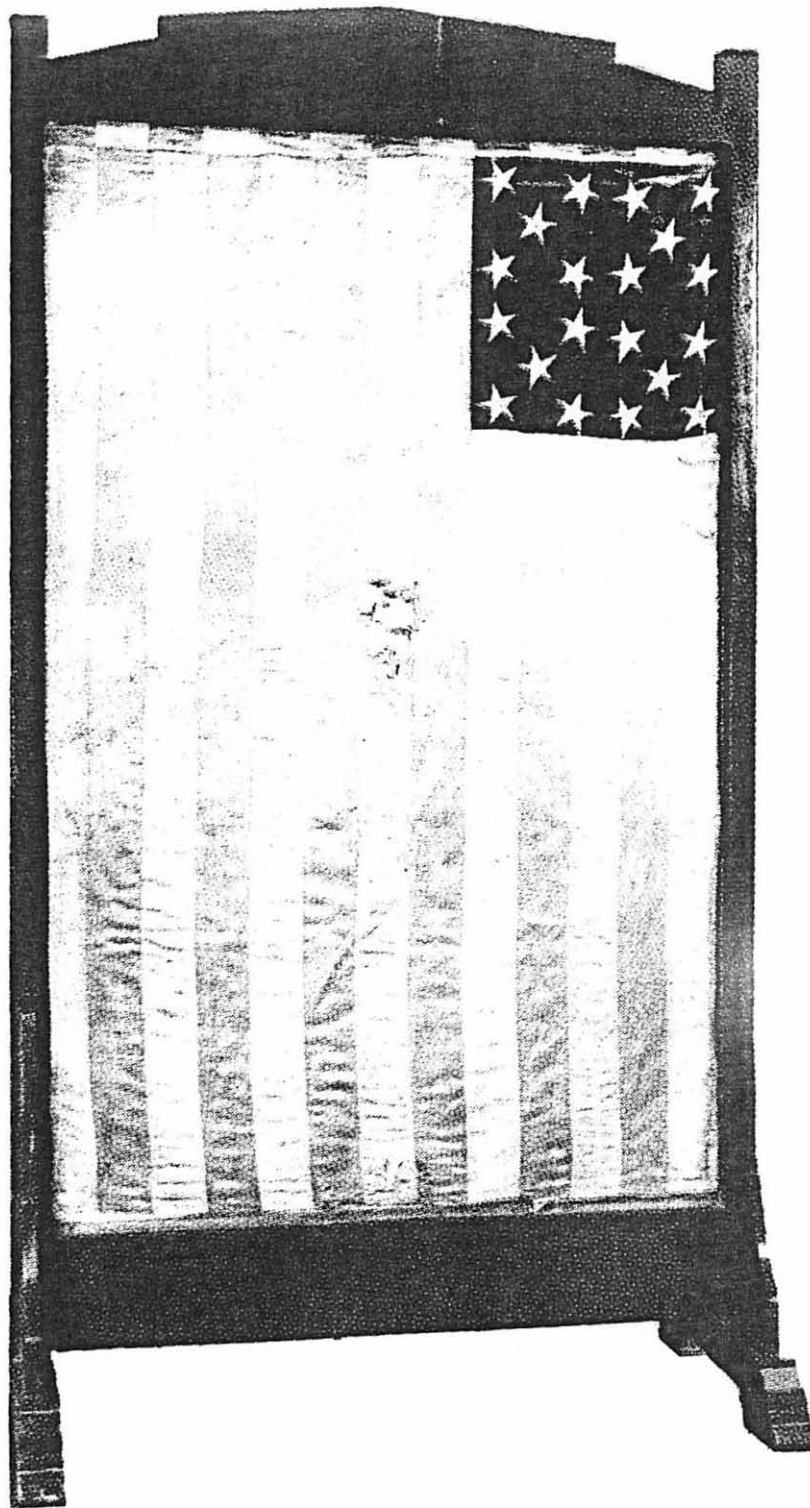


Figura 02. Bandeira republicana do Club Republicano Lopes Trovão. In: José Murilo de Carvalho. A formação das almas.

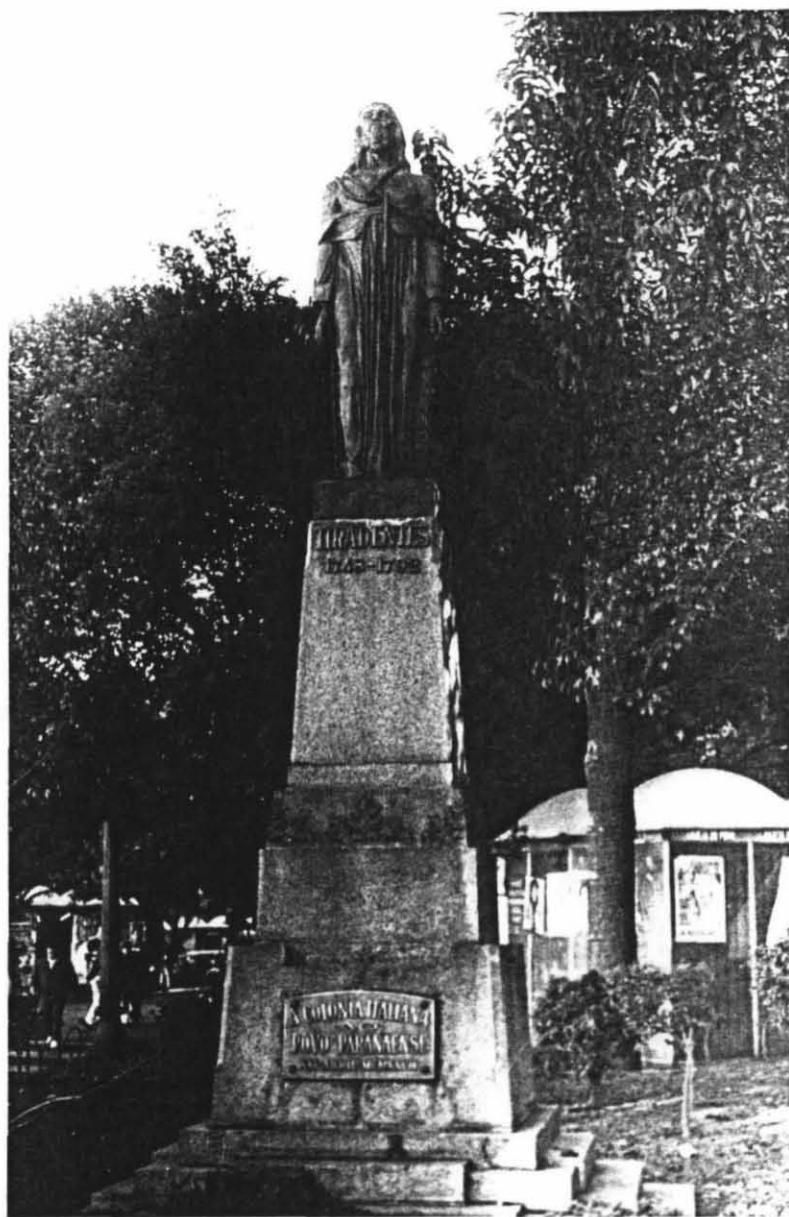


Figura 3. Estátua de Tiradentes. Obra de João Turin.
Praça Tiradentes, Curitiba, 1996.



Figura 4. Monumento à República e a seu fundador, Benjamin Constant. Praça Tiradentes, Curitiba, 1996.



Figura 05. Exposição Industrial do Paraná. Curitiba, 1903. Acervo Casa da Memória.



Figura 06. Lazer na Curitiba antiga. Início do século.
Acervo Casa da Memória.

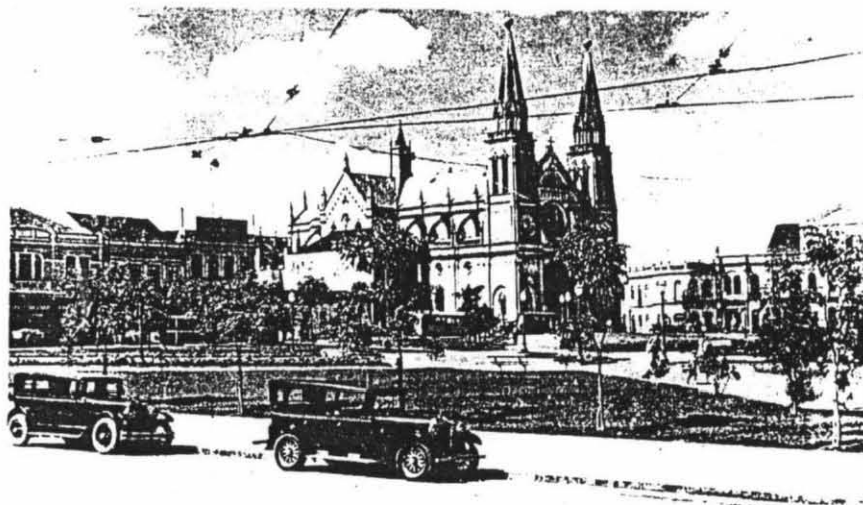
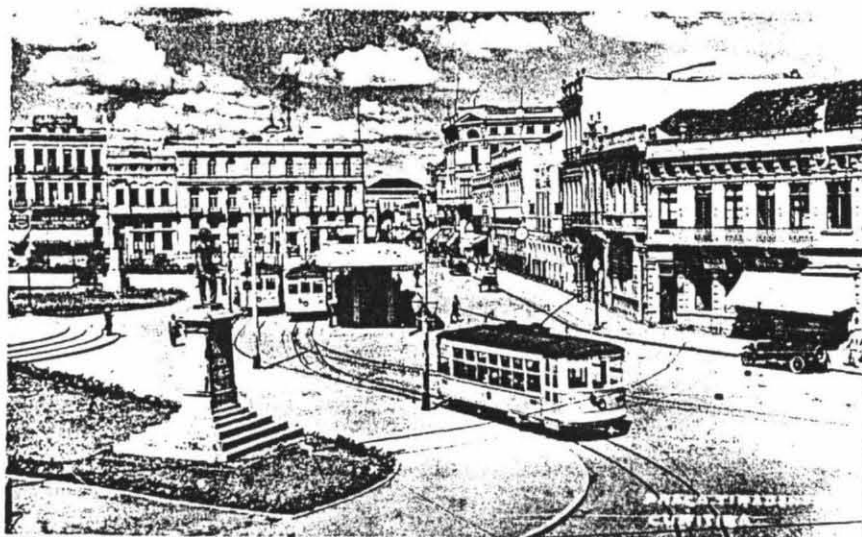


Figura 07. Postais de Curitiba antiga. Destaque para os novos meios de locomoção.

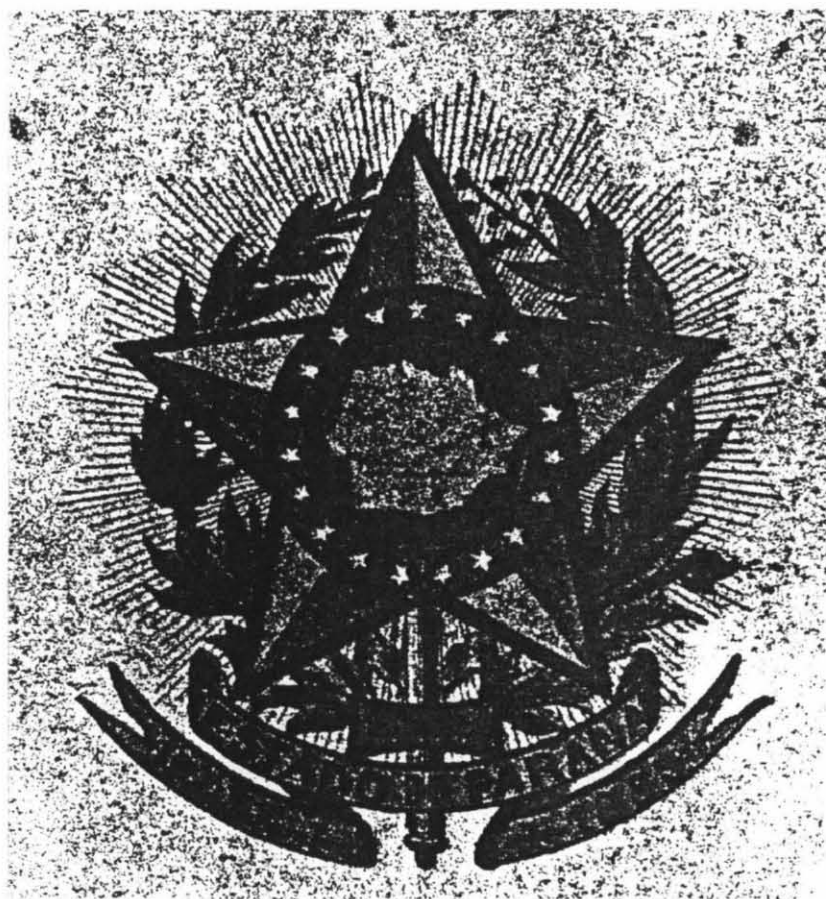


Figura 08. Insígnia do Estado do Paraná. Criada em 1903.
Curitiba, APPR.

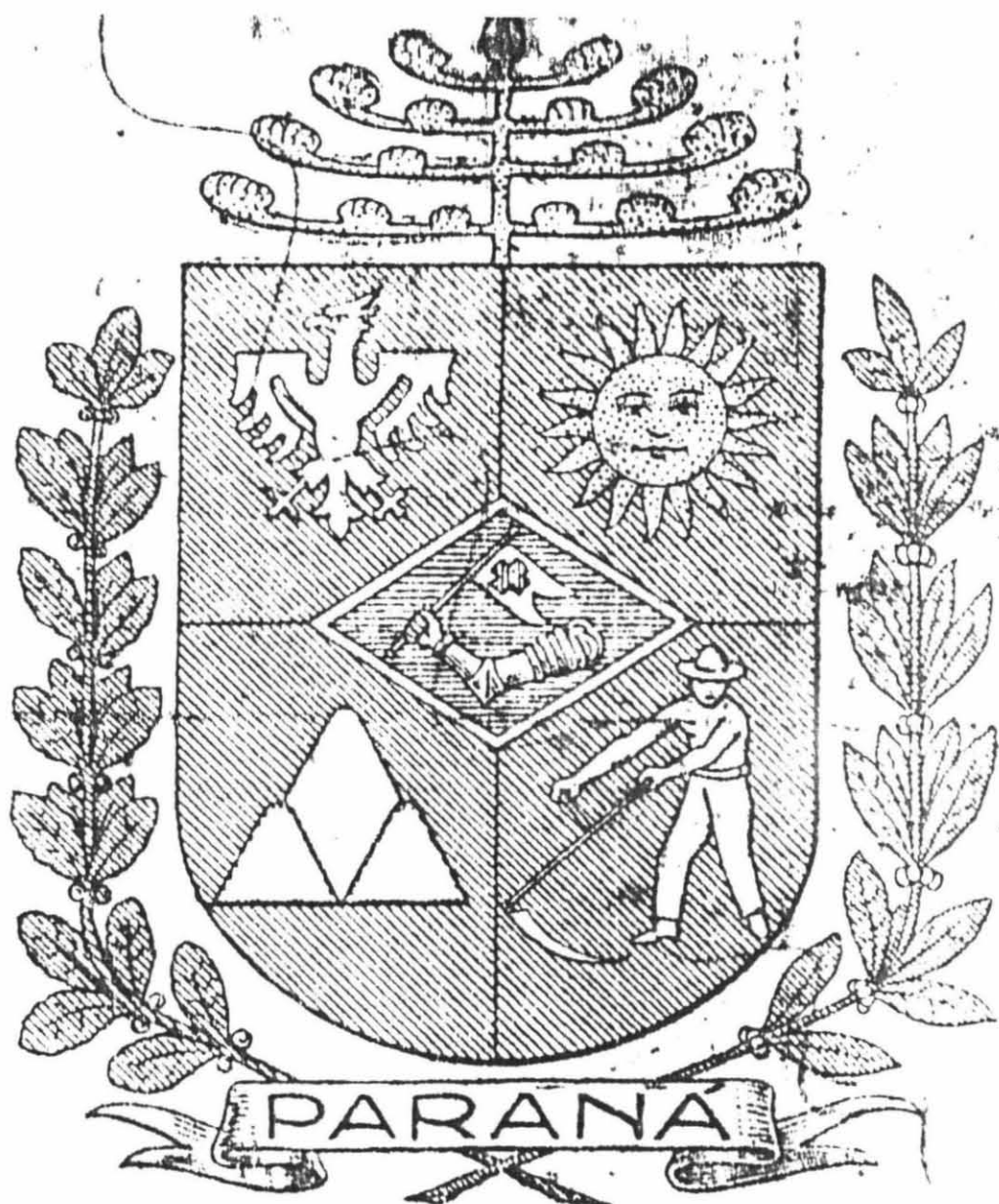


Figura 09. Brasão criado por Romário Martins. 1905. Curitiba



Figura 10. Brasão Oficial do Paraná. Desenho que acompanha a lei de instituição do mesmo. Arquivo Público do Paraná.



Figura 11. Brasão Oficial do Estado do Paraná. Curitiba

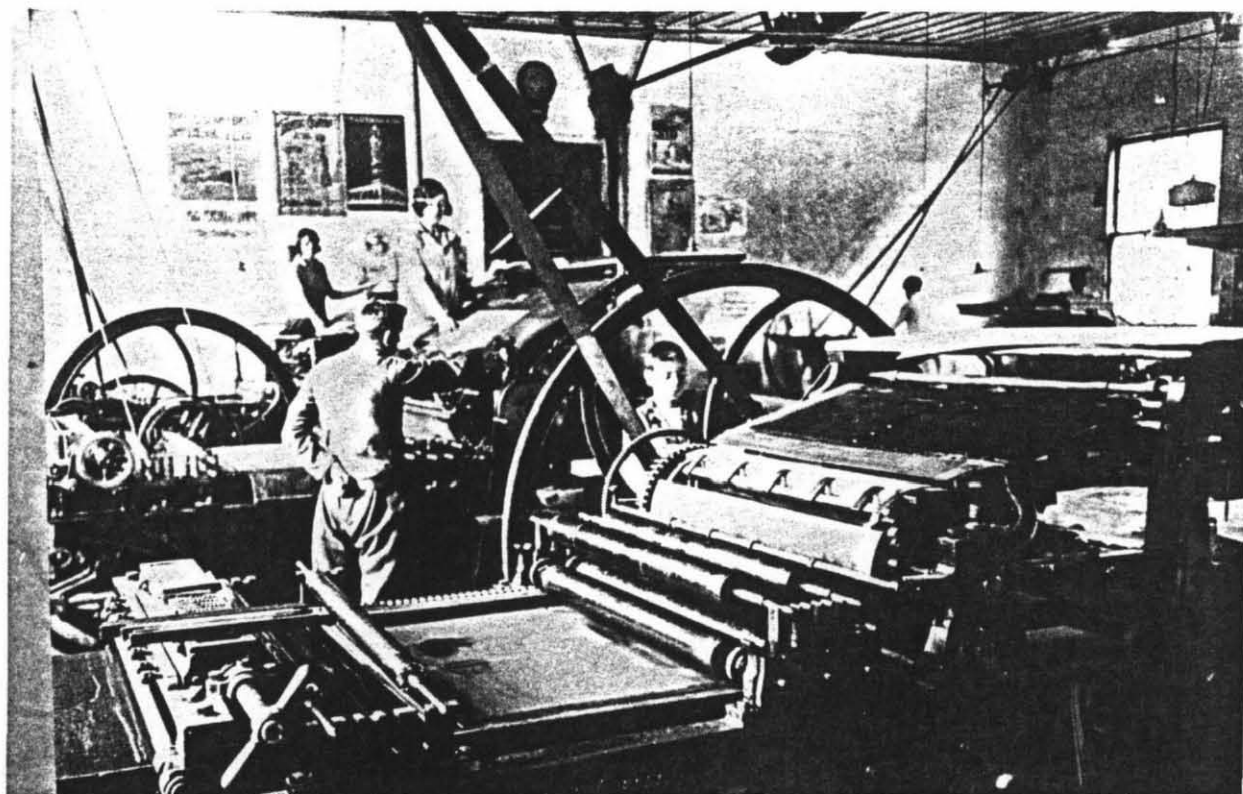


Figura 12. Máquinas da Impressora Paranaense. Curitiba, 1930. Acervo Casa da Memória.

ILUSTRAÇÃO PARANAENSE

Carta Sternberg Feb

Carta





O SYMBOLO PARANISTA

AO TRANSPOR A SERRA DO MAR, VINDO DOS LITTO-
RAES, O HOMEM BRANCO ESTACOU ANTE A IMMEN-
SIDADE DA COXILHA PONTEADA DE CAPÕES DE AL-
TISSIMOS PINHEIROS. ERA O PAIZ DO TINGUY VA-
LENTE, IDEALISTA E GENEROSO. A' FLOR DOS CAM-
POS BALOUÇAVAM OS TOLDOS DE FOLHAGEM DE SUAS
CAVERNAS ABERTAS NO SOLO, PARA QUE A CONS-
TRUCÇÃO DOS ACAMPAMENTOS NÃO MACULASSE A
BELLEZA SEM PAR DAQUELLA NATUREZA, NEM O
RUMOR DAS GENTES PRIMITIVAS PERTURBASSE A
PASSARADA NO DOMINIO ABSOLUTO DA AMPLIDÃO.
O PINHEIRO ERA O REI DESSE PAIZ, — REI DE BON-
DADE, ALTIVO NA SUA ESTRUCTURA, MAS FRATER-
NALMENTE ACOLHEDOR NOS LARGOS BRAÇOS SEM-
PRE ABERTOS DA SUA RAMADA. A ABUNDANTE PRO-
DIGALIDADE DOS SEUS FRUCTOS POSSIBILITOU A
VIDA DAS TRIBUS AMERINDAS E AS INCURSÕES DOS
EMBOABAS COLONIAES. FOI O PÃO E A SOMBRA DOS
QUE PRIMEIRO POSSUIRAM E AMARAM NOSSA TERRA
E QUE DERAM SEU SANGUE PARA NOSSA RAÇA. FOI
DO SEU LENHÔ A CASA DOS PRIMEIROS VINDOS, —
A CASA, A MESA, O BERÇO. O ESQUIFE DOS QUE VIE-
RAM DEPOIS. HOJE E' AINDA A MAIS ABUNDANTE
RIQUEZA DO NOSSO SERTÃO, A ARVORE MAIS CA-
RACTERISTICA DA NOSSA FLORA, A MAIS TOCANTE
BELLEZA DA NOSSA PAIZAGEM. E SE FOI O PINHEI-
RO A ARVORE PROVIDENCIAL DE NOSSOS PRIMEI-
ROS DIAS, E' AINDA AQUELLA QUE PELA SUA UTILI-
DADE POSSIBILITOU A COLONISAÇÃO SYSTEMATICA
DO NOSSO SO'LO, E ASSIM, A FIGURA SERA' TAMBEM
PARA A POPULAÇÃO DE TODAS AS ORIGENS QUE AQUI
HABITA, O SYMBOLO INTEGRADOR DO PASSADO AO
PRESENTE E A ALVORADA PROMISSORA DE NOSSA
ACTUALIDADE A ESSE FUTURO QUE HA DE SER FA-
TALMENTE GRANDIOSO, PORQUE GRANDIOSOS TAM-
BEM SÃO AS LINHAS DA ESTRUCTURA PHYSICA E
MORAL DA NOSSA TERRA E DE NOSSA GENTE.

ROMARIO
MARTINS.

Figura 14. Editorial Illustração Paranaense, nov. 1927.
Lendas indígenas e estilização do pinheiro.



Figura 15. Representação de índios. João Turin para suplemento da Revista Ilustração Paranaense. Curitiba, 1927.



Figura 16. Quadro O Baile das Raças. Hermann Schiefelbein.
Curitiba.



Figura 17. Quadro Alma da Floresta de Lange de Morretes.
Acervo assembléia Legislativa do Estado. Curitiba.

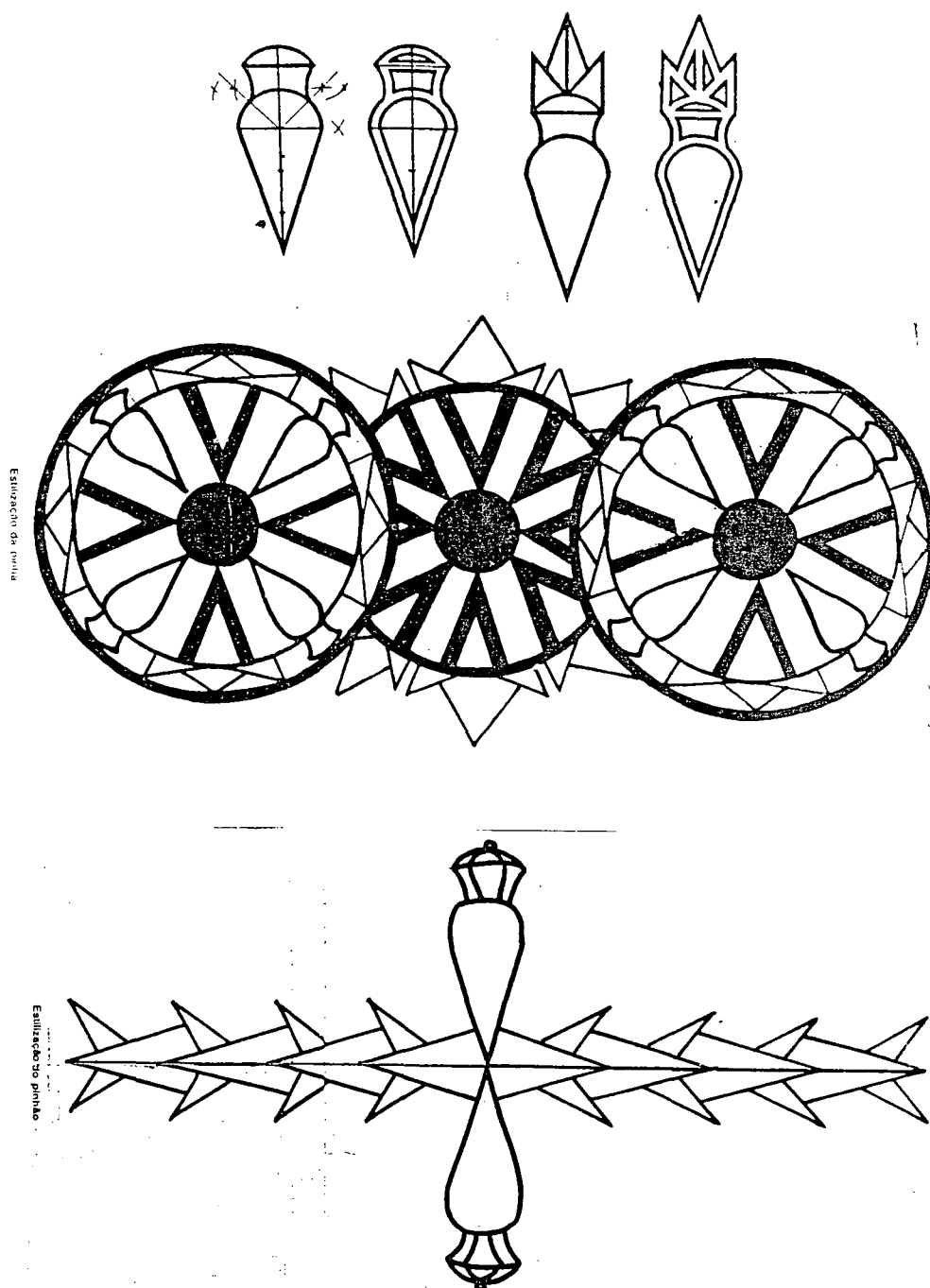


Figura 18. Estilização do pinheiro por Lange de Morretes.

BOM DIA,
PARANÁ!

Quando por fim de
longos dias de plena harmonia, a água do
Rio Mar, erguem-se sobre o leito arenoso, num
impulso de admiração para o infinito, e a
voz de remos triunfantes, apressando-se a
dizer: — "Bom dia, Paraná!" — Neste instante que nasce, de uma infância
em que se reconhecem os alicerces de uma vida
autônoma, nasce também a terra querida deve ser
também "Bom dia, Paraná!" porque o que temos à
vista é também a possibilidade de possibilidades sem
conta, nas águas cristalinas dos nossos rios e nas forças
diluviadas das nossas quedas sem rivais no mundo todo!
— "Bom dia, Paraná!" dizem ser hoje nossa saudade às nos-
sas florestas e aos nossos campos, que em ambas reside a im-
mensidade e possibilidades sem conta! — "Bom dia, Paraná!" repre-
sentado pelas terras de soja e cana-de-açúcar, a terra das mais variadas al-
titudes, desde as cumeadas de granito planaltos onde cobram os nevoeiros do céu, até
as terras quentes das várzeas que repetem no clima temperado o ambiente do tropi-
co! — "Bom dia, Paraná!" seja o dia eterno de tua vida, cheio de esperanças
que por toda a parte nos rodeia nas araucárias por toda a terra verdejantes e as
caméfitas resplandecentes dos teus campos e no esplendor da tua flora de-
sértica e no nosso espírito certo das grandiosas vitórias do porvir! — "Bom
dia, Paraná!" dizem ser hoje a nossa saudade à terra portadora que
nos queremos, porque por ser a nossa querida terra, mas por ser a mais
bela, a mais rica, a mais graciosa, a mais portadora, a mais dedi-
cada das terras de todo o mundo, aqui se tem que o Criador primou
na sua obra e reuniu todas as coisas, onde a grade estende o
seu manto manto sobre as trigoas e onde o sol amplexa, eter-
no, sobre as colinas e os frutos das colinas do verão eter-
no! — "Bom dia, Paraná!" no sorriso das suas crianças de
hoje, as mais lindas crianças do Brasil, os filhos do mun-
do, os seus homens eugênicos de amanhã, que irão de-
fazer o progresso grandioso que está na tua preda-
stinação! E de joelhos em terra e braços levanta-
dos para o céu de puríssimo azul que se confun-
da com as nossas montanhas de neblinas rui-
lantes, — bendigamos as almas que já vive-
mos! a hora que está passando agora! e o
tempo que ainda há de vir pedindo, com
lágrimas nos olhos e um grande amor
no coração, ao Deus das Coisas Todas,
dos homens, dos animais, das plantas
e das próprias pedras, que não des-
vie nunca do nosso destino as victo-
rias triunfantes do Paraná que
ora amanhece no nosso trabalho,
nos nossos sentimentos e na nos-
sa mentalidade de hoje! E com
lágrimas nos olhos e um grande
amor ao coração, repetamos
todas a saudade dos cano-
stros do Paranaíba.
Quando por fim de longos
dias de plena harmonia, a
voz de remos batem atri-
tados de água do Rio-
Mar, como nós de a-
gora, se elevamos a
saudade imensa-
da do nosso futu-
ro: — "Bom dia,
Paraná!"

ROMÁRIO
MARTINS.

ILUSTRAÇÃO PARANAENSE

Figura 19. Editorial da Revista Ilustração Paranaense de novembro de 1927. Curitiba.

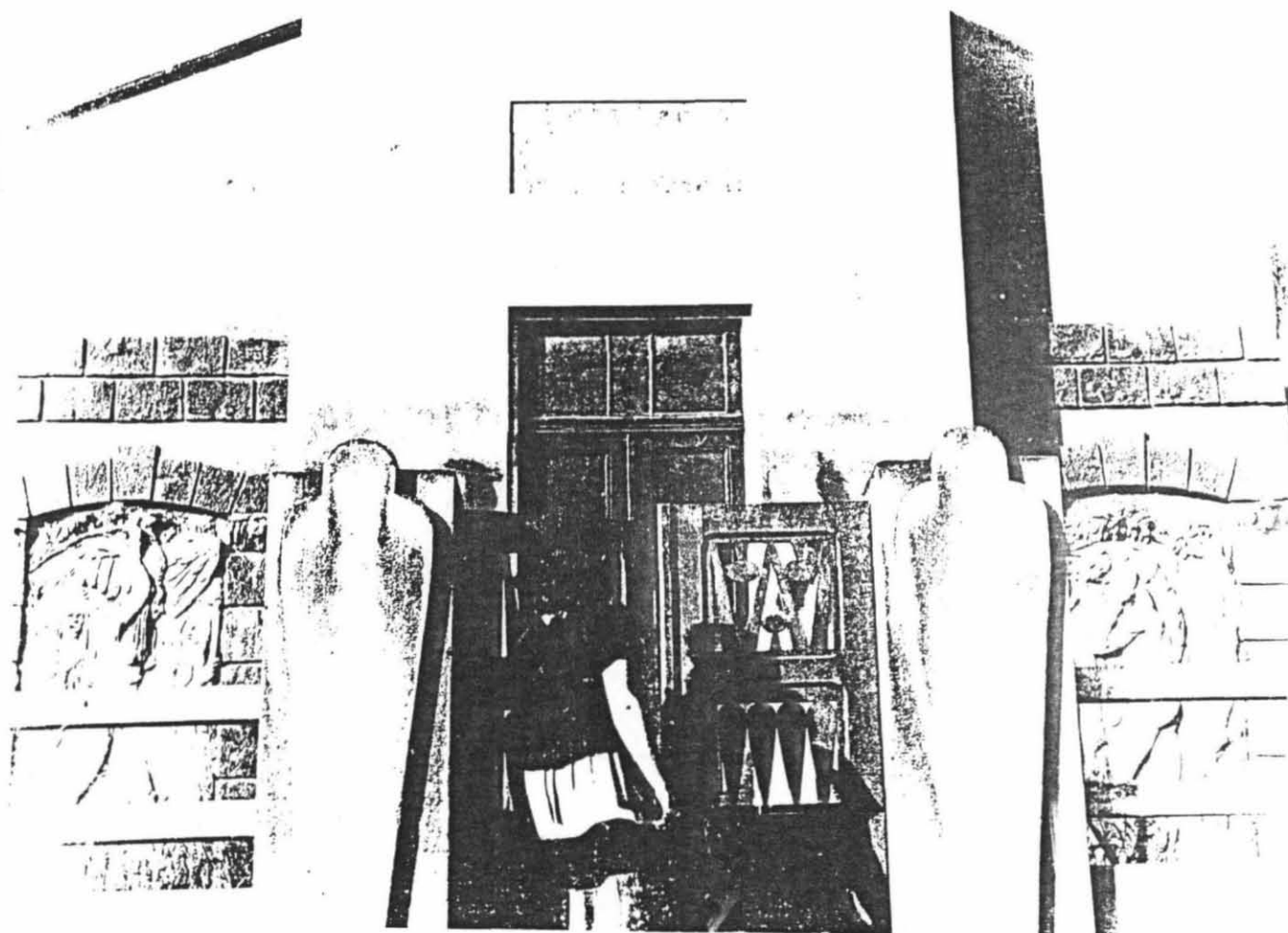


Figura 20. Casa-ateliê de João Turin. Curitiba, 1928.
Acervo Casa da Memória.



Figura 21. Ânfora paranista. Casa João Turin, Curitiba, 1996.

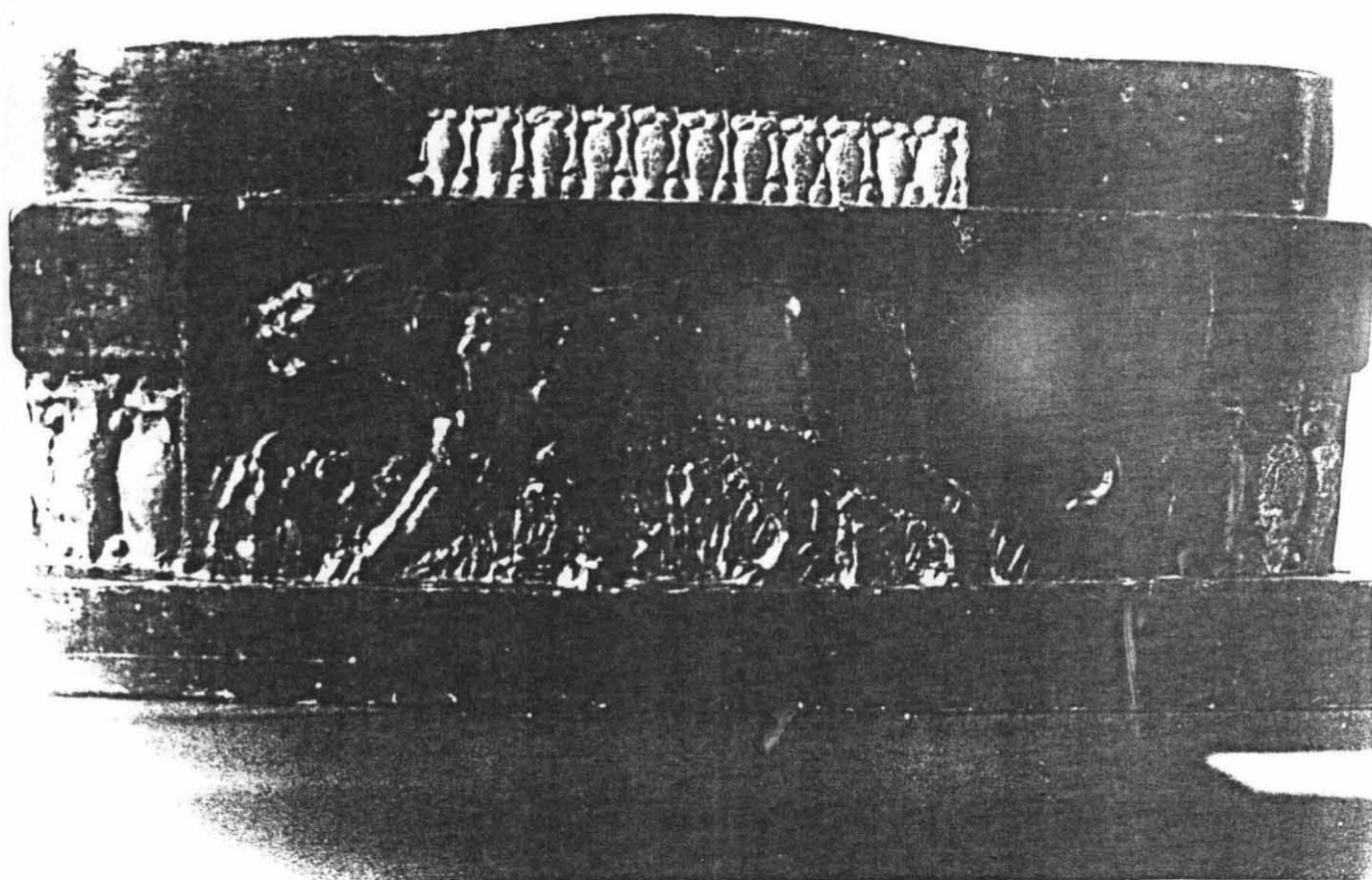


Figura 22. Vaso com pantera e motivos paranistas. Casa João Turin. Curitiba, 1994.

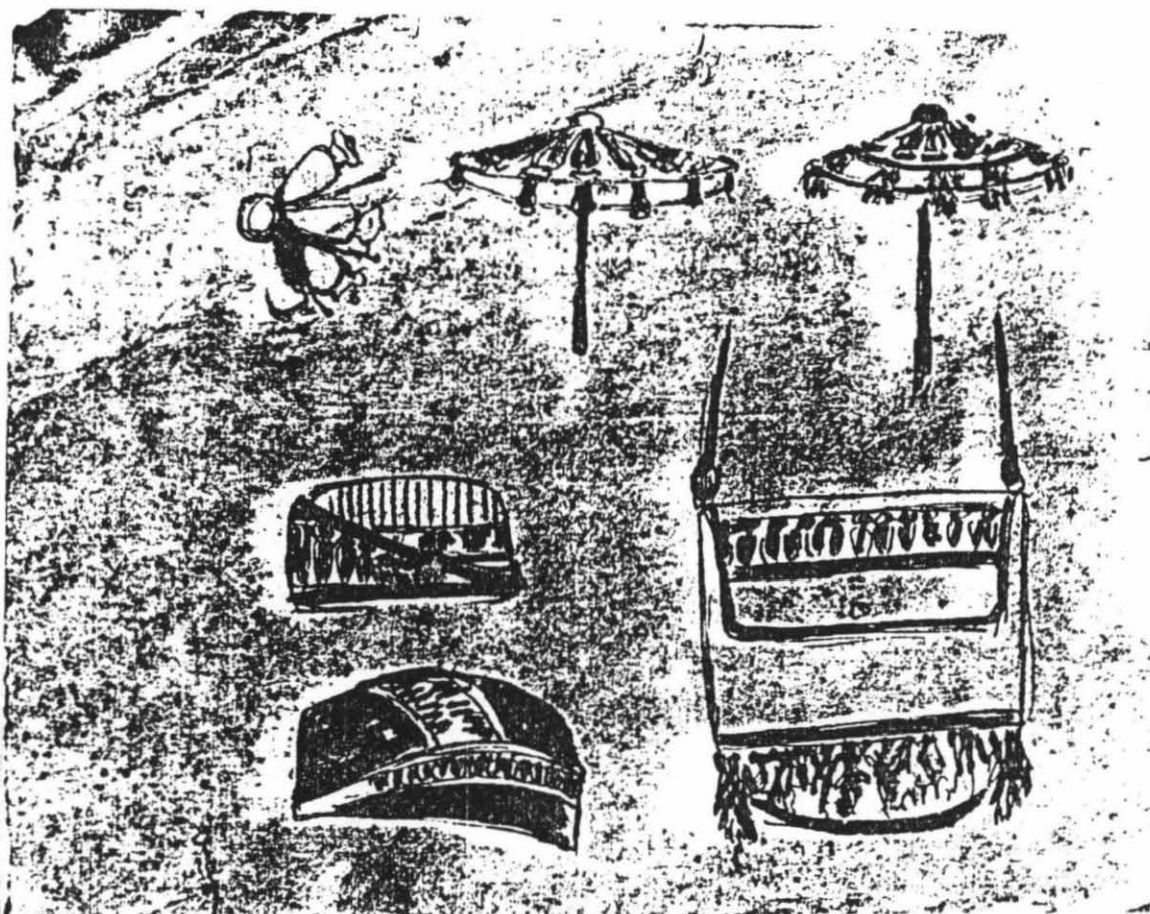


Figura 23. Desenhos de João Turin. Moda paranista. Acervo Casa João Turin. Curitiba.

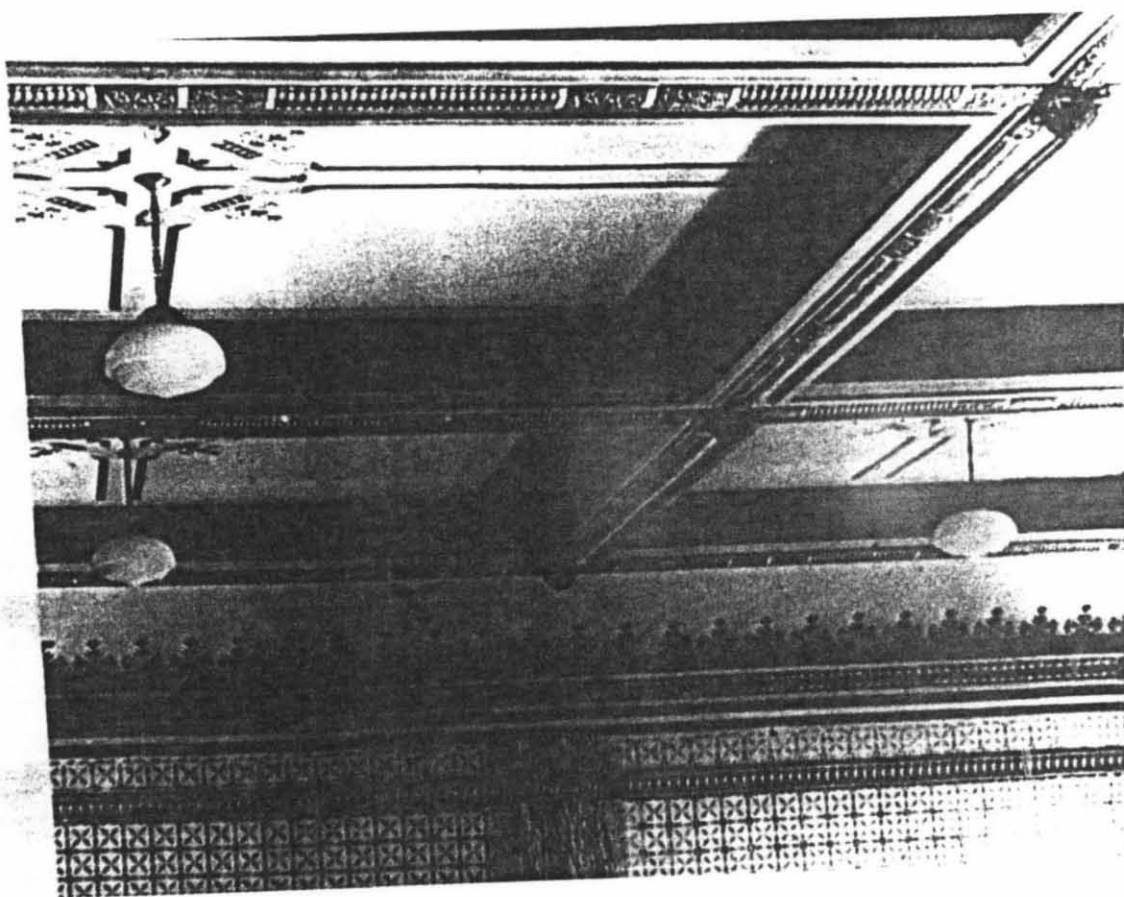


Figura 24. Decoração do Club Curitibano. João Turin.
Acervo Casa João Turin.

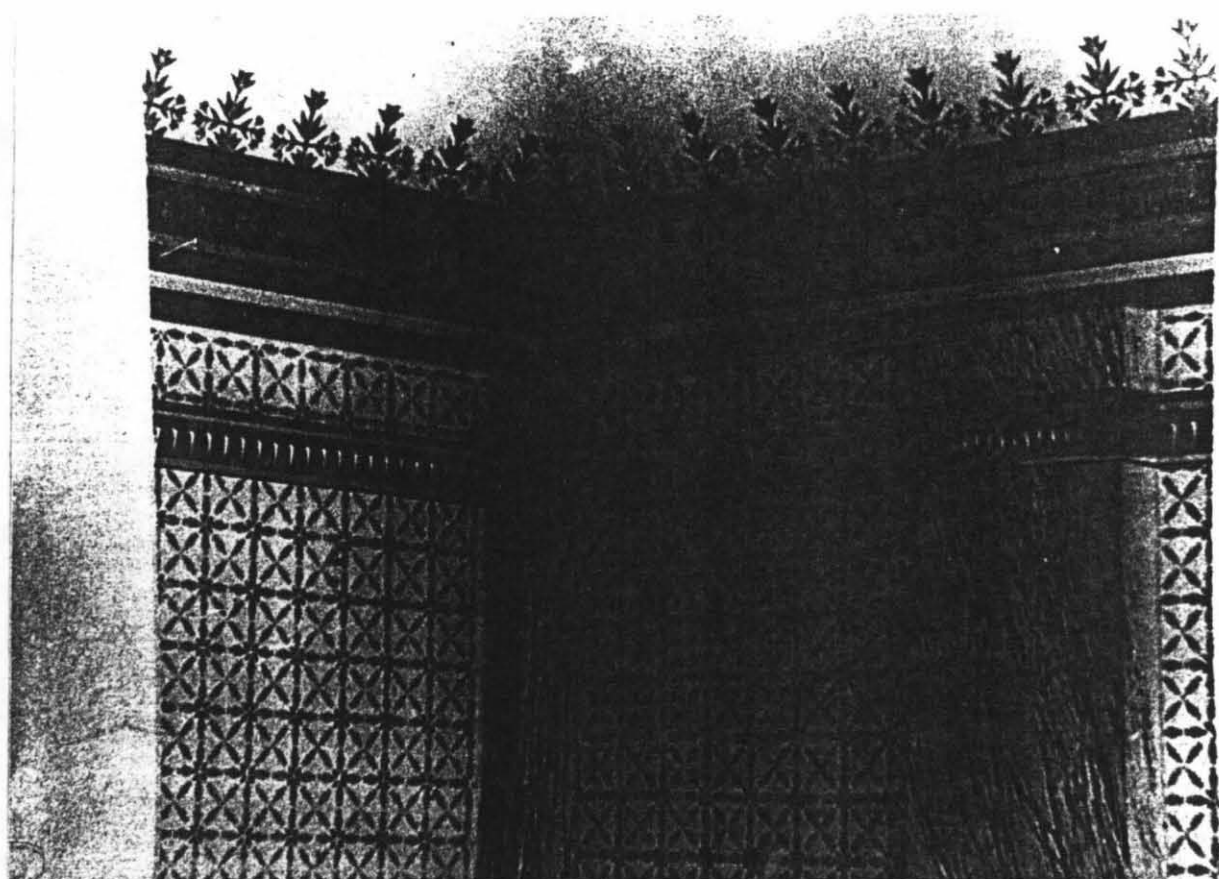
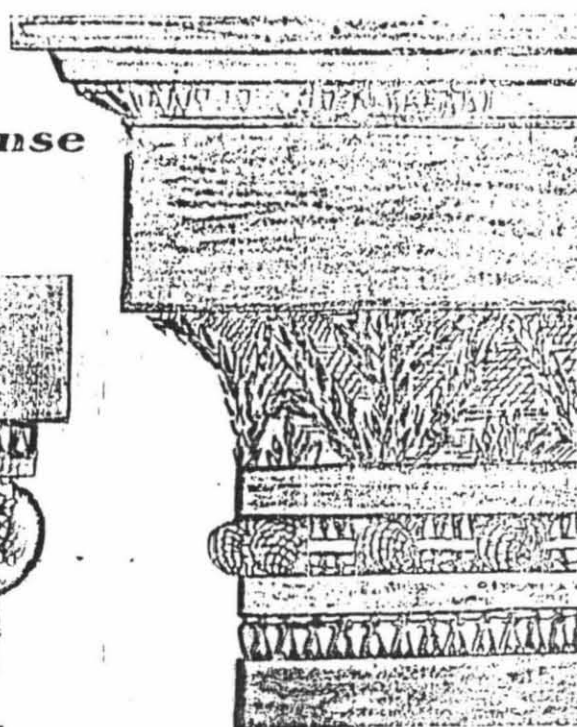


Figura 25. Decoração Club Curitibano. João Turin. Acervo Casa João Turin.

A estylisação paranaense



FRAGMENTOS
INSPIRADOS EM NOSSOS
MAGESTOSOS E IMPONEN-
TES PINHEIROS
pelo escultor
J. TURIM

Figura 26. Coluna paranista. João Turin. Ilustração Paranaense, Curitiba, 1928.



Figura 27. Casa sr. Bernardo Leinig. Colunas paranistas.
Acervo Casa João Turin.

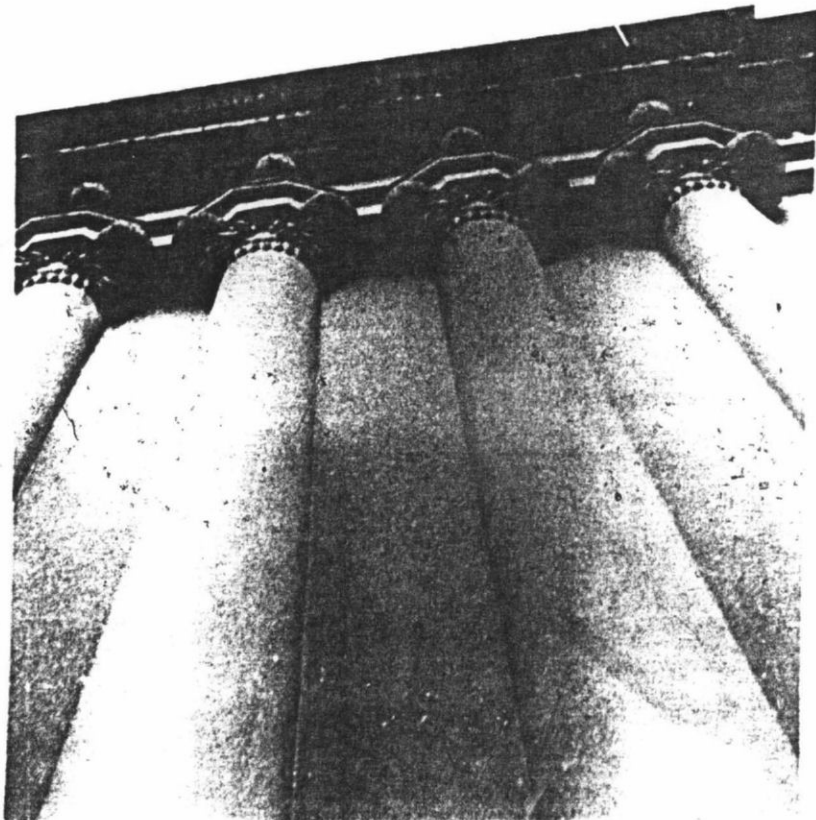


Figura 28. Casa sr. Bernardo Leinig. Colunas paranistas.
Acervo Casa João Turin.

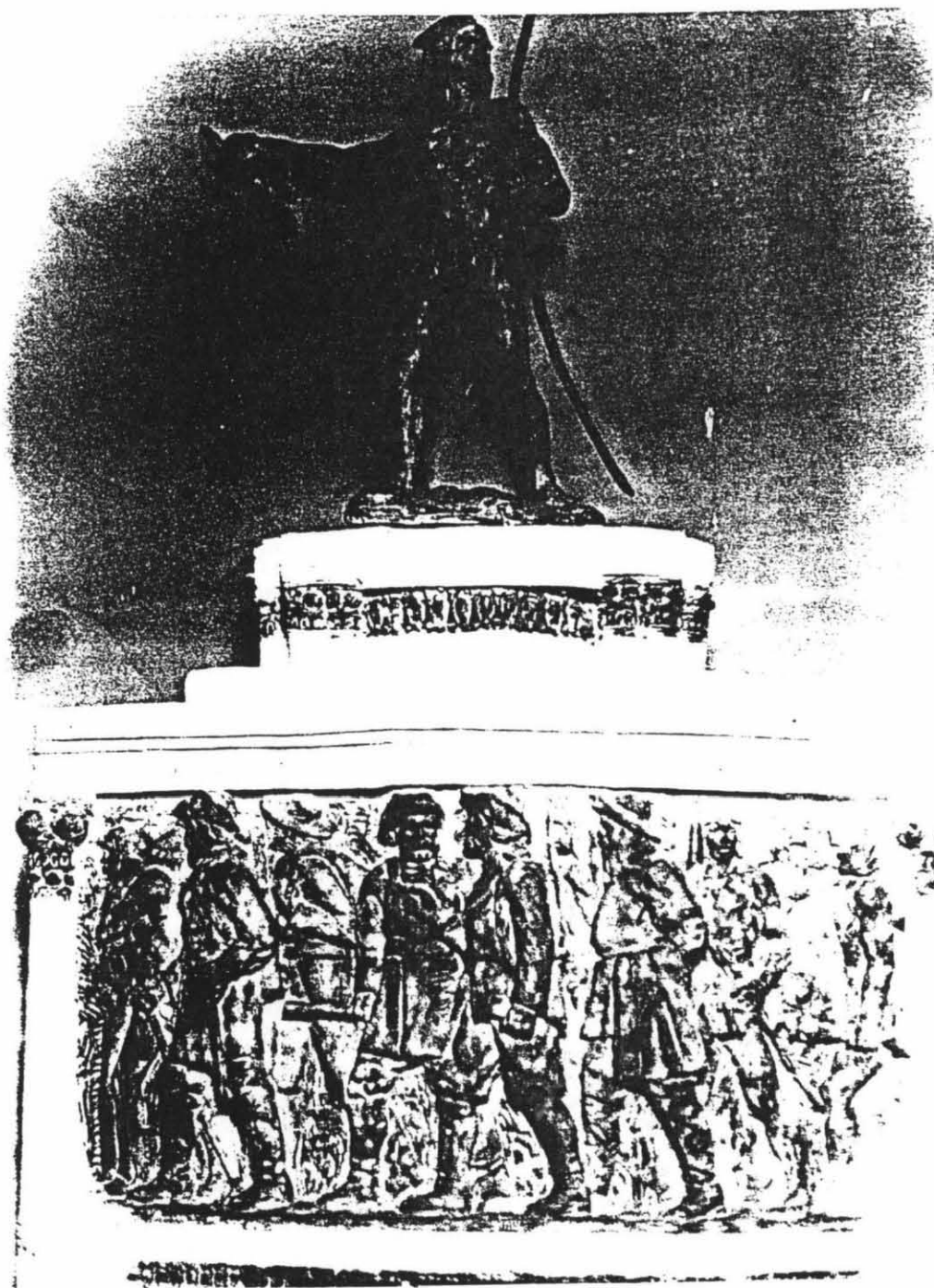


Figura 29. Monumento aos bandeirantes. João Turin. Casa João Turin, Curitiba, 1994.

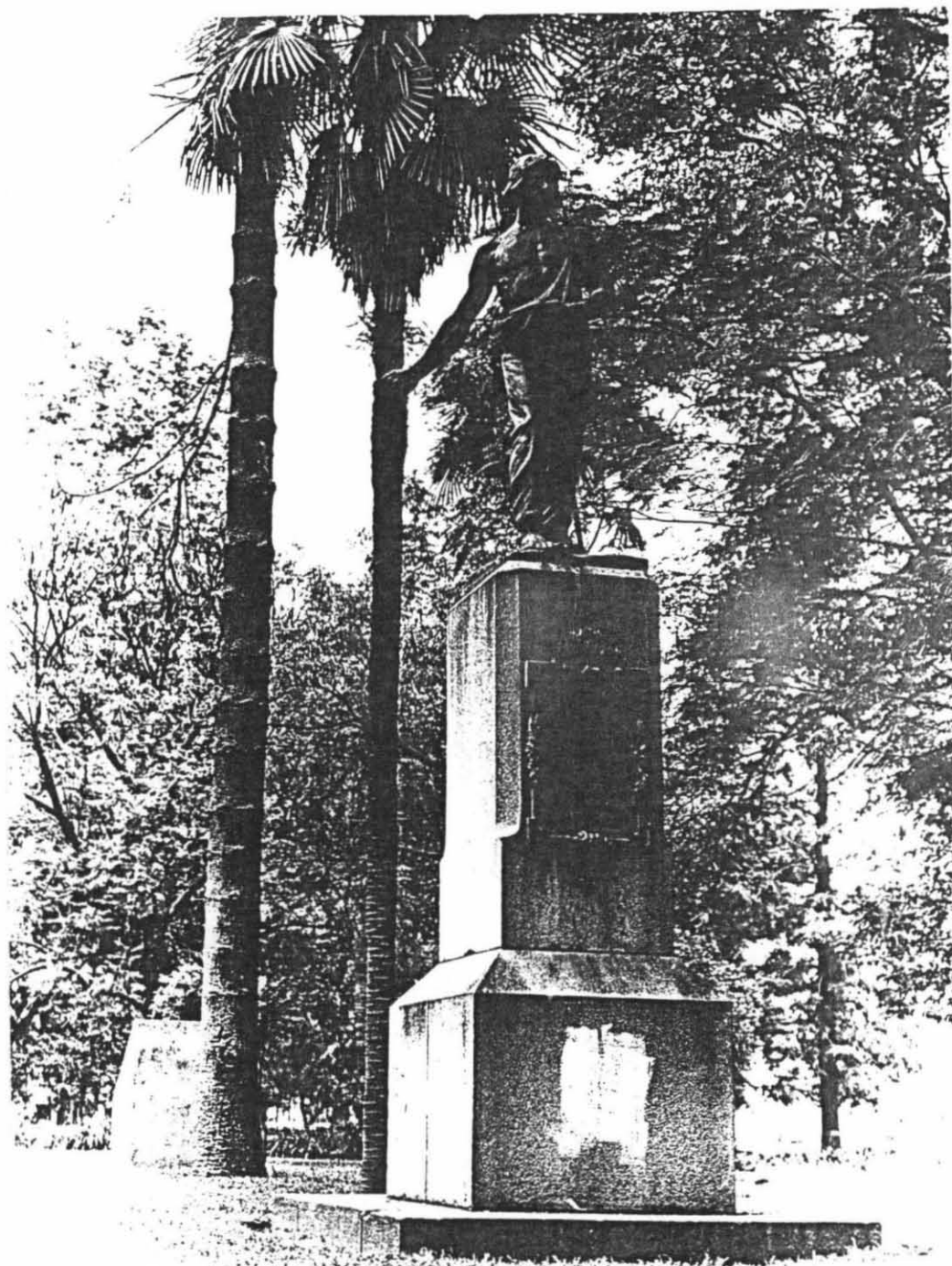


Figura 30. Estátua O Semeador de João Zaco Paraná. Praça Eufrásio Correia. Curitiba, 1995.



Figura 31. Inauguração da estátua O Semeador. Praça Eufrásio Correia, Curitiba, 1914.

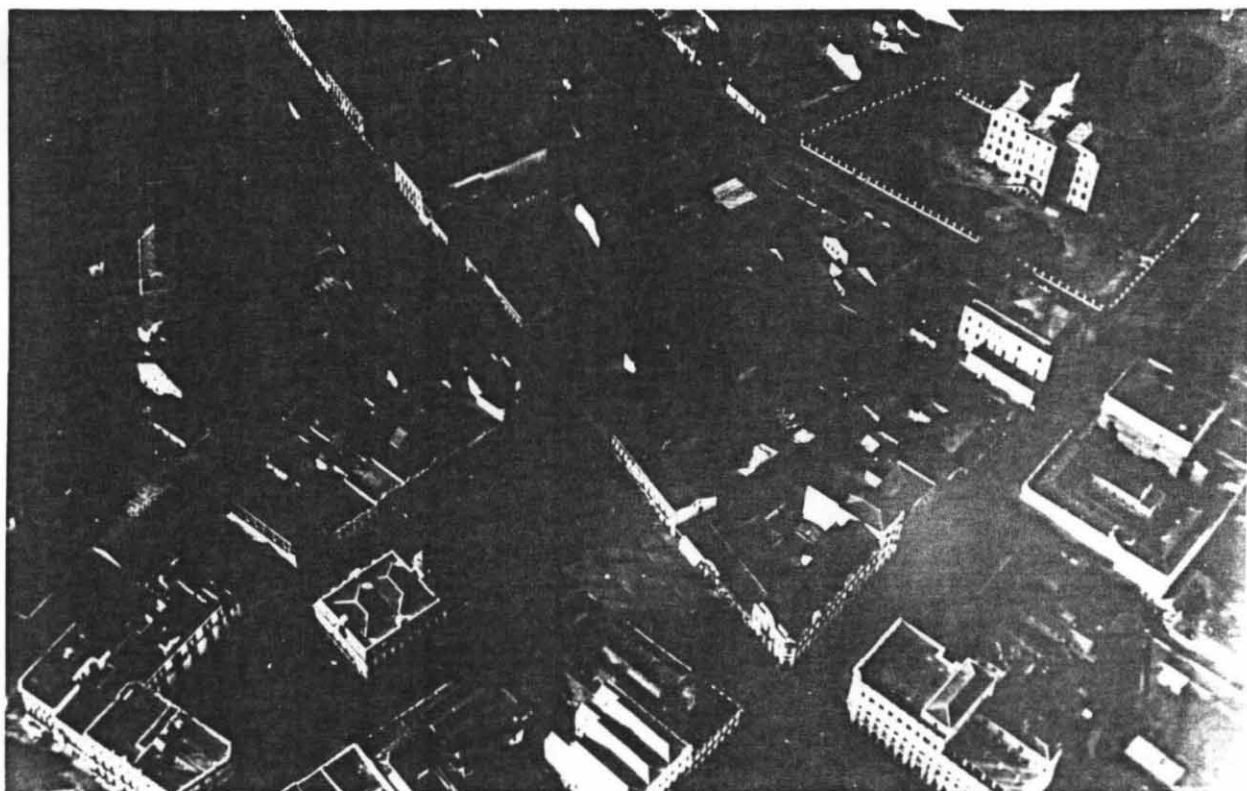


Figura 32. Foto aérea da Cidade de Curitiba. Praça Generoso Marques e Universidade do Paraná. Acervo Casa da Memória.



Figura 33. Jogo pelo Campeonato do Centenário. Coritiba X Internacional. Acervo Casa da Memória.

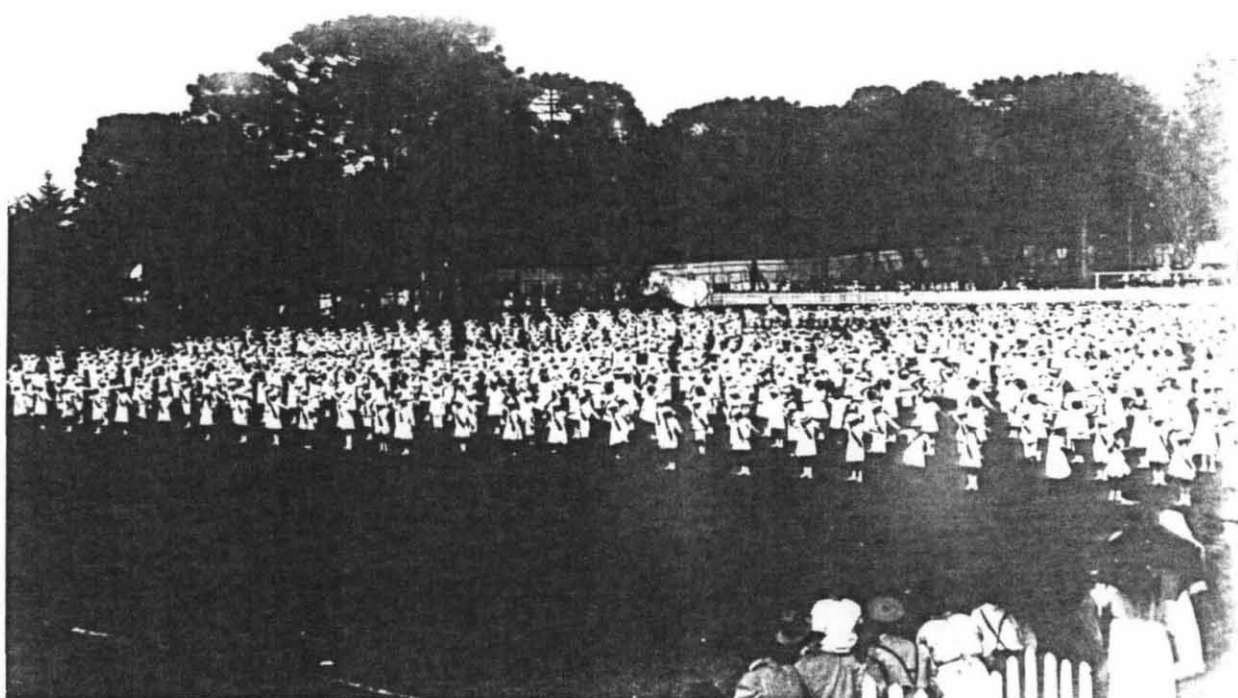


Figura 34. Exercícios físicos de estudantes de Curitiba no campo do Internacional. Acervo Casa da Memória.



Figura 35. Pinheiro Praça Santos Andrade. Plantado por Caetano Munhoz da Rocha. Curitiba, 1994.



Figura 36. Placa comemorativa ao plantio do pinheiro nas Comemorações do Centenário da Independência por Caetano Munhoz da Rocha. Praça Santos Andrade, Curitiba, 1994.

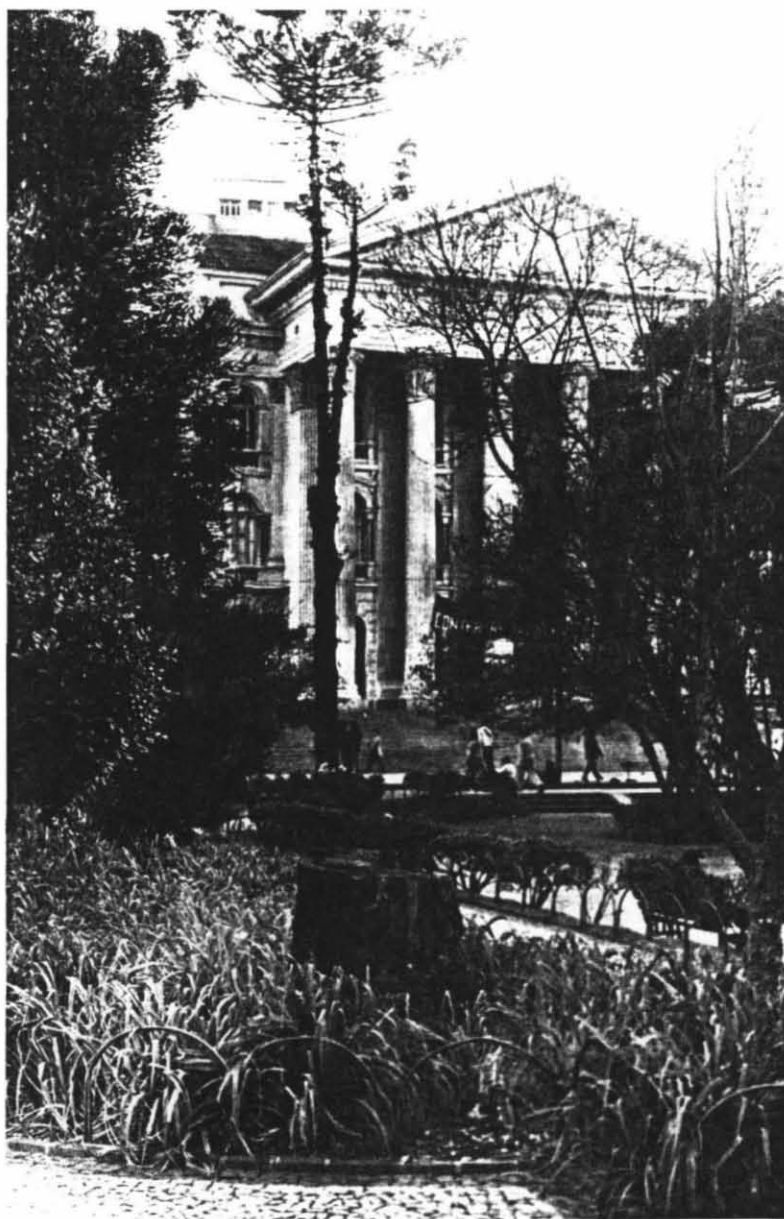


Figura 37. Pinheiro cortado. Praça Santos Andrade. Curitiba, 1996.



Figura 38. Placa comemorativa do plantio de um pinheiro nas Comemorações do Centenário da Independência por Caetano Munhoz da Rocha. Placa transferida para outro pinheiro. Praça Santos Andrade, Curitiba, 1996.



Palácio da "Universidade do Paraná", construído pela firma Bortolo Bergonse & Cia. — Vista tirada por ocasião da inauguração da Herma do Padre Ildefonso Xavier.

Figura 39. Inauguração da estátua de Pe. Ildefonso. Praça Santos Andrade. Curitiba, 1914. Acervo Casa da Memória.



Figura 40. Estátua Pe. Ildefonso. Praça Santos Andrade, Curitiba, 1996.



Figura 41. Inauguração da estátua de Julia Wanderley.
Praça Santos Andrade, Curitiba, a 13 de maio de 1927.
Acervo Casa da Memória.



Figura 42. Estátua Julia Wanderley. João Turin. Praça Santos Andrade, Curitiba, 1996.

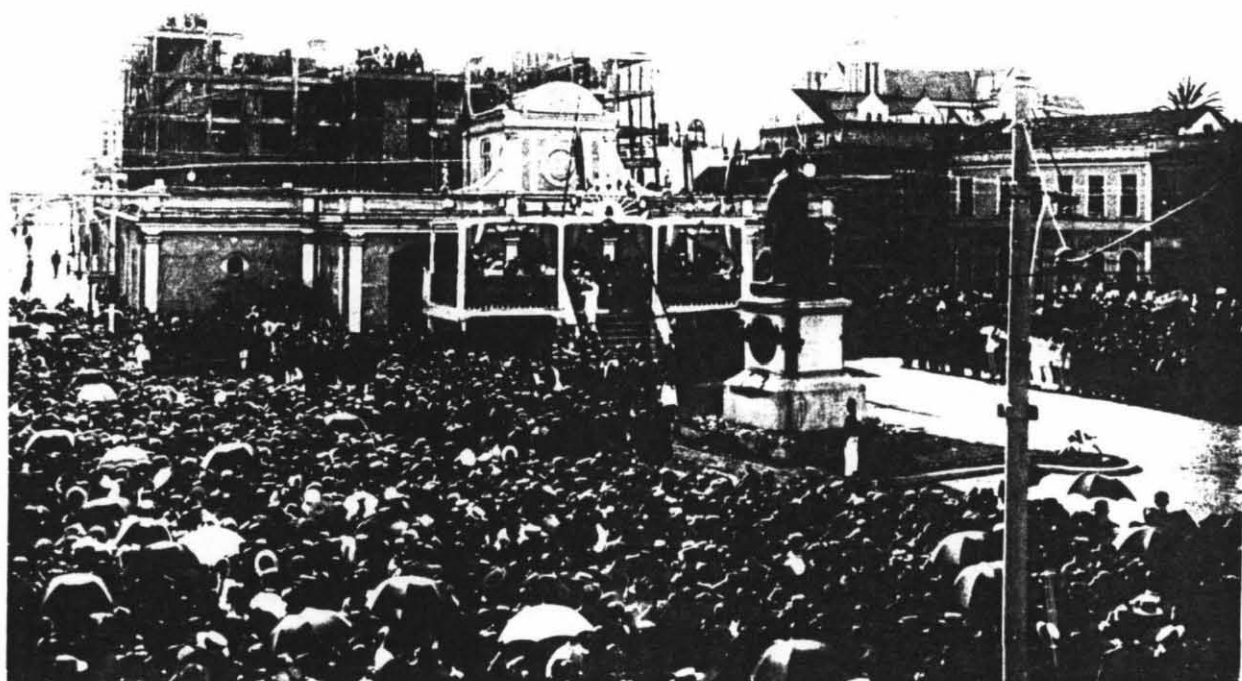


Figura 43. Inauguração da estátua do Barão do Rio Branco. Praça Generoso Marques, 19 de dezembro de 1915. Curitiba. Acervo Casa da Memória.



Figura 44. Estátua Barão do Rio Branco. Praça Generoso Marques. Curitiba, 1996.



Figura 45. Estátua Barão do Rio Branco. Praça Generoso Marques, Curitiba, 1996.

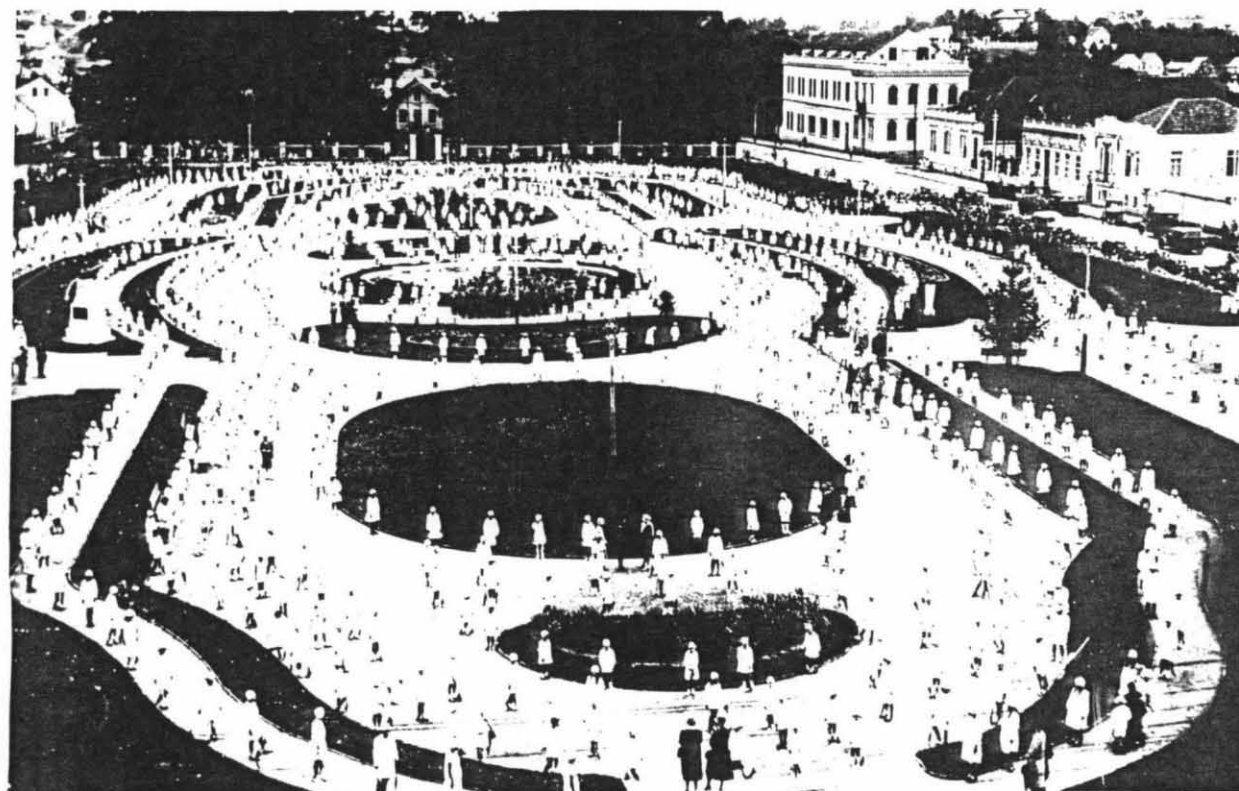


Figura 46. Desfile escolar na Praça Santos Andrade. Curitiba 1927. Acervo Casa da Memória.



Figura 47. Estátua de Emiliano Pernetá. Hermas dos Poetas Praça Osório, Curitiba, 1996. Obra de Zaco Paraná e João Turín.



Figura 48. Estátua de Emílio de Menezes. Hermas dos Poetas. Praça Osório, Curitiba, 1996. Obra de Zaco Paraná e João Turin.



Figura 49. Estátua de Domingos Nascimento. Hermas dos Poetas. Praça Osório. Curitiba, 1996. Obra de João Turin e Zaco Paraná.

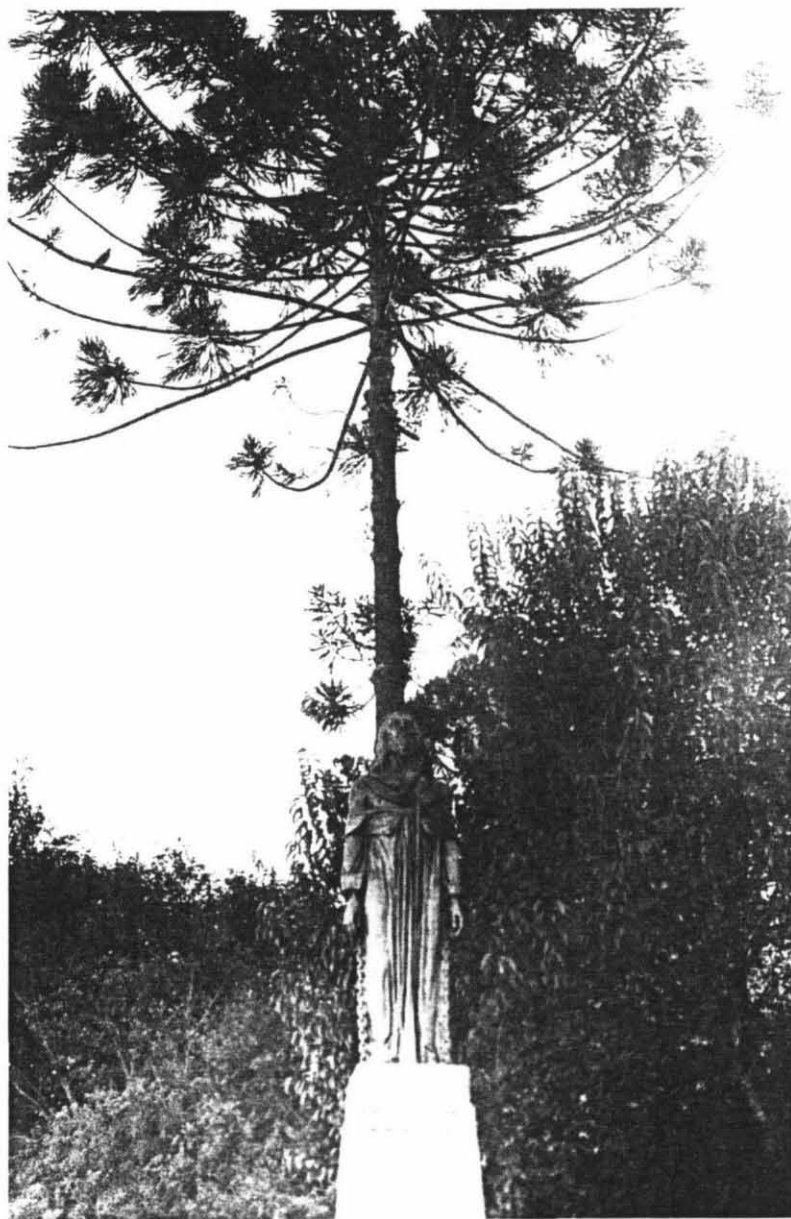


Figura 50. Estátua de Tiradentes. João Turin. Praça Tiradentes, Curitiba, 1996.



Figura 51. Estátua de Floriano Peixoto. Praça Tiradentes, Curitiba, 1996.



Figura 52. Monumento à República e a seu fundador, Benjamin Constant. Praça Tiradentes, Curitiba, 1996.



Figura 53. Monumento à República. Em destaque estátua de Benjamin Constant. Praça Tiradentes, Curitiba, 1996.

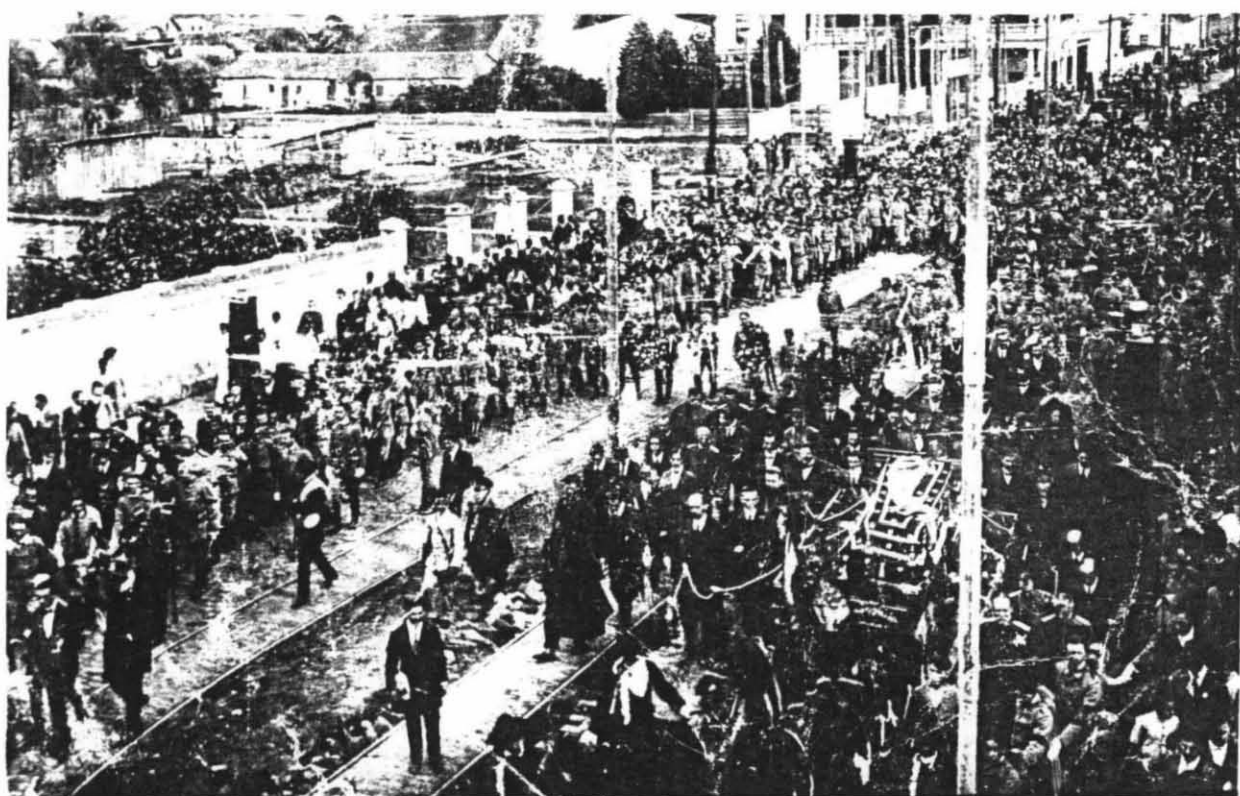


Figura 54. Pompas fúnebres de João Gualberto. Outubro de 1912. Curitiba. Acervo Casa da Memória.

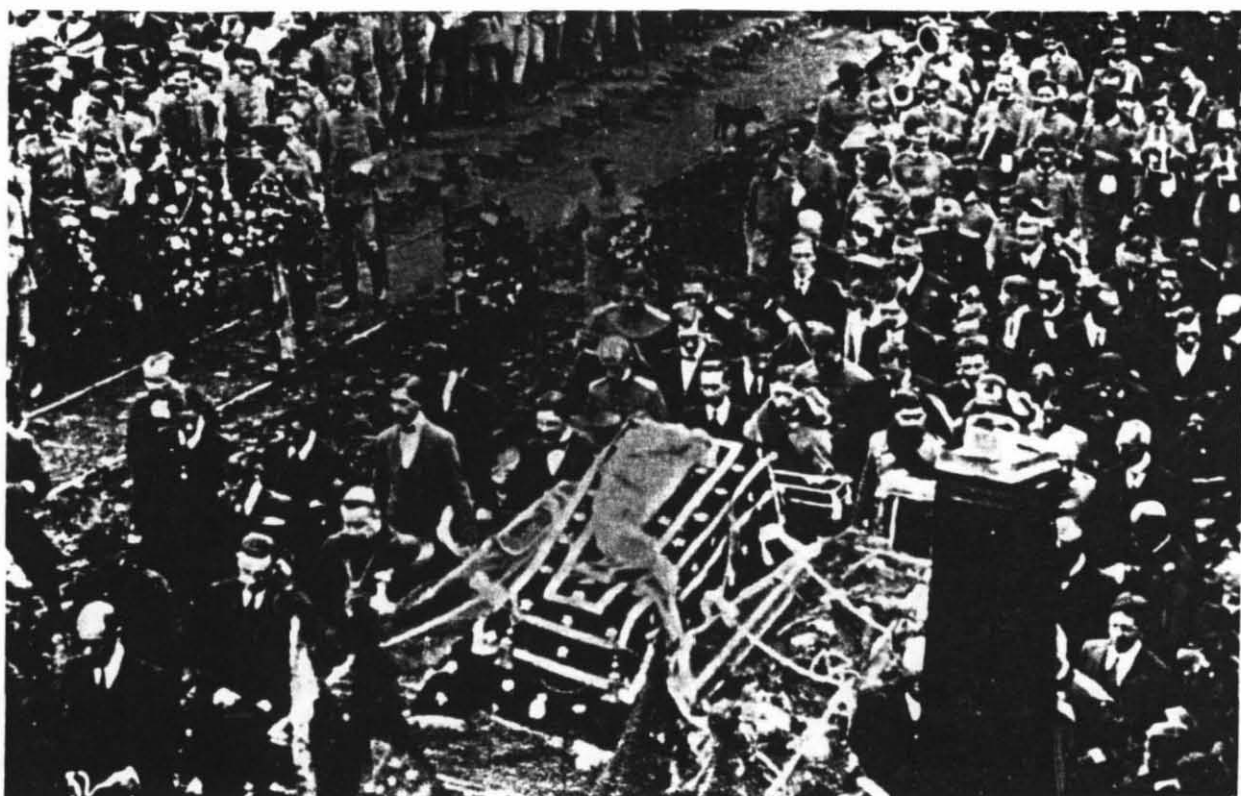


Figura 55. Pompas fúnebres de João Gualberto. Curitiba, outubro de 1912. Acervo Casa da Memória.

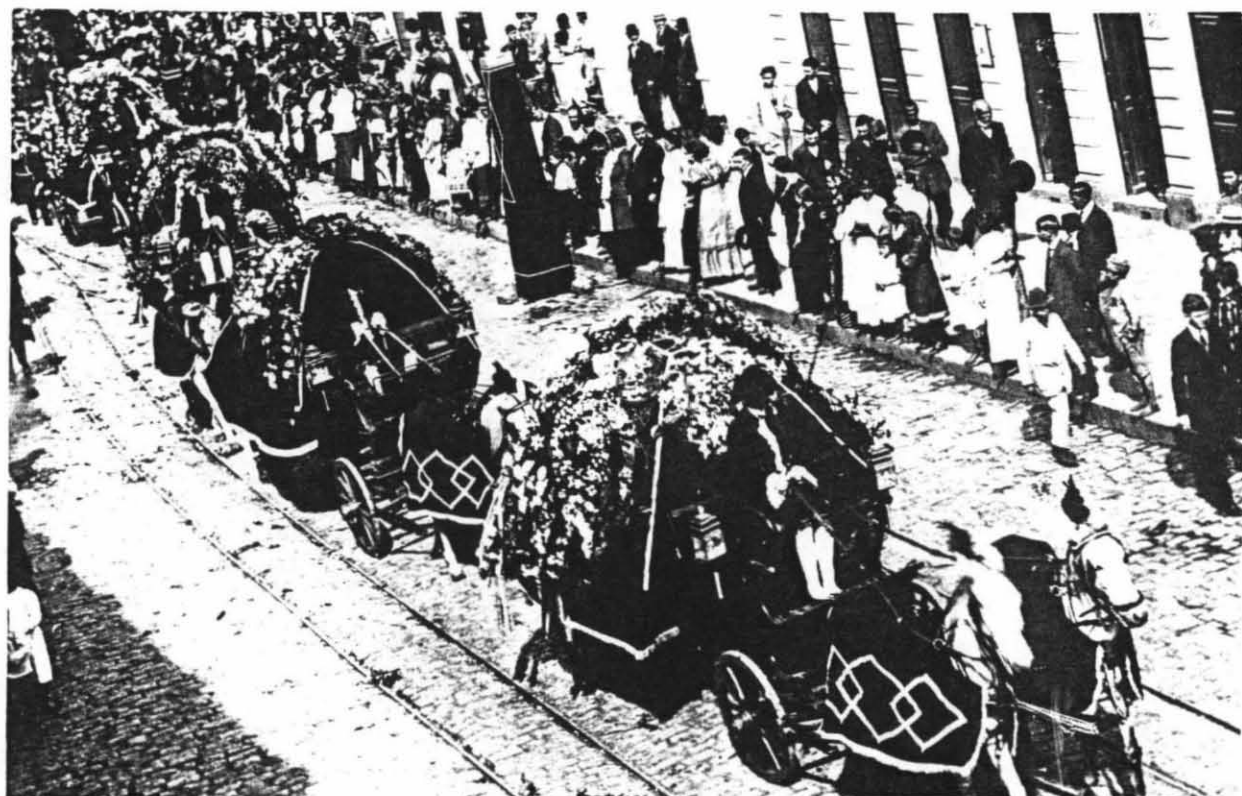


Figura 56. Pompas fúnebres de João Gualberto. Curitiba, outubro de 1912. Acervo Casa da Memória.

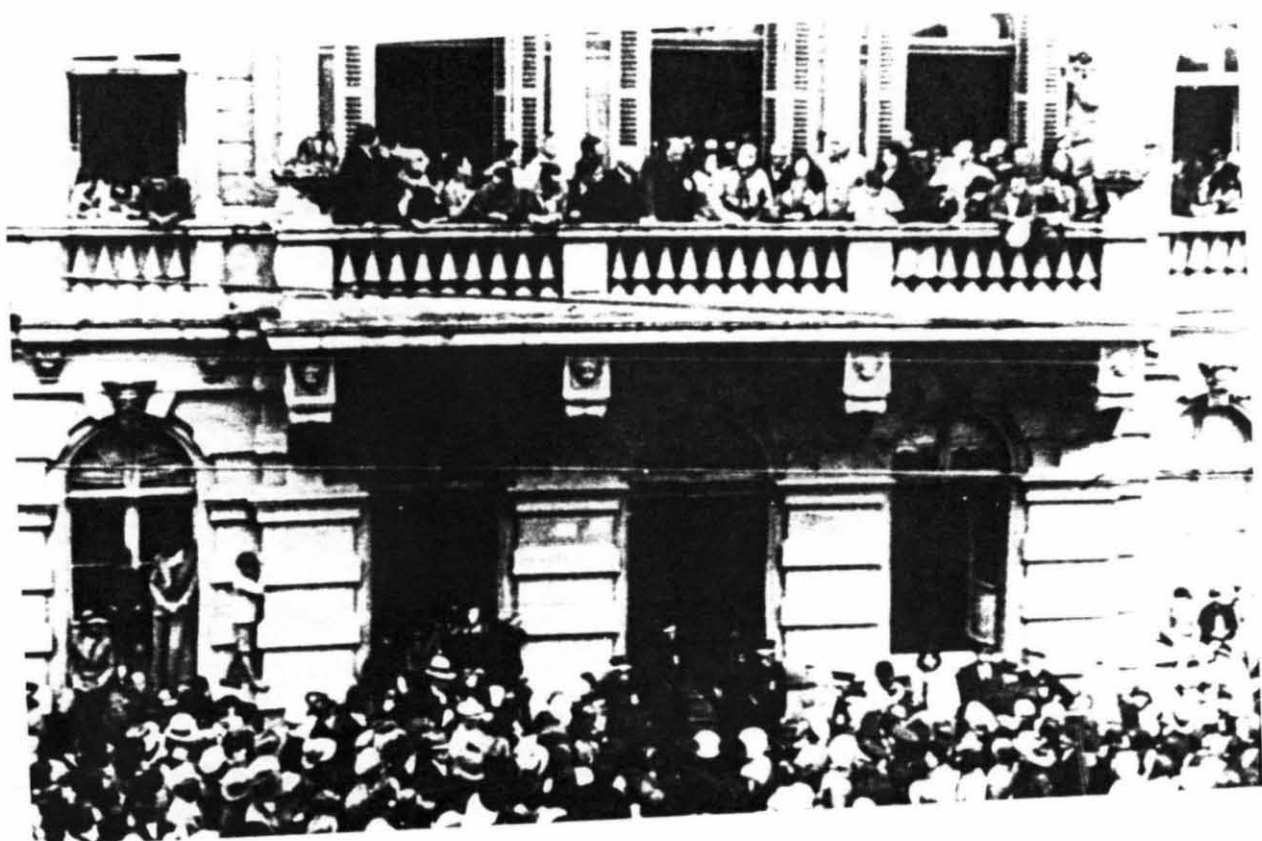


Figura 57. Getúlio Vargas em Curitiba. Rua XV, 1930.
Acervo Casa da Memória.